

COMBATE ESPIRITUAL

ESCRITO EM ITALIANO

PELO V. PADRE

D. LOURENÇO SCUFOLI

CLÉRIGO REGULAR

VERSÃO PORTUGUEZA

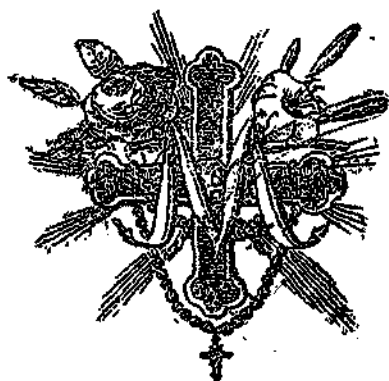
PELO PADRE

D. THOMAZ BEQUEMAN

PREPOSITO DA CASA DE N. S. DA DIVINA PROVIDENCIA

I E II PARTE

ACCRESCENTADAS COM VARIAS DEVOÇÕES MUITO UTEIS AO BEM DAS ALMAS



Livraria Catholica Portuense

DE

MANUEL MALHEIRO — EDITOR

83, Rua da Pícaria, 85

PORTO



COMBATE ESPIRITUAL

Non coronabitur, nisi qui legitimè certaverit.
2. TIM. I.

CAPITULO I

**Em que consiste a perfeição christã, e que para adquiril-a
é necessario combater, e de quatro coisas
necessarias para este combate**

SE QUERES, filha muito amada em Christo, conseguir o maior auge da perfeição christã e, chegando-te a teu Deus, vir a ser um mesmo espirito com elle, que é a maior e a mais nobre empresa que se pôde dizer ou imaginar, debes primeiro conhecer em que consista a verdadeira e perfeita vida espiritual.

Porque muitos, sem cuidar em outra coisa, a teem posto no rigor da vida, na mortificação da carne, nos cilícios, disciplina, faltas de somno, jejuns e outras semelhantes asperezas e trabalhos corporaes.

Outros, e em particular as mulheres, entendem que teem já muito adeantado o caminho quando rezam muitas orações, ouvem muitas Missas, assistem aos officios divinos, visitam as egrejas e frequentam as communhões.

Outros muitos (entre os quaes se acham talvez alguns que revestidos de habito religioso vivem nos claustros) se persuadem que a maior perfeição consiste em frequentar o côro, guardar silêncio, viver em solidão e observar inteiramente a disciplina regular.

E asssim, tanto n'umas como em outras ou semelhantes acções, todos entendem que n'ellas esteja fundada a perfeição da vida espiritual.

Mas vae errada esta conta, porque sendo certo que estas acções algumas vezes servem de meio para adquirir o espirito e outras são fructo do mesmo espirito, todavia nem por isso se póde dizer que n'ellas só consiste a perfeição christã e o verdadeiro espirito.

Não ha duvida que são meios muito poderosos para adquirir o espirito n'aquelles que sabem usar d'ellas com prudencia e discrição para tomarem alento, e força contra a propria malicia e fraqueza, para se armarem contra os assaltos e enganos de nossos communs inimigos, e para se proverem d'aquelles soccorros espirituaes que a todos os servos de Deus são necessarios, particularmente aos que principiam.

São pois aquellas acções fructo do espirito n'aquellas pessoas que são verdadeiramente espirituaes, as quaes castigam o corpo porque teem of-

fendido a seu Creador, e para o terem sujeito e humilhado no seu santo serviço. Guardam silencio e vivem solitarias para fugirem de qualquer leve culpa e para se conservarem com os moradores do Empyreo. Attendem ao Culto Divino e ás obras de piedade, oração e meditação na Vida e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, não por curiosidade nem para tirarem d'ella gosto e consolações sensiveis, mas para conhecerem muito mais a própria malicia e a bondade e misericordia de Deus, e para inflammarem cada dia mais e mais seus corações no amor divino e no desprezo e odio de si mesmos, seguindo com a propria abnegação e com a sua cruz ás costas (isto é, com o merecimento das proprias paixões) as pisadas do Filho de Deus. Frequentam os santos Sacramentos por gloria de sua Divina Magestade, para se unirem mais estreitamente com Deus e para tomarem novo alento contra a poderosa força de seus vigilantes inimigos.

N'aquelles porém que põem todo seu fundamento nas sobreditas exterioridades, podem estas talvez (não por defeito d'ellas em si, que todas são santissimas, mas por defeito de quem as usa) ser-lhes mais occasião de ruina que os mesmos peccados conhecidos; pois não olhando mais que para ellas, deixam o coração desamparado em poder das proprias inclinações e do demonio occulto, o qual, vendo-os já apartados do caminho direito, os deixa não só continuar n'aquelles exercicios com deleitação, mas ainda pisar (segundo sua vã imaginação) as delicias do Paraíso; d'onde já lhes

parece que estão elevados aos côros angelicos e que sentem a Deus dentro de si mesmos; e ás vezes se acham tão absortos em algumas meditações levantadas, cheias de pontos altos, curiosos e aprazíveis, que quasi esquecidos do mundo e das creaturas lhes parece, como o Apostolo das Gentes, estão arrebatados ao terceiro céu.

Mas em quantos erros se achem embaraçados estes miseraveis, e quam longe estejam d'aquella perfeição que vamos buscando, muito fácilmente se póde colligir da sua vida e dos seus costumes.

Porque estes, em qualquer coisa grande ou pequena, querem ser preferidos e avantajados aos outros: são gente teimosa, senhores de seu capricho, obstinados em qualquer appetite, e sendo cegos em todas as suas coisas, são espias muito pontuaes e diligentes para notarem e murmurarem dos ditos e acções alheias.

E é isto tanto assim, que se lhes tocares, ainda que levemente, na vã estimação que elles fazem de si e na opinião em que gostam de ~~ser~~ tidos e validos dos outros, ou os quizeres tirar d'aquellas devoções em que de ordinario se occupam, veréis que já todos se alteram e que sobre-maneira se inquietam e se perturbam.

E se Deus, para os reduzir ao verdadeiro conhecimento de si mesmos e ao caminho da perfeição, lhes dá trabalhos, enfermidades ou permite serem perseguidos (o que nunca vem sem sua vontade, pelo querer ou permittir assim, e é a verdadeira pedra de toque da fidelidade de seus servos), então descubrem o pouco ou falso

fundo que tinham, e o interior corrupto e arruinado pela soberba ; porque em qualquer successo, ou seja triste ou alegre, não se querem resignar nem humilhar aos decretos da Divina Providencia, conformando-se com os sempre justos, ainda que secretos, juizos de Deus ; nem, á imitação do seu humilhado e atribulado Filho, sujeitar-se a todas as creaturas, tendo por verdadeiros amigos os perseguidores ; pois são instrumentos da Bondade Divina, que cooperam á sua mortificação, perfeição e salvação propria.

D'aqui se segue por infallivel consequencia, que estes taes estão em muito grave perigo, porque, tendo a vista interior offuscada e vendo-se com esta a si mesmos e a suas acções exteriores, que são boas, se prezam de terem muitos grãos de perfeição ; e cheios assim de soberba, julgam e condemnam aos outros, mas a elles não ha quem os converta, salvo se fôr um auxilio extraordinario de Deus ; porque com muito maior facilidade se converte e se reduz ao bem um peccador manifesto e conhecido, que o occulto e encoberto com a capa das virtudes apparentes.

Logo, filha, muito claramente vês que nas sobreditas coisas, na fórma que te tenho dito, não consiste a vida espiritual ; a qual has de saber não consiste em outra coisa que no conhecimento da bondade e grandeza de Deus, e do nada a que se reduz o nosso sêr humano, e da inclinação que temos a toda a maldade : no seu amor e odio de nós mesmos : na sujeição não só a elle, mas por seu amor a toda a creatura : na renuncia de qual-

quer vontade nossa e total resignação no seu divino beneplacito ; e de mais a mais que queiramos tudo isto e o façamos pura e simplesmente por gloria de Deus, e porque elle assim o quer e porque merece ser amado e servido,

Esta é a lei do amor, impressa com a mão do mesmo Senhor nos corações de seus fieis servos.

Esta é a abnegação de nós mesmos, que elle pretende de nós.

Este é o seu jugo suave e o seu peso leve.

Esta é a obediencia a que, com seu exemplo e com sua voz, nos chama nosso Redemptor e Mestre Jesus Christo.

E porque, pretendendo tu chegar á eminencia de tanta perfeição, deves fazer uma continua violencia a teu natural para expugnar generosamente e anniquilar todos os teus appetites, sejam grandes ou pequenos, preciso é que com o animo prompto e deliberado te prepares para esta batalha ; porque a corôa da victoria não se dá senão aos que pelem com valor.

Esta batalha, assim como é mais difficultosa que qualquer outra, pois combatendo contra nós somos juntamente de nós mesmos combatidos, assim a victoria que se alcançar será mais gloriosa que qualquer outra, e mais agradavel aos olhos de Deus ; porque se tu te empenhares a metter debaixo dos pés e a vencer todos os teus appetites, desordenados desejos e más inclinações, ainda as mais pequenas, agradarás muito mais a Deus e lhe farás muito maior serviço do que se, conservando voluntariamente ainda algumas d'ellas, te

disciplinasses até correr sangue e jejuasses mais que os antigos Eremitas e Anachoretas no deserto, ou convertesses ao bem milhares e milhares de almas.

Porque ainda que o Senhor estime e queira mais a conversão das almas que a mortificação d'um pequeno appetite, todavia tu não deves querer nem obrar nenhuma coisa com tantas véras como o que o mesmo Senhor mais apertadamente te pede e quer de ti. E elle sem duvida muito mais estima que tu te cances e trabalhes em mortificar tuas paixões, que se, deixando viva uma só d'ellas advertida e voluntariamente, o servisses em qualquer outra coisa, ainda que fosse muito grande e de maior momento e difficuldade.

Agora, filha, que já vês em que consiste a perfeição christã, e que para a alcançares deves entrar n'uma continua e viva guerra contra ti mesma, necessario é que te apercebas de quatro coisas como de armas muito seguras e importantes para conseguires a palma e fiques vencedora n'esta guerra espiritual; estas são :

A desconfiança de nós mesmos,
A confiança em Deus,
O Exercício,
E a Oração.

De todas ellas trataremos, com o favor de Deus, facil e brevemente.

CAPITULO II

Da desconfiança de nós mesmos

Filha, a desconfiança de ti mesma te é n'este combate de tal maneira necessaria, que sem ella deves ter por coisa certa que não só não poderás conseguir a desejada victoria, mas nem ainda vencer a menor de tuas paixões.

E é necessario que esta verdade se te imprima bem no entendimento, porque naturalmente somos todos demasiadamente faceis e inclinados, pela corrupção da nossa natureza, a ter uma vã e errada estimação de nós mesmos, a qual, não sendo verdadeiramente mais que um nada, nem por isso deixamos de entender que prestamos para alguma coisa e, sem fundamento algum, vãmente, presumimos das proprias forças.

Este defeito é muito difficiloso de conhecer-se e desagrada muito a Deus, que deseja e quer em nós um fiel conhecimento d'esta certissima verdade: *Que qualquer graça e qualquer virtude se deriva em nós d'elle só, que é a fonte de todo o bem. E que de nós como de nós, não póde sahir nem um só bom pensamento que lhe seja agradavel.*

E sendo que esta tão importante desconfiança é tambem obra de seu poder divino, a qual costuma dar aos que mais ama, umas vezes com in-

spirações santas, outras com asperos castigos, e com violentas e quasi insuperaveis tentações, ou tambem com outros meios de nós menos entendidos; todavia, querendo este Senhor que tambem nós façamos da nossa parte o que nos toca, te proporei quatro meios com os quaes, ajudada principalmente de seu favor divino, poderás conseguir esta desconfiança.

O primeiro é, que consideres e conheças a tua baixeza e limitado sêr, e que não és capaz de obrar por ti mesma algum bem pelo qual mereças entrar no Reino do Céu.

O segundo é, que com fervorosas e humildes orações a peças a miude ao mesmo Senhor, pois é dadiva sua; e, para a alcançar, primeiro te has de vêr e considerar não só como totalmente despida d'esta vîrtude, mas como de todo incapaz de a conseguires por ti mesma. D'esta maneira, apresentando-te muitas vezes deante de sua Divina Magestade, com fé viva de que por sua infinita bondade t'a ha de conceder, e perseverando n'esta esperança por todo o tempo que sua Divina Providencia julgar conveniente, não ha duvida que a alcançarás.

O terceiro meio é, que te acostumes a recear-te de ti mesma, de teu proprio entendimento, da forte inclinação ao peccado de teus innumeraveis inimigos, aos quaes não és capaz de fazer a menor resistencia; da larga experiencia que elles teem de pelejar; de suas traças e estratagemas; de suas transfigurações em Anjos de luz; dos enredos sem conta de que se valem contra nós, e dos laços que

ás escondidas armam no mesmo caminho da virtude.

O quarto meio é, que quando te acontecer cahir n'alguma falta, então profundes mais interna e vivamente a consideração de tua fraqueza, e entendas que para este fim permite Deus a tua quêda, para que avisada pela inspiração com mais clara luz que de antes, e conhecendo-te melhor, aprendas a desprezar-te a ti mesma como coisa excessivamente vil, querendo tambem ser reputada n'esta conta pelos outros, e igualmente desprezada por elles; porque sem esta vontade não póde haver virtuosa desconfiança, a qual tem todo o seu fundamento na verdadeira humildade e no conhecimento que consigo traz a experiencia.

Porque, bem claro se deixa vêr que quem de-seja unir-se com a luz suprema e verdade increada, necessario lhe é o conhecimento de si mesmo. Este costuma de ordinario a Divina Piedade dal-o aos soberbos e presumidos por meio das quedas, deixando-os juntamente cahir em alguma falta, da qual imaginam que se poderiam livrar, para que acabando de se conhecer por esta via, aprendam a desconfiar em tudo de si mesmos.

Mas não costuma o Senhor valer-se de um meio tão miseravel, senão quando os outros meios mais piedosos e benignos, de que acima fallamos, não teem dado aquelle proveito que sua Divina Bondade pretendia, a qual tanto permite que caiba o homem (mais ou menos), quanto é maior ou menor a sua soberba, vaidade e propria estimação, de modo que onde se não achasse sombra de pre-

sumpção, como na Virgem Maria Senhora Nossa, também ahí não havia o menor signal de queda alguma.

Assim, que fiques advertida que, tanto que cahires, corras logo com o pensamento ao humilde conhecimento de ti mesma, e com oração importuna pede ao Senhor que te dê a verdadeira luz para te conheceres, e a total desconfiança de ti mesma, se é que não queres tornar a cair de novo e talvez em maior precipicio.

CAPITULO III

Da confiança em Deus

Ainda que a propria desconfiança seja tão necessaria n'este combate, como fica dito, comtudo se d'ella só nos ajudarmos, ou viremos a pôr-nos em fugir ou ficaremos vencidos e conquistados dos nossos inimigos. Portanto, além da desconfiança de ti mesma, necessitas de mais a mais da total confiança em Deus, esperando e confiando n'elle só todo o bem, todo o soccorro, ajuda e victoria. Porque assim como de nós, que somos nada, nos não podemos prometter mais que miseria, e ruinas (d'onde devemos desconfiar totalmente de nós mesmos), assim também, pelo contrario, na virtude do nosso Deus conseguiremos seguramente qualquer grande victoria, se para alcan-

çarmos os seus santos auxilios, fortalecemos nosso coração com uma viva confiança n'elle.

Esta também se pôde conseguir de quatro maneiras:

Primeiro, pedindo a Deus esta confiança.

Segundo, com considerarmos e vêrmos com os olhos da Fé a omnipotencia e sabedoria infinita de sua Divina Magestade, a quem nada é impossivel ou difficultoso, e que, sendo sua bondade sem limitação, com inexplicavel desejo está prompto e preparado a dar-nos de hora em hora, e de momento em momento, tudo o que havemos mister para a vida espiritual, e para a total e perfeita victoria de nós mesmos, se recorrermos a seus divinos braços com toda a confiança.

E como será possivel que o nosso Divino Pastor, que correu trinta e tres annos após a ovelha perdida, com clamores tão altos que enrouqueceu e por caminho tão fragoso e cheio de espinhos que n'elle derramou todo o sangue e perdeu a vida, agora que essa ovelha vae após elle com a obediencia de seus santos Mandamentos, ou pelo menos com o desejo (ainda que ás vezes fraco) de lhe obedecer, chamando-o e rogando-o; como será possivel que elle lhe não lance aquelles seus olhos de vida, não a ouça e a não ponha sobre seus divinos hombros, festejando-a com todos os seus visinhos, isto é, com todos os Anjos da sua Gloria?

Que se não deixa o nosso misericordioso Deus de buscar com grande amor e cuidado, e de achar entre jubilos de excessivo gosto na drachma do

Evangelho o peccador cego e mudo, como será possível que largue aquelle que, como ovelha perdida, chama e brada ao seu Pastor? E quem poderá capacitar-se que Deus, que de continuo está batendo ao coração do homem com desejo de entrar e ficar n'elle, communicando-lhe largamente seus dons, quando depois o coração se lhe abre e o convida a entrar, se faça desentendido e surdo, e nem lhe queira corresponder?

O terceiro modo para adquirir esta santa confiança, é o recorrer com a memoria ás verdades da Sagrada Escriptura, a qual em tantos logares nos mostra que não ficou jámais confundido quem deveras confiou em Deus.

O quarto modo, que juntamente serve para adquirir a desconfiança de ti mesma e a confiança em Deus, é este: Quando te succede haveres de fazer alguma coisa, deprehender algum combate e de vencer-te a ti mesma, antes que te determines ou resolves a querê-lo fazer, volta-te com o pensamento sobre tua fraqueza; e desconfiada totalmente de ti appella logo para o Poder, Sabedoria e Bondade Divina, e confiando-te n'ella resolve-te a obrar e pelejar generosamente, e com estas armas na mão e com a oração (como em seu logar te direi), peleja e obra depois.

Se não guardares esta ordem, ainda que te pareça que fazes tudo fundada na confiança em Deus, te virás a achar enganada em grande parte: porque é tão natural ao homem a presumpção de si mesmo, e é esta tão subtil, que quasi sempre vive escondida na mesma imaginada desconfiança que

presumimos ter de nós outros e na reputada confiança que cuidamos de ter em Deus.

Logo, para fugires o mais que fôr possível á presumpção, e para obrares com a desconfiança de ti mesma e com a confiança em Deus, necessario é que a consideração da tua fraqueza vá sempre deante da consideração da Omnipotencia de Deus, e ambas estas procedam sempre ás nossas operações.

CAPITULO IV

Como se póde conhecer se o homem obra com desconfiança de si e com confiança em Deus

Cuida muitas vezes o servo presumido que tem alcançado a desconfiança de si e a confiança em Deus, e succede talvez não ser assim como presume. Apurará a verdade e desenganar-te-ha a diversidade de effeitos que queira causar em ti.

Porque se tu, quando cahes, te inquietas e affliges e te vês levar a uma quasi desesperação de poderes passar adeante no caminho das boas obras, signal evidente é que confiavas em ti e não em Deus.

E se a tristeza e desesperação forem muito grandes, claro é que em ti te confiavas muito e muito pouco em Deus; porque o que desconfia muito de si e confia muito em Deus, quando cahe não se admira nem se entristece e afflige, porque conhece que o mal lhe succedeu por sua fraqueza

e pouca confiança em Deus ; antes d'ahi tira motivos para que, mais desconfiado de si, confie mais humildemente em Deus, e abominando aquella falta sobre todas as coisas e as paixões desordenadas que foram causa de sua queda, com uma grande, quieta, pacifica dôr da offensa de Deus, continua a sua empresa, e persegue seus inimigos até á morte com maior animo e com maior resolução.

Estas coisas quizera eu que considerassem bem certas pessoas que fazem profissão exterior da devoção, ou se imaginam por pessoas espirituaes, as quaes quando chegam a cahir n'algum defeito não se podem nem querem aquietar ; e ás vezes, mais por livrar-se da ancia e inquietação (que nasce do amor proprio) que por outra causa, não sabem já a hora em que hão de ir buscar o padre espiritual, ao qual só deveram recorrer para lavar-se da mancha do seu peccado e poderem, ajudadas do Santissimo Sacramento, tomar força, para de futuro lhe resistirem.

CAPITULO V

**De um erro de muitos que teem a pusillanimidade
por virtude**

Em outro grande engano cahem tambem muitos, attribuindo a virtude aquella pusillanimidade e inquietação que se segue depois do peccado,

porque a acham acompanhada d'algum desgosto e pesar, devendo antes saber que esta lhes nasce de sua occulta soberba e presumpção, fundada na confiança que faziam de si mesmos e de suas proprias forças, nas quaes estribando-se demasiadamente pela grande conta em que se tinham, e reconhecendo depois pela experiencia da queda o muito que lhes hão faltado, se perturbam e assombram como de coisa nova e a seu parecer impossivel, e se tornam pusillanimes, porque vêem cahido por terra aquelle arrimo no qual vãmente se seguravam.

Não succede isto ao humilde, porque este, confiando só em Deus e não presumindo nada de si, em qualquer falta que incorra, ainda que muito lhe pese, nem por isso se inquieta ou assombra, porque sabe que tudo isso lhe succede pela sua miseria e propria fraqueza, a qual á luz da verdade reconhece muito bem.

CAPITULO VI

D'outros avisos para adquirirmos a desconfiança de nós mesmos e a confiança em Deus

E porque toda a força capaz de vencer os nossos inimigos nasce principalmente da desconfiança de nós mesmos e da confiança em Deus, de novo te farei algumas advertencias para que a consigas com o favor divino.

Deves pois saber e assentar por maxima indubitavel, que nem todos os dons, ou sejam naturaes ou adquiridos, nem todas as graças gratis dadas, nem a intelligencia da Sagrada Escriptura, nem ainda a mesma graça e espirito do Senhor, nem o havêl-o servido por largo tempo e teres feito n'isto habito e costume, serão bastantes a fazer-te executar sua santissima vontade, se em qualquer obra boa e acceita a seus divinos olhos, que hajas de fazer, e em qualquer tentação, que hajas de vencer, e em qualquer perigo, de que hajas de fugir, e em qualquer cruz, que hajas de levar conforme a sua santissima vontade, se não achar o teu coração ajudado e levado por uma particular mercê e graça de Deus, e te dêr tambem sua santa mão para o pôderes fazer.

N'esta consideração pois devemos passar toda a nossa vida, todos os dias, todas as horas e todos os momentos; porque, fazendo-o assim, em nenhum caso e por nenhum pensamento poderemos nunca confiar-nos em nós.

Mas, pelo que toca á confiança em Deus, deves saber que para Deus tão facil lhe é o vencer poucos inimigos como o vencer muitos, e da mesma maneira os fracos e bisonhos, como os antigos e experimentados.

Por onde, ainda que uma alma esteja carregada de peccados; ainda que tenha todos os vicios e imperfeições do mundo; ainda que seja mais defeituosa do que se póde imaginar; ainda que, havendo procurado por todas as vias e exercicios deixar o peccado e viver christãmente, não só o

não tenha conseguido mas, não podesse nunca fazer a menor coisa boa, antes pelo contrario tenha sempre seguido com a maior violencia a carreira do mal, comtudo nem por isso deve deixar de confiar em Deus nem deve jámais largar as armas e exercicios espirituaes, antes deve pelejar sempre varonil e generosamente. Porque, has de saber que n'esta espiritual peleja nunca perde aquelle que não larga a batalha nem deixa de confiar em Deus, cujas assistencias nunca faltam aos seus soldados (ainda que ás vezes permite que saiam feridos). Pelejae, pois, porque n'isto está tudo, que os medicamentos para os feridos promptos estão e são efficazes para os que pelejando buscam a Deus e recorrem com confiança a Sua Divina Magestade, e quando menos o cuidarem, se acharão mortos os inimigos.

CAPITULO VII

DO EXERCICIO

Em primeiro logar do exercicio do entendimento, o qual devemos muito bem guardar da ignorancia e curiosidade

Se a desconfiança de nós mesmos e a confiança em Deus (armas tão necessarias n'esta batalha) ficarem sós, não só não alcançaremos a victoria contra nós mesmos, mas ainda nos precipitare-

mos em maiores ruínas. E assim, além d'estas cautelas, nos é necessario o exercicio, que é o terceiro meio que acima propozemos.

Este exercicio se ha de fazer principalmente com o entendimento e com a vontade.

Quanto ao entendimento, o devemos guardar de duas coisas que costumam pervertel-o.

Uma é a ignorancia que o offusca e lhe impede o conhecimento da verdade, que é o seu proprio objecto. E assim, com o exercicio, o devemos acelarar e apurar para que possa bem vêr e distinctamente conhecer quanto havemos mister para purificar a alma das paixões desordenadas e adornal-a com as virtudes santas; esta luz se póde alcançar por dois modos.

O primeiro e mais importante é a oração, rogando e pedindo ao Espirito Santo se digne de infundir em nossos corações esta luz celestial e divina. Nem faltará nunca em fazêl-o assim seu Divino Amor se com verdade buscarmos só a Deus e, com desejo de fazer sua santa vontade, pozermos tudo, ainda o nosso proprio juizo, aos pés de nossos confessores e padres espirituaes.

O segundo modo é um continuo exercicio de profunda e fiel consideração das coisas, para vêr (segundo as regras que ensina o Espirito Santo) quaes são verdadeiramente boas e quaes são más; e se correm e caminham mais por ellas que pelas leis do mundo, que só julga as coisas como parecem de fóra e se representam aos sentidos.

Esta consideração, feita como convém, claramente nos faz conhecer que devemos ter por nada,

por vaidade e mentira, tudo aquillo que o mundo cego e enganado ama, estima e deseja, e vae buscando por tantos modos e maneiras. Entendemos que as honras e delicias da terra não são mais que vaidade e afflicção de espirito; que as injurias e as infamias com que o mundo nos opprime, produzem verdadeira gloria, e as tribulações uma cabal alegria; que o perdoar aos inimigos e fazer-lhes bem é magnanimidade, é uma das coisas por onde nos chegamos mais a assemelhar com Deus; que vale mais desprezar o mundo que ser senhor d'elle; que o obedecer de boa vontade por amor de Deus ás creaturas mais vis, é acção mais excellente e generosa que o avassallar e mandar a principes e grandes; que se deve presar mais o humilde conhecimento de nós mesmos que a mais alta comprehensão de todas as sciencias; e que o vencer e mortificar os proprios appetites, por pequenos que sejam, merece maior louvor e estimação que o conquistar muitas cidades, vencer com armas nas mãos muito poderosos exercitos, fazer milagres e resuscitar mortos.

CAPITULO VIII

Das causas por que não vemos claramente as coisas e do modo que devemos ter para conhecê-las bem

A razão por que não vemos clara e rectamente as coisas sobreditas e outras muitas, é porque,

parando nós na primeira apparencia d'ellas, logo nos deixamos levar ou do amor ou do odio, com que offuscado o entendimento, não as julga directamente pelo que são.

Para que, pois, não ache em ti logar este engano, estarás sempre advertida a ter o mais que te fôr possível purificada a tua vontade e livre da desordenada affeição de qualquer coisa.

E quando se te propozer deante qualquer objecto, lança-lhe primeiro 'os olhos do entendimento, e considera-o com madureza antes que o odio (se é de coisa contraria a nossas inclinações naturaes) ou o amor (se é de coisa que possa trazer deleite) te mova a querêl-o ou enjeital-o; porque então o entendimento, não preoccupado da paixão, fica livre e claro, e póde conhecer a verdade e penetrar o mal que está escondido debaixo do falso-deleite, ou o bem encoberto na apparencia do mal.

Mas se a vontade se inclinou primeiro a amar o objecto ou a aborrecel-o, já o entendimento o não póde bem conhecer; porque aquella affeição que se pôz de permeio, o cega de maneira que o julga differente do que é; e representando-o como tal á vontade, esta se move com maior paixão que d'antes a amal-o ou aborrecel-o cõtra toda a ordem e lei da boa razão. E ainda d'este effeito se segue outro maior mal, porque com elle vem o entendimento a ficar muito mais escurecido; e faz que de entre sombras tão densas pareçam de novo á vontade os objectos mais amaveis ou mais aborreciveis que d'antes.

Por onde, se se não guarda a regra que fica apontada (o que em todo este exercício é de summa importancia), estas duas potencias—entendimento e vontade—tão nobres e excellentes veem miseravelmente a andar sempre como á roda, tropeçando e cahindo de trevas em mais trevas, e de um erro em muitos e maiores erros.

Guarda-te pois, filha, com a maior vigilancia de toda a afeição demasiada em coisa que não tens primeiro examinado e reconhecido pelo que verdadeiramente é, com a luz do entendimento e principalmente com a luz da divina graça e da oração, e com o parecer de teu padre espiritual; o que entendo debes guardar, talvez mais que nas outras coisas, em algumas obras exteriores que são boas e santas; porque n'estas, por serem taes, mais que nas outras, ha perigo da nossa parte de engano e indiscrição; razão por que talvez (por alguma circumstancia de tempo, de logar ou de medida, ou a respeito da obediencia) te poderiam ser de grave damno, como se sabe de muitos que perigaram em louvaveis e santos exercicios.

CAPITULO IX

**De outra coisa de que deve fugir o entendimento
para poder bem conhecer**

O de que devemos guardar tambem o entendimento é a curiosidade; porque enchendo-o nós

de pensamentos nocivos, vãos e impertinentes, o fazemos inhabil e incapaz de aprender o que mais nos convém para nossa verdadeira mortificação e perfeição.

Para o que, deves de estar sempre como morta totalmente a toda a investigação das coisas da terra não necessarias, ainda que licitas.

Deves sempre recolher e apartar (tudo quanto poderes) o teu entendimento, e prezar-te muito de o fazer nescio.

As novidades e mudanças do mundo, grandes e pequenas, serão para ti em tal fórma como se as não houvesse; e quando não possas fugir ás suas noticias, não lhes appliques o pensamento, mas aparta-as de ti o mais longe que poderes.

No desejo de saber as coisas do Céu, procura ser humilde e moderada, não querendo saber mais que a Christo Crucificado, sua Vida e sua Morte, e o que elle quer de ti.

Tudo o demais esteja de ti apartado; porque n'isso agradarás muito a Deus, o qual tem por seus queridos e amados os que o querem só a elle e fazem sua santa vontade. Qualquer outro cuidado e desejo, é amor proprio, soberba e laço do demonio.

Se seguires estas advertências, poderás vêr-te livre de muitas traições e ciladas do demonio; porque vendo esta astuta serpente que aquelles que attendem e praticam a vida espiritual teem a vontade forte e constante, procura derribar seu entendimento para assim se fazer senhor d'este e d'aquella.

E d'aqui vem, que costuma muitas vezes inspirar-lhes pensamentos altos, vivos e curiosos, e particularmente aos espiritos agudos e de grande engenho, susceptiveis de elevar-se em presumpção soberba, para que occupados na deleitação e discurso d'aquelles pontos em que erradamente se persuadem gosar de Deus, se esqueçam de purificar o coração e de trabalhar no conhecimento de si mesmos e na verdadeira mortificação. E cahidos assim miseravelmente no laço da soberba, se formam para si mesmos um idolo de seu proprio entendimento.

D'isto resulta que, pouco a pouco, sem cahirem na conta, chegam a persuadir-se que não necessitam de conselho, nem de doutrinas alheias, estando já acostumados a recorrer em todas as occasiões ao seu idolo do juízo proprio.

Materia é esta de muito grave perigo e muito difficil de se poder curar, porque a soberba do entendimento é muito mais perigosa que a soberba da vontade, porque esta, não sendo occulta ao proprio entendimento facilmente a poderá um dia curar, obedecendo a quem deve obedecer. Mas quem está firme na opinião de que o seu parecer é melhor que o dos outros, de quem e como poderá ser curado? Como cederá ao juizo dos outros aquelle que presume que nenhum é tão bom como o seu proprio?

Se os olhos d'alma, que são o mesmo entendimento, com os quaes se havia de conhecer e curar a chaga da vontade soberba, estão enfermos, cegos e cheios da mesma soberba, quem os poderá

curar? E se a luz se converte em trevas e a regra não é certa, como será o demais? Assim trata de te oppôres logo a soberba tão perigosa, a horas e a tempo, antes que ella se apodére de ti e penetre o mais interior de teu coração. Quebranta a agudeza de teu entendimento, sujeita facilmente o teu parecer ao parecer alheio, faze-te ignorante e tonta por amor de Deus, e serás muito mais sábia que Salomão.

CAPITULO X.

Do exercicio da vontade e do fim a que se hão de dirigir todas as acções interiores e exteriores

Álem do exercicio que deves fazer ácerca do entendimento, te é necessario regulares de tal maneira tua vontade que, não a deixando ir atraz de seus desejos, se conforme em tudo com o divino beneplacito.

E adverte bem, que te não has de contentar só com querer e procurar o que é mais agradável a Deus; mas além d'isto tambem deves querel-o e obral-o como movida por este Senhor, e só afim de puramente lhe agradares.

N'esta pura intenção, mais que no que fica dito, temos grande combate com a natureza; porque esta de tal maneira é inclinada a si propria que em todas as coisas (e mais talvez que nas ou-

tras, nas boas e espirituaes), busca sua propria commodidade e satisfação, com que se vae entre-tendo, e como com iguaria muito saudavel, e sem suspeita, muito cuidadosamente com ella se vae alimentando; por isso verás que tanto que se nos offerece occasião para alguma obra boa, logo para lá se nos vão os olhos, e a queremos, não como movidos da vontade de Deus nem afim de o agradar unicamente, mas por aquelle bem, gosto e satisfação que se deriva de querer as coisas na fórma em que Deus ás quer.

Este engano é tanto mais occulto, quanto o que queremos é melhor por sua natureza. D'on-de, até em desejarmos ao mesmo Deus, succede que nos enganamos com o amor proprio, olhando mais vezes para a nossa conveniencia e para o bem que d'ahi esperamos, que para a vontade de Deus, o qual só por gloria sua quer e lhe agrada o ser amado, appetecido e obedecido de nós.

Para fugires, pois, d'este engano que te impediria o caminho da perfeição, e para te acostumares a querer e obrar tudo como movida por Deus, com pura intenção de fazer sua santissima vontade e de honrar a elle só (pois que de todas as nossas acções e pensamentos quer este Senhor ser o unico principio e fim), guardarás esta regra :

Quando se te offerecer alguma coisa que Deus quer, não inclines logo tua vontade a querel-a, mas levanta primeiro o pensamento a Deus considerando se é vontade sua que a queiras, e se a queres por que elle assim o quer e por agra-

dar-lhe a elle só; movida d'este modo e guiada tua vontade pela vontade divina, então sem se poder inclinar, e resolver-se, e querer isso que se lhe propôz como coisa que quiz e dispôz a vontade de Deus, e só pelo gosto que n'isto tem Sua Divina Magestade e pelo augmento de sua maior honra e gloria.

Da mesma maneira, havendo de recusar e reprovar aquillo que tambem Deus não quer, não o recuses nem reproves sem que primeiro ponhas os olhos do entendimento na sua divina vontade, a qual quer que tu reproves isso e o recuses, por agradar-lhe e obedecer-lhe.

Has de porém saber que os enganos da natureza são tão subteis e tão pouco conhecidos que, buscando-se ella sempre occultamente a si mesma, nos faz crêr muitas vezes que se acha em nós aquelle motivo e fim de agradar a Deus, mas nem por isso é assim; acontecendo muitas vezes que aquillo mesmo que queremos ou aborrecemos por nossa propria conveniencia, chegamos a presumir que o queremos ou não queremos para agradar ou não desagradar a Deus.

Para fugir d'este engano, o remedio proprio e intrinseco seria a pureza de oração, a qual consiste no despir-se do homem velho e revestir-se do novo, que é o fim a que se encaminha todo este combate. Todavia para te dar alguma regra certa, afim de que acertes no que se te offerecer, pois que tão paga e satisfeita estás de ti mesma, attende :

No principio de todas as tuas acções procura des-

pir-te, o mais que poderes, de qualquer affeição que cheire ou leve de mistura alguma coisa de amor proprio; não querendo, nem obrando, nem recusando coisa alguma sem que primeiro te sintas mover e obrigar pela pura e simples vontade de nosso Deus.

Se em todas as tuas acções, e particularmente nas interiores da alma, e nas exteriores que logo passam, não poderes ter sempre actualmente este motivo, contenta-te de o teres virtualmente em cada uma, tendo sempre verdadeira intenção de agradar em tudo unicamente a Deus.

Mas nas acções que continuam por algum espaço de tempo, não só é bem que no principio d'ellas despertes em ti este motivo, mas debes ter cuidado de o renovar muitas vezes, e de o ter desperto até á ultima hora; porque d'outra maneira haveria perigo de ir cahir em outro laço, qual é o do nosso amor natural, que sendo mais inclinado e propenso a si mesmo que a Deus, costuma muitas vezes, com intervallo de tempo, fazer-nos insensivelmente trocar os objectos e mudar os fins.

O servo de Deus que não faz grande reparo n'esta advertencia, começa muitas vezes a obrar alguma coisa com pensamento de agradar só a seu Senhor; mas depois, pouco a pouco, quasi insensivelmente, de tal maneira se vae deleitando n'ella com o proprio appetito que, mudado já e já esquecido da vontade divina, se deixa prender tanto do gosto que n'elle sente, e do proveito e honra que d'ahi lhe póde resultar, que se o mesmo Deus lh'a impede com alguma enfermidade, ou caso

accidental, ou por meio d'alguma creatura, todo se perturba e inquieta; e ás vezes murmura d'uns e d'outros, por não dizer que o faz do mesmo Deus: evidente signal de que sua intenção não era de todo fundada em Deus, mas nascida d'uma má raiz e falso fundamento.

Porque quem obra como movido pela mão de Deus, com puro animo de fazer unicamente sua santissima vontade, tanto quer uma coisa como a outra; antes só a quer se Deus fôr servido que a tenha, e no modo e no tempo que fôr mais do agrado d'este Senhor. E havendo-a, ou não a havendo, igualmente fica socegado e contente; porque de qualquer maneira veio a alcançar o que pretendia, e a conseguir o fim que desejava: pois não era outro que o agrado e vontade de Deus.

Assim, pois, muito te recommendo que com toda a diligencia procures estar sempre bem recolhida em ti mesma, e advirtas em dirigir e encaminhar sempre tuas acções a este perfeito fim.

E se talvez (por assim o pedir a disposição de tua alma) tu te resolvessees a obrar bem afim de te livrares das penas do inferno, ou pela esperança das felicidades do Paraíso, ainda assim n'isto te pódes propôr por ultimo fim o beneplacito e vontade de Deus; porque vontade de Deus é que tu te não condemnes, mas que entres a gosal-o no seu Reino e Patria Celestial.

Quanta força e valor tenha este motivo, não ha quem o possa entender; porque uma obra, por pequena e humilde que seja, feita com fim de agradar só a Deus e por sua gloria, vale mais (para

o dizer assim) infinitamente que outras muitas obras de summo preço e valor, feitas sem este motivo.

D'onde nasce, que é mais acceite de Deus um real dado a um pobre, com unica e pura intenção de agradar n'isso a Sua Divina Magestade, que se com alguma outra tenção (ainda de gosar dos bens do Céu, que é fim não só bom, mas digno summamente de se desejar) se dêsse toda a fazenda, por mais e mais preciosa que fosse.

Este exercicio de obrar tudo com pura tenção de agradar a Deus, parecerá no principio muito difficultoso, mas vir-se-ha a fazer muito facil e corrente se a elle nos acostumarmos, e com frequentarmos a miude muitos actos de amor do mesmo Deus e com suspirarmos por elle com vivos affectos do coração, como pelo mais perfeito e unico bem nosso, que por si mesmo merece que todas as creaturas o busquem, o sirvam e o amem sobre todas as coisas.

A qual consideração do seu infinito merecimento, quanto mais continua e profundamente a fizermos, tanto mais fervorosos e frequentes serão os sobreditos actos de nossa vontade, e com tanto maior facilidade e mais brevemente viremos a conseguir este tão excellente habito de obrar tudo por amor e respeito d'aquelle Senhor, que só nol-o merece.

Ultimamente te aviso que, para conseguires este divino motivo, além do referido, o peças a nosso Senhor com a oração incessante; e que consideres por muitas vezes os beneficios innumera-

veis que Deus te tem feito e te faz, todavia movido do puro amor que te tem, e sem algum seu interesse, pois te não ha mister para coisa alguma.

CAPITULO XI

De algumas considerações que induzem nossa vontade a querer tudo só pelo fim de agradar a Deus

Para obrigares mais facilmente tua vontade a querer em todas as coisas a gloria e honra de Deus, te debes lembrar de que este Senhor primeiro te honrou e amou por differentes modos :

Na criação, formando-te de nada á sua imagem e semelhança ; e todas as mais creaturas para te servirem.

Na redempção, mandando não um Anjo, mas seu Unigenito Filho para te remir, não por preço corruptivel de ouro ou prata, mas derramando seu precioso sangue, e dando sua vida entre as angustias d'uma atribulada e injuriosa morte.

Que depois, a toda a hora e em todos os instantes, este immenso Senhor te haja guardado de teus inimigos ; peleje contra elles em teu favor com sua santa graça ; te tenha preparado, para tua defensa e sustento, seu querido Filho no Santissimo Sacramento do Altar, não é por ventura signal evidente do apreço ineffavel que elle faz de ti, e do amor infinito com que te ama e quer ? E' tanto, que não ha quem possa comprehender a

estimação que este grande Senhor faz de nós outros pobresinhos, e de nossa baixeza e miseria; e pelo contrario, o muito que somos obrigados a obrar em serviço e veneração de tão alta Magestade, que tantas e tão raras maravilhas tem obrado por nós.

Que se os senhores da terra, quando se vêem servidos e venerados, ainda que por pessoas pobres e humildes, não deixam comtudo de se sentir obrigados a honral-as e corresponder-lhes, que fará nossa vileza com o soberano Rei do Universo, de quem se conhece altamente estimada, amada e favorecida?

Além do sobredito, procura ter sempre, mais que tudo, vivo na lembrança que a Divina Magestade por si mesma infinitamente merece ser honrada e servida, pura e simplesmente por fazer-se-lhe a vontade.

CAPITULO XII

De muitas vontades que ha no homem, e da guerra que fazem entre si umas contra outras

Ainda que se possa dizer n'esta batalha, que ha em nós duas vontades, uma da razão chamada racional e superior, e outra do sentido que se chama inferior e sensual, que costumamos explicar com estes nomes de appetite, de carne, de sentido e de paixão; comtudo (porque a razão é a que nos dá o sêr de homens), quando com o sentido só queremos alguma coisa, nunca se entende que

verdadeiramente a queremos, emquanto com a vontade superior e da razão primeiro nos não inclinamos.

E assim, toda a nossa batalha espiritual só consiste principalmente em que, posta a vontade racional como no meio entre a vontade divina, que lhe fica superior, e a sensual, que lhe fica inferior, d'uma e outra é continuamente combatida; porque cada uma d'estas procura attrahil-a a si e sujeital-a á sua obediencia.

Mas que grande pena e trabalho (principalmente nos principios) é o que padecem aquelles que se acham mal habituados, quando se resolvem a mudar de vida, e largando com as maldades passadas o mundo e a carne, se entregam ao amor e serviço de Deus? Porque os golpes que sua vontade superior recebe da vontade divina, e da sua inferior de seus proprios appetites (que a estão sempre rodeando e combatendo), são tão fortes e poderosos, que se fazem tyrannamente sentir com muito grave e rigorosa pena.

Não é isto o que succede aos que de muito tempo estão já habituados nas virtudes ou vicios, e resolutos a quererem continuar da mesma maneira; porque os virtuosos com muita facilidade dão assenso e obedecem á vontade divina; e os que estão entregues aos vicios, tambem sem contradicção se conformam com a vontade sensual.

Mas não presuma ninguem de poder conseguir as verdadeiras virtudes christãs, nem de servir a Deus como é necessario e convém, se devéras se não resolve nem quer fazer-se violencia; não só

não deixa os maiores deleites, mas ainda os mais pequenos a que estava atado e preso com terreno e mundano affecto. Porque d'isto é que nasceu serem muito poucos os que chegam ao maior auge da perfeição; porque depois de terem vencido com trabalho os vícios maiores, não querem acabar de fazer-se violencia, perseverando em soffrer as picadas e molestia que se prova na resistencia de quasi infinitos pequenos appetites e paixões mais ligeiras e de menor conta, as quaes, augmentando-se e prevalecendo n'elles hora por hora, veem no cabo a conseguir dominio e senhorio sobre seus corações.

Entre estes ha alguns que, se não furtam os bens alheios, põem demasiada affeição nos que justamente possuem; se não procuram honras por meios illicitos, não as aborrecem, comtudo, como devem, nem deixam de as desejar, e ás vezes também de as buscar por outras vias; se guardam os jejuns de obrigação, nem por isso mortificam a gula no comer demasiadamente e no desejo de exquisitas iguarias; e vivendo em continencia, nem por isso largam certas conversações de seu gosto, que são de grande estorvo para se unirem a Deus e para a vida espiritual. Além de que, sendo estas conversações grandemente arriscadas em qualquer pessoa por muito virtuosa que seja, e muito mais em quem menos teme, cada qual as deve evitar o mais que lhe fôr possível.

D'aqui procede também, que as outras suas boas obras as fazem com tibieza de espirito, e vão acompanhadas de muitos interesses e imperfeições

occultas, e d'uma vã estimação e desejo de serem applaudidos e louvados por ellas.

Os que correm esta carreira, não só não se adeantam no caminho da salvação, mas tornando para traz estão em grave perigo de cahir de novo nos primeiros peccados; porque não amam a verdadeira virtude e se mostram muito pouco agradecidos ao Senhor, que os libertou do captivoiro e tyrannia do demonio; e além d'isto são ignorantes e cegos para vêrem o perigo em que se acham, pois falsamente se persuadem que estão n'um estado quasi seguro.

E aqui se descobre um engano tanto mais prejudicial, quanto menos advertido, e é que muitos que professam a vida espiritual, amando-se a si mesmos mais do que convém (bem que estes na verdade não se sabem amar), as mais das vezes tomam aquelles exercicios que são mais conformes a seu gosto, e deixam os outros que se oppõem ao natural de sua propria inclinação e appetites sensuaes, contra os quaes pedia a boa razão que se voltasse todo o esforço da batalha.

Assim, pois, filha muito querida, eu te admoesto e exorto que ames muito aquellas difficuldades e trabalhos que traz consigo o vencer-se a si mesmo; porque n'isto te vae tudo, e segura-te, que tanto mais certa será a victoria, e tanto mais brevemente conseguida, quanto com maior vehemencia amares aquellas difficuldades que a virtude e a batalha figuram e representam aos que de novo se alistam n'esta milicia. E entende que, se d'estas difficuldades e d'este penoso combate fôres mais

amante que das mesmas victorias e virtudes, estas e tudo o mais virás a conseguir com muito maior pressa e grande facilidade.

CAPITULO XIII

Do modo com que se deve pelejar contra os movimentos da vontade inferior ou sensual, e dos actos que deve fazer a nossa vontade superior ou racional para adquirir os habitos das virtudes

Quando a vontade racional é combatida por uma parte da vontade inferior, isto é, dos movimentos d'alguma paixão, e pela outra da vontade divina (pois cada uma procura senhoreal-a), é necessario que te exercites por varios modos, a fim de que em tudo prevaleça em ti a vontade do Senhor.

Primeiramente, quando és assaltada e perseguida d'alguns d'estes movimentos, has de fazer uma valorosa resistencia para que a vontade superior não consinta n'elles de nenhuma maneira.

Em segundo logar, depois que estes movimentos cessarem, os has de exercitar de novo em ti para os reprimir com maior esforço e valor.

Depois has de chamal-os a terceira batalha ; porque n'esta (havendo-te succedido bem nas antecedentes) te acostumarás sem duvida a vencêl-os, e a lançal-os de ti com desprezo e odio d'elles.

Estes dois desafios se hão de fazer a todos os

nossos appetites desordenados, excepto aos da carne, dos quaes fallaremos em seu proprio lugar.

No fim has de fazer actos contrarios a qualquer tua paixão viciosa. O exemplo que se segue, te porá tudo mais claro.

És talvez combatida dos movimentos da impaciencia. Se recolhida dentro de ti mesma advertires bem, verás como de continuo estão chamando e batendo á vontade superior, para que ella, cansada de resistir, ceda e lhes abra a porta.

No primeiro exercicio te has de oppôr com actos repetidos e com todo o esforço, para que tua vontade lhes não abra nem os chegue a consentir. E' adverte, que não deixes por algum descuido a batalha e a resistencia, enquanto não chegares a conhecer que teu inimigo, por cansado e quasi morto, te larga o campo e se dá por vencido.

Mas repara, filha, na malicia do demonio. Quando este inimigo vê que pelejamos com valor contra os movimentos d'alguma paixão, não só cessa de os excitar em nós, mas, se acaso por si mesmos se excitam, procura por então socegal-los, afim de que com o exercicio não alcancemos o habito da virtude contraria a esta paixão, e depois, para nos fazer cahir nos laços da vangloria e soberba, destramente nos persuade e dá a entender que nós, como soldados valorosos, já sabemos abater depressa os nossos inimigos.

Portanto passarás logo ao segundo combate, trazendo á memoria e excitando em ti aquelles pensamentos que te causavam a impaciencia, de modo que te sintas commovida por elles na parte

sensitiva; e então com repetidos e frequentes actos da vontade superior (e com esforço maior que d'antes) refrearás seus movimentos.

E porque, por mais que lancemos fóra nossos inimigos, por conhecermos que n'isso fazemos bem e que agradamos a nosso Redemptor, todavia (porque não temos um tal odio contra elles) ficamos no perigo de nos vencerem n'outra occasião; portanto fica advertida que os has de affrontrar com um terceiro assalto, e lança-os muito longe de ti com vontade não só opposta, mas em tudo desabrida, até que os venhas a aborrecer e abominar de todo. Finalmente, para ornares e aperfeiçoares tua alma com os habitos das virtudes, has de formar e produzir em ti muitos e continuados actos interiores que sejam directamente contrarios ás tuas paixões desordenadas.

Como, por exemplo, querendo tu adquirir com perfeição o habito da virtude da paciencia, se alguem com te desprezar te dá occasião a te impacientares, não bastará que te exercites nos tres modos de pelear que tenho dito, mas deves de mais a mais querer e amar o desprezo que recebeste, desejando ser de novo desprezada do mesmo modo, e pela mesma pessoa, esperando e resolvendo de padecer ainda coisas muito maiores e de maior affronta.

A razão por que estes actos contrarios são necessários para te aperfeiçoares nas virtudes, é porque, se não fôr assim, os outros actos, por muitos e mais fortes que sejam, não são bastantes para poder arrancar aquellas raizes de que o vicio

se produz; e assim (para continuar no mesmo exemplo) ainda que nós, sendo desprezados, não consintamos nos movimentos da impaciencia, antes contra elles pelejemos na fórma que fica dito, contudo, se nos não acostumarmos com muitos e repetidos actos a estimar o desprezo e a alegrar-nos com elle, nunca nos poderemos livrar do vicio da impaciencia, o qual (pela inclinação que temos á propria reputação, e a sermos estimados) se funda e está radicado no aborrecimento do desprezo, pelo que, ficando ainda viva a raiz do vicio, vae sempre brotando de maneira que enfraquece a virtude, antes ás vezes a soffoca totalmente; além de que nos tem em continuo perigo de recahirmos de novo em qualquer occasião que se nos offerecer. Do que se segue que, sem estes actos contrarios, não poderemos conseguir jámais o verdadeiro habito das virtudes.

Além d'isto, deve-se advertir que estes actos hão de ser tão frequentes, e em tanto numero, que possam destruir de todo em todo o habito peccaminoso; porque assim como este toma posse dos nossos corações pelos actos repetidos da culpa, assim também é força arrancal-o com muitos actos contrarios, para introduzirmos em nós o habito da virtude; e ainda accrescendo que se requer maior numero de bons actos para se formar o habito da virtude, que de actos peccaminosos para se formar o do peccado; porque os habitos das virtudes não são ajudados pela natureza pervertida como o são os habitos viciosos.

Ainda, além do que fica dito, digo mais que,

se a virtude que então exercitas o pede assim, debes conformar os actos exteriores com os actos interiores, como (estando no mesmo exemplo), usando de palavras carinhosas, brandas e amorosas, e servindo, se pódes, a quem tè offendeu ou te foi contrario de qualquer maneira.

No caso, porém, que estes actos assim interiores, como exteriores, fossem ou te parecessem feitos com tal fraqueza de espirito, que entendesses de ti que o fazias como violentada, nem por isso debes deixar por algum modo de continual-os; porque, ainda que muito fracos, servem com-tudo de te terem firme e constante para que não largues a batalha, e facilitam muito o caminho da victoria.

Deves tambem procurar estar muito acautelada e recolhida em ti mesma, para combater não só contra os grandes e efficazes appetites, mas ainda contra os pequenos e leves de qualquer paixão, porque estes abrem estrada e franqueam o caminho aos grandes; e d'ahi depois se geram em nós os habitos viciosos.

Do pouco cuidado que tiveram alguns em arrancar de seus corações estes pequenos appetites (depois de terem vencido os maiores da mesma paixão), succede que, quando menos o cuidam, foram investidos e desbaratados pelos mesmos inimigos, com maior força e mais ruina que d'antes.

De mais a mais te lembro que ponhas grande cuidado em mortificar e quebrantar ás vezes teus desejos e vontade, n'aquellas coisas que, ainda que licitas, não te são necessarias; porque d'aqui se

te seguirão muitos bens e ficarás sempre mais disposta, prompta e capaz para vencer-te nas outras. Far-te-has forte e experimentada no combate das tentações, e livrar-te-has de muitas traças e enganos do demonio; e farás um serviço em extremo agradável a Deus.

Filha, eu te digo claramente, se no modo que te tenho apontado fôres continuando n'estes verdadeiros e santos exercicios para reforma e victoria de ti mesma, eu te seguro que em breve tempo te adeantarás muito e virás a ser espiritual e devota devéras, e não só de nome. Se porém quizeres caminhar d'outro modo e com outros exercicios, ainda que esses os julgues excellentes, e tão saborosos a teu gosto que te pareça estar n'elles em uma perfeita união e em doces colloquios com o Senhor, desengana-te que não poderás jámais conseguir virtude ou espirito verdadeiro. Este (como te disse no primeiro capitulo) não consiste nem nasce dos exercicios que deleitam, e se conformam com a nossa natureza; mas n'aquelles que a põem em cruz com todos os seus actos; por onde renovado o homem e feito já outro, por meio dos habitos das virtudes evangelicas, se une estreitamente com seu crucificado Senhor, Creador e Redemptor.

Não ha quem duvide que assim como os habitos viciosos se formam de muitos e repetidos actos da vontade superior, emquanto cede aos appetites inferiores ou de sentido, assim tambem, pelo contrario, os habitos das virtudes evangelicas se conseguem fazendo-se a miude, muitas e

muitas vezes, actos conformes á vontade divina, que nos está sempre chamando, quando a uma quando a outra virtude.

E do mesmo modo que a nossa vontade nunca será nem póde ser viciosa e mundana, por muito que seja perseguida e combatida pela parte inferior e pelo vicio e peccado, emquanto lhes não ceder e se deixar vencer; assim tambem nunca será virtuosa e unida a Deus, por muito que seja vivamente tocada, combatida e chamada pelas inspirações e graça divina, emquanto pelos actos internos se não conformar com ella, e ainda com os externos quando fôr necessario.

CAPITULO XIV

Que se deve fazer quando a vontade superior parece vencida e totalmente subjugada pela inferior, e por seus inimigos

Se talvez te parecer que a vontade superior não tem alguma força contra a inferior, e contra seus inimigos, por não conheceres em ti um firme e deliberado proposito de lhes resistir, prosegue ainda assim, e não largues a batalha; porque te debes ter sempre por vencedora, emquanto claramente não vês que lhes has cedido.

Porque como a nossa vontade superior para produzir seus actos não necessita do concurso da inferior nem de seus appetites; assim, se ella mes-

ma não quer, nunca póde ser constrangida por elles a dar-se por vencida, ainda que seja muito porfiada a guerra que lhe fazem.

Porque Deus dotou a nossa vontade d'uma tal liberdade, e de tal força que, ainda que todos os sentidos, com todos os demonios e o mundo todo, se armassem e conjurassem contra ella, combatendo-a e opprimindo-a com o maior esforço, ella comtudo póde, a seu pesar, com toda a liberdade, querer ou não querer tudo o que quizer ou não quizer, quantas vezes, por quanto tempo, da maneira e pelo fim que mais lhe agradar e melhor lhe parecer.

Mas se algumas vezes estes inimigos te accommettessem e apertassem, de modo que tua vontade, quasi desesperada, já não tivesse (para o dizer assim) respiração nem alento para produzir um acto contrario, ainda assim não percas o animo nem largues as armas da mão, mas vale-te n'este caso da lingua e defende-te, dizendo: *Não te cedo, não te quero, não consinto*, da mesma maneira que o fazem aquelles que, estando debaixo do seu inimigo e opprimidos por elle, não o podendo ferir com a ponta da espada, lhe dão e se desaffrontam com os punhos d'ella.

E assim como estes buscam a traça de fazer pé atraz para poderem ferir ao inimigo, assim também tu retira-te no conhecimento de ti propria, conhecendo de ti que és nada e que nada podes; e com confiança em Deus, que tudo póde, dá um golpe na paixão inimiga, dizendo: *Ajudae-me, Senhor, ajudae-me, Deus meu, ajudae-me, Jesus e*

Maria, para que não ceda a este inimigo, nem me deixe vencer.

Poderás também, se o inimigo te der logar, ajudar a fraqueza da vontade com recorrer ao entendimento, recapacitando diversos pontos, na consideração dos quaes vem depois a vontade a tomar alento e vigor contra os inimigos. Por exemplo :

Achas-te tu por alguma perseguição, ou outro trabalho, de tal maneira accommettida de impaciencia, que a vontade quasi o não póde ou o não quer soffrer. O que deves fazer, é confortal-a e ajudal-a, discorrendo com o entendimento sobre os seguintes ou semelhantes pontos :

Primeiramente considera se mereces esse mal que padeces, por lhe haveres dado causa ou sido occasião d'elle. Que merecendo-o, pede a boa razão e a justiça que soffras com paciencia essa ferida que a ti mesma tu déste com tuas proprias mãos.

Em segundo logar, se n'isso não ha falta de tua parte, olha com o pensamento para todos os outros teus erros de que não recebeste ainda o castigo da mão de Deus, nem os castigaste como eras obrigada. E vendo que a misericordia de Deus te manda a pena que elles mereciam (a qual seria eterna, e quando fosse limitada não seria menos que a do Purgatorio) com um pequeno castigo presente, o deves receber não só de boa vontade, mas dando graças por elle ao Pae das misericordias.

Em terceiro logar, quando cuidasses que tens feito muita penitencia, e que offendeste pouco a Sua Divina Magestade (coisas porém a que nunca

te debes persuadir), has de lembrar-te que não se entra no Reino dos Céos senão pela estreita porta das tribulações.

Em quarto lugar, que posto que tu podesses entrar por outra via n'essa celeste Patria, a lei do amor te obriga a apartar de ti ainda o pensamento d'este desejo, pois o mesmo Filho de Deus, com todos seus escolhidos e amigos, não entrou na Casa de seu Pae senão por via de cruces e tribulações.

Quinto: mas o a que debes attender principalmente, assim n'estas como em quaesquer outras semelhantes tribulações, é a vontade de nosso Deus, o qual, pelo amor que te tem, terá ineffavel jubilo e alegria por qualquer acto de virtude e mortificação que te vir fazer, como de quem fiel e valorosamente peleja debaixo de suas amorosas bandeiras. E não duvides que quanto mais desarrazoado for em si o trabalho, ou mais indigno pela parte de onde vêm (e por isso para ti mais rigoroso e mais difficil de se soffrer), tanto mais agradarás a este Senhor, vendo que abraças e amas, ainda nas coisas desordenadas, e para ti mais amargas e desabridas, a sua divina Vontade e Providencia: na qual todo o successo, ainda o mais irregular, tem regra e ordem perfeitissima.

CAPITULO XV

De algumas advertencias sobre o modo de pelejar, e especialmente contra quem, e com qual virtude se ha de combater

Já tens visto, filha, o modo com que has de pelejar para te venceres e te ornares de virtudes.

Agora has de saber que, para alcançares victoria de teus inimigos com toda a pressa e facilidade, te é necessario pelejar; antes é força que pelejes todos os dias, particularmente contra o amor proprio, acostumando-te a ter por muito particulares amigos os desprezos e os desgostos que te póde dar este mundo.

Commummente nos passa por alto esta peleja; mas de nos esquecermos ou fazermos pouco caso d'ella, tem succedido e succede cada dia (como acima toquei), que as victorias são difficultosas, raras, imperfeitas e de pouca dura.

Demais te aviso, que o teu modo de pelejar deve ser com brio, com valor e fortaleza de animo, a qual facilmente conseguirás, se a pedires a Deus, e se reparando na raiva e odio entranhavel de teus inimigos e no grande numero de seus batalhões e exercitos, considerares pela outra parte que é infinitamente maior a bondade e misericordia de Deus, e o amor com que te ama: e que mais fortes, mais luzidos e mais numerosos esqua-

drões temos da nossa parte na assistencia dos Anjos dos Céos e nas orações dos Santos que pelemos conosco.

D'esta consideração nasceu o chegarem tantas e tantas mulheres, fracas e delicadas por sua natureza, a vencerem e confundirem todo o poder e sabedoria mundana, todos os assaltos e baterias da carne, e toda a raiva e furor do inferno.

Por onde, nunca te debes atemorizar, ainda que te pareça ás vezes que o combate dos inimigos se esforça e ha de durar por todos os dias de tua vida, e ainda que por muitas partes visses a tua perdição e naufragio infallivel. Porque has de saber, além do que tenho dito, que toda a força e astucia de nossos inimigos está nas mãos do nosso Capitão Divino, por cuja honra se combate; o qual estima tanto esta peleja que, chamando-te a ella e mandando-te muito apertadamente que pelejes, não só não permittirá nunca que sejas tentada sobre tuas forças, mas sahindo elle mesmo a campo por ti, desbaratará teus inimigos; quando fôr servido e com maior lucro teu, ainda que tardasse em fazê-lo até o ultimo dia de tua vida.

O que só a ti te pertence e toca, é o pelejar com bizzarria e valor, e não te pôres em fugida nunca, nem largar o combate e as armas, ainda que sahiesses ferida muitas vezes.

Finalmente, para que combatas com valor has de saber que d'essa batalha não se póde fugir, e que quem não faz n'ella sua obrigação, fica necessariamente preso ou morto pelos inimigos. Além

d'isto, com estes inimigos deves-te sempre haver como quem sabe que são de tal qualidade no odio que nos teem, que por nenhum caso se póde esperar d'elles nem paz nem tregua alguma.

CAPITULO XVI

**De que maneira o soldado de Christo se ha de armar
ao combate pela manhã**

Tanto que acordares, filha, a primeira coisa em que has de pôr os olhos interiores da tua alma, é considerares-te mettida dentro d'uma estacada com esta lei. Que quem ali não pelejar, ficará obrigado a morrer e perecer para sempre.

Dentro d'este campo de batalha, imaginarás vêr deante de ti, d'uma parte aquelle inimigo ou má inclinação tua, que tens tomado á tua conta para destruil-o, armado de ponto em branco para te ferir e dar a morte; e á mão direita o teu triumphante Capitão Jesus Christo, com a Sacratissima Virgem Maria Mãe sua, juntamente com seu Santissimo Esposo S. José, com muitos esquadrões de Anjos e Santos do Céu, e especialmente o Bemaventurado S. Miguel Archânjo, Principe e Conductor das Milicias do Empyreo; e do outro lado o demonio, com o sequito das suas tropas tartáreas, para incitar em ti a sobredita paixão desor-

denada e instigar-te a consentir n'ella, e cedendo-lhe tu acclamar contra ti a victoria.

Entretanto se te representará tambem que ouves uma voz, como se fôra do teu Anjo da guarda, que te diz assim: *Tu hoje has de pelejar contra este e outros inimigos teus; não temas, nem percas o animo. Não lhes cedas por nenhum caso, nem por temor, ou qualquer outro respeito: porque aquelle Deus que é Senhor nosso e teu Capitão, está aqui contigo, assistido d'estes esquadrões triumphantes, e pelejará contra todos os teus inimigos, não permittindo que prevaleçam contra ti, nem com força, nem com engano. Tem, pois, mão em ti e faze-te violencia, e soffrendo constante o trabalho que mais d'uma vez sentirás em fazer-te força, clama muitas vezes do intimo do coração, e chama por teu Senhor Jesus Christo, pela Sagrada Virgem Maria e por todos os Santos, que sem falta alcançarás as victorias.*

Adverte que se és fraca e estás mal acostumada, e que se teus inimigos são muitos e poderosos, muito mais fortes e poderosos são os auxilios de quem te creou e remiu; e que sobremaneira, sem alguma comparação, muito maior é o poder que tem Deus, e muito maior o seu desejo para salvar-te, do que o que o mesmo inimigo tem para perder-te. Peleja pois com valor, nem te seja pesado o soffrer e padecer alguma vez, porque do trabalho que se sente na violencia contra as más inclinações, e da repugnancia que a natureza tem causado dos habitos viciosos, nasce aquella illustre victoria e thesouro grande com que se con-

quista e compra o Reino dos Céos, e se une inseparavelmente a alma com Deus.

Começa pois, filha, em nome do Senhor a pelejar e a combater com as armas da desconfiança de ti mesma, da confiança em Deus, da oração e do exercício, e desafiando aquelle inimigo e má inclinação, que segundo a ordem referida resolvesse vencer, lhe darás feras estocadas, penetrantes e mortaes feridas, já com a resistencia, já com a detestação e odio, já com os actos da virtude contraria, alentando-te com a intenção de sómente agradares a teu Deus e Senhor, que com toda a sua Igreja triumphante está vendo este teu combate.

Outra vez te lembro que te não debes enfiar de combater, reparando na obrigação que temos de honrar, de servir e de agradar a Deus; e na necessidade que temos de pelejar; pois não podemos fugir d'esta batalha, sem que na retirada recebamos maiores fêridas e talvez fiquemos para sempre mortos. Ainda te digo mais: que se como rebelde quizeres fugir de Deus e entregar-te ao mundo e aos deleites d'elle, muito contra tua vontade has de ainda ahi pelejar contra muitas e diversas contradicções e pesares, e tão graves que, muitas vezes, de affligida e de cançada com a lida e molestia d'ellas, te chegarão ao coração os suores e angustias da morte.

Considera agora aqui que especie de doidice não é o entregares-te a uma fadiga e trabalho que traz consigo outros maiores (quaes são os que com a morte eterna nunca se acabarão); fugindo d'a-

quelles que, acabando brevemente, nos levam á vida eterna, nos fazem summamente bemaventurados e nos introduzem a gosar de Deus por toda a eternidade.

CAPITULO XVII

Da ordem que se ha de guardar em combater as paixões viciosas

Importa muito conhecer a fórma que se ha de seguir para pelejar déveras, e não como acaso ou por costume, com pouca applicação, como fazem muitos, porque d'ahi se seguem gravissimos danos. A ordem que has de guardar, combatendo contra os inimigos e más inclinações tuas, é que, entrando em contas comtigo, examines com toda a diligencia quaes são os pensamentos e affectos que predominam mais fortemente em teu coração, e qual é a mais desordenada paixão que te senhoorea e tyranniza, e então contra esta toma armas, e peleja principalmente contra ella.

E quando succeda que sejas assaltada de outros inimigos, n'este caso debes sempre ordenar a peleja contra aquelle que actualmente e de mais perto te combate; tornando porém depois á tua empresa principal, na resistencia da tua mais frequente e predominante paixão.

CAPITULO XVIII

**Do modo de resistir aos movimentos repentinos
das paixões**

Se não estás ainda acostumada a rebater os repentinos golpes das injurias ou de qualquer outra adversidade, para alcançares este costume te deves habituar a prevêl-os antecipadamente, e depois a desejal-os e querêl-os uma e muitas vezes, esperando-os com animo preparado e prevenido.

O modo de os prever, ou conhecêl-os de antemão, é que, ponderada a qualidade de tuas paixões, consideres também as pessoas e os logares, onde e com que tratas e te communicas, porque d'ahi facilmente poderás conjecturar o que te póde acontecer, pouco mais ou menos.

E sobrevindo-te qualquer outro successo contrario e não imaginado (além do auxilio que te haverá dado o teres preparado e disposto o animo contra os outros que esperavas), te poderás também valer do modo que se segue :

Logo que começares a sentir os primeiros golpes das injurias, ou qualquer outro trabalho, está álerta e esforça-te a levantar o pensamento a Deus, considerando a sua ineffavel bondade e a prova que te dá de seu divino amor, mandando-te aquelle trabalho para que, padecendo-o por seu amor, te purifique mais, e te chegues e unas a elle.

Entendendo o muito que este Senhor gosta de que tu o experimentes, torna sobre ti e reprehende-te, dizendo contigo: *Ah! porque não quêres sustentar esta Cruz que te manda, não este ou aquelle, mas teu mesmo Pae Celestial!* Então voltando-te para a Cruz e abraçando-a com a maior paciencia e alegria, dize: *Oh Cruz fabricada pela Divina Providencia, antes que eu fosse gerado! Oh doce Cruz a quem tirou a amargura o suavissimo amor de meu Senhor Crucificado! Crucifica-me já em ti com teus cravos, para que eu me possa entregar a quem, morrendo em ti com ineffavel amor, me redimiu.*

E se, no principio, tendo em ti mais força aquella paixão, não poderès elevar o pensamento a Deus, mas chegares a ficar ferida de seus movimentos, trata logo, o mais depressa que poderès, de eleval-o e de conformar-te, como se na realidade não chegasses a ser ferida.

O remedio, porém, mais efficaz contra os movimentos repentinos, é apartar com tempo a causa d'onde nascem, como se pelo amor que tens a alguma coisa costumás cahir em subita alteração de animo, quando n'ella e por ella recebes alguma molestia: o meio de remediar isto com tempo, é acostumar-te a perder-lhe o amor.

Mas se a inquietação procede não da coisa em si, mas de alguma pessoa de quem (porque lhe tens antipathia) a menor acção sua te aborrece e te perturba, o remedio é, que esforces a inclinar tua vontade a amal-a e querer-lhe bem; porque além de que é creatura formada pela mão sobe-

rana, como tu és, e formada como tu também pelo mesmo Sangue Divino, te dá occasião, se a soffres com paciencia, de poderes assemelhar-te a teu amoroso Senhor, que é benigno para todos.

CAPITULO XIX

Do modo de combater contra o vicio da sensualidade

Contra este vicio has de combater com differente e mais particular modo que os outros. E assim, para que saibas pelejar ordenadamente, em boa fórma, has de observar tres tempos

Antes que sejamos tentados,

Quando sômos tentados,

E depois que a tentação é passada.

Em primeiro logar: antes da tentação a peleja será contra os sujeitos d'onde costuma proceder a mesma tentação, fugindo com grande cuidado a qualquer occasião e pessoa que te possa expôr á menor sombra de perigo.

E sendo força talvez communicar com ella, faze-o sem te deteres, a toda a pressa, com rosto modesto, severo e grave; e as palavras antes sejam algum tanto mais desabridas que amorosas e demasiadamente brandas e affaveis.

Nem te fies de que em tantos e tantos annos praticando, não hajas sentido nem sintas os estímulos e impulsos sensuaes; porque este maldito

vicio faz dentro n'uma hora o que não tem feito em muitos annos; e muitas vezes dispõe suas machinas occultamente, e tanto mais prejudica e incuravelmente fêre, quanto mais se dissimula e se faz menos suspeito em nosso coração.

E muitas vezes é mais para temer (como em muitas occasiões a experiencia tem mostrado e mostra cada dia) onde a communicação se sustenta debaixo do pretexto de coisas licitas, como de parentesco, de cortezia devida, ou ainda de alguma virtude que se acha na pessoa amada; porque na demasiada, incauta e imprudente communicação, se vae misturando o venenoso deleite sensual que, entrando insensivelmente pouco a pouco e penetrando até o mais interior da alma, vae escurecendo cada vez mais a razão; de maneira que se começa a fazer pouco caso e julgar por um nada as coisas perigosas, como um furioso affeioado, as palavras brandas d'uma e outra parte, e o gosto da conversação; e dando-se assim a mão e os corações, se veem depois a arruinar, ou ao menos a cahir em alguma trabalhosa tentação e muito difficultosa de se vencer.

Torno-te pois a dizer que fujas, porque és e somos todos uma estopa, e por isso muito faceis a pegar-se-nos o fogo. Nem te fies em que banhada da agua de uma boa, firme e resoluta vontade, disposta estás antes a morrer que a offender a Deus; porque com estas communicações frequentes (seccando-se pouco a pouco, com o valor d'esse imaginado pequeno fogo, a agua da tua boa vontade), quando menos o cuidares se excitará e

levantará tal incendio, que não respeitará nem amizade, nem parentesco, nem temerá a Deus, nem estimará a honra, nem a vida, nem todas as penas do inferno. Por isto foge, foge, se devéras não queres ser desbaratada, presa e ainda morta.

Segundo: foge á ociosidade, e está vigilante e com os pensamentos despertos para aquellas acções que são convenientes e proprias para o teu estado.

Terceiro: nunca resistas, mas obedece facilmente a teus superiores, executando promptamente o que te ordenam, e de melhor vontade aquillo que de si é mais vil e mais contrario a tua vontade e inclinação natural.

Quarto: nunca faças juizo temerario contra teu proximo, e principalmente sobre este vicio, e se claramente alguma vez cahisses n'elle, compadece-o sem te indignares, e nem por isso o desprezes; mas antes aproveita-te da sua queda, com tirar d'ahi fructo de humildade e de conhecimento de quam fraca é a nossa natureza; e conhecendo-te, que és pó e cinza, e para melhor o dizer, que és um nada. Então chega-te a Deus por meio da oração e confirma, mais que nunca, a resolução de fugir d'aquellas conversações onde houver a menor sombra de perigo.

Porque se tu fôres facil em julgar dos outros, e em desprezal-os, tem por certo que Deus te emendará á tua custa, permittindo que caias no proprio erro, para que d'esta maneira venhas a conhecer tua demasiada soberba; e humilhada assim busques o remedio a estes dous vicios.

E se todavia, não emendando este teu defeito de julgar os outros, ainda assim não cahires nem mudares o pensamento nas tuas boas resoluções, aviso-te que saibas e tenhas por certo que ha muito que duvidar sobre a perseverança e firmeza de teu estado.

Quinto e ultimo: trata de ser muito advertida em que, vendo em ti algum dom e gosto das delicias espirituaes, te não deixes occupar d'uma certa vangloria e complacencia; persuadindo-te que prestas para alguma coisa, e que teus inimigos já te não hão de fazer guerra, por te parecer que os olhas com fastio, horror e aborrecimento: porque te advirto que, se tiveres n'isto pouca cautela, cahirás facilmente.

No tempo da tentação, considera se nasce de causa intrinseca ou extrinseca.

Por extrinseca entendo eu a curiosidade dos olhos e dos ouvidos, o demasiado aceio e galanteria nos vestidos, as conversações e praticas que incitam a este vicio.

O remedio, n'estes casos, é ter tal honestidade e modestia em tuas acções, que não queiras nem ver nem ouvir coisas que incitem a este vicio, fugindo d'elle por todos os caminhos, como fica dito.

A intrinseca procede ou da vivacidade do corpo ou dos discursos do entendimento que, ou nascem de nossos máos hábitos ou de suggestão do demonio.

A vivacidade do corpo se ha de mortificar com jejuns, disciplinas, cilícios, vigílias e outras se-

melhantes asperezas, não se excedendo porém n'isto as regras da discrição e as da obediencia.

Quanto aos pensamentos, excitam-se elles d'onde quer que fôr, os remedios proprios são estes

Primeiro: As occupaões em diversos exercicios, convenientes a seu proprio estado.

Segundo: A oração e a meditação.

A oração seja d'esta maneira: quando começares a vêr, não já os taes pensamentos, mas (o que é menos) suas mesmas sombras, volta logo os olhos do coração a teu Senhor crucificado, dizendo *Meu Jesus, meu querido Jesus, depressa, vinde a soccorrer-me, para que não fique presa ás mãos d'este inimigo.*

E abraçando então a Cruz em que está teu Senhor encravado, beija muitas vezes as chagas de seus Sagrados Pés, dizendo affectuosamente *Chagas formosas, chagas puras, chagas divinus, imprimi-vos vós n'este meu coração miseravel e impuro, para que assim me veja livre de poder-vos offender.*

Não quizera porém, filha, que a meditação (no tempo em que se offerecerem as tentações dos deleites sensuaes), tal em tuas acções, que fosse sobre certos pontos que propõem muitos livros para remedio d'esta tentação, como por exemplo, o considerar a torpeza d'este vicio, sua insaciabilidade, os desgostos e as amarguras que o seguem, e os perigos e as ruinas da fazenda, da vida, da honra, e outras semelhantes. Porque

estes não são sempre meio seguro para vencer a tentação, antes podem talvez servir de muito damno; porque se o entendimento por uma via lança fóra estes pensamentos, pela outra fomenta a occasião e o perigo de se deleitar n'elles e de consentir no deleite. E assim o verdadeiro remedio é fugir totalmente não só d'elles, mas tambem de todas as coisas (ainda que a elles contrarias) que os podem fazer lembrar e representar.

Por isto digo, que a meditação para este effeito ha de ser sobre a Vida e Paixão de nosso Senhor Jesus Christo.

E se, meditando, se te representassem contra tua vontade os mesmos pensamentos e se te mostrassem mais do costumado (como facilmente te acontecerá), nem por isto percas o animo, nem deixes a meditação, nem para resistir-lhes te voltarás a elles; mas continuarás tua meditação com o maior recolhimento e attenção possível, e não fazendo caso de taes pensamentos, como se não fossem teus; porque não ha modo melhor que este para lhes resistir, ainda quando continuamente te fizessem guerra.

Concluirás depois a meditação com esta ou semelhante petição: *Livrae-me, meu Creador e Redemptor meu, de meus inimigos, por honra e gloria de vossa Paixão e ineffavel bondade.* Nem voltarás o pensamento ao vicio, porque só a lembrança d'elle basta para causar perigos.

Nem te ponhas nunca a disputar com semelhante tentação, se consentiste n'ella, ou não; porque isso, debaixo da capa de bem, é engano do

demonio para te inquietar e fazer-te desconfiada e pusillanime; ou porque, tendo-te occupada em taes discursos, espera de te fazer cahir em alguma deleitação.

E assim, n'esta tentação (quando o consentimento não é claro) te baste confessar tudo com brevidade a teu padre espiritual, ficando depois confôrme e quieta com o seu parecer, sem cuidares mais n'isso. E olha que lhe descubras sempre fielmente qualquer teu pensamento, e que não haja nunca respeito ou vergonha alguma que te possa impedir. Que se para com todos os nossos inimigos nos é necessaria a virtude da humildade para os vencer, n'este mais que nos outros nos havemos humilhar, porque este vicio quasi sempre é castigo da soberba.

Passado o tempo da tentação, o que has de fazer, ainda que te pareça que ficas livre e de todo segura, é deixares ficar a imaginação totalmente alheia, distante e apartada d'aquelles objectos que te causavam a tentação, ainda que, com pretexto de virtude ou outro bem, te sentisses mover a fazeres o contrario; porque isto é engano de nossa natureza viciada, e laço do nosso astuto inimigo, que se transforma em anjo de luz para nos induzir a acções illicitas e desordenadas.

CAPITULO XX

Do modo de combater contra a negligencia

Porque não caias no miseravel captiveiro da negligencia, coisa que não só te impedirá o caminho da perfeição, mas te entregaria a teus inimigos, has de fugir de qualquer curiosidade e afeição ás coisas da terra, e de qualquer occupação que não convenha ao teu estado.

Depois, has de esforçar-te para que logo correspondas a toda a boa inspiração e qualquer ordem de teus suspiros, executando tudo pontualmente no tempo e modo que elles dispõem. E não tardes, nem por um só brevissimo espaço de tempo, porque só aquella primeira pequena demora traz consigo a segunda, a segunda a terceira, a que se seguem outras muitas, ás quaes o appetite se rende e cede com mais facilidade que ás primeiras, achando-se já derribado e preso da satisfação e falso gosto que n'isto experimentou. D'onde nasce que a acção, ou se começa muito tarde, ou como enfadonha e molesta ás vezes se deixa de todo; e assim pouco a pouco se vae fazendo o habito da negligencia, o qual depois chega a tal ponto, que no mesmo tempo que estamos presos d'ella nos determinamos a querer ser de novo mais sollicitos e diligentes, conhecendo havermos sido muito negligentes, com pejo e confusão de nós mesmos.

Esta negligencia velozmente abraça tudo, porque não só corrompe a vontade com seu proprio veneno, fazendo-a aborrecer a acção; mas ainda cega o entendimento para que não veja quam vãos e mal fundados são os propositos de fazer depois com cuidado e diligencia o que, devendo-se fazer agora, vem a deixar-se então de todo voluntariamente, ou se dilata para outro tempo.

Nem basta obrares com promptidão o que has de fazer, mas o deves obrar no tempo proprio, que pede o ser e qualidade da obra, e com toda aquella diligencia que lhe é necessaria para que saia com toda a possivel perfeição.

Porque não é diligencia, mas muito grande negligencia, o fazer a acção antes de tempo, e concluir-a brevemente, a toda a pressa, e sem ser com toda a perfeição, quando o fim não é outro que o entregarmo-nos ao descanço, em que só tínhamos posto o pensamento quando com diligencia trabalhavamos n'ella.

Todo este grande mal succede porque não se considera o quanto pesa e vale aquella boa obra que se faz a seu tempo, e com animo resolutos de investir com aquelle trabalho e difficuldade que o vicio da negligencia representa e causa aos novos soldados.

Deves pois considerar muito a miude, que um só acto de levantar o espirito a Deus, e uma reverencia com o joelho no chão em honra sua, valem mais que todos os thesouros do mundo; e que todas as vezes que fazemos violencia a nós mesmos e a nossas paixões depravadas, os Anjos

trazem do Céu á nossa alma uma corôa de gloriosa victoria; e que, pelo contrario, aos negligentes lhes vae Deus tirando pouco a pouco as graças que lhes tinha dado, e as augmenta aos cuidadosos e diligentes, levando-os depois a gosar de sua propria bemaventurança.

Se nos principios te não achas capaz de romperes com tudo e de investires generosamente com o trabalho e difficuldade, é necessario que o encubras e occultes a ti mesma, de maneira que te pareçam menores do que pareciam aos negligentes. Por exemplo, se o teu exercicio pede muitos e muitos actos para adquirir uma virtude, e para isso pede um trabalho de muitos dias, e os inimigos que estão para vencer-te parecem muitos e muito fortes, começa a produzir actos como se a materia pedisse poucos e como se houvesse de trabalhar n'ella poucos dias. Peleja contra um inimigo como se não tivesses outro que vencer, confiando muito que o favor divino te fará ser mais forte que elles; porque obrando d'este modo começará a negligencia a enfraquecer-se, e tu depois a dispôr-te a que pouco a pouco entre em ti a virtude contraria.

O mesmo digo da oração. Pede o teu exercicio ás vezes uma hora de oração. Isto parece coisa dura á tua negligencia; põe-te em oração como se quizesse estar n'ella só a oitava parte de uma hora, porque facilmente passarás d'um meio quarto a outro, e d'este ao que falta. E se talvez no segundo ou nos outros meios quartos experimentares demasiada repugnancia e muito violenta difficuldade,

n'este caso deixa o exercicio para te não enfastiares, e d'ahi a pouco torna de novo a elle, como se outra vez começasses.

Da mesma maneira te has de governar nas obras exteriores, quando, tendo diversas coisas que fazer, e por parecer á tua negligencia que são muitas e difficultosas, te achas perturbada e inquieta: começa sem embargo d'isto animosamente por uma d'ellas com quietação de animo, como se outra coisa não tiveras que fazer; porque fazendo-a assim diligentemente, virás a fazel-as todas com muito menos pena e trabalho do que se te representava no tempo da tua repugnancia e negligencia.

Se não sêguirés esta doutrina, sahindo ao encontro do trabalho e á difficultade que se te representa, de tal maneira prevalecerá em ti o vicio da negligencia, que não só sentirás a difficultade que no principio traz consigo o exercicio das virtudes, quando o tiveres presente, mas ainda de longe te molestará e terás d'elle aborrecimento, temendo sempre, como o que é assaltado e accommettido d'algum inimigo, e parecendo-te que te vem no alcance quem te quer obrigar a estes e áquelles exercicios, vindo d'este modo a viver desassocegada e inquieta, no mesmo socego e quietação que desejas.

E sabe, filha, que este vicio da negligencia, com o seu disfarçado veneno, não só corrompe pouco a pouco as primeiras e pequenas raizes que deviam produzir o habito das virtudes; mas ainda as mesmas raizes das virtudes já adquiridas (como

faz o bicho na madeira), de tal maneira as vae este vicio roendo insensivelmente que, consumida a essencia da vida espiritual, vem o demonio a descobrir o meio de ir armando laços e redes aos de que ella se apodéra, particularmente aos que seguem e professam esta vida espiritual.

Vigia, pois, orando e obrando bem, e não esperes para teres o panno de veste nupcial, quando já devêras estar ornada d'elle para ir a receber o Esposo. E lembra-te cada dia, que quem dá a manhã não te promete a tarde; e dando-te a noite nem por isso te promete o dia seguinte. Portanto, gasta todos os momentos das horas conforme a vontade divina, e como se não houvesse de ter outro tempo. Quanto mais, que has de dar estreita conta de qualquer estimação.

Concluo, advertindo-te que tenhas por perdido aquelle dia no qual (ainda que tenhas dado expedientes a muitos negocios) não tiveres alcançado muitas victorias contra as tuas más inclinações e propria vontade; nem dado graças a Deus pelos beneficios que te tem feito, e particularmente pelo de sua sagrada Morte que por ti padeceu com tanto trabalho, e pelo do seu paternal e doce castigo, quando te houver favorecido com o thesouro inestimavel de algumas tribulações.

CAPITULO XXI

Como se devem governar os sentidos exteriores, e como d'elles podemos passar á contemplação da Divindade

Grande advertencia e continuado exercicio se ha mister para governar e regular bem os nossos sentidos exteriores. Porque o appetite, que é como capitão de nossa fragil natureza, nos inclina desenfreadamente a buscarmos gostos e deleites, e não podendo conquistal-os por si só, se serve dos sentidos como de seus soldados e instrumentos naturaes para alcançar os seus objectos ; cujas imaginações, trazendo-as e attrahindo-as a si, as imprime na alma, de que se segue depois o gosto e deleite que, pelo parentesco que ha entre ella e a carne, se derrama por toda aquella parte dos sentidos que são capazes de tal deleite, d'onde se deriva, tanto á alma como ao corpo, um contagio commum, que corrompe tudo. Já vês o damno, attende agora ao remedio.

Adverte bem a não deixares ir teus sentidos livremente para onde quizerem, nem te sirvas e uses d'elles para aquellas coisas a que só te inclina e move o deleite e não algum bom fim, proveito ou necessidade : e se, sem o advertires, se houverem adeantado demasiadamente, faze-os tornar atraz, ou governa-os de maneira que d'aquelles mesmos gostos e vãos contentamentos de que d'an-

tes se deixavam miseravelmente prender, triumphem de modo que de cada um de seus objectos consigam illustres despojos e os mettam dentro da alma; com os quaes ella enriquecida (e recolhida já em si mesma) possa estender as azas de suas potencias em remontados vôos ao Céu, á contemplação da Divindade. Isto o poderás fazer n'esta fórma:

Quando se representar a qualquer de teus sentidos exteriores algum objecto, separa ou abstrahes em teu pensamento o espirito que n'elle ha, figurando-te e persuadindo-te que esse objecto ou creatura, de si e por si, não tem coisa alguma de quantas se representam a teus sentidos, mas que todas ellas na realidade são obras de Deus, que com seu espirito invisivelmente lhes communica aquelle ser, bondade ou formosura que teem, e todo aquelle bem que lhes consideras. E aqui alegra-te de que teu Senhor só seja a causa e principio de tantas e tão varias perfeições, e que eminentemente as contenha todas em si, bem que todas ellas não sejam mais que um muito pequeno grão de suas divinas e infinitas excellencias.

Quando vires que ficas elevada com vêr algumas coisas que teem um ser nobre, amavel e perfeito, reduz com o pensamento essas creaturas ao seu nada; e fixando os olhos do entendimento no summo Creador ahi presente, que lhes deu aquelle ser, e deleitando-te só n'elle, dirás: *Oh Essencia divina, summamente amavel, quanto me alegro que tu sejas unicamente o principio infinito de todo o ser das creaturas!*

Da mesma maneira, quando vires arvores, herbas e coisas semelhantes, elevarás a imaginação a que aquella vida que ellas teem, não a teem de si, mas d'aquelle Espirito divino que não vês e que só lhes dá vida, e poderás assim dizer: *Eis aqui a verdadeira vida, e de quem, em quem, e por quem vivem e crescem todas as coisas! Oh viva alegria e contentamento vivo d'este coração!*

Assim tambem, da mesma vista dos animaes brutos, poderás elevar o pensamento a Deus, que lhes dá os sentidos e o movimento, dizendo: *Oh primeiro Motor, que movendo tudo és immovel em ti mesmo, quanto, Senhor, me alegro de tua estabilidade e firmeza!*

Quando te sentires attrahir da formosura das creaturas, separa e abstrahes o que vês do espirito que não vês, e considera que tudo o que apparece de formosura por fóra, é e vem só do espirito invisivel que é fonte e raiz d'aquelle formosura exterior, e assim, com expressões de grande gosto, dize: *Eis aqui os regatos da fonte increada, eis aqui uma gotta do mar immenso de todo o bem. Oh, como me alegro no intimo do coração contemplando a eterna e incomparavel belleza que é a origem e causa de todas as bellezas creadas!*

Conhecendo no teu proximo alguma bondade, sabedoria, justiça e outras virtudes, feita a separação, dirás a teu Deus: *Oh riquissimo thesouro de virtudes! E que grande deve ser o meu contentamento se vejo que de vós e por vós unicamente se deriva todo o bem e felicidade, e que tudo quanto ha é como um nada em comparação de vossas di-*

vinas perfeições! Dou-vos, Senhor, por isto muitas graças, e por todos os mais bens que haveis comunicado a meu proximo. Lembrae-vos, Senhor, da minha pobreza e da grande necessidade que tenho de tal ou tal virtude. E aqui lhe pedirás a virtude de que mais necessitas.

Quando quizeres começar a fazer alguma coisa, considera que Deus é a primeira causa d'aquella obra, e que tu não és outra coisa mais que um vivo instrumento seu; e levantando o pensamento a elle, dize d'esta maneira: *Quam grande é o jubilo que experimento em mim mesmo, soberano Senhor de tudo, por não poder obrar coisa alguma sem vós, e sem que vós sejaes o primeiro e o principal director de todas!*

Comendo ou bebendo, considera que Deus dá o sabor e o gosto que achas n'essas iguarias, e deleitando-te só em Deus, poderás dizer: *Alegra-te, alma minha, que como fôra de ieu Deus não ha algum verdadeiro gosto e contentamento, assim n'elle só é que te pôdes em todas as coisas unicamente deleitar.*

Gostando de cheirar alguma coisa agradável ao sentido, não parando n'aquelle gosto passa com o pensamento ao Senhor, de quem procede aquelle cheiro, e sentindo n'esta lembrança interior consolação, dirás: *Ah meu Deus! fazei que, como eu me alegro de que se derive de vós toda a suavidade, assim minha alma, desatada e solta de todo o prazer caduco, suba ao alto d'esse Céu e ahi exhale deante, de vossa divina presença, cheiro suave de incendidas e heroicas virtudes.*

Quando ouves alguma harmonia de musica, ou instrumentos, levantando o pensamento a Deus, dirás: *Quanto me alegre, meu Deus e meu Senhor, de vossas infinitas perfeições, que todas juntas não só fazem em vós uma accorde e sobreexcellente harmonia; mas ainda nos Anjos, nos Céos e em todas as creaturas fazem uma maravilhosa, concertada e doce consonancia.*

CAPITULO XXII

Como as mesmas coisas nos servem de meio para regularmos nossos sentidos, passando d'ellas á meditação do Verbo Encarnado e aos mysterios de sua Vida e Paixão

Já te tenho ensinado como pódes das coisas sensiveis e materiaes levantar o espirito á contemplação da Divindade; aprende agora um modo de tirar tambem d'ellas motivo para a meditação do Verbo Encarnado, considerando os altissimos mysterios de sua sagrada Vida e Paixão.

Todas as coisas d'este mundo podem servir para este effeito, considerando n'ellas a Deus Soberano como unica e primeira causa que lhes deu todo o ser, formosura e excellencia que logram, e passando d'isto a considerar quam grande e immensa é sua divina Bondade; pois sendo unico principio e senhor de todas as creaturas, quiz humilhar-se a tanta baixeza, que se fez homem, padeceu e morreu pelos homens, permittindo que as mesmas

feituras de sua divina mão se armassem contra elle para o crucificar.

Muitas coisas depois em particular nos offerecem e apresentam aos olhos do espirito estes Sacratissimos Mystérios, como são: Armas, Cordas, Açoites, Columnas, Espinhos, Cannas, Cravos, Martellos e outros instrumentos da sua Sagrada Paixão.

As pobres cabanas e grutas dos pastores nos trarão á memoria o cruel aposento e presepio do Senhor: se chover, lembrar-nos-hemos d'aquelle chuveiro de Sangue Divino que no Horto, manado de seu Sacratissimo Corpo, regou copiosamente a terra; as pedras que vimos nos representarão as que se despedaçaram na sua Morte; a terra, aquelle movimento, grandissimo tremor que fez então; o sol, as trévas que o escureceram; e vendo as aguas nos lembraremos da que sahiu de seu Santissimo Lado. E farás este mesmo discurso sobre outras coisas semelhantes. Bebendo água, vinho ou outra bebida, lembra-te do fêl e vinagre que bebeu teu Senhor. Se a suavidade dos cheiros te deleita, corre com o pensamento ao máo cheiro dos corpos mortos que tanto o affligiram no Calvario.

Quando te vestires, lembra-te que o Verbo Eterno se vestiu de carne humana para te vestir a ti de sua Divindade. Despindo-te, traze á memoria a teu Senhor Jesus Christo, a quem os judeus despiram para o açoitarem e encravarem na Cruz, onde morreu para te dar vida.

Ouvindo rumores e gritos de gente, lembra-te d'aquellas abominaveis vozes: *Crucifige, crucifige*

eum, tolle, tolle, que atroaram seus divinos ouvidos.

Todas as vezes que o relógio dá horas, se te representará aquella trabalhosa ancía que quiz padecer o Coração de teu Salvador, quando começou no Horto a temer sua Morte e Paixão, que se vinha chegando; ou imagina que estás ouvindo aquelles duros golpes com que o encravaram na Cruz.

Em qualquer occasião que se te offerecer de tristeza e de dôr, propria ou alheia, persuade-te que todas ellas são um quasi nada em comparação das incompreensíveis angustias que traspasaram e affligiram o Corpo e Alma de teu Salvador.

CAPITULO XXIII

**De outros modos com que devemos regular e governar
nossos sentidos, conforme as varias occasiões que se
offerecerem**

Temos visto como havemos de elevar nosso pensamento desde as coisas sensíveis e materiaes á divina e aos mysterios do Verbo Encarnado: accrescentarei aqui outros meios para tirar varias meditações; porque sendo differentes os gostos das almas, convém preparar-lhes muitos e diversos manjares; além de que isto poderá servir não só ás almas simplices, mas ainda áquellas que forem de engenho elevado e mais adeantadas no

caminho do espirito : o qual, em quem quer que fôr, não está sempre igualmente disposto e prompto para especulações muito altas.

Nem tens que temer que poderás confundir-te n'esta variedade de coisas, se te governares pela regra da discrição e pelos conselhos de quem te guia na vida espiritual (e estes quero eu que tu os sigas com humildade e confiança, não só n'este particular, mas em todas as mais advertencias que tenho dado e vou dando).

Olhando pois tu para tantos e tão formosos e agradaveis objectos, que á vista se nos representam, e que o mundo cego por suas qualidades tanto preza, considera que são todos vilíssimos, e como barro ou lodo em comparação das riquezas e formosuras do Céu ; e a estás (desprezando tudo o mundano e visível) aspira de todo o teu coração.

Vendo o sol, considera que mais que esse formosissimo planeta, é clara e resplandecente tua alma se está em graça do Senhor ; mas que se está em peccado é mais escura, feia e abominavel que os mesmos abysmos do inferno.

Levantando os olhos do corpo a esse céu que nos cobre para além, com os do entendimento e alma penetra até esse Empyreo, fixando-os na contemplação de Patria tão ditosa e lugar que te está preparado para tua feliz morada por todas as eternidades, se cá na terra viveres christãmente.

Ouvindo o canto dos passarinhos ou de outras creaturas, levanta o espirito á musica do Céu, onde se ouvem continuas Alleluias, e roga ao Senhor

que te faça merecedora de o louvares eternamente com os Espiritos Angelicos.

Quando vires que te agrada a belleza das creaturas, repara com o entendimento, que entre a lição de suas apparencias enganosas esconde a serpente infernal os intentos de te tirar a vida ou, pelo menos, de ferir-te; e contra ella poderás dizer: *Ah maldita serpente, como estás enganosamente disposta a despedaçar-me!* Logo, voltando-te a teu Deus e Senhor, lhe dirás: *Sejaes para sempre bendito e louvado, meu Deus, que me haveis descoberto o inimigo e livrado de sua garganta infernal.*

Do excitado deleite fuge logo para as Chagas de teu Senhor Crucificado, occupando n'ellas teu entendimento, e considerando quanto padeceu em seu Sagrado Corpo para te livrar do peccado e para que abominasses os deleites da carne.

D'outra industria te poderás valer para fugires d'este perigoso incentivo, e é o passar adeante com o pensamento, considerando que tal virá a ficar, depois da morte, aquelle objecto que agora te agrada tanto.

Quando caminhas, lembra-te que em cada passo só que dás, te vaes chegando ao fim da vida.

Da mesma maneira, vendo voar as aves ou correr as aguas, imagina que ainda com maior velocidade vae correndo a tua vida e voando para seu fim.

Quando se levantam tempestades, impetuosos ventos, raios ou trovões, lembra-te do tremêndissimo dia do Juizo final, e posta de joelhos faze

um acto de adoração a Deus, pedindo-lhe seja servido de dar-te os auxilios e o tempo que te é necessario para te dispôres a apparecer deante do tribunal de sua altissima Magestade.

Na variedade dos accidentes que podem acontecer á tua pessoa, te exercitarás d'esta maneira: quando, por exemplo, és opprimida d'algunha dôr ou tristeza, ou padeces calmas ou frio, ou outro achaque, eleva o pensamento áquella eterna vontade que, para teu bem, foi servida que d'aquella maneira e n'aquelle tempo padecesses esse incommodo; e assim, com grande alegria e gosto (pelo amor que te mostra o Senhor e pela occasião que te dá de o servir no que mais lhe agrada), dirás dentro no coração:

Eis aqui cumprida em mim a vontade de meu Deus, que com tanto amor dispôz em sua eternidade que eu de presente padecesse este trabalho: seja para sempre louvado meu benignissimo Senhor.

E quando se vae despertando em tua alma algum pensamento de coisa boa, volta-te logo para teu Deus, reconhecendo com humildade que lhe deves este grande favor, e dá-lhe por elle muitas graças.

Quando lêes, imagina que teu Senhor n'aquellas palavras te está fallando, e recebe-as como se sahisses da sua divina bocca.

Olhando para sua Santissima Cruz, considera que ella é o Estandarte da tua milicia, e que se te apartas d'ella virás a cahir nas mãos de teus crueis inimigos; e que, pelo contrario, seguindo-a

chegarás ao Céu com victoria, enriquecida de despojos e merecimentos.

Vendo a Sagrada Imagem da Virgem Maria Senhora nossa, volta o teu coração para esta Soberana Rainha do Empyreo, dando-lhe graças por haver estado sempre preparada a cumprir a vontade de teu Deus: por haver dado á luz, creado e sustentado a seus virginaes Peitos ao Redemptor do mundo, e por nos não haverem faltado nunca seu favor e suas assistencias no nosso combate e conflicto espiritual.

As imagens dos Santos te representem outros tantos illustres soldados que, tendo acabado sua carreira com tão grande valor, te abriram o caminho por onde se tu fôres, tambem serás, como elles, coroadas de perpetua gloria.

Quando vires as egrejas e templos santos, entre outras devotas considerações poderás crêr e imaginar que tua alma é um templo de Deus, e que como casa de tão grande Senhor a debes conservar pura e limpa, o mais que podêres.

Sempre que ouvires tocar os tres signaes das Ave-Marias (toques que a Igreja manda dar para nos lembrarmos da Saudação e Annunciação que o Archânjo S. Gabriel fez a Maria Santissima, Rainha e Senhora nossa), poderás nas tres pausas fazer as tres breves meditações que se seguem, e são conformes ás palavras sagradas que se costumam dizer em cada uma d'estas celestes orações.

Ao primeiro signal dá graças a Deus d'aquella embaixada que enviou do Céu á terra e foi principio de nossa salvação. Ao segundo dá á Sagrada

Virgem Maria os parabens da grandeza a que foi sublimada por sua singular e profundissima humildade. Ao terceiro, juntamente com a ditosissima Mãe e com o Archanjo S. Gabriel, adora ao Divino Infante recém-concebido em suas virginaes purissimas Entranhas. E não deixes de abaixar com reverencia a cabeça a cada signal d'estes, e um pouco mais profundamente no ultimo. Estas meditações divididas pelos tres signaes podem servir para todos os tempos.

As que se seguem, se dividem pela tarde, pela manhã e pelo meio dia, e pertencem á Sagrada Paixão do Salvador; porque nos corre estreita obrigação de nos lembrarmos muito a miude das dôres que n'ella padeceu a Senhora, e seremos ingratos se o não fizermos assim.

A' tarde traz a teu pensamento as ancias d'aquella Purissima Virgem, pelo suor de sangue, pela prisão no Horto e pelas dôres interiores e mentaes que seu Santissimo Filho padeceu em toda aquella tão terrivel noite. Pela manhã compadece-te d'esta Senhora em suas afflicções, pela apresentação do mesmo innocentissimo Cordeiro a Pilatos e Herodes, pela sentença de morte, e por havê-lo visto levar a Cruz ás costas. Pelo meio dia traz ao pensamento a espada da dôr immensa que traspassou o Coração d'esta inconsolavel Mãe quando viu crucificado e morto a seu amado Filho, e pela crudelissima lançada que viu dar-lhe em seu Sacratissimo Coração já defuncto.

Estas meditações das dôres da Senhora as poderás fazer desde a tarde da quinta-feira até o

meio dia do sabbado, e as outras nos outros dias. Remetto-te porém n'isto á tua particular devoção e ás occasiões que te offerecem as coisas exteriores.

E para dar-te em compendio o modo com que has de governar teus sentidos, está de maneira advertida que em qualquer occasião e em qualquer coisa não te mova nem te leve a affeição, ou o aborrecimento d'ellas; mas unicamente a divina vontade, amando ou aborrecendo aquillo só que Deus quer que tu ames ou aborreças.

Mas adverte que te não tenho ensinado estes varios modos de reger os sentidos para que te occupes n'elles, havendo de ser o teu principal exercicio estar quasi sempre recolhida com o pensamento posto só em teu Senhor; o qual quer que com frequentes actos te appliques a vencer teus inimigos e as paixões viciosas, resistindo-lhes com os actos das virtudes contrarias. Tenho-t'os pois só ensinado para te saberes guiar quando se te offerecer a occasião. Porque debes saber que é de muito pouco fructo ter varios exercicios, ainda que em si sejam muito bons e excellentes; porque estes (sem se cuidar muito em conseguir aquelle, e em pratical-o todas as horas e momentos) de ordinario só servem de embaraço e confusão para o espirito: são amor proprio, inhabilidade e laços do demonio.

CAPITULO XXIV

Do modo de governar a lingua

A lingua do homem necessita de ser bem governada e refreada, porque todos somos muito inclinados a deixal-a correr e fallar livremente nas coisas que mais agradam a nossos sentidos.

O fallar muito tem de ordinario fundada a raiz n'uma certa soberba, com a qual, imaginando saber muito e amando nossas opiniões, procuramos manifestar nossas agudezas e imprimil-as nos outros com porfiadas réplicas, fazendo-nos mestres de todos, como se fosse obrigação que aprendessem de nós.

Não se pôde explicar nem declarar bem com poucas palavras os males que nascem do fallar muito.

A loquacidade é mãe da preguiça, augmento de ignorancia e de loucura; é porta da murmuração, ministro das mentiras e a neve do fervor da santa devoção.

As muitas palavras dão forças ás paixões viciosas, e estas tornam depois a mover a lingua a que continue com muito maior facilidade no fallar indiscreto.

Não te alargues em grandes discursos com quem te ouve de má vontade, para o não enfastiares, e faze o mesmo com quem se paga de te ouvir, para que não excedas os termos da modestia.

Foge de fallar com efficacia ou exaggeração, e em voz alta ; porque uma e outra coisa é mui cançada e odiosa, e dá indício de presumpção e vaidade.

De ti e de coisas tuas, de teus paes e parentes, nunca falles senão por pura necessidade, e isto sem demazia e o mais brevemente que poder ser. Se te parecesse que alguém falla de si largo e com modestia, procura fazer bom conceito d'elle, mas não o imites, ainda que suas palavras fossem de muita humildade, e soem a accusação e desprezo de si mesmo.

De teu proximo e das coisas que lhe pertencem, falla o menos que fôr possível, se não é para dizer bem d'elle, quando se offerecesse occasião de o poder fazer.

Falla de boa vontade nas coisas de Deus e particularmente de seu amor e de sua bondade ; mas com medo de poder ainda n'isso errar, querendo antes ouvir com attenção quando outros fallam n'ellas, conservando as taes palavras no intimo de teu coração. Das outras materias só o som da voz chegue a teus ouvidos, o pensamento esteja elevado no Senhor ; que se é preciso ouvir quem falla e responder-lhe, nem por isso deixes de subir de quando em quando com o pensamento ao Céu onde habita teu Deus, e considera sua soberania e o como elle sempre olha pela tua vileza.

Considera, antes de fallar, as coisas que te veem ao pensamento ; porque se as pesares antes que cheguem á lingua, conhecerás que fôra conveniente que algumas não te sahisses da bocca. De-

mais d'isto te advirto que muitas (ainda d'aquellas que então julgaste serem boas para se dizerem) fôra muito melhor fechal-as no coração. E conhecerás esta verdade quando cuidares n'ellas depois de passada a occasião do discurso.

O silencio, filha, é um esforço muito grande para o combate espiritual, e uma certa esperança de victoria: o silencio é amigo de quem desconfia de si e confia em Deus; é guarda da santa oração e soccorro maravilhoso para o exercicio das virtudes.

Para te acostumares a estar callada, considera a miude os damnos e os perigos da loquacidade e os grandes bens do silencio, e cobra amor a esta virtude para alcançar este costume, e callar-se por algum tempo, ainda nas coisas que seriam boas para fallar, comtanto que isto não seja em prejuizo teu ou alheio.

Ajudar-te-ha para isto o fugir das conversações; porque em falta dos homens te farão companhia os Anjos, os Santos do Céu e até o mesmo Deus.

Emfim, lembra-te do combate que trazes entre mãos: porque, considerando o muito que tens que fazer e que trabalhar, te resolverás a deixar as palavras e os entretenimentos superfluos.

CAPITULO XXV

Que para pelejar bem contra os inimigos, deve o soldado de Christo fugir com todo o esforço ás perturbações e inquietações do coração

Assim como havendo nós perdido a paz interior devemos fazer todo o possível para recuperá-la, assim debes, filha, saber que no mundo não póde succeder coisa alguma que com razão nol-a deva tirar, ou ao menos nol-a possa perturbar.

Dos proprios peccados nos devemos arrepende e os devemos sentir, mas deve ser com uma dôr pacifica, n'aquella fórma que fica apontada acima algumas vezes. Do mesmo modo, sem inquietação de animo, devemos compadecer-nos com pia affeição de caridade de qualquer outro peccador, e chorar ao menos interiormente suas culpas.

Quanto aos outros successos graves e trabalhosos, como doenças, feridas, mortes (ainda de nossos parentes mais chegados), pestes, guerras, incendios e outros males semelhantes, posto que como repugnantes á natureza sejam communmente aborrecidos pelos homens do mundo, todavia podemos, com o favor da divina graça, não só não aborrecêl-os, mas ainda estimál-os como justa pena dos peccadores e occasião de virtude para os justos; porque por esta mesma razão são agradaveis a Sua Divina Magestade; e cumprindo n'elles sua vontade santissima, passamos por todas,

as amarguras e contrariedades d'esta vida com paz d'alma e com animo tranquillo.

Pódes pois estar certa, filha, que qualquer inquietação nossa desagradá aos olhos do Senhor; porque de qualquer qualidade que ella seja, nunca é sem imperfeição, antes sempre procede de alguma má raiz do nosso proprio amor.

Portanto procura ter sempre vigilante como sentinella aquelle acto do entendimento a que chamamos cuidado, para que, logo que descobrir qualquer coisa que possa inquietar-te ou perturbar-te, te avise para que tomes as armas para a defensa. Por elle considerarás e terás por certo que todos estes males e outros semelhantes (ainda que por de fóra pareçam taes) não são comtudo males verdadeiros, nem podem tirar-nos os verdadeiros bens: antes sim todos elles os ordena ou permite Deus, por justos fins e juizos seus, que não chegamos a alcançar, mas sempre sem duvida justissimos e santissimos.

E assim vivendo sempre com o animo tranquillo, descansado e quieto de qualquer accidente, ainda que molesto, se póde tirar muito bem; e pelo contrario, inquietando-nos e perturbando-nos, qualquer nosso exercicio seria de pouco ou nenhum fructo.

Além de que, emquanto o coração está inquieto, fica sempre exposto a varios assaltos dos inimigos; e de mais a mais não podêmos n'este estado conhecer com clareza o caminho direito, e a estrada segura da virtude e perfeição.

O inimigo commum, que aborrece excessiva-

mente esta paz como lugar onde habita o espirito de Deus para obrar n'elle grandes coisas, muitas vezes disfarçado, trocando os signaes, procura, debaixo de bandeiras amigas, privar-nos d'ella por meio de varios desejos que extrinsecamente teem apparencia de bem. Mas que estes desejos nos venham por engano e malicia do nosso vigilante adversario, póde bem conhecer-se, entre outros muitos signaes, pelo muito que esses desejos nos inquietam e roubam a paz do coração,

E assim, filha, para te livrares de tão grande damno, quando a sentinella do cuidado te dá aviso que descobre algum desejo novo, não lhe abras a entrada do coração sem que primeiro (livre de qualquer vontade e inclinação propria) o offereças a Deus, a quem, confessando tua cegueira e ignorancia, pedirás com muitas véras que, com sua luz, te dê a conhecer se esse novo desejo te vem d'elle ou do commum inimigo. E depois recorre tambem, se pódes, aos pés e conselho do teu padre espiritual.

E ainda, posto que estes desejos fossem de Deus, todavia antes que os ponhas em execução procura mortificar n'elles tua demasiada vivacidade; porque a acção a que precede tal mortificação, será muito mais agradavel ao Senhor que se a fizeras levada da appetencia e propensão da tua natureza; antes talvez que a Deus agradará mais esta mortificação que a obra mesma.

Lançando pois fóra de ti os desejos que não são bons, e não effectuando os bons sem que primeiro hajas reprimido teus movimentos naturaes,

conseguirás o ter quieto e livre de todo o perigo o baluarte de teu coração.

Mas para que de todo o possas conservar pacífico, é necessario tambem que tu o defendas e guardes de certas interiores reprehensões, remorsos e estímulos que se armam contra ti; os quaes (ainda que pareça que proveem de Deus, porque te accusam d'alguma falta) muitas vezes succedê que nascem do demonio, e por seus effeitos conhecerás d'onde procedem.

Se te humilham e fazem sollicita a obrar bem, e não te tiram a confiança em Deus, os has de receber como vindos da mão de Sua Divina Magestade, dando-lhe por isso infinitas graças. Mas confiada, tibia e fria nas boas obras, tem por certo que são laços do inimigo: e assim, não fazendo caso d'elles, nem lhes dando ouvidos, continua no teu exercicio sem demora alguma.

E porque, além do que fica dito, a inquietação de nossa alma mais commummente nasce dos successos contrarios, para te armares contra estes has de fazer duas coisas.

A primeira é considerares e vêres a quem se oppõem aquelles successos; se ao espirito ou ao teu amor proprio, á tua propensão e propria vontade. Se são contrarios ao teu appetite e ao amor de ti mesma, que é o teu principal e maior inimigo, não os debes ter por contrarios, mas tê-los e estimal-os por favores e auxilios que o Soberano Senhor te manda; e assim os debes receber com alegre coração, dando-lhe por elles muitas graças. Mas se são contrarios ao espirito, nem por isso

deves perder a paz do coração, como se te mostrará no seguinte capítulo.

A segunda é que ponhas os olhos em Deus, tomando a olhos fechados tudo o que se te offercer, sem examinar ou querer saber mais senão que vem da mão piedosa de Sua Divina Providencia, e que é uma coisa cheia de muitos bens, ainda que por então os não alcanças nem chegas a conhecêl-os.

CAPITULO XXVI

**Do que havemos de fazer quando somos
feridos pelo inimigo**

Quando te achares ferida por haver cahido em algum erro ou defeito, por fraqueza tua ou ainda talvez por tua vontade e malicia, nem por isso te desanimes ou inquietes, mas recorrendo logo a Deus, dize-lhe d'esta sorte:

Eis aqui, meu Senhor, que eu tenho obrado como quem sou, nem de mim se podia esperar outra coisa senão fraquezas e peccados.

E detendo-te n'esta consideração por algum espaço, insiste n'ella de modo que chegues a reconhecer tua propria vileza. Então doe-te com grande dôr de teu coração da offensa ao Senhor e, sem turbação alguma; indigna-te contra tuas paixões viciosas, e principalmente contra aquella que foi causa de te fazer cahir; logo proseguirás dizendo:

Nem eu, meu Senhor, houvera parado aqui, se

por vossa infinita bondade não houvesseis tido mão em mim. Então dá muitas graças a Deus, e procura amal-o mais fervorosamente, admirando tanta clemencia; pois sendo offendido por ti, ainda assim te dá a sua poderosa mão para que não tornes a cahir de novo.

Ultimamente dirás com grande confiança na sua infinita misericordia: *Obrae, Senhor, commigo como quem sois, perdoae-me, meu Deus, nem permittaes jámais que eu viva separada e alheia de vós, nem que mais offenda a Vossa Divina Magestade.*

Feito isto, não te ponhas a cuidar se Deus te terá perdoado ou não; porque isso não é outra coisa mais que soberba, inquietação do espirito, tempo mal gasto e engano do demonio, sob capa de varios bons pretextos: e assim, pondo-te livremente nas piedosas mãos de teu Créador, continua teu exercicio como se não houvesse cahido.

E se cahisses muitas vezes no dia e ficasses maltratada e ferida, faze o mesmo que te tenho dito, e com a mesma confiança na segunda e terceira, e ainda na ultima vez, como na primeira; e desprezando-te sempre mais e mais, e aborrecendo cada vez mais a tua culpa, esforça-te por viver com dobrada cautela.

Este exercicio dá grande pena ao demonio, tanto por saber que agrada muito aos olhos de Deus, como porque com elle vem a ficar confundido, vendo-se vencido d'aquelle que d'antes vencia. Por isso, com varias artes e ardis, procura que deixemos este exercicio, e muitas vezes o con-

segue pelo descuido e pouca vigilancia que temos comnosco.

Pelo que, se n'este exercicio sentires repugnancia, tanto mais te has de esforçar n'elle, fazendo-te violencia e repetindo-o uma e muitas vezes; ainda que uma só tenha sido a tua culpa e a tua quéda.

Mas se por não teres uso d'este exercicio succeder que depois da quéda te aches inquieta, confusa e desconfiada, te aviso que a primeira coisa que deves fazer, é recobrar a paz e tranquillidade de coração, e juntamente a confiança em Deus, e guarnecida assim d'estas armas, recorrerás depois ao Senhor; porque, de ordinario, a inquietação que se segue á culpa não tem por objecto offensa divina, mas sómente o damno proprio.

O modo pois de recobrar esta paz, é esquecer-te por então absolutamente de que cahiste, e pôres-te a considerar na ineffavel bondade de Deus e no como este misericordiosissimo Senhor está sobremaneira disposto e com summo desejo de perdoar qualquer peccado, ainda que seja grandissimo; e para isso está chamando continuamente ao peccador por diversos modos e por muitas vias, para que se chegue a elle e se una com Sua Divina Magestade, para santifical-o com sua graça n'esta vida e fazêl-o na outra eternamente bem-aventurado com a sua gloria.

Depois de haveres com estas ou semelhantes considerações pacificado teu espirito, tornarás então ao reparo da tua falta, e ácerca d'ella farás o que no principio d'este capitulo te ensinei.

Depois, no tempo da confissão sacramental (a qual te encommendo que frequentes muito a miude), fazes um resumo de todos os teus peccados, e com grande dôr e disciplina da offensa de Deus, e com firme proposito de o não tornar a offender, descobre tuas enfermidades a teu medico espiritual, com toda a clareza e simplicidade de coração.

CAPITULO XXVII

Da ordem que guarda o demonio em combater e enganar, assim aos que desejam seguir a virtude, como aos que já são escravos da culpa

Sabe, filha, que o demonio não cuida n'outra coisa mais que em o nosso precipicio, e que não peleja com todos d'uma mesma maneira. E para começar a descrever-te alguns de seus combates, ardis e enganos, te quero propôr varios e diferentes estados em que succede acharem-se muitas almas.

Alguns se acham no captiveiro do peccado sem pensamento algum de se livrarem d'elle.

Outros quizeram livrar-se, mas não começam a empresa.

Outros se persuadem que seguem o caminho da virtude, e sempre cada vez mais se apartam d'elle.

Ha outrós, finalmente, que, depois de haverem

adquirido tão poucas virtudes, se precipitam com maior ruína em maiores misérias.

De todós estes discorreremos abaixo distinctamente.

CAPITULO XXVIII

**Dos combates e enganos de que usa o demonio com
aquelle que já tem no captiveiro do peccado**

Quizera, filha, soubesses bem que a nenhuma outra coisa tanto attende nosso commum inimigo, quando tem alguma alma presa no captiveiro do peccado, como a cegal-a mais e mais, quanto possivel é, e apartal-a de qualquer pensamento que a possa induzir ao conhecimento de seu infelicissimo e miseravel estado.

Não tão sómente a retira dos pensamentos e internas inspirações que a chamam á conversão, mas por meio de outros pensamentos bem differentes e oppostos, e com preparadas e promptas occasiões, a faz cahir e repetir aquelle mesmo peccado já d'antes commettido, ou (o que é muito peor) ainda em outros muito mais graves e mais enormes; com os quaes crescendo e augmentando-se mais sua propria cegueira, vem a precipitar-se de modo que chega a fazer habito e costume da culpa; e d'este modo, passando d'uma a outra culpa maior, e d'uma miseria a outra mais deploravel, se Deus lhe não acode com o

poder de sua divina graça, a miseravel alma se vae despenhando e rodando em sua infeliz e depravada vida até á morte, e morte eterna.

O remedio de semelhante mal, pelo que a nós nos toca, é que quem se acha em tão miseravel e lastimoso estado, seja prompto em corresponder aos bons pensamentos e inspirações, que o chamam do horror das trevas á formosura da luz; clamando de todo o coração a seu Creador e dizendo: *Ah meu Senhor, ajuda-me, ajuda-me, não me deixeis por mais tempo entre estas horrosas trevas do peccado.*

Por este ou semelhante modo ha de dar vozes a Deus, redobrando-as muitas e repetidas vezes e podendo ser, logo, logo, sem detença, vá a buscar o confessor, pedindo-lhe conselho e soccorro para livrar-se do inimigo e sahir de seu captivo; e se o não póde fazer logo, recorra com a mesma pressa a seu Senhor crucificado, lançando-se com a bocca por terra a seus santissimos pés e beijando-a com a maior humildade; e outras vezes recorra á Virgem Santissima, pedindo-lhe misericordia e favor. Entende por certo, filha, que n'esta diligencia de acudir logo a Deus, e ao confessor, consiste toda a nossa victoria, como se verá no seguinte capitulo.

CAPITULO XXIX

Da arte e dos enganos com que o demonio tem enleado aquelles que conhecendo seu mal quereriam livrar-se d'elle, e da causa por que os nossos bons propositos sahem muitas vezes sem effeito

Aos que conhecem o máo estado em que estão e desejam melhora-lo, mudando a vida, costumam vencer o demonio com certas armas e enganos, que são os que se seguem :

Depois, depois. Isto ou aquillo farei para bem da minha salvação, diz um d'estes.

Cras, cras, como diz o corvo, *ámanhã, ámanhã começarei a minha emenda,* diz aquelle.

Quero primeiro concluir e acabar aquelle negocio, sahír d'aquelle cuidado, e logo tratarei de recolher-me e dar-me com maior quietação ao espirito, diz este outro.

Este é o laço em que se teem enredado muitos, e se enredam cada dia. D'este é a causa mais poderosa a nossa negligencia e a nossa ignorancia, pois que em negocio em que nos não vae menos que a salvação da nossa alma e a honra de Deus, não lançamos logo logo mão, a toda a pressa, d'aquellas armas tão poderosas. *Agora devo fazer o que mais me convém. E porque depois?*

Hoje, hoje, devo começar a tratar o negocio da minha salvação; porque cras, porque ámanhã?

Então dir-se-ha a si mesmo: *Mas dado que se me concedesse aquelle Depois, e aquelle Cras, ser-me-ha caminho de salvação e de victoria este de querer ser primeiro ferido por meus inimigos, e de ir sempre cahindo cada vez mais em maiores misérias?*

Já vês pois, filha, que (para fugir d'este engano e d'aquelle que te descobri no capitulo passado para poderes vencer o inimigo) o remedio é a prompta fidelidade e obediencia aos bons pensamentos e ás inspirações divinas. A promptidão e a pressa, digo, e não as promessas e propositos; porque estes muitas vezes faltam, e muitos ficaram n'elles enganados por diversos motivos, particularmente por tres.

O primeiro (de que já fallamos) é que nossos propositos de obrar o bem e evitar o mal não teem por fundamento a desconfiança de nós mesmos e a confiança em Deus, e a nossa grande soberba nos impede de poder vêr e conhecer d'onde procede este engano e esta cegueira.

A luz com que se conhece esta cegueira, e o soccorro que lhe dá remedio, provém da Bondade e Misericordia de Deus, que permite que caiamos, para chamar-nos da errada confiança que faziamos de nós mesmos, á unica e verdadeira confiança que devemos ter n'elle, e da nossa soberba, ao conhecimento do que somos.

Portanto, querendo tu que tuas resoluções sejam efficazes, é necessario que também sejam firmes e constantes em si mesmas; e então serão taes quando não tiverem coisa alguma de con-

fiança em nós, e forem todas com humildade fundadas na confiança em Deus.

O segundo motivo é que, quando nos move-mos a deliberar-nos e propormos alguma coisa, pomos os olhos mais na formosura e valor da vir-tude (a qual attrahe a si a nossa vontade, ainda que fraca e debil, para o bem) do que nas diffi-culdades que se encontram para conseguil-a; d'onde não é maravilha que, quando se lhe des-cobre aquella diffiuldade e o trabalho que neces-sario é para alcançar a virtude, sendo ainda os nossos propositos pouco bem fundados, a nossa vontade fraca falte e se retire.

Por isso debes acostumar-te a amar mais as diffiuldades que traz consigo o haver de alcan-çar as virtudes, do que ainda as virtudes mesmas; é assim, para acostumares tua vontade, propõe-lhe ás vezes algumas d'estas diffiuldades, outras vezes algumas mais, se queres devéras chegar a possuir as virtudes. E sabe que, quanto mais ge-nerosamente abraçares as diffiuldades, e as ama-res como a filhas queridas, tanto mais depressa e com mais gloria te vencerás a ti e a teus inimigos.

O terceiro motivo é, porque nossos propositos não olham para a virtude e para a vontade divina, mas para a propria conveniencia; o que costuma succeder nos propositos que, de ordinario, se fazem no tempo das doçuras espirituaes ou quando apertam as tribulações. Porque n'estas não acha-mos outro refrigerio mais que o fazer propositos e resoluções de nos querermos entregar de todo a Deus e ao exercicio das virtudes.

Para não dares, filha, n'este inconveniente, trata de estar muito acautelada no tempo das delicias espirituaes, sendo humilde nos propositos, particularmente nos votos e promessas; e quando te achares atribulada, teus propositos sejam de querer soffrer com muita paciencia a tua cruz, como Deus quizer que a soffras, e de abraçal-a, recusando qualquer allivio da terra, e talvez ainda os do Céu.

Assim, que uma só seja a tua petição e o teu desejo, e é que Deus te communique a graça de suas assistencias, para que possas levar qualquer adversidade sem quebra da virtude da paciencia, e sem desagrado de seus divinos olhos.

CAPITULO XXX

**Do engano d'aquelles que cuidam que estão
no caminho da virtude**

Vencido já o inimigo no primeiro e segundo assalto e engano acima referidos, recorre esta maligna e astuta serpente ao terceiro, que consiste em fazer que, esquecidos dos inimigos que actualmente nos combatem e nos offendem, nos occupemos em desejos e propositos de conseguir grãos supremos de perfeição.

D'onde nasce o ficarmos continuamente cahidos e vencidos, sem cuidarmos em curar as feridas, e julgando que são execuções os propositos,

vãmente nos ensoberbecemos; pois quando não queremos soffrer a mais leve acção ou palavra picante, gastamos o tempo em forjar propositos de soffrer os maiores tormentos, e ainda os do Purgatorio, por amor de Deus.

É porque n'isto a parte inferior e sensitiva não sente nem dôr, nem repugnancia, como coisa que ainda está por vir, somos tão miseraveis que nos persuadimos estar já no numero d'aquelles que com paciencia estão actualmente padecendo grandes trabalhos.

Para fugires pois d'esse engano, debes propôr sim, mas juntamente no mesmo tempo debes combater contra aquelles inimigos que de perto e realmente te estão fazendo guerra; porque d'esta maneira virás a conhecer com evidencia se os teus propositos são verdadeiros ou fingidos, fortes ou fracos; e caminharás sem duvida á virtude e perfeição pela estrada real, verdadeira e mais segura.

Contra os inimigos, porém, que não costumam molestar-te, não te aconselho que te empenhes de antemão, se não fôr quando receias provavelmente que dentro de breve tempo te hão de assaltar: porque em tal caso, para que te aches prevenida e forte para o combate em tempo opportuno, conveniente será que antecipes primeiro alguns propositos, os mais firmes que podéres fazer.

Não julgues porém nunca as tuas resoluções e propositos como se fossem já execuções e effeitos d'elles, ainda que por algum tempo te hajas exer-

citado nas virtudes, segundo suas regras e principios; antes bem procura ser n'isto humilde, receando-te de ti mesma e de tua fraqueza, e com confiança em Deus recorre a elle com frequentes orações, em que lhe peças te dê forças e te livre dos perigos, e particularmente da menor presumpção e confiança de ti mesma.

Porque n'este caso, ainda que não podêmos vencer alguns defeitos leves (que algumas vezes os deixa Deus em nós para que conheçamos com humildade o pouco para que prestamos, e ainda para guarda d'algun grande bem), comtudo devemos determinar e devemos propôr de fazer quanto em nós caiba por conseguirmos o mais alto gráo da perfeição.

CAPITULO XXXI

Do engano e guerra que nos faz o demonio para que deixemos o caminho que nos guia á virtude

O quarto engano com que nos assalta o nosso commum inimigo, quando reconhece que nos encaminhamos directamente á virtude, é o de excitar em nós varios e bons desejos, para que do alto do exercicio das virtudes caíamos no mais profundo e lastimoso estado dos vicios.

Por exemplo: uma pessoa, achando-se enferma, vae padecendo e passando seus males com paciencia; o inimigo sagaz, que reconhece que d'essa maneira poderá elle adquirir o habito d'esta

virtude, lhe representa outras muitas obras boas que poderá fazer em outro estado, e se esforça a persuadir-lhe que, se tivesse saúde, servira melhor a Deus e se aproveitaria mais a si e aos outros. E depois de lhe haver mettido estes desejos no coração, lh'os vae pouco e pouco augmentando, de sorte que a inquietam, porque os não pôde pôr em execução como quizera.

E ao passo que estes desejos se esforçam e são mais vehementes, tanto mais cresce o desassocego e inquietação do pobre enfermo; e desde aqui o vae o inimigo, pouco a pouco, e com muita destreza, induzindo a que leve com impaciencia a enfermidade, não como tal, mas como impedimento das boas obras a que com ancia aspirava, para maior bem e progresso de sua vida espiritual.

Nem isto basta; porque depois de o ter n'este estado, com a mesma destreza, lhe tira da memoria o fim do serviço de Deus e o das boas obras que dispunha, e lhe deixa só um simples desejo de se vêr livre da enfermidade.

Mas se depois (segundo os grãos d'este desejo) a saúde se não recupera, eis ahi já o enfermo se inquieta e perturba de modo na sua enfermidade, que vem a ficar impaciente de todo; e assim da virtude que praticava e em que se desejava adeantar, vem a cahir sem o perceber no vicio contrario a essa virtude.

O modo de te guardares e de te oppôres a este engano, é que todas as vezes que te achares em algum cuidado, estado ou negocio que te cause trabalho ou afflicção, attendas com muita adver-

tencia a não dares logar em teu animo á ancia e desejo de algum bem que por então se não possa effectuar: porque, d'outra maneira, verosimil é que te inquietes e te perturbes, antes debes persuadir-te e crêr constantemente com toda a humildade, paciencia e resignação que estes teus desejos nunca podiam chegar a ter aquelle effeito que tu consideravas; pois és para pouco, e ainda para muito menos do que tu imaginas. Ou senão, entende em teu coração que Deus, por seus occultos juizos ou por teus peccados, não quer de ti aquelle bem ou aquelle serviço: antes sim quer que tu te humilhes com paciencia e te sujeites com resignação á suave, doce e poderosa mão de sua divina vontade.

Da mesma maneira, prohibindo-te teu padre espiritual, ou não tendo forças, ou não te sendo possível por qualquer causa o frequentar á vontade tuas devoções, e particularmente a sagrada Communhão, não permittas que os desejos d'ellas te inquietem e te entristeçam, mas dando de mão a qualquer vontade e desejo teu, reveste-te do gosto de teu Senhor, dizendo entre ti mesma: *Se os olhos da Divina Providencia não vissem em mim ingratidões e defeitos, não tivera eu agora este embaraço, que me priva (por exemplo) de receber o Santissimo Sacramento ou de poder fazer este bem que desejo. Mas já que meu Creador me dá d'esta maneira a entender o pouco ou nada que mereço, seja elle para sempre louvado e bendito. Porém fio, meu Deus, e creio firmemente da vossa infinita bondade que n'isto não quereis outra coisa*

senão que, fazendo-vos a vontade e obedecendo-vos em tudo, vos abra o coração (disposto a executar o vosso divino beneplacito), para que entrando vós n'elle espiritualmente o consoleis e fortaleçaes contra os inimigos que procuram apartar-o de vós. E assim faça-se tudo o que é agradável á vossa divina presença. Meu Creador e Redemptor, vossa santissima vontade seja agora e sempre meu sustento e manjar. Esta só graça vos peço, meu Divino Amor, que minha alma, purificada e livre de qualquer coisa que desagrade a vossos olhos, esteja sempre ornada de virtudes e preparada para o dia da conta, e para tudo o que fôrdes servido dispôr de mim, indigna creatura vossa.

Se observares, filha, estas advertencias, podes estar segura que sempre terás occasião de santificar e agradar a Deus em qualquer teu bom desejo, ainda que pelas tuas forças não possas pô-lo em execução. Porquanto, ou esse bom desejo provenha da natureza ou do demonio para te inquietar e apartar do caminho da virtude, ou ainda do mesmo Deus para fazer prova de tua resignação em sua divina vontade, sempre te fica logar de satisfazer a teu Senhor, assim e da maneira que a Sua Divina Magestade mais lhe agrada. E n'isto consiste a verdadeira devoção e o serviço mais agradável que pretende de nós e nós lhe podemos fazer.

Para que nos trabalhos e afflicções (de qualquer parte que te venham) te não deixes levar da impaciencia, te darei, filha, ainda outro documento além do que fica dito; e é que, ainda

quando usares dos meios licitos (de que costumaram usar os grandes servos de Deus) para vêres-te livre de qualquer molestia, não faças isso com desejo e demasiada ancia de fugires d'ella e da afflicção que te causa; mas sim faze-o sómente porque Deus quer que te valhas d'esses meios para que pelo effeito reconheças qual é a sua divina vontade; pois ignoramos se é ou não servido que então padeçamos ou que por este meio fiquemos livres de padecermos.

Mas se o fizeres d'outra maneira adverte, filha, que te succederá muito mal: porque facilmente cahirás em impaciencia se o teu empenho não tiver o effeito que com tanta ancia desejavas; ou pelo menos tua paciencia será defeituosa e não de todo agradável a Deus, e por consequencia de pouco merecimento para com elle.

Finalmente, te manifesto aqui um muito occulto engano do amor proprio, que costuma em certas circumstancias cobrir e defender nossos defeitos; e é que, quando (por exemplo) um doente padece a sua enfermidade com pouca paciencia, dissimula esta imperfeição e a cobre com a capa de algum bem apparente, dizendo que a sua dôr e inquietação não vem propriamente de impaciencia pelas afflicções e males que padece, mas d'um justo e racional sentimento de os haver occasionado; ou por vêr que é molesto aos que lhe assistem, e por outros damnos que se originam de sua indisposição.

Do mesmo modo o ambicioso que se entristece e se perturba porque não alcançou a digni-

dade que pretendia, não attribue a sua pena e inquietação á propria vaidade e soberba, senão a outros respeitos, sendo que a esses em outras occasiões não attendia, nem d'elles fazia caso. Assim tambem o enfermo, que mostrando compadecer-se muito do trabalho que com elle teem os enfermeiros, não se lhe dá nada, quando os que padecem por sua causa, passam o mesmo na assistencia de outros.

O que tudo são signaes bem evidentes que a raiz da queixa d'estes taes não procede de se magoarem dos que se mostram compadecidos, ou dê outro respeito, mas unicamente porque se não acham bem com o que lhes succede contra sua propria vontade.

Portanto, filha, para que não caias n'este e em outros erros, soffre sempre com paciencia qualquer trabalho e penalidade, venha d'onde vier, como fica dito.

CAPITULO XXXII

Do ultimo assalto e engano acima proposto, com que o demonio procura que as virtudes já adquiridas nos sejam occasião de ruina

Até nas virtudes que havemos adquirido, não deixa de nos tentar com seus enganos a sagaz e maligna serpente, para que nos sejam occasião de ruina. Por isso não deixa passar occasião de atrahir-nos á complacencia d'ellas, para que satis-

fazendo-nos de nós mesmos demasiadamente nos elevemos a esses ares desvanecidos, para cahirmos depois no vicio da soberba e vangloria despenhados.

Para fugires pois d'este perigo trabalha, filha, e defende-te sempre, deixando-te estar na planície raza e aberta d'um verdadeiro e profundo conhecimento de ti mesma; reconhecendo que és um nada, que nada sabes, que nada podes e que não ha em ti senão misérias e defeitos, nem outra coisa mereces mais que uma condemnação eterna.

Tanto que te firmares e estabeleceres dentro dos termos d'esta verdade, não saias d'ella por qualquer coisa que te passe pelo pensamento, ou cousa que vejas succeder; antes crê bem, e firmemente, que todas ellas são outros tantos inimigos a cujas mãos (se cahires n'elles) ou de todo ficarás morta, ou ao menos mortalmente ferida.

Mas para te excitaes bem a caminhar no espaçoso campo do verdadeiro conhecimento de ti mesma e do teu nada, usa d'esta regra: todas as vezes que chegares á consideração de ti mesma e de tuas obras, considera sempre em ti sómente o que é teu e não o que é de Deus e de sua divina graça; e então por tal te estima qual te achas ser, quando te vês só com o que é teu. Se consideras o tempo d'antes que fosses gerada, acharás que em todo aquelle abysmo de eternidades eras um puro nada e que nada fizeste, nem podias fazer, para chegares a ter ser. Se consideras o tempo presente, acharás que n'elle logras o ser que tens, só pela bondade de Deus; ao qual se tu lhe dei-

xas o que é seu (a saber, o conservar-te e governar-te por momentos e a cada instante), que é o que te fica e que é o que é teu, mais que um miseravel nada? Porque não ha duvida que se a divina Omnipotencia por um só momento te desamparasse, n'um instante voltarias ao teu primeiro nada, d'onde te tirou a sua mesma mão omnipotente.

Logo claramente está conhecido que n'este ser natural, ficando-te tu com o que é teu, não tens por onde cuides que vales alguma coisa, ou ao menos por onde os outros devam fazer caso de ti. Pelo que toca pois ao ser da graça e ao obrar bem, que obras virtuosas e meritorias poderá nunca fazer a tua natureza, se estiver destituida dos divinos auxilios?

E se pela outra parte considerares o grande numero dos teus peccados e os muitos erros que tens commettido, e a infinidade de males que houveras feito se Deus por sua piedade não te houvesse tido de sua divina mão, acharás que tuas maldades, não só pela multidão dos dias e annos, mas tambem pelos actos e habitos viciosos (pois que um vicio chama e attrahe a si outro) houveram chegado a tão grande numero, que quasi em breve te podéssem chamar outro infernal Lucifer.

Para não tirares pois á divina bondade a gloria que lhe é devida, e para poderes estar sempre na companhia de teu Senhor, necessario é que cada dia faças peor conceito e estimação de ti, e que te attribuas a ti sómente o que é teu. E adverte bem que este juizo que fazes de ti mesma seja

sempre acompanhado da justiça, porque d'outra maneira te seria de grave damno.

Porque se pelo conhecimento de tua maldade te parece que te vantagens aos que por sua cegueira cuidam que são alguma coisa, adverte que perdes muito e te fazes peor que elles emquanto ás obras da vontade, se desejas ser estimada dos homens e reputada por aquella que sabes muito bem que não és.

Se desejas logo que seja verdadeiro em ti o conhecimento de tua maldade e vileza, e que este aparte de ti teus inimigos, e te faças muito do gosto de Sua Divina Magestade, é necessario que não só te desprezes a ti mesma, como indigna de qualquer bem e como merecedora de todos os males, mas juntamente que folgues de ser desprezada dos outros, aborrecendo as honras, amando os vituperios e desprezos, e sujeitando-te nas occasiões a fazer com boa vontade qualquer coisa baixa e desprezada dos outros; do juizo dos quaes (por não deixares este santo exercicio) deves fazer nenhum caso; se é que o que fazes é só afim de exercitar-te e abater-te e não por uma certa presumpção de espirito e palliada soberba, com a qual ás vezes com capa de outros bons pretextos se faz pouco ou nenhum caso da opinião alheia.

E assim se alguma vez vires que por alguma mercê que Deus te haja feito, ou prerogativa que te haja dado, os outros te amam e estimam como boa, adverte a estar fixa e permanente em ti mesma, sem te desvaneceres ou apartares um só ponto da sobredita verdade e conhecimento, mas vol-

tando-te logo para teu Deus, lhe dirás muito do coração: *Não permittaes nunca, Senhor, que eu seja tal que vos queira furtar a honra que vos é devida, e apropriar-me das graças que são vossas e sahiram de vós. Tibi laus, honor et gloria, mihi confusio. Para vós, meu Deus, seja o louvor, para vós a honra, para vós a gloria, para mim a confusão.* Depois voltando-te interiormente para quem te louva, dirás: *D'onde vem que este me julga por boa, se verdadeiramente só meu Deus é bom e só suas obras são boas?* Fazendo assim, e dando ao Senhor o que é seu, terás longe de ti os inimigos, e te disporás a receber maiores graças e favores do Céu.

E quando a memoria das boas obras que fizestes te põem em perigo de vaidade e presumpção, olhando logo para ellas, não já como coisa tua, mas como obras de Deus, como se com ellas fallasses, poderás dizer no teu interior *Eu não sei, ó obras, quem vos fez, nem como vos representastes na minha idéa. Em verdade que o não sei; porque não sou nem vossa causa, nem vossa origem, nem o posso ser. Que causa pois vos produziu, vos nutriu e conservou? Ah! que nenhuma certamente foi ou podia ser senão a bondade e misericordia de Deus; pois se assim é, a elle só quero reconhecer por nosso verdadeiro principio e principal auctor, e a elle só quero dar, e é justo se dê, todos os louvores.*

Mas ainda no caso que entendas como tuas essas boas obras, considera e reconhece que não só foram pouco correspondentes á luz e graça de que

Deus te fez mercê para conhecê-las e executá-las ; mas por outra parte que também sahiram muito imperfeitas e alheias d'aquella pura intenção e fim de agradar a Deus, e d'aquelle devido fervor e diligencia com que eras obrigada a fazê-las e a trabalhar n'ellas.

D'onde (se bem reparas) acharás que ellas mesmas antes te darão motivo de te envergonhares que de vâmente te comprazerem, porque é mais que certo que os dons e graças que recebemos puros e perfeitos da mão de Sua Divina Magestade, os deslustramos e manchamos na tibia, fria e imperfeita execução de nossas obras.

Antes, se queres outro meio para reconheceres que as tuas obras, como tuas, não são dignas da minima estimação, coteja-as com quaesquer outras obras dos Santos e dos Servos de Deus, e verás claramente que em sua comparação as melhores e maiores tuas são como moeda falsa de muita liga, e de baixo e pequeno valor.

E se as comparas com as que fez por ti o amosíssimo Deus e Senhor Nosso Jesus Christo nos mysterios de sua sagrada vida, e nos continuos trabalhos que padeceu em todo o decurso d'ella (ainda considerado sómente em si sem a Divindade de sua Pessoa), pelo affecto e pureza de amor com que elle as fez, conhecerás com a maior evidencia que todas as tuas obras são verdadeiramente um nada.

Finalmente, se levantares o pensamento á Divindade e á immensa Magestade de teu Altissimo e Poderosissimo Senhor, e ao muito que merece

ser servido, claramente verás que de qualquer obra tua não te póde ficar a menor vaidade, antes uma desconfiança grande e um justo temor. D'onde por todas as vias, em qualquer acção tua, por muito santa e justa que seja, has de dizer a teu Senhor, de todo coração: *Deus, propitius esto mihi peccatori*. Tende, Senhor, misericórdia de mim, que sou uma grandissima peccadora.

Adverte, além d'isto, que não sejas facil em descobrir os dons que Deus te houver communicado; porque isto quasi sempre desagrada a teu Senhor, como bem o declarou elle mesmo no caso e doutrina que se segue. Appareceu em certa occasião Jesus Christo, em figura d'um menino formosissimo, quasi pura creatura, a uma pia e devota alma, a qual com simplicidade e candido affecto lhe pediu que rezasse a *Avè-Maria*. Começou o Menino promptamente a dizer: *Avè-Maria cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres*. Não passou d'aqui o Menino Jesus, porque se não quiz louvar a si mesmo com as palavras que se seguem n'esta oração. Mas emquanto ella lhe rogava e pedia que proseguisse, o amorosissimo e santissimo Menino desapareceu, deixando sua serva cheia d'uma celestial e interior consolação, e ensinada n'esta doutrina com seu exemplo.

Aprende pois tambem tu, filha, a humilhar-te, reconhecendo-te a ti e a tuas obras por um puro nada, como na realidade tu e ellas o são; porque esse acto de humilhação é o unico e singular fundamento de todas as mais virtudes: porque por

isso Deus nos creou de nada antes que fôssemos, e por isso quer que sejamos nada depois da criação, porque deseja e quer que sobre este conhecimento do nosso nada se funde toda a machina do edificio espiritual. D'onde, quanto mais n'elle nos profundarmos, e mais nos anniquilarmos, tanto mais se levantará o edificio das virtudes, e ao passo que fôrmos tirando a terra de nossas misérias, o Divino Architecto irá lançando no alicerce as pedras firmes para levar adiante a obra. Mas não te persuadas, filha, por mais que te abatas, que o fazes tanto quanto basta, antes debes crêr e ter sempre de ti esta opinião: que se na creatura poderá dar-se o infinito, infinito também seria o teu proprio nada, vileza e miseria.

Com este só conhecimento do nosso nada, posto bem em pratica, possuímos todo o bem, e sem elle (ainda que fizéssemos o que fizeram todos os Santos, e estivessemos sempre elevados na contemplação de Deus) verdadeiramente nada, nada somos.

Oh grande e ditoso conhecimento que nos faz felizes na terra, e coroados de gloria nos introduz no Céu! Oh luz, que sahindo das trévas torna as almas puras e resplandecentes! Oh joia não conhecida, que dentro de nossas proprias misérias assim preciosamente brilhas! Oh nada! oh nada! cujo verdadeiro conhecimento nos constitue senhores de todo o Universo!

Em verdade, filha, que nunca me daria por satisfeito se ainda muito mais te dissesse sobre esta materia. Concluo porém, e de todo o coração te

digo: se queres louvar a Deus, accusa-te a ti mesma perante Sua Divina Magestade, e deseja que os outros te accusem. Se queres exaltal-o em ti, para ser exaltada n'elle, humilha-te e submet-te-te a todos. Se desejas achar ao Senhor, não te exaltes a ti, aliás fugirá de ti; humilha-te, humilha-te onde quer que estás, que o Senhor te virá buscar, descera a ti e te receberá em seus braços; e tanto maior será o acolhimento que te fará e o amor com que te unirá comsigo, quanto mais de coração te houveres humilhado e abatido, quanto mais profundo fôr o conhecimento do teu nada, e quanto mais gostares de ser desprezada e repudiada de todos, como uma coisa abominavel; e adverte que te debes sempre reputar por indigna d'uma tão grande mercê como esta que te fez teu Deus, desprezado por teu respeito, para unir-te comsigo. E assim não faltes em dar-lhe continuamente as graças por ella, e em confessar-te obrigada aos que te hão dado occasião de padecer affrontas e injurias, e muito mais aos mesmos que te offenderam e injuriaram; particularmente se imaginam que tu não as soffres com paciencia e de boa vontade: o que, quando ainda fôr pelos auxilios da divina graça, de nenhuma maneira o debes dar a entender.

E se não obstante todas estas considerações (que se fundam em infallivel verdade), a malicia do demonio e a nossa ignorancia e má inclinação ainda prevalecessem tanto em nós, que os desvanecimentos da nossa imaginação não cessassem de combater-nos, antes de continuo fizessem maior

impressão em nossos corações ; então, filha, adverte que esse é o tempo mais opportuno de interiormente mais nos humilharmos, conhecendo o que somos : pois nos chega a experiencia a ensinar e mostrar o pouco que temos aproveitado no caminho da virtude e do verdadeiro conhecimento de nós mesmos, pois que nos não podemos livrar d'estas invasões e molestias que trazem as raizes da nossa vaidade ou soberba. Se assim obrarmos, do mesmo veneno faremos triaga, tiraremos mel do amargo e das feridas saude.

CAPITULO XXXIII

De alguns avisos para vencer as paixões viciosas e adquirir novas virtudes

Por muito que tenha dito sobre a fórmula que has de ter para te venceres a ti mesma e te ornar de virtudes, ainda me fica mais que te dizer e para te advertir.

Primeiramente, querendo adquirir as virtudes, nunca te deixes levar d'aquelles exercicios espirituaes que teem assignalados certos dias, repartidos pelos dias da semana, um dia para uma virtude, e outro para outra, etc., mas a ordem e exercicio de pelear seja o fazer guerra áquellas paixões mais molestas que sempre te fizeram damno, e que ainda a miude te assaltam e inquie-

tam ; e o procurar (quanto mais perfeitamente te fôr possível) adornar-te das virtudes contrarias a essas mesmas paixões.

Porque tanto que adquirires estas virtudes, facilmente por poucos actos e a poucos lances adquirirás todas as outras em suas occasiões, que nunca faltam, em razão de que as virtudes são sempre encadeadas umas com as outras ; e quem possui uma d'ellas perfeitamente, todas as mais acha promptas á porta do coração.

Em segundo lugar, não te limites nunca a tempo para conseguires as virtudes, como se disseramos, a tantos dias, a tantas horas, a tantas semanas, a tantos annos, mas dispõe-te sempre e em todo o tempo a esta empresa, como se só então nasceras para a batalha, e então, como soldado novo, valorosamente peleja a toda a força, e caminha a toda a pressa : porque d'este modo muito em breve chegarás ao cume da perfeição d'essas virtudes.

E adverte, filha, que n'este campo de batalha nem por um só instante ou momento pares ou aquietes ; porque o parar no caminho das virtudes e perfeição não é tomar alento, força ou descanso, mas é tornar atraz e vir a ficar mais cansada e mais fraca que d'antes.

Por parar entendo eu o persuadirmo-nos de haver inteiramente adquirido as verdadeiras virtudes, e fazer ás vezes pouco caso, tanto das occasiões que nos chamam a novos actos virtuosos, como dos defeitos e faltas não muito graves que commettemos.

Portanto, filha, trata de ser fervorosa, solicita

e déstra, para que não te escape das mãos a menor occasião de virtude.

Ama pois todas as occasiões que abrem o caminho para ellas, e muito mais as que são mais difficultosas de vencer, porque dos actos que se fazem para vencer as difficuldades maiores, se produzem os habitos com maior brevidade, e estes lançam mais profundas raizes. Antes te digo mais: ama e estima muito os que te offerecem semelhantes occasiões. D'aquelles porém só deves fugir a largos passos e com toda a industria e presteza, que te podem induzir a tentações sensuaes.

Em terceiro logar, procura ser prudente e discreta n'aquellas virtudes cujo exercicio póde ser de prejuizo á saude corporal, como o são affligir o corpo com disciplinas, cilícios, jejuns, vigílias, meditações e outras semelhantes asperezas: porque estas virtudes hão de adquirir-se pouco a pouco, e por seus grãos, como logo diremos.

Nas outras virtudes que são totalmente interiores, como amar a Deus, desprezar o mundo, abater-te na propria estimação, ter grande aborrecimento ás paixões viciosas e ao peccado, ser soffrida e mansa, amar a todos de todo o coração, e ainda aos mesmos que muito nos offenderam e outras semelhantes, não é necessario ir pouco a pouco para adquiril-as, nem caminhar por grãos á perfeição d'ellas; mas, pelo contrario, porás todo o esforço por fazer todos os actos d'ellas com a maior perfeição que te fôr possível.

Em quarto logar, todos os cuidados e desejos de teu coração a nenhuma outra coisa se encaminhem

mais que a vencer aquella paixão contra que principalmente combates, e em adquirir a virtude contraria. Esta victoria e esta conquista sejam para ti mais que o mundo, mais que a terra, mais que o Céu; sejam todo teu amor e todo teu thesouro: não já por teu proprio bem e interesse, mas pelo unico fim de agradar a Deus.

E assim, filha, ou tu comas os jejues, ou tu trabalhes ou descanses, ou tu véles ou durmas, ou estejas em casa ou fóra d'ella, ou te appliques á devoção ou a exercícios manuaes, faze e encaminha sempre tudo a vencer a paixão dominante, e a adquirir a virtude contraria a ella.

Em quinto logar, procura ser perpetua e universal inimiga dos gostos e deleites terrenos, e ainda das proprias commodidades; porque d'esta maneira terão muito pouca força os vicios que te assaltarem; porque todos elles teem o deleite por sua raiz, e cortada esta com o odio de nós mesmos, veem aquelles a ficar sem força e sem vigor.

Mas se quizeres por uma parte fazer guerra a algum vicio ou deleite particular, e da outra applicar-te a outros deleites e gostos mundanos (ainda que não te induzam a culpa mortal), será mais dura e sanguinolenta a guerra, e muito duvidosa e rara a victoria. Por isso trarás sempre á memoria estas sentenças Divinas: Quem se ama a si mesmo, perder-se-ha; e quem se aborrece a si n'este mundo, ama-se para a vida eterna ¹.

¹ Qui amat animam suam, perdet eam; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. Joan. XII.

Irmãos, nós não somos devedores á carne, para que segundo a carne vivamos: porque se viverdes segundo a carne, morrereis; mas se mortificardes com o espirito as obras da carne, vivereis ¹.

Em sexto e ultimo logar, te advirto que seria muito conveniente, e talvez muito necessario, que fizesses primeiro uma confissão geral de todos os teus defeitos, na melhor forma e maneira que te fôr possível, para que podesses viver segura, ou ao menos crêr moralmente que estás em graça de teu Senhor, de quem has de esperar, não só todos os bens, mas todas as victorias em teus combates.

CAPITULO XXXIV

Que as virtudes se hão de adquirir pouco a pouco, exercitando-nos n'ellas pelos seus grãos, e applicando-nos a uma primeiro e depois ás outras

Sendo assim que o verdadeiro soldado de Christo que aspira ao cume da perfeição, não deve pôr nunca termo algum a seu aproveitamento espiritual, todavia convém refrear com prudencia e discrição certos fervores do espirito, que, abraçados no principio com demasiado ardor, faltam

¹ Fratres, debitores sumus non carni, ut secundum carnem vivamus: si enim secundum carnem vixeritis, moriemini: si autem spiritu facta carnis mortificaveritis, vivetis. Rom. VIII.

depois e nos deixam no meio da carreira. Pelo que, além do que fica dito sobre se haverem de moderar os exercicios exteriores, sabe, filha, que as virtudes interiores tambem se hão de adquirir pouco a pouco e pelos seus grãos ; que d'esta maneira o pouco vem brevemente a ser muito e a durar muito. Por exemplo : nas coisas adversas, nem sempre nos havemos de exercitar de modo que as desejemos e nos alegremos n'ellas, se primeiro nos não houvermos exercitado e passado pelos grãos inferiores e mais baixos da virtude da paciencia.

Assim pois não te aconselho que te appliques a todas ou a muitas virtudes juntas, tomando-as todas a peito d'uma vez, mas a uma só agora e depois a outra, e assim das mais ; porque d'esta maneira se fórma dentro no coração com mais facilidade e firmeza o habito virtuoso ; e a razão é porque, com o exercicio continuado d'uma virtude, á memoria em qualquer occasião que se lhe offereça mais promptamente corre a ella, o entendimento se vae sempre afinando em buscar novos modos e razões para adquiril-a, e a vontade se lhe inclina com menor difficuldade, antes com maior affeição do que o fariam se se applicassem no mesmo tempo a muitas virtudes.

Além de que os actos ácerca d'uma só virtude, pela conformidade que teem entre si e pela uniformidade do exercicio, veem a ser menos trabalhosos, pois um chama e ajuda ao outro seu semelhante ; e com a semelhança fazem em nós dobrada impressão, achando o coração já preparado

é disposto para receber os que de novo se produzem, por haver recebido primeiro os outros que lhe eram conformes.

Estas razões teem tanto maior força, quanto é bem notorio que quem se exercita bem n'uma só virtude, tambem aprende o modo de se exercitar nas outras, e assim pelo augmento d'uma crescem todas juntas, pela união inseparavel que guardam entre si, como raios que procedem d'uma mesma divina luz.

CAPITULO XXXV

**Dos meios para adquirir as virtudes,
e como devemos usar d'elles para applicar-nos a uma só
por algum tempo**

Para adquirir as virtudes, além do que fica dito, é necessario um coração grande e generoso, e uma vontade, não fraca e remissa, mas resoluta e firme, com certo e determinado proposito de haver de passar por muitas coisas asperas, contrarias e desabridas.

Demais d'isto, ha de se cobrar uma particular inclinação e affecto ás virtudes: o que tudo se alcançará se considerarmos quam agradaveis são as virtudes a Deus, quam nobres e excellentes em si mesmas, e quam proveitosas e necessarias a nós outros; pois n'ellas tem principio e fim toda a perfeição.

Farás pois todos os dias pela manhã efficazes

propositos de te exercitares n'ellas, segundo as coisas que provavelmente se te podem offerecer n'aquelle dia; e n'elle te has de examinar muitas vezes, para vêr se tens executado fielmente, ou não, os propositos que havias feito; porque isto serve muito para renova-los logo com muito maior resolução. E tudo isto has de fazer ácerca da virtude, a que n'este tempo te houveres applicado com particularidade.

São tambem de muito proveito para isto os exemplos dos Santos, a oração e a meditação da Vida e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo (tão necessarias em qualquer exercicio espiritual). Estes debes applical-os principalmente para a conquista d'aquella virtude em que então te andas exercitando.

O mesmo se faça de todas as occasiões (como particularmente mostraremos mais ádeante), ainda que sejam diversas e differentes entre si.

Procuremos em todo o caso acostumar-nos de maneira aos actos das virtudes, assim interiores como exteriores, que os venhamos a executar com aquella promptidão e facilidade, com que d'antes fazíamos os que eram conformes a nossos appetites; e quanto mais contrarios fôrem a esses (como já dissemos n'outro lugar), tanto mais brevemente introduzirão o bom habito na nossa alma.

As divinas sentenças da Sagrada Escriptura, pronunciadas com a bocca ou ditas com o pensamento no modo que convém, teem força maravilhosa para ajudar-nos n'este santo exercicio. Por isso convém que tenhas á mão muitas d'ellas, par-

tualmente as que respeitam ou fallam da virtude que estamos exercitando, e as repetirás durante o dia, quando particularmente contra nós se excita alguma furiosa paixão.

Como por exemplo: se andamos no seguimento da virtude da paciencia, poderemos dizer as seguintes, ou outras semelhantes: Filhos, levae com paciencia a paixão que agora se excitou ¹. A paciencia dos pobres não perecerá, mas terá galardão ². O homem que soffre é melhor que o esforcado, e quem senhorea as paixões do seu animo, vale mais que um conquistador de cidade ³. Na vossa paciencia possuireis vossas almas ⁴. Enca-minhem-nos pela paciencia ao combate que se nos representa ⁵.

Para o mesmo effeito poderemos tambem dizer as breves orações que se seguem, ou outras semelhantes: *Quando se achará, Deus meu, este meu coração fortalecido com o escudo da paciencia? Quando para agradar a meu Deus soffrerei com animo socegado qualquer trabalho? Oh ditosas tribulações que me fazem semelhante a meu Senhor Jesus Christo, atribulado por mim! Quando se me concederá, oh unica vida da minha alma, que por*

¹ Filii, patienter sustinete iram, quæ supervenit. Bar. II.

² Patientia pauperum non peribit in finem. Psal. IX.

³ Melior est patiens, viro forti, et qui dominatur animo suo, expugnatore urbium. Prov. XVI.

⁴ In patientia vestra possidebitis animas vestras. Lucas, XXI.

⁵ Per patientiam curramus ad propositum nobis certamen. Heb. XII.

vossa honra e gloria eu viva contente e alegre entre mil angustias e afflicções? Oh que feliz que serei se no meio do fogo das tribulações se abraçar minha vontade no desejo de padecer coisas maiores!

Valer-nos-hemos d'estas breves orações, ou de outras que parecerem mais conformes ao progresso que houvermos feito na virtude; o que nos ensinará o espirito e a devoção.

Estas orações se chamam jaculatorias, porque são como frechas que se lançam ao Céu, e teem grande força para despertar em nós a virtude e para penetrar até o Coração de Deus, se vão acompanhadas de duas circumstancias que lhes servem como de azas.

A primeira é um interior conhecimento do gosto e complacencia que Deus recebe de nos exercitarmos nas virtudes, e a segunda é um firme e ardente desejo de adquiril-as por este só fim de agradar a Sua Divina Magestade.

CAPITULO XXXVI

Que no exercicio da virtude se ha de sempre caminhar com cuidado e diligencia continuada

Entre as coisas (além das referidas) que são mais uteis e necessarias para conseguirmos as virtudes, e para chegarmos ao fim que se nos propõe n'este combate espiritual, a principal é,

filha, a continuação, indo sempre para deante; porque d'outra maneira, se por qualquer tempo negligentemente pararmos, isso só bastará para tornarmos atraz. A razão é porque, quando cessamos de fazer actos virtuosos, segue-se de necessidade que, pela violenta inclinação do appetite sensitivo e pelas outras coisas que nos movem exteriormente, se geram em nós muitas paixões desordenadas que destroem (ou pelo menos diminuem) a virtude; além de ficarmos privados de muitas graças e dons que haveríamos conseguido do Senhor se tivéssemos feito progressos no caminho espiritual.

E esta é a differença que vae entre este caminho e o caminho material que faz um passageiro; porque n'aquelle, se o passageiro pára, não vem a perder coisa alguma do que tem andado; mas no caminho espiritual, se por qualquer pouco espaço se demora, perde-se muito do mesmo que se havia caminhado. Além d'isto, o cansaço do peregrino augmenta-se com a continuação do movimento corporal; mas no caminho do espirito, quanto mais se adeanta e mais caminha, tanto maiores forças cobra e com maior vigor prosegue a sua empresa. E a razão é porque, com o exercicio virtuoso, se vae sempre enfraquecendo a parte inferior, que com a sua resistencia fazia aspero e trabalhoso o caminho; e a parte superior (onde reside a virtude) se vae sempre estabelecendo e fortificando mais: e assim, com o progresso n'ella, não só se diminue o trabalho que experimentavamos em conseguil-a, mas de

mais a mais aquella occulta satisfação e gosto interior (que por obra divina acompanha o mesmo trabalho) cada hora se vae augmentando, e por instantes se faz maior.

D'este modo, continuando a alma em ir sempre com mais facilidade e deleitação de virtude em virtude, chega finalmente ao alto cume do monte aonde, já perfeita, obra depois sem trabalho, antes com gozo e jubilo; porque havendo vencido e domado as paixões desordenadas, e ficando superior não só ás creaturas, mas ainda a si mesma, vive felizmente no Coração do Altíssimo, e ahi suavemente trabalhando descança e repousa.

CAPITULO XXXVII

Que devendo-se continuar sempre no exercicio das virtudes, não se deve fugir ás occasiões que se offererem para conseguil-as

Temos visto bem claramente que, no caminho que guia á perfeição, nos é necessario andar sempre para deante sem pararmos.

Para observarmos isto, devemos estar muito advertidos e vigilantes em não deixarmos sahir das mãos qualquer occasião que se nos offereça e possa aproveitar para adquirirmos as virtudes. E seguremo-nos, que o entendem muito mal aquelles que se apartam quanto podem de coisas con-

trarias que lhes poderiam muito bem ser de proveito para este fim.

Se porventura (por não sahir do nosso costumado exemplo) desejaste e propozeste de conseguir o habito da paciencia, adverte, filha, que não convém que te apartes d'aquellas pessoas, acções ou pensamentos que te inclinam á impaciencia.

E por isso não te has de retirar d'algumas conversações porque te são molestas; mas sim, conversando e tratando com quem não tens disposição, deves sempre ter disposta e prompta a vontade a tolerar qualquer coisa pesada e de desgosto que do seu trato te possa vir; porque fazendo-o d'outro modo nunca te acostumarás á paciencia.

Do mesmo modo, se algum exercicio ou occupação te enfada, ou por si mesma ou por quem t'a mandou fazer, tambem porque te desvia de te applicares a outra mais de teu genio, nem por isso deixes deprehendê-la e continual-a, ainda que te sentisses inquieta e que presumisses que ficarias socegada: porque d'esta maneira nunca aprenderás a padecer; nem a tua inquietação será verdadeira por não proceder de animo purificado de paixões e ornado de virtudes.

O mesmo te digo, filha, dos pensamentos molestos que ás vezes affligem e inquietam teu espirito; porque estes taes nunca os deves de todo apartar de ti, pois que com a pena e trabalho que te dão, te veem juntamente a servir de te acostumar á tolerancia e soffrimento das adversidades e coisas contrarias ao teu gosto.

Quem de outra maneira te falla, mais te ensinará a fugir da pena que sentes que á conseguir as virtudes que desejas.

E' bem verdade que convém (especialmente ao novo soldado d'esta milicia espiritual) usar de grande diversidade, destreza e exercicio n'essas occasiões, para com cautela pelejar ás vezes com os inimigos de longe (com as adversidades digo), ás vezes vir com elles a braços, buscando-as e affrontando-as, ou retirando-se d'ellas, segundo o que mais ou menos vae adquirindo de virtude e força de espirito.

Não debes porém nunca voltar as costas de todo, nem retirar-te de maneira que deixes totalmente atraz todas as occasiões de contrariedade; porque se bem por então escaparias do perigo de cahir, ficarias todavia d'ahi em deante exposta com maior risco aos golpes da paciencia, não te havendo antes armado e fortificado com o uso da virtude contraria.

Estes avisos, comtudo, não teem logar no vicio da sensualidade; do qual já temos tratado particularmente, e dado o methodo que com elle se deve guardar.

CAPITULO XXXVIII

Que se devem amar muito todas as occasiões de combater por alcançar as virtudes, principalmente aquellas que trazem comsigo maior difficuldade

Não me dou, filha, por satisfeito de que (para adquirir as virtudes) não fujas das occasiões que te dispoem ao combate; mas desejo, demais d'isso, que ás vezes andes em busca d'ellas como coisa de muito grande valor e estimação, e que sempre as recebas com alegre semblante, logo que apparecerem deante de ti, julgando por mais estimaveis e preciosas as que mais desagradam a teu natural.

Isto alcançarás felizmente com a assistencia da divina graça, se imprimires bem em teu coração as seguintes considerações:

A primeira é, que as sobreditas occasiões não só são meios proporcionados, mas necessários para conseguir as virtudes; pelo que quando pedes ao Senhor que te dê virtudes, implicitamente lhe pedes tambem as occasiões d'ellas: que de outra maneira seria vã e ociosa a tua oração, e virias a contradizer-te a ti mesma e a tentar a Deus; porque este Senhor ordinariamente não costuma dar a paciencia sem as tribulações, nem a humildade sem os desprezos.

E isto mesmo se póde e deve dizer de todas

as mais virtudes, as quaes não ha duvida que se conseguem por meio dos successos contrários que muito contribuem para esse effeito. E por isso tanto mais nos devem ser gratos e amaveis, quanto em si forem mais trabalhosos; porque os actos que fazemos em casos semelhantes, são mais heroicos e mais fortes, e com maior pressa e facilidade nos abrem o caminho para a virtude.

Por isso devemos estimar, antes não deixar sem o seu exercicio, ainda as menores occasiões, como, por exemplo, a de um máo rosto que se nos mostre, ou a de uma palavra que se nos diga contra nossa vontade: porque os actos que n'este exercicio fazemos, são mais frequentes, ainda que menos intensos, que os que fazemos e produzimos nas occasiões de maior difficuldade.

A outra consideração em que já tambem acima toquei, é que tudo o que nos succede vem de Deus para nosso bem, e para que nos aproveitemos e tiremos de tudo o devido fructo.

E ainda que d'algumas coisas, como são as nossas faltas e as alheias, se não possa dizer (como já ponderamos em outro logar) que veem de Deus, porque Deus não quer nem póde querer o peccado, todavia sim veem de Deus enquanto as permite e, podendo-as impedir, não as impede; mas todas as afflicções e trabalhos que nos acontecem, ou por culpa nossa ou malignidade alheia, veem de Deus e são de Deus; porque n'essas elle concorre, de modo que o mesmo Deus não quer que as façamos, porque é defórme deante de seus purissimos olhos; mas quer que as padeçamos pelo

bem e pela virtude que d'ellas podemos tirar e por outras justas causas que nos são occultas.

D'onde, constando-nos por coisa certa que a vontade do Senhor é que sofframos de boamente qualquer tribulação, que nossos máos procedimentos ou alheios nos occasionarem, o dizer (como muitos dizem por desculpa de sua impaciencia) que Deus não quer, antes aborrece as coisas mal feitas, não é mais que querer dourar com um pretexto vão a propria falta, e recusar a cruz e tribulação que nos manda, pois que não podemos negar que o Senhor se agrada muito de a levarmos com tolerancia.

Antes accrescento que, em termos iguaes, mais ama o Senhor em nós o soffrimento d'aquelles trabalhos que se derivam da iniquidade dos homens (especialmente se primeiro os servimos e lhes fizemos alguns beneficios), que o dos que procedem de outros graves accidentes; tanto porque, de ordinario, mais n'aquelles que n'estes se reprime a soberba da nossa natureza, quanto porque, soffrendo-os de boa vontade, vimos a agradar e sobremaneira exaltar a nosso Deus enquanto cooperarmos juntamente com elle em coisa onde reluz a sua ineffavel Bondade e Omnipotencia, como é tirar precioso e saboroso fructo de virtude e bem, do veneno pestilencial da malicia e do peccado.

Portanto sabe, filha, que assim que o Senhor descobre em nós um vivo desejo de obrarmos de-véras, e de nos applicarmos, como devemos, a tão gloriosa conquista, logo nos prepara o calix

das tentações mais fortes e das occasiões mais apertadas para que o bebamos a seu tempo ; e assim, conhecendo nós o seu Amor Divino, e olhando para o nosso proprio bem, devemos receber este calix com grande gosto, a olhos fechados, e bebê-lo logo com toda a segurança e promptidão de animo : porque este é um medicamento composto por mão de quem não póde errar, e com ingredientes tanto mais salutiferos para a alma, quanto em si amargos e ingratos para o gosto.

CAPITULO XXXIX

Como nos podemos valer de diversas occasiões para o exercicio d'uma mesma virtude

Temos já visto como por algum tempo é mais útil e de maior fructo o exercicio de uma só virtude, que o de muitas juntamente ; e que segundo aquella se hão de regular e moderar as occasiões que se offerecem, ainda que entre si sejam e pareçam diversas. Attende agora ao modo como isto se póde pôr por obra com grande facilidade.

Succederá, por exemplo, que no mesmo dia (e póde ser que na mesma hora) nos arguam de alguma acção mais digna de ser louvada que de poder ser reprehendida : que se murmure de nós injustamente, sem que para isso haja ou possa haver razão : que duramente se nos negue alguma

mercê e graça que pedirmos, posto que minima em seu valor: que se tenha, sem causa ou fundamento algum, alguma má suspeita de nós: que nos sobrevenha alguma dôr repentina ou algum outro achaque corporal: que se nos encommende algum negocio cansado e impertinente: que nos ponham na mesa algum guizado frio e sem sabor: que nos succedam ainda outras coisas de maior momento, mais duras e mais trabalhosas, das quaes está composta e cheia esta nossa miseravel vida.

E ainda que, na variedade d'estes ou semelhantes accidentes, se possam fazer diversos actos de virtudes, comtudo, querendo nós observar a regra proposta, nos exercitaremos por actos de todo conformes á virtude com que então andamos entre mãos. Como por exemplo:

Offerecem-se estas occasiões no tempo em que nos andamos exercitando na virtude da paciencia. Havemos de fazer actos com que nos excitemos á tolerancia; formando resoluções de as soffrer todas de boa vontade e com animo alegre.

Se o nosso exercicio foi ácerca da humildade, reconheceremos em todas aquellas contradicções sermos dignos e merecedores de todos os males, perseguições e adversidades.

Se ácerca da obediencia, nos submetteremos com promptidão á poderosa mão de Sua Divina Magestade; e por agradarmos a este Senhor (pois assim é servido), nos submetteremos tambem a todas as creaturas, assim racionais como inanimadas, afflicções, pezares e dissabores.

Se de pobreza, desejaremos ficar despidos e privados de toda a consolação d'este mundo, assim grande como pequena.

Se de caridade, faremos actos de amor, assim para com o nosso proximo, como instrumento que é do bem que podemos grangear, como para com Deus Nosso Senhor, como principal e amorosa causa de quem procedem aquellas incommodidades (ou ao menos as permite) para nosso exercicio e proveito espiritual.

D'isto que dizemos ácerca de varios accidentes (que podem succeder cada dia) se comprehende muito bem como, em uma só occasião de enfermidade ou outro trabalho que continuasse por largo tempo, podemos repetir muitos e muitos actos d'aquella virtude em que por então nos exercitamos.



CAPITULO XL

Do tempo que se ha de gastar no exercicio de cada virtude, e dos signaes por que podemos conhecer o nosso aproveitamento

Filha, a mim me não pertence resolver por quanto tempo se ha de continuar no exercicio de cada virtude; porque isto só o póde determinar o estado e a necessidade em que cada um se achar, o progresso que se vae fazendo no caminho do espirito e o juizo dos mestres e padres espirituaes que nos guiam por ella. Todavia, se com aquella

diligencia e esforço que temos apontado, trabalhássemos déveras por conseguil-as, é certo que em breves semanas nos aproveitaríamos muito, e mais que muito.

Signal de haver aproveitado no caminho da virtude é, quando na seccura e entre as trevas e angustia d'alma, e na privação dos gostos e consolações espirituaes, constante e firmemente se vae continuando nos exercicios da perfeição.

D'isto dará tambem muito claro indicio a opposição e guerra que nos fará a vontade sensual, quando fizermos os actos de virtude; porque quanto aquella fôr perdendo de vigor e forças, tanto tambem n'esta poderemos crêr haver-nos adeantado. E assim se na parte sensual e inferior não sentirmos contradicção e rebellião (particularmente nos assaltos subitos e improvisos), manifesto signal será de termos perfeitamente conseguido aquella virtude.

E de quanto maior promptidão e alegria do espirito forem acompanhados os actos que fizermos, tanto mais poderemos entender o que temos aproveitado no exercicio; porque quanto estes forem mais promptos, tanto maior será o aproveitamento.

Mas aqui é necessario advertir que nunca devemos crêr nem ter por coisa certa, que já possuímos e somos senhores das virtudes, e que totalmente temos triumphado d'alguma nossa paixão, ainda que por muito tempo e depois de muitas batalhas não hajamos sentido seus estimulos e movimentos; porque aqui tambem póde ter lugar

a astúcia e o artifício do demonio, e a nossa natureza sujeita e capaz de erros e enganosa, pelo que, muitas vezes, é vício o que em razão da nossa occulta soberba se imagina virtude. Além de que, se olharmos á perfeição a que nos chama Sua Divina Magestade (por muito que nós tenhamos adeantado no caminho da virtude), nunca nos persuadiremos de haver entrado nos primeiros confins da verdadeira perfeição.

Portanto, filha, tu, como combatente nova e principiante e como ainda pouco acostumada a pelejar, começa sempre como de novo os teus exercícos, como se então principiasses e como se pelo passado não houveras obrado coisa alguma.

E advirto-te que mais depressa quero que procures continuar para deante o caminho da virtude, do que andes investigando curiosamente se tens aproveitado n'ella. Porque Deus Nosso Senhor, que é só quem sabe avaliar e conhecer os nossos corações, dá esta luz a uns e a nega a outros, conforme vê que a ella se ha de seguir ou humildade ou soberba; e como Pae amantissimo tira a uns o perigo para que não caíam, e dá a outros occasião para que se exercitem nas virtudes e n'ellas cresçam.

Portanto, ainda que nossa alma ignore o seu progresso, continue todavia nos santos exercícos que começou: porque o aproveitamento n'elles então o conhecerá quando o Senhor fôr servido que o conheça para maior utilidade sua.

CAPITULO XLI

Que não devemos deixar vencer-nos do desejo de livrar-nos d'aquelles trabalhos que soffremos com paciencia, e do modo de guardar nossas paixões para que nos possam aproveitar

Quando te achares em alguma pena ou trabalho e o tolerares com animo soffrido, procura ter grande cuidado em não deixar-te persuadir do demonio, ou de teu amor proprio, de que desejés livrar-te d'elle, porque d'isto se te seguirão dois damnos notaveis.

O primeiro é que, se este desejo te não tira por então a virtude da paciencia, pelo menos te irá dispondo, pouco a pouco, ao vicio da impaciencia.

O outro é que a tua paciencia será defeituosa, e por isso Deus te dará sómente o premio e a recompensa correspondente ao tempo que padeceste: o que pelo contrario succederia, se não houvesse desejado vêr-te livre d'este trabalho, antes bem te houvesse resignado inteiramente em sua divina Bondade (ainda que não padecêras mais que por espaço d'uma hora, antes ainda muito menos), porque então o Senhor te houvera satisfeito esta mortificação, como se fossé um serviço e obsequio de muitos annos.

Pelo que, n'esta e em todas as coisas, tenhas

por universal documento e regra geral que todos os teus desejos estejam tão alheios de qualquer outro objecto, que pura e simplesmente se empreguem só em seu unico e verdadeiro termo, que é a vontade de Deus: porque só d'esta maneira esses teus desejos serão bons, justos e bem regulados; e tu em qualquer successo contrario a elles, não só viverás quieta, mas contente: pois não podendo succeder coisa alguma sem a suprema vontade do Senhor, buscando-a tu e querendo-a em tudo, virás a querer e a ter o mesmo que desejas, que é (segundo esta resignação) tudo aquillo que succede em qualquer tempo.

Isto que se não póde entender nem dos teus peccados, nem dos alheios (porque Deus não quer os peccados), tem lugar em todo o mal de pena que, ou nascesse d'ellas, ou de outro qualquer principio ainda que esse mal fosse tão violento e penetrasse tanto o interior que, tocando o mais profundo do coração e das entranhas, chegasse a seccar as raizes da vida natural. Porque esta é aquella cruz, ou aquelle genero de trabalho, mediante o qual Deus ás vezes se serve de communciar muitas graças e favores a seus mais intimos amigos, e gratos a Sua Divina Magestade.

E isto que te digo da tolerancia que deves praticar em todas as occasiões e accidentes, quero que tambem o entendas d'aquellas afflicções que te ficam para padecer, quando, depois de haveres praticado os meios licitos para te livrares d'ellas, o Senhor é servido que as padeças. E ainda estes meios é necessario que os regulemos pela dispo-

sição e vontade do Senhor, que nol-os concedeu e os ordenou para que d'elles nos valessemos e servissemos nas occasiões, sómente porque elle assim o quer, e porque tal é sua santissima vontade, e não porque sejam segundo o nosso affecto e nossa propensão: nem para que queiramos e desejemos vêr-nos livres do que nos molesta mais do que pede e póde querer sua divina vontade, ou póde conduzir á sua gloria e santo serviço.

CAPITULO XLII

Do modo com que nos devemos oppôr ao demonio quando procura enganar-nos com a indiscrição

Quando o inimigo sagaz conhece que com vivos e bem ordenados desejos procedemos directamente pelo caminho da perfeição, e que por isso nos não póde attrahir com enganos declarados, se transforma em anjo de luz, e com conselhos como de amigo, e ainda com sentenças da Sagrada Escrip-tura e exemplos dos Santos, nos persuade de continuo a caminhar indiscretamente ao alto cume da perfeição, para depois nos fazer cahir miseravelmente no maior precipicio e na maior ruina. Por isso nos anima a castigar asperamente o corpo com disciplinas, abstinencias, cilícios e outros rigores semelhantes. para que ou nos ensoberbecamos (como succede, e particularmente ás mulhe-

res), imaginando que fazemos e obraamos coisas grandes; ou para que, sobrevindo-nos alguma enfermidade, fiquemos inhabeis para as boas obras, ou tambem para que cançados do muito trabalho venhamos a aborrecer e ter tédio aos exercicios espirituaes: e assim, pouco a pouco, esfriando na virtude, nos entreguemos com mais devassidão que d'antes aos deleites e passatempos d'este mundo. O que tem succedido a muitos que, seguindo com presumpção de espirito o impeto de um fervor indiscreto, excedendo com immoderados rigores exteriores a capacidade de sua própria virtude, pereceram opprimidos de suas invenções, feitos materia de riso á malicia do demonio. O que lhes não succedêra, se houvessem bem considerado as coisas referidas, e que esta sorte de actos penosos (ainda que sejam louvaveis e façam fructo n'aquelles em que ha forças corporaes e humildade de espirito correspondientes) se deve praticar todavia com grande temperança e moderação, proporcionadas á particular qualidade e natureza de cada um.

Aos que não podem imitar os Santos n'esta aspereza de vida, não lhes faltam outras occasiões de o poder fazer, segundo seus efficazes desejos, aspirando com orações fervorosas ás mais gloriosas corôas que se ganham n'aquellas insignes batalhas que se emprehendem por gloria de Deus como são, desprezar o mundo e todas as coisas da terra; abater-se a si mesmo; entregar-se ao silencio e solidão; ser manso, humilde e aprazivel com todos; padecer males e fazer beneficios ainda

aos mesmos contrarios ; e finalmente fugir e guardar-se de qualquer culpa, por minima e leve que seja ; exercicios estes que agradam mais á Divina Magestade que aquelles com que se afflige o corpo ; nos quaes, filha, te aconselho que antes sejas moderada e discretamente parca (para os poderes accrescentar em alguma urgente necessidade), do que a expôres-te com estes excessos a perigo, e em termos de os deixar de todo.

Isto te digo porque me persuado e espero de ti que não cahirás no erro de alguns (que aliás estão em reputação de devotos e espirituaes) que, attrahidos e enganados das lisonjas da natureza, são demasiadamente sollicitos da conservação de sua saude corporal, andando tão pontuaes com ella, e tão ociosos e escrupulosos que por qualquer futilidade se afogam com o medo e temor de perdê-la. Nem ha coisa de que tratem com maior cuidado e diligencia, nem de que fallem de melhor vontade, que de conservar sua saude e vida. E assim de continuo andam procurando iguarias conformes mais a seu gosto que á necessidade de sua compleição (a qual muitas vezes com os demasiados regalos, commodidades e diligencias, se estraga e se debilita); e fazendo tudo isto com o falso pretexto de melhor poder agradar e servir a Deus, nenhuma outra coisa é senão querer que se dêem as mãos e se concordem dois capitaes inimigos, que são o espirito e o corpo, sem proveito de nenhum, antes com detrimento de ambos ; pois com este tão grande cuidado se prejudica a um na saude e a outro na devoção.

Por isso, e por todas as razões, é muito mais seguro e proveitoso o fazer um certo modo de vida livre e desafoçada, acompanhada porém sempre d'aquella discrição e prudencia de que acima discorri, attendendo-se á diversidade de estados, condições e compleições, porque não se hão de medir todos pela mesma regra.

E accrescento que, não só nas coisas exteriores, mas ainda na conquista das virtudes interiores, devemos caminhar com alguma moderação, como já mostrei quando disse que as virtudes se haviam de adquirir gradualmente, uma após a outra.

CAPITULO XLIII

Quam poderosa seja em nós a nossa má inclinação e a instigação do demonio para induzir-nos a julgar temerariamente do nosso proximo, e do modo com que lhes devemos resistir

Do sobredito vicio da nossa vaidade e propria estimação nasce outro que nos costuma causar gravissimo damno, e é o temerario juizo que fazemos dos nossos proximos, de que provém que os estimamos em pouco, os desprezamos e abatemos. Este vicio, assim como traz a sua origem da nossa soberba e má inclinação, assim tambem por ella é fomentado e nutrido com todo o cuidado; particularmente porque, junta com elle, se vae ella

augmentando, deleitando e enganando, branda e insensivelmente ; pois que (sem alguma advertencia nossa) tanto mais entendemos que nos exaltamos, quanto mais na nossa opinião abatemos os outros, julgando-nos muito alheios d'aquellas imperfeições que entendemos e crêmos que se acham n'elles.

E o astuto inimigo, que conhece muito bem esta tão pessima propensão de nosso animo, de continuo está áleria, para nos abrir os olhos e nos incitar a vêr, examinar e exaggerar os defeitos alheios. Nem se podem persuadir, nem acabam de conhecer os descuidados em seu aproveitamento, quam grande seja a diligencia e estudo que põe nosso commum inimigo para nos imprimir na imaginação as faltas leves de nossos proximos, quando n'ella não pôde introduzir outros maiores.

Pelo que, filha, se o inimigo infernal se não descuida, antes vigia para teu damno e ruina espiritual, vigia tu tambem, filha, e está áleria para não cahires em seus laços ; e assim, logo que elle te põe deante alguma falta de teu proximo, a toda a pressa retira e aparta d'ella a imaginação ; e se comtudo te sentes abalada a formar sobre ella algum juizo, não te deixes levar d'este movimento ; mas considera que não tens, nem se te deu auctoridade para o formares ; e que, no caso que a tivesses, não poderias ainda assim formar juizo, pois estás cercada de mil paixões, e demasiadamente inclinada a cuidar mal de teu proximo sem justa causa.

Mas para dar-te algum remedio efficaç a pode-

res lançar de ti estes movimentos, te advirto que occupes sempre o pensamento nas necessidades e misérias de teu coração; porque a cada passo irás conhecendo melhor que tem tanto que fazer e que trabalhar, e que ha em ti tantos defeitos que vêr e que emendar, que não te sobrará tempo, nem vontade de julgar ou cuidar nas acções e defeitos alheios.

Além de que, applicando-te tu a este exercicio no modo que convém, irás sempre purificando cada vez mais os olhos interiores de tua alma, e purgando-os d'aquelles máos humores de que procede este vicio pestilencial.

E entende, filha, que quando em ti fórmás alguma má opinião d'algun erro de teu proximo, signal muito evidente é, que ao menos alguma raiz do mesmo mal se acha dentro de teu coração; o qual, confórme a má disposição em que se acha, assim recebe em si, como semelhante, todo o objecto que se lhe representa.

Portanto, quando te vêm ao pensamento o julgar os defeitos de alguém, indignada interiormente contra ti, como se fosses n'elles comprehendida, dirás dentro em tua alma: *Miseravel de mim! e como, estando eu sepultada n'este e em mais graves delictos, me atreverei a levantar os olhos para vêr e julgar as acções e os defeitos mais leves do meu proximo?*

E, d'este modo, as settas que dirigidas contra os outros vinham dispostas a ferir-te a ti no peccado que poderias commetter, empregadas contra ti mesma causarão em tuas chagas saudaveis effei-

tos. No caso porém que o erro commettido seja claro e manifesto, todavia, então com affecto compassivo trata de o desculpar, entendendo que n'aquelle teu irmão ha algumas virtudes occultas, para guarda e cautela das quaes permite o Senhor que elle erre, ou tenha por algum tempo aquelle defeito, para que mais se abata e humilhe na propria imaginação, e para que no desprezo dos outros homens venha a colher os fructos da humildade, pela qual se faça mais agradavel a Deus e venha a ser o seu lucro muito maior que a sua perda.

Mas se o peccado não só é manifesto mas grave, e o peccador mostrar que tem o coração obstinado e endurecido, então correrás logo com o pensamento aos tremendos juizos de Deus, e ahí conhecerás muitos homens que, havendo sido d'antes depravadissimos, chegaram depois aos grãos da mais eminente santidade; e pelo contrario outros que, do mais sublime estado da perfeição (a que já lhes parecia haverem chegado) vieram a cahir no mais miseravel precipicio.

Trata logo, filha, de andar sempre em continuo temor e tremor de ti mesma, mais que de qualquer outra pessoa.

E assegura-te que todo aquelle gosto e complacencia que sentires pelo bem de teu proximo, é obra do Espirito Santo como tambem que todo o desprezo, juizo temerario e rancor contra elle, procede da nossa propria malicia e de suggestão do demonio.

Portanto, se alguma má opinião, pela imper-

feição de alguns, houver feito impressão em teu animo, não durmas nem descanses até que, empenhando-te com todas as tuas forças, a não lances fóra do coração.

CAPITULO XLIV

Da oração

Se a desconfiança de nós mesmos, a confiança em Deus e o exercicio (como até qui temos mostrado) são tão necessarios n'este combate, mais que tudo é necessaria a Oração (que é o quarto genero de armas acima proposto), mediante a qual não só podemos alcançar de Deus Nosso Senhor os sobreditos bens, mas ainda conseguir d'elle outros quaesquer

E a razão é porque a Oração é instrumento para conseguir todas as graças que d'aquella divina fonte de bondade e amor cahem e manam sobre nós.

Com a Oração, se te vâleres bem d'ella, porás a espada na mão de teu Deus para que peleje em teu soccorro e te alcance a victoria.

Mas para que te sirvas bem d'ella, é necessario que te habitues, ou pelo menos trates de te habituar, nas coisas que se seguem.

Primeiro: que viva sempre em teu coração um verdadeiro e afervorado desejo de servires em tudo a Sua Divina Magestade, assim e da maneira que

a elle mais lhe agradar; mas para que te inflames n'estes santos desejos, considera e medita attentamente o que se segue.

Que Deus, pelas suas admiraveis excellencias, pela sua Bondade, Magestade, Sabedoria, Formosura e outras suas infinitas perfeições, é dignissimo de ser honrado e servido de todos.

Que este mesmo Senhor, para servir-te a ti, padeceu e trabalhou trinta e tres annos. E que as tuas chagas asquerosas e fétidas com o veneno do peccado, as sarou e curou, não com oleo, vinho ou brandos fios de panno, mas com aquelle precioso licor que sahiu de suas sacratissimas veias, e com sua purissima carne, lastimosamente despedaçada com cravos, espinhos e açoites.

Considera, além d'isto, quam util e necessario nos foi este beneficio, pois por elle nos fazemos senhores de nós mesmos, superiores ao demonio, e nos nomeamos e somos filhos do mesmo Deus.

Segundo: debes procurar que haja em ti uma viva fé e uma generosa confiança de que Deus te haja de dar tudo aquillo que te é necessario para seu santo serviço, e teu maior bem e salvação.

Esta santa confiança é o vaso que a misericórdia divina enche dos preciosos thesouros das suas graças; portanto, quanto maior fôr e mais capaz, tanto mais rica e preciosa tornará a vir á nossa alma a nossa Oração.

Porque, como poderá deixar o Todo Poderoso e Immudavel Senhor de nos fazer participantes e de enriquecer-nos de seus dons, se elle mesmo nos tem mandado que lh'os peçamos, prometten-

do-nos ainda o seu Divino Espirito, se com verdadeira fé e perseverança uma e outra vez lh'o pedirmos?

Terceiro: procura com toda a diligencia entrar sempre na Oração com firme proposito de querer que sempre se faça a vontade divina e não a tua; e isto farás sempre que lhe pedes alguma coisa, ou a alcances ou não: de tal sorte que só por isso te movas a orar, porque Deus assim o quer; e nem por outro fim desejes ser ouvida, senão porque Deus também assim o quer e d'isto se agrada. Emfim, tua intenção sempre deve ser conformar em tudo a tua vontade á divina, e não querer inclinar e dobrar a divina vontade á tua.

E a razão de assim o haveres de fazer, é porque, como a tua vontade está inficcionada pelo amor proprio, muitas vezes erra, nem sabe o que pede. Mas a divina (como está sempre inseparavelmente unida com a bondade ineffavel, e é a mesma bondade) nunca póde errar. Que por isso a divina vontade é a regra e a rainha de todas as outras virtudes; e como tal merece e quer que qualquer das outras, deixando-se a si proprias, a ella só siga e lhe obedeça, como a superior e primeira entre todas.

Deves pois sempre pedir coisas conformes ao divino beneplacito, e duvidando se alguma o é ou não, pedil-a-has com condição de a queres, no caso que o Senhor seja servido que a alcances.

Mas aquellas coisas que sabes de certo que são do agrado do Senhor, como o são as virtudes, lh'as pedirás mais por satisfazê-lo e servil-o, que

por qualquer outra causa, fim ou respeito, ainda que espiritual.

Quarto: debes ir para a Oração acompanhada de taes obras, que sejam correspondentes ás tuas petições; e depois da Oração debes trabalhar com maior esforço para mereceres as graças e as virtudes que desejas. Porque o exercício da Oração deve ser de tal maneira acompanhado do exercício de vencer-nos a nós mesmos, que como em giro se siga um a outro. Que de outra maneira pedir a Deus alguma virtude, e não trabalhar por conseguil-a, seria mais tentar a Deus que desejar ou buscar a tal virtude.

Quinto: que a acção de graças pelos beneficios recebidos preceda sempre ás tuas petições, por este ou semelhante modo: *Meu Deus e meu Senhor, que por vossa infinita bondade me creastes e remistes, e tantas e tão innumeraveis vezes me livrastes das mãos de meus inimigos, que eu mesma não as sei contar, valei-me e soccorrei-me agora, e não me negueis o que tão effizaxmente vos peço que me concedaes, posto que haja sido sempre ingrata e rebelde contra vós.*

E se te occorre pedir-lhe alguma particular virtude, e de presente padeces algum trabalho contrario a ella, em que te possas exercitar, lembra-te de dar a este Senhor infinitas graças pela occasião que te dá, por ser este um grandissimo beneficio e favor que te faz.

Sexto: e porque a virtude da Oração e a effizacia que ella tem de inclinar a Divina Magestade a nossos rogos, nasce da natural bondade e mi-

sericordia do mesmo Senhor, dos merecimentos da sagrada Vida e Paixão de seu Unigenito Filho, e da promessa que nos fez de nos ouvir, debes procurar que as tuas petições se acompanhem sempre com uma ou muitas das seguintes particulas

Outorgae-me, Senhor, esta graça pela vossa infinita piedade e misericordia.

Valham-me para convosco os merecimentos de vosso Divino Filho, para que eu alcance o que humildemente e de todo o coração vos peço.

Lembrae-vos, meu Deus e meu Senhor, das vossas promessas e das vossas misericordias, e inclinae vossos ouvidos a meus rogos.

Outras vezes pedirás também as graças pelos merecimentos da dulcissima e sempre Virgem Maria, Mãe e Senhora Nossa, e dos outros Santos: os quaes podem muito com Deus, que os honra porque elles honraram muito n'esta vida a Sua Divina Magestade.

Setimo: é necessario que continues com perseverança na Oração; porque a humilde perseverança vence ao mesmo Deus invencivel. Que se a importuna perseverança da viuva do Evangelho teve poder de inclinar ás suas petições o juiz iniquo, cheio de toda a maldade, como se lê em S. Lucas no C. xviii, como não terá também esta força para fazer inclinar a nossos rogos aquelle Senhor que é fonte cheia, e origem de todos os bens?

Portanto, ainda que depois da Oração te parecesse que o Senhor te não queria ouvir, antes chegasses a entender por alguma conjectura que

elle te não queria fazer aquella graça, não deixes todavia de continuar na tua Oração com o mesmo fervor, conservando viva e firme a confiança de que te ha de assistir; porque a este Senhor não só nunca faltam, antes sempre infinitamente superabundam todas aquellas coisas, que são necessarias para liberalmente nos enriquecer.

E assim, se o defeito não estiver pela tua parte, nem por tua falta se estorvar a consecução do que pedes, podes estar segura que has de alcançar tudo o que desejas, ou ao menos outra graça que te seja de maior proveito; ou talvez ambas juntamente.

Antes accrescento que, quanto mais te parecer que o Senhor não admitte teus rogos, tanto mais te debes abater e ter em menos conta: e logo considerando tuas faltas e demeritos, com o pensamento sempre firme na sua divina piedade, põe n'ella muito mais e mais a tua confiança; porque conservando-se esta viva e forte, quanto mais generosa fôr quando te accommetterem os inimigos, tanto mais agradarás ao Senhor.

Dar-lhe-has depois muitas graças, reconhecendo-o por infinitamente bom, sabio e amante, nada menos quando te nega algum favor, que quando t'o concede. E assim, constante sempre e alegre em qualquer successo prospero ou adverso, debes perseverar, submettendo-te humildemente em tudo aos decretos de sua Divina Sabedoria e Providencia.

CAPITULO XLV

Que coisa seja Oração mental

A Oração mental é uma elevação do espirito a Deus, com actual ou virtual petição do que desejamos.

A petição actual se faz, quando se pede a graça com palavras mentaes, por este ou semelhante modo: *Meu Senhor e meu Deus, concedei-me esta graça para honra e gloria vossa. Ou: Meu Senhor, firmemente creio que vos agrada e que é gloria vossa que eu vos peça e alcance esta graça; portanto, cumpra-se agora em mim vossa divina vontade.*

Quando porém os inimigos actualmente te combatem, orarás d'este modo: *Apressae-vos, Senhor, em me acudir, para que não ceda a meus inimigos. Ou também: Meu Deus e meu Senhor, refugio e fortaleza de minha alma, soccorrei-me depressa, para que não venha a cahir. Ou: Ponde os olhos, Creator e Redemptor meu, na miseria e fragilidade d'esta vossa creatura que redimistes com vosso precioso Sangue, que tão combatida se vê das tentações de seus inimigos. Ou: Assisti-me, Senhor, soccorrei-me, meu Deus, e não desampareis n'esta batalha minhas fracas e debilitadas forças.*

Continuando a batalha, persevera tu também

n'este modo de orar, resistindo sempre com esforço e valor aos que combatem contra ti.

Passado porém o calor da batalha, voltando-te logo para teu Senhor, apresenta-lhe o inimigo que te combate e a fraqueza com que lhe resististe, e dize-lhe: *Eis aqui, Senhor, a vossa creatura, obra de vossas divinas mãos e redimida por vossa infinita bondade com o vosso precioso Sangue: eis aqui o vosso inimigo que procura apartal-a de vós e devoral-a. A vós recorro, Senhor, em vós só tenho a minha confiança; porque só vós sois todo bom e todo poderoso. Só vós conheceis minha fraqueza e a prompta disposição que tenho para voluntariamente me haver de sujeitar e ceder-lhe, se a vossa misericórdia me não accudir. Portanto ajudae-me depressa, oh doce esperança e fortaleza de minha alma.*

A petição virtual é aquella que se faz quando se eleva o espirito a Deus, para alcançar alguma graça, e se lhe mostra a propria necessidade, sem dizer ou discorrer coisa alguma. Como por exemplo quando eu levanto o pensamento a Deus, e em sua presença reconheço não me poder por mim mesmo livrar da culpa nem fazer boas obras, então abrazado no desejo de seu santo serviço, e esperando com fé e humildade sua divina assistência, ólho e torno a olhar para o mesmo Senhor.

Este tal conhecimento, desejo abrazado e fé viva na presença de Deus, é uma Oração que virtualmente pede o que te é necessario. E assim, quanto mais perfeito, puro e sincero fôr este co-

nhecimento, viva a fé e abraçado o desejo, tanto mais effiçaz será a petição ou a Oração.

Ha tambem outra sorte de Oração e petição virtual, mais breve que a primeira, a qual se faz dirigindo simplesmente o espirito a Deus, afim de que nos soccorra; e esta direcção de espirito não é outra coisa mais que uma muda lembrança, desejo e petição a Deus, d'aquella graça que havíamos d'antes pedido.

Faze muito, filha, por aprender bem este genero de Oração, e por acostumar-te familiarmente a ella; porque (como a experiencia te mostrará) é uma lança de que pódes lançar mão com facilidade em qualquer occasião, perigo, tempo e logar, para te defenderes de teus inimigos; e n'ella acharás muito maior proveito, interesse e virtude, do que com palavras te posso explicar.

CAPITULO XLVI

Da Oração por via da meditação

Se quizeres ter Oração por algum espaço de tempo, como se disseramos por meia hora ou por uma hora ínteira ou mais, accrescentarás á Oração a meditação da sagrada Vida e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, applicando sempre suas divinas accções á virtude que desejas. Por exemplo:

Se desejares alcançar a graça da virtude da pa-

ciencia, tomarás algum ponto (digamol-o assim) do mysterio da columna e açoites do Senhor, para meditar n'elle.

Primeiro: como depois da sentença de Pilatos foi teu Deus e Senhor, com clamores, gritos e ignominias, arrebatado pelos ministros iníquos ao lugar destinado para o flagellarem.

Segundo: como foi por elles despido com uma cruel indignação, ficando nu e exposto seu sacratissimo corpo ao ludibrio e escarneo de todos.

Terceiro: como suas innocentissimas mãos foram atadas com crudelissimas cordas a uma dura columna.

Quarto. como foi despedaçado e desfeito seu santissimo corpo com o rigor dos açoites, correndo sobre a terra rios de seu preciosissimo e divino Sangue.

Quinto: como, chovendo golpes sobre golpes e feridas sobre feridas na mesma parte do innocente corpo, se aggravaram e renovaram cada vez mais as chagas que estavam feitas.

Assim, havendo tu proposto de meditar n'estes ou semelhantes mysterios para adquirires a paciencia, applicarás primeiro os sentidos a considerar e sentir, o mais vivamente que podéres, as mortaes angustias e rigorosas penas que padecia teu amoroso Senhor em cada parte de seu sacratissimo corpo em particular, e em todas em geral.

Passando d'esta consideração á alma santissima do Senhor, contemplarás muito profundamente a paciencia e mansidão com que tolerava tantas afflicções, sem esgotar a sêde de padecer maiores

e mais crueis tormentos, por honra de seu Pae celestial e por utilidade e beneficio nosso.

Considera depois ao mesmo Filho de Deus abraçado n'um vivo desejo de que queiras tolerar com paciencia os teus trabalhos; e repara como, voltando-se a seu Eterno Pae, roga por ti para que se digne de dar-te sua graça, mediante a qual possas soffrer com paciencia a cruz e tribulação que então te afflige, e com ella outra qualquer que a esta se seguir.

D'este modo, inclinando frequentemente tua vontade a querer padecer tudo com dobrada e mais fervorosa constancia, eleva depois teu espirito ao Eterno Pae; e dando-lhe primeiro muitas graças de que por sua ineffavel e nimia caridade mandasse ao mundo seu Unigenito Filho, para padecer por ti tantos e tão crueis tormentos, e para rogar por ti, lhe pedirás depois que, em virtude dos tormentos e rogos de seu Unigenito e querido Filho, se digne de conceder-te a virtude da paciencia.

CAPITULO XLVII

Do outro modo de orar por via de meditação

Poderás, filha, ainda orar e meditar por outro modo. Quando houveres considerado com attenção as afflicções de teu Senhor Jesus Christo e contemplado com o pensamento a promptidão de

animo com que costumava soffrêl-as ; da grandeza e excesso de seus duros tormentos e de sua paciencia passarás a outras duas considerações.

A primeira será do merecimento de Christo Senhor Nosso ; a segunda, do gosto e gloria que tirava o Padre Eterno da perfeita obediencia de seu atribulado Filho. Offerecendo isto a Sua Divina Magestade, lhe pedirás que por ellas se digne de conceder-te a graça que desejas.

E d'este modo de meditar te poderás valer, não só em cada mysterio da Paixão do Senhor, mas em qualquer acto particular, interior ou exterior, que elle faria n'esse mysterio.

CAPITULO XLVIII

Do modo de orar por meio da intercessão da Sacratissima Virgem Maria Senhora Nossa

Além dos referidos modos de orar e meditar, ainda ha outro, por meio e intercessão da gloriosissima e sempre Virgem Maria. N'esta meditação te poderás haver d'esta fórma. Primeiramente elevarás teu pensamento ao Padre Eterno ; logo ao seu dulcissimo e Unigenito Filho Jesus Christo ultimamente a esta amorosissima Mãe e gloriosissima Senhora.

Elevando o pensamento a Deus Padre, considerarás duas coisas : a primeira o jubilo com que desde a eternidade se deleitava em si mesmo, con-

siderando a purissima Virgem Maria presente em suas idéas, antes que a tirasse do nada e a creasse; a segunda, as ineffaveis virtudes e admiraveis acções da mesma Senhora, depois que foi no mundo produzida. .

Sobre o primeiro ponto do jubilo com que Deus em si se deleitava, meditarás d'esta maneira: Levantarás o pensamento sobre todo o tempo, e sobre todas as creaturas. Então, penetrando (pelas coisas creadas) a mesma eternidade e entendimento divino, considerarás as suaves delicias que, em suas divinas idéas (ou em si mesmo), gosava Deus por Maria Virgem. E tanto que por estas considerações chegares a achar e a descobrir o Senhor entre tão divinos e ineffaveis gostos, logo constante e confiadamente, em virtude d'elles, lhe pedirás com toda a segurança, graça e esforço, para poderes subjugar teus inimigos; e particularmente aquelle que então te faz guerra.

Passando depois á consideração de tantas e tão singulares virtudes e acções d'esta Santissima Virgem, e offerecendo-as a Deus, ou todas juntas ou alguma em particular, humildemente lhe pede que, pela sua infinita misericordia e pelas virtudes e merecimentos de tão grande Senhora, se digne de conceder-te tudo o que é necessario.

Voltando depois a consideração ao Filho e Senhor Nosso Jesus Christo, lhe lembrarás o seio virginal em que se hospedou nove mezes: o respeito e reverencia com que depois de nascido a Mãe dulcissima o adorou e reconheceu por verdadeiro Homem, e verdadeiro Deus e Creador seu.

Depois representa-lhe também os piedosísimos olhos d'esta Senhora, que o viram tão pobre entre angustias que d'ellas incomparavelmente se compadeceram; os braços que suavissimamente o apertaram; os dulcíssimos osculos que lhe deu; o leite sacratíssimo com que o creou; e os trabalhos e ancias que por elle padeceu no decurso de sua vida, e ainda depois que expirou na Cruz. E em virtude d'estes e semelhantes excellentes actos da Santíssima Virgem, farás uma doce violencia a seu amantíssimo Filho, para que defira tuas petições.

Ultimamente, tornando a consideração á mesma Santíssima Virgem, lhe exporás que pois foi escolhida pela Eterna Providencia e Misericordia para Mãe da graça e piedade, e por Advogada e medianeira nossa, se lembre que depois de seu bemdito Filho não temos outro refugio, nem mais seguro nem mais poderoso, que o seu.

Tambem lhe lembrarás aquella infallivel verdade que d'ella se escreve (decantada já e approvada por tantos e tão estupendos milagres), que nunca ninguem a invocou com inteira fé e confiança, que ella lhe não correspondesse benignamente com seu patrocínio e misericordia.

Finalmente apresentar-lhe-has á vista os trabalhos e penas que seu Unigenito Filho padeceu por bem de nossa salvação, pedindo-lhe te alcance d'elle a graça de que só para gloria e louvor de Sua Divina Magestade consigam em ti seu verdadeiro effeito tão acerbos dôres e tão tyrannas penas que o nosso amorosíssimo Redemptor ignominiosamente se dignou padecer por nós.

CAPITULO XLIX

De algumas considerações para que recorramos com fé e confiança á Sacratissima Virgem Maria

Se desejás recorrer com fé e confiança, em qualquer necessidade, á Virgem Maria Nossa Senhora, o poderás bem conseguir com as seguintes considerações :

Em primeiro logar, filha, considerarás e verás na mesma experiencia que, onde esteve almiscar, ambar ou algum licor precioso, se conserva o cheiro, e tanto mais persevera quanto mais tempo aquella materia esteve encerrada, particularmente se ainda ahi ficou alguma minima parte d'ella. E comtudo, esse ambar, esse almiscar, tem determinada e limitada virtude. O mesmo succede ao que esteve perto do fogo, que por largo tempo conserva em si o calor ainda depois que do fogo se apartou.

Revolvendo e passando estas e semelhantes considerações pela memoria, considerarás logo com que chammadas de amor e piedade, com que ardores de caridade e misericordia, se verão abraçar e arder as entranhas da sempre Virgem Maria, havendo hospedado n'ellas por nove mezes, e trazendo sempre unido a seu coração amorosamente, o mesmo Filho de Deus, que é a caridade, misericordia e piedade mesma; e não de virtude finita

e limitada, como o são os aromas e o fogo, mas de virtude infinita, sem termo e sem limite. E elevada n'esta consideração, com muita confiança repetirás em teu interior: se onde esteve o ambar se conserva o cheiro por tanto tempo, se quem esteve junto do fogo retém em si o seu calor, que fogo de caridade, que fragrancia de misericórdias, que graças, que auxílios e que favores não receberá aquelle que necessitado (com humidade e fé viva) se chegar ao sempre inflammado e odorífero coração da Virgem Maria? Oh! que tão grandes e tanto maiores, quanto com maior confiança e mais a miude a elle se chegar.

Em segundo logar, considerarás como nenhuma creatura amou nunca tanto a nosso Salvador Jesus Christo, nem foi nunca tão confôrme á sua divina vontade, como o foi sempre a Virgem sacratissima sua Mãe.

Logo, se o mesmo Filho de Deus, que gastou toda a sua vida e deu todo o seu precioso Sangue pelas necessidades dos peccadores, nos deu sua dulcissima Mãe por Mãe e Advogada nossa clementissima, para que nos socorra e para que seja immediatamente, depois d'elle, a medianeira de nossa salvação, de que maneira poderá nunca faltar-nos tão grande Mãe e Advogada, e apartar-se da vontade de seu Divino Filho? Ou, para melhor o dizer, que poderemos esperar d'ella, que por ella o não tenhamos?

Recorre, recorre pois, filha, com muita confiança em qualquer tua necessidade á benignissima Senhora e Mãe Nossa, Maria sempre Virgem;

porque na verdade esta confiança está cheia de infinitos e eternos bens; nem ha coisa mais segura, pois de continuo nos dispensa, e póde dispensar, infinitas graças e misericórdias.

CAPITULO L

Do modo de meditar e orar, mediante a intercessão dos Anjos e Santos do Céu

Para que alcances, filha, n'este exercicio da Oração o auxilio e favor dos Anjos e de todos os Santos do Céu, debes usar de dois meios.

Primeiro: elevarás o entendimento ao Padre Eterno, e lhe representarás o amor, a honra e os louvores com que é exaltado e glorificado por toda a Côrte celeste; e logo os trabalhos, tormentos e penas que os Santos na terra padeceram por seu amor. Então, por virtude de todas estas coisas, pedirás a Sua Divina Magestade seja servido conceder-te o que te é necessario.

Segundo: recorrerás aos mesmos Espiritos gloriosos (como aos que não só desejam a nossa perfeição, mas tambem que tenhamos no Céu cadeiras muito mais elevadas que as suas), pedindo-lhes que te dêem seu favor e soccorro contra todos os vicios e inimigos infernaes; e que finalmente estejam promptos para te defenderem na hora da tua morte.

Outras vezes te porás tambem a consideras as

muitas e grandes graças que os Anjos e Santos receberam do Soberano Creador de tudo; e n'esta contemplação procurarás excitar em ti um verdadeiro affecto de amor para com elles; pois foram enriquecidos de tantos dons, favores e graças. E alegrar-te-has n'ellas como se fosses tu propria quem as possuísse.

Antes muito mais te deves alegrar de que a elles e não a ti fossem concedidas; pois Sua Divina Magestade foi assim servido de que elles as possuíssem. E assim por ellas darás mil louvores e graças a este benignissimo Senhor.

Mas para que possas fazer este exercicio com ordem e facilidade, dividirás as esquadras do Em-pyreo pelos dias da semana, d'esta maneira:

Ao domingo, contemplarás por algum espaço de tempo sobre os nove coros dos Anjos.

Na segunda-feira, considerarás alguma coisa de S. João Baptista.

Na terça, dos Santos Patriarchas e Prophetas.

Na quarta, dos Santos Apostolos.

Na quinta, dos Santos Martyres.

Na sexta, dos Santos Pontífices, Doutores e Confessores.

No sabbado, das Santas Virgens, e mais Santas e Bemaventuradas.

Não deixes porém passar dia algum em que não recorras á Bemaventurada Virgem Maria, Rainha de todos os Santos, ao teu Anjo da guarda, a S. Miguel Archanjo e a todos os Santos teus advogados; meditando algum (ainda que breve) espaço sobre suas virtudes.

E todos os dias roga á Virgem Maria, a seu bemdito Filho e ao Padre Eterno, que te façam a graça de te darem por teu principal Advogado e Protector ao Bemaventurado S. José, Esposo da mesma Virgem; e logo que isto fizeres, recorrerás ao mesmo Santo pedindo-lhe, com grande confiança e fé, que se digne de receber-te debaixo de sua tutela e protecção.

Muitas maravilhas se contam d'este glorioso Santo, e muitos favores e graças que com larga mão receberam d'elle todos aquelles que o honraram, ou ao menos a elle recorreram com confiança em suas necessidades, assim espirituaes como temporaes; e espiritualmente se avantajou sempre no instruir e encaminhar os seus devotos no modo de bem orar e meditar.

E na verdade, que se Deus tem em tão grande conta a todos os mais Santos, e nos dá por sua intercessão tantos bens, porque vivendo n'este mundo lhe obedeceram e o honraram, em que estimação poderemos crêr que tem, e de quanta força serão para com elle os rogos d'este humilissimo e felicissimo Santo, se assim o honrou este Senhor na terra, que lhe quiz estar sujeito, obedecer-lhe e servil-o, como se fosse seu pae?

CAPITULO LI

Da meditação da sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, e como se podem tirar d'ella varios affectos

Porque o que acima dissemos da Paixão do Salvador, serve para meditar, e orar por via de petições ; trataremos agora de que modo poderemos colher d'ella varios e pios affectos.

Assim que queres, *verbi gratia*, meditar sobre as dôres que o Senhor padeceu sobre a Cruz, em que foi encravado, n'este mysterio poderás, entre outras circumstancias, considerar as que se seguem :

Primeira : como a Jesus Christo (que é o Senhor de todos), sendo despido no monte Calvario por mãos d'aquelles crueis e tyrannos ministros, e estando suas sagradas roupas pegadas a seu innocentissimo corpo, por lhe haverem sido no Pretorio furiosamente rasgadas suas veias, se lhe abriram então novas e mais lastimosas feridas.

Segunda : como arrancando-lhe de sua Real e Divina Cabeça a corôa de espinhos para o despi-rem das vestiduras, lh'a tornaram deshumanamente a pôr de novo, abrindo-lhe os espinhos outras chagas, e lastimando crudelissimamente as que já estavam abertas.

Terceira : como a golpes de fortissimos martellos foi pregado com agudissimos cravos no pati-

bulo da Cruz, com a mais dura crueldade que no mundo se viu.

Quarta: como não chegando suas sacratíssimas mãos e pés aos logares abertos da Cruz, aquelles verdugos inhumanos, atando n'elles fortíssimas cordas e firmando-se no mesmo dolorosíssimo corpo, com tão desapiedada força o tiraram que, quebrando nervos e rasgando musculos, assim ficou desconjuntada, solta e desfeita aquella fabrica de seus membros santíssimos, formada pelo Espirito Santo, que se lhe podiam contar um por um os ossos todos.

Quinta: como ficando o Senhor pendente no Lenho da Cruz, e não tendo outra coisa em que se sustentar mais que nos duros cravos, suas sacratíssimas Chagas, com a força do peso, se fizeram maiores e se aggravaram novamente com uma dôr inexplicavel.

Querendo, pois, excitar em ti, por meio d'estas considerações ou outras semelhantes, os affectos de piedade e amor para com teu Deus, procurarás sempre passar do primeiro conhecimento adquirido pela meditação a outro maior e mais alto conhecimento, qual é o da infinita bondade e misericordia d'este Senhor, e de seu amor immenso para contigo; pois tantos e tão graves tormentos se dignou padecer por teu respeito; porque quanto mais se augmentar em ti este conhecimento, tanto mais se augmentará tambem em ti o seu amor.

Depois do sobredito conhecimento da bondade e amor infinito de teu Deus, facil te fica o pode-

res exercitar em teu coração os actos d'uma verdadeira dôr e contricção de o haveres offendido tantas vezes e com tanta ingratidão; e de lhe haveres causado em tuas culpas todos os tormentos e penas que por tantos e tão barbaros modos padeceu.

Para excitares depois em ti a esperança, considera como nenhuma outra coisa obrigou a este poderosissimo Senhor a abater-se ao estado de tão grande miseria e calamidade, que o querer extinguir o peccado e livrar-te dos laços do demónio (que são todas as tuas culpas em particular), e fazendo-te propicio seu Eterno Pae, dar-te confiança de recorrerres a elle em todas as tuas necessidades.

E para elevares o pensamento d'esta dolorosa consideração a outra que concilie em ti um grande jubilo e gosto espirital, passarás logo da meditação das acerbissimas penas do Senhor aos effeitos que d'ellas se seguiram, ponderando como o nosso amorosissimo Deus, com os tormentos a que se sujeitou, purgou todos os peccados do mundo, aplacou a ira do Eterno Pae, confundiu o demónio, destruiu a morte e encheu as cadeiras dos Anjos condemnados com as almas dos peccadores redimidos.

Pódes tambem n'isto ler outro motivo de gosto e consolação, considerando a complacencia e jubilo que n'isto recebeu e recebe toda a Santissima Trindade, a sacratissima e sempre Virgem Maria, com toda a Egreja Triumphante e Militante.

Mas para te moveres ao aborrecimento de teus

peccados, de tal modo accommodarás a ti todos os pontos que meditaes, que te persuadas que por nenhuma outra coisa padeceu o Senhor que por te attrahir ao odio de tuas más inclinações; e d'aquella particularmente que mais reina em ti e mais desagrada a seus divinos olhos.

Se queres ficar attonita e admirada, considera se ha, ou póde haver, coisa maior que vêr que o Creador do Universo (que dá ser e vida a todas as coisas) esteja tão mortalmente perseguido pelas suas creaturas: desprezada e abatida a Magestade soberana de Deus: a sua nobreza reputada por injuria e affronta do genero humano: escarnecida e afeiada com salivas a formosura do Céu e da terra: aborrecido o amor do Pae celestial: entregue ao poder das trevas a mesma Luz increada e inacessivel: condemnada a mesma justiça: e finalmente reduzidas ao abysmo d'uma extrema miseria a mesma felicidade e a mesma gloria.

Mas para te lastimares e compadeceres de teu anciado e afflicto Senhor, além da meditação de suas penas exteriores, meditarás outras penas ainda sem comparação muito maiores, que foram as que internamente lhe atormentaram a alma: as quaes foram taes que, se te commoveres e magoares considerando aquellas, será muito não te estalar de viva dôr o coração, considerando estas.

Estava vendo a alma de Christo Senhor Nosso a Essencia Divina, da mesma maneira que agora a está vendo no Céu. Conhecia ser sobremodo merecedora de todo o obsequio e honra; e pelo amor ineffavel com que a amava, desejava que as crea-

turas todas com todas as suas forças se empregassem no amor, obsequio e serviço da mesma divina Essencia e Magestade soberana. Mas vendo-a, pelo contrario, tão estranhamente offendida e desprezada pelas abominações e maldades do mundo, se sentia no mesmo tempo traspassar de infinitas e agudas dôres, que com tanto maior pena o atormentavam, quanto mais se abrazava no amor d'uma tão soberana Magestade, e no desejo de a vêr honrada e servida de todos. E assim como é incomprehensivel a grandeza d'este amor e desejo divino, assim tambem não ha quem chegue a poder conhecer quam grave e acerba fosse por està causa a interior afflicção do Senhor, quando esteve pendente da Cruz.

E ainda accrescento que, como a alma d'este Senhor amava inexplicavelmente a todas as creaturas, á proporção d'este amor se doeu sobremaneira dos peccados de todas, pelos quaes se haviam de apartar d'elle por toda a eternidade. Porque, por qualquer peccado que tinham commettido ou haviam de commetter os homens que houte, ha e haverá, e quantas vezes cada um peccava, tantas se separava da mesma santissima Alma do Senhor, á qual estava unido por amor e caridade.

Essa separação tanto era mais cruel e rigorosa que a dôr que lhe causava a desunião das partes de seu santissimo corpo desconjuntadas de seu proprio lugar, quanto a Alma (por ser puro espirito e mais nobre e perfeita que o corpo) era mais capaz de maior dôr e sentimento.

Entre estes tormentos que o Senhor padecia pelas creaturas, crudelissimo foi o que experimentou pelos peccados de tantos reprobos, em razão d'estes se não haverem jámais de tornar a unir com elle, mas estarem destinados a padecer eternos e incomparaveis tormentos.

E se a alma devota, para mais se estimar e compadecer das penas de seu doce Jesus, entrar em mais profunda consideração d'estas dôres do Senhor, achará n'este divino amante afflicções e penas mais que barbaras e inhumanas, não só pelas culpas que os homens commetteram, mas ainda por aquellas que podiam commetter, posto que nunca chegassem a commettel-as ; porque não ha duvida que o Senhor com o preço infinito de seus admiraveis trabalhos, penas, dôres e tormentos, não só nos alcançou a todos perdão dos crimes commettidos, mas ainda a preservação dos que não commettemos e dos que nunca cuidamos de commetter.

Nem te faltarão, filha, outras considerações para te podêres lastimar com teu affligidissimo Senhor crucificado na sua Cruz ; porque nenhuma dôr houve, nem haverá jámais em qualquer creatura racional, que elle não experimentasse em sua propria alma.

As mesmas affrontas, tentações, infamias, penitencias, e quaesquer trabalhos e afflicções que padece qualquer dos homens do mundo, mais viva e intrinsecamente atormentaram a alma de Nosso Senhor Jesus Christo do que atormentam aquelles mesmos que com effeito as padecem e padeceram.

Porque esta benignissima Alma do Senhor viu, e conheceu perfeitamente todas as afflicções dos homens, assim as grandes como as pequenas; assim as da alma como as do corpo (ainda a mais leve dôr de cabeça e a minima picada de alfinete), e todas pela sua immensa caridade quiz ter e padecer juntamente connosco dentro no seu coração.

Mas além de todas estas penas e angustias (toleradas por amor das creaturas), não ha quem possa explicar a crueldade com que o affligiram as penas de sua Mãe Santissima; porque padecendo esta Senhora crudelissimamente na sua alma. por todos os modos e respeitos, os tormentos que seu Santissimo Filho padeceu (ainda que não tão intensamente), estas mesmas dôres da Mãe Santissima renovaram e exacerbaram ao bemdito Filho as chagas interiores; e foi com ellas traspassado seu divino coração como com outras tantas ardentes frechas de amor; e isto tão cruelmente, que por tantos referidos tormentos e por outros quasi infinitos que não alcançamos, se podéra muito bem chamar este Divino e amante coração um voluntario inferno de tormentos e penalidades (formado pelo ardentissimo amor que tinha ao genero humano), como lêmos escripto, que lhe chamava a santa simplicidade d'uma alma devota.

Assim, filha, se considerares a causa de todas as dôres referidas que nosso Redemptor e Senhor padeceu, quando cravado na Cruz, nenhuma outra acharás mais que o peccado. D'onde bem clara-

mente se segue que a verdadeira e principal compaixão e agradecimento, que elle nos pede e lhe devemos (sobretudo quanto se póde obrar e se póde dizer), é pesar-nos, pura e simplesmente por amor d'elle só, de o havermos offendido aborrecermos sobretudo o peccado: combatermos generosamente contra todos os inimigos e más inclinações nossas, para que, despidos de todo do homem velho e de todos os seus actos e miserias, nos revistamos do novo, segundo os dictames de Jesus Christo, e ornemos nossas almas com as virtudes Evangelicas.

CAPITULO LII

Do proveito que podemos colher da meditação do Senhor crucificado, e da imitação de suas virtudes

Entre os muitos fructos que devemos tirar d'esta santa meditação de Jesus Christo crucificado, seja ó primeiro não só doer-te dos peccados passados, mas ainda de que se achem e vivam em ti aquellas paixões desordenadas que crucificaram a teu Senhor.

O segundo: pedires-lhe perdão de tuas culpas, e graça para um perfeito aborrecimento de ti mesma, e para o não offenderes mais: antes bem sim para que o possas amar d'aqui em diante, e servil-o com todo o cuidado, em agradecimento de tantas penas e afflicções que por teu amor pa-

deceu; o que de nenhum modo poderás conseguir sem este santo aborrecimento de ti mesma.

O terceiro: que com todo o valor e esforço persigas mortalmente qualquer tua má inclinação, por pequena que seja.

O quarto: que magnanimamente procures imitar as virtudes do Salvador, o qual padeceu não só por nós remir e satisfazer por nossas culpas, mas ainda para nos obrigar com o exemplo a que sigamos suas santas pisadas.

Aqui te proponho um modo da meditação que te servirá para este fim.

Se desejares, por exemplo, alcançar a virtude da paciência e imitar n'isto a teu Senhor, considerarás o que se segue:

Primeiro: o que fez a Alma de Jesus Christo atormentado para com Deus.

Segundo: o que faz Deus para com a Alma de Jesus Christo.

Terceiro: o que faz a Alma de Jesus Christo para consigo mesma e para com seu sacratissimo Corpo.

Quarto: o que faz Jesus Christo para conosco.

Quinto: o que nós finalmente devemos fazer para com Jesus Christo.

Considera primeiramente como a Alma de nosso Senhor Jesus Christo, estando toda absorta em Deus, se admira de vêr aquella infinita e incomprehensivel grandeza (em cuja comparação todas as coisas creadas são como um puro nada) humilhada em tudo, menos na glória de sua Di-

vindade, se submette a soffrer na terra indignissimos vituperios e ludibrios por amor do homem, de quem nunca recebeu mais que infidelidades e injurias: então considera tambem como a mesma Alma do Senhor adora a Magestade Divina, e como lhe dá graças e toda se lhe offerece.

Em segundo logar adverte, filha, no que Deus faz para com a Alma de Jesus Christo, e repara quam grandemente deseja e com quantos estimulos a excita a que por nós padeça blasphemias, salivas, hofetadas, açoites, espinhos e morte de Cruz. E tambem pondera o como lhe manifesta ser muito de seu divino agrado o vê-lo cheio, coberto e opprimido de todo o genero de opprobrios e afflicções.

Em terceiro d'aqui passa, filha, a tua imaginação a considerar a sacratissima Alma do Senhor, e observa como, sendo convidada por Deus a padecer por amor e exemplo nosso, e conhecendo com seu perspicacissimo entendimento quanto isto é do agrado de Deus (amando ella infinitamente a Sua Divina Magestade por seu merecimento infinito, e pelas infinitas attensões e respeitos que lhe deve), logo com alegria prompta e resoluta se dispõe a obedecer em tudo a seu santissimo beneplacito. Mas quem poderá aqui penetrar o mais profundo dos desejos que dentro de si está nutrindo aquella Alma purissima e dulcissima? N'este passô se acha como em um labyrintho de tormentos, buscando novos modos e novas traças de padecer, sem achar os trabalhos que quizerá. Por isso livremente se entrega toda,

com seu innocentissimo corpo, ao poder e vontade dos homens mais iniquos e á dos mesmos demonios, para que d'elle façam o que quizerem.

Quarto depois d'isto põe teus olhos em Jesus Christo, e contempla como, voltando-se a ti, tacitamente em seu benigno aspecto te diz: *Eis aqui, filha, o estado a que me trouxeram teus desordenados appetites, por não queres fazer uma pequena força á tua condição. Eis aqui o que por ti padeco e o gosto com que o faço por teu amor. Isto, isto é o que soffro, para te dar exemplo da verdadeira paciencia. Por todas as minhas dôres te rogo, filha, que leves de boa vontade esta cruz e qualquer outra de que eu mais me agradar, resignando-te livremente nas mãos dos inimigos que eu te der para te perseguirem, por mais vis que elles sejam e por mais crueis que se mostrem contra tua honra e contra tua propria vida. Ah! se souberas bem o gosto e satisfação que eu teria n'isto! Mas bem o pódes colligir d'aquellas feridas, que como inestimaveis joias eu quix receber para poder ornar de preciosissimas virtudes tua pobre alma, a quem prezo e amo muito mais do que tu imaginas. Se eu pois por teu amor tenho chegado a estes extremos, e estou reduzido a este estado, como recusarás, querida Esposa, padecer um pouco por satisfazer aos desejos de meu coração, e por alliviar as chagas que a tua impaciencia me fez, as quaes na realidade mais me atormentam que as mesmas que padeci?*

Quinto: pondera depois com a maior attenção quem é aquelle que te falla d'esta maneira, e ve-

rás que é o mesmo Rei da Gloria, Christo Senhor Nosso, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Considera a grandeza de seus tormentos e ignominias tão atrozes, que nem ainda as merecera o mais infame e facinoroso homem do mundo. Depois, vendo a teu Senhor entre tantas e tão barbaras crueldades, e o como está não só immovel e infelizmente soffrido, mas ainda satisfeito e alegre, como se as penas lhe fossem gostos, contemplarás como (á maneira de fogo que se accende mais com a pouca agua), com os grandes tormentos que á sua superabundante caridade pareciam poucos, se augmentava a alegria e lhe crescia a ancia de os padecer muito maiores. Não pararás porém ainda aqui, porque além de tudo isto considerarás como todas estas coisas as obrou e padeceu o clementíssimo Senhor, não constrangido e obrigado, nem por seu interesse proprio, mas sómente, como elle mesmo te disse, pela sua infinita caridade e immenso amor que te tem, e para que á sua imitação te exercites na virtude da paciencia. Conhecendo pois tu, por todas estas vias, o que Deus pretende de ti, e o gosto que lhe darás se te exercitares n'esta virtude, procura com toda a diligencia fazer muitos actos de inflammados desejos de levar, não só com paciencia, mas com sereno e alegre semblante, a cruz que então te dêr ou ainda qualquer outra que seja muito mais pesada, para melhor o imitares, o alliviar e cumprires sua santissima vontade.

E detendo-te ainda mais com nova reflexão sobre as amarguras e ignominias que este Senhor

padeceu por ti, e na constancia e soffrimento com que as tolerou, envergonha-te de vêr que a tua paciencia não é nem ainda uma sombra da sua, nem as tuas dôres e ignominias são taes a respeito das que elle soffreu. E n'esta consideração, teme de vêr que sejas tão cega e vã em teu amor proprio, que nem ainda por um só momento dure em ti, nem ache lugar em teu coração um pequeno pensamento de queres padecer por amor de teu Senhor.

Assim pois, filha, este Senhor crucificado é o livro que te proponho para lêres, e do qual poderás tirar o verdadeiro retrato de qualquer virtude porque como este é o Livro da Vida, não só com palavras instruirá teu entendimento, mas ainda com vivo e efficacissimo exemplo inflammará tua vontade; que se bem todo o mundo está cheio de infinitos livros, nenhum d'elles (nem ainda todos elles juntos) pode tão perfeitamente ensinar o modo de conseguir as virtudes, como o póde e faz a meditação sómente d'um Deus crucificado em uma Cruz.

Pelo que, debes saber que os que gastam muitas horas em chorar a Paixão do Salvador e meditar em sua divina paciencia, e depois nas adversidades que lhes sobreveem se mostram tão impacientes, como se em outra coisa houvessem considerado no tempo da Oração, são muito semelhantes aos soldados do mundo que, debaixo das tendas, antes do tempo da batalha, promettem de si muitas e grandes façanhas, que destruirão o inimigo e que acclamarão a victoria; mas depois, em

o inimigo apparecendo, cahindo-lhes as armas e o coração, sem cuidarem no que promettiam, e sem ao menos se oppôrem e lhe resistirem, se dão a uma fraca e vergonhosa fugida. E que acção se póde achar mais indiscreta e miseravel, que vêr na Oração, como em claro e puro espelho, as virtudes de nosso Deus e Senhor, amal-as e admirar-as, reconhecendo n'ellas a propria obrigação, e depois, quando se offerecem as occasiões de as pôr por obra no exercicio d'uma prompta e voluntaria imitação, esquecer-se totalmente d'ellas ou ao menos não fazer d'ellas caso, por estímulo á resistencia dos inimigos e ás proprias paixões?

CAPITULO LIII

Do Santissimo Sacramento da Eucharistia

Até aqui, filha (como tens bem visto), te instrui e provei de quatro generos de armas de que necessitavas para vencer a teus inimigos. Tambem te tenho dado muitos documentos e advertencias para as saberes manejar. Falta agora fallar-te do Santissimo Sacramento da Eucharistia, arma poderosissima e, sobre todas, necessaria n'este combate.

Porque assim como este Veneravel Sacramento excede e é superior a todos os mais Sacramentos, da mesma maneira tambem, como instrumento

militar n'esta guerra espiritual, deve ser mais excellente e mais necessario que os outros.

Os quatro, de que temos discorrido, tomam toda a sua virtude e vigor dos merecimentos de Christo Senhor Nosso e da graça que o seu preciosissimo Sangue nos grangeou e nos mereceu. Mas este quinto é o mesmo Sangue e Corpo do Senhor, a mesma sua Carne, a mesma sua Alma, e sua mesma Divindade. Com aquelles se combate contra os inimigos em virtude do poder de Christo; com este pelejamos contra os mesmos, mas juntamente com Christo como defensor; ou, para o dizermos melhor, o mesmo Christo connosco peleja por nós; porque quem communga o sacratissimo Corpo de Christo e bebe o seu preciosissimo Sangue, esse está com Christo e Christo está com elle, n'elle e por elle.

Mas porque de dois modos nos podemos valer d'este excellentissimo instrumento no nosso combate, ou (para que fallemos mais claro) porque de dois modos se póde receber este divinissimo Sacramento, sacramental e espiritualmente: sacramentalmente, commungando uma vez cada dia, e espiritualmente a qualquer hora e a qualquer momento; portanto, filha, no segundo modo o devés receber sempre e a toda a hora repetidas vezes, e no primeiro, muitas vezes e o mais frequentemente que poder ser, segundo teus directores e padres espirituaes t'o permittirem e aconselharem, no modo que agora te direi.

CAPITULO LIV

**Do modo de receber o Santissimo Sacramento
da Eucharistia**

Porque podêmos, filha, chegar a este divinissimo Sacramento por varios fins, portanto para os conseguirmos convém que façamos varias coisas em tres differentes tempos, a saber : antes da Communhão, quando estamos para commungar e depois da Communhão.

Antes da Communhão (por qualquer fim que a busquemos), é necessario que nos lavemos e purifiquemos, com o Sacramento da Penitencia, de toda a macula de peccado mortal, se d'ella (de que Deus nos livre) estivermos manchados ; e que logo com todo o affecto, com todo o coração, com toda a alma, com todas as nossas forças e potencias, nos entreguemos a nosso Senhor Jesus Christo e a todo o seu divino beneplacito ; pois elle n'este Sacramento Santissimo nos communica tambem todo o seu precioso Sangue, Corpo, Alma e Divindade, e todos os seus merecimentos ; e considerando que a nossa dadiva, em comparação da grandeza da sua, é coisa muito pouca, e quasi um nada, convém que desejemos ter tudo o que lhe offereceram e deram todas as creaturas humanas e angelicas, para o offerecermos a Sua Divina Magestade.

Portanto, querendo recebel-o afim de que fi-

quem vencidos e destruidos em ti os teus e seus inimigos, começarás na noite antecedente ao dia da Communhão, ou ainda mais cedo, a considerar o desejo que tem o Filho de Deus de que lhe dês logar em teu coração por meio d'este Santissimo Sacramento, para assim poder unir-se contigo e ajudar-te a vencer tuas más inclinações, cortando as raizes de todos os teus desejos e peccados. Porque se assim o fizeres, acharás que é tão grande o desejo que o Senhor tem de se te comunicar, que o não póde comprehender nenhum entendimento creado.

Mas, todavia, para que em parte possas fazer alguma idéa d'este desejo do Senhor, necessario é que em teu pensamento se imprimam bem duas considerações.

A primeira é o ineffavel jubilo e complacencia que tem nosso clementissimo Deus de estar connosco, chegando a dizer que o estar em nossa companhia são as suas delicias, e por isso pedindo-nos o nosso coração para habitar n'elle: signaes evidentes d'este seu grande desejo e de seu amor.

A segunda é o immenso odio que Deus tem ao peccado, tanto por ser impedimento e obstaculo á união que connosco infinitamente deseja, como por ser totalmente contrario ás suas divinas perfeições; porque como este Senhor é a luz pura, o summo bem e a formosura increada, não póde deixar de aborrecer e abominar infinitamente o peccado que se lhe oppõe, como trevas, defeito e horrorosa fealdade de nossas almas.

E é tão ardente e implacavel este odio do Senhor contra o peccado que, para o destruir, ordenou todas as obras do antigo e novo Testamento, particularmente as da sacratissima Paixão de seu Divino Filho, o qual (como disseram muitos contemplativos) se fosse necessario se entregaria de novo mil vezes á morte, só para destruir em nós qualquer pequena culpa ou sombra de peccado.

Com estas considerações, chegando tu a conhecer, ainda que imperfeitamente, a grandeza do desejo que Deus tem de entrar em teu coração para lançar fóra d'elle e destroçar de todo os teus e seus inimigos, excitarás em ti um vivo e efficaz desejo de o receber pelo mesmo fim. E, para o poderes conseguir mais facilmente, usarás d'estas ou semelhantes jaculatorias:

Vinde, Senhor e Deus meu, vinde, e ajudae esta alma miseravel, vinde, e destrui estes vossos e meus inimigos. Oh amantissimo Senhor meu, quando me amanhecerá aquelle felicissimo dia, em que recebendo-vos, Celeste e Divino Pão, veja de todo destruidos e para sempre anniquilados todos os meus vicios, que até agora me assaltaram e fizeram tão dura guerra?!

D'esta maneira, fortalecido vigorosamente teu coração com a esperança de que has de ter n'elle o teu Capitão Divino, desafia a paixão que trataes de vencer; e reprimindo-a com muitos actos de aborrecimento, faze e repete os da virtude que lhe é contraria, e d'este modo continua todo o dia de antes, e a manhã d'aquelle em que houveres de commungar.

Quando depois estiveres para receber o Santissimo Sacramento, um pouco antes, por breve espaço, trarás á memoria as faltas que houveres commettido desde a ultima vez que o recebeste até áquella hora; considerando que as commetteste como se não houvera Deus, ou como se elle não houvesse padecido tanto por ti nos mysterios de sua santissima Paixão; pois mais estimaste um vil affecto de teu animo, que a maior gloria de Sua Divina Magestade. E assim, toda envergonhada e corrida d'este e dos mais erros de teu ingratisimo coração, te confundirás com um santo medo e temor de chegar á Sagrada Communhão, e de receber uma tão Soberana Magestade, a quem tanto offendeste.

Mas considerando logo que o abysmo immenso e profundissimo da divina Bondade chama a si o abysmo da tua ingratidão e pouca fé, chega-te com grande confiança a teu Senhor, franqueando-lhe a entrada em teu coração, para que tomando posse d'elle seja seu total e absoluto Senhor, e de todas as suas coisas.

E adverte que só então haverás preparado apto e sufficiente habitaculo a este Senhor amorosissimo, quando de todo houveres lançado de teu coração qualquer amor e affecto ás coisas do mundo, e o houveres fechado a tudo o que não fôr teu proprio Deus, o qual sómente deve ter n'elle franca a entrada.

Tanto que tiveres commungado, retirando-te logo ao mais interior de teu coração, adorarás primeiro ao Senhor, e então, com todo o respeito e

humildade, mentalmente lhe fallarás assim : *Vós vêdes, meu Deus, unico bem de minha alma, quam facilmente vos offendo e o quanto póde contra mim esta cega paixão, e como d'ella por mim mesma me não posso livrar. Mas já que o vosso amor fez seu este meu combate, a vós mesmo o commetto e só de vós unicamente espero este triumpho; bem que não duvido pôr tambem da minha parte o pouco que posso.*

Entretanto, voltando-te ao Padre Eterno, offerece-lhe em acção de graças (e pela victoria que de ti mesma esperas alcançar) a seu bemdito Filho, que elle se dignou de dar-te debaixo das especies sacramentaes, e a quem já tens dentro de teu peito. Então pelejando generosamente contra a mesma paixão, confia e espera com grande fé que Deus te ha de dar não só o auxilio, mas o triumpho; pois se trabalhares da tua parte quanto podéres, Sua Divina Magestade não t'o ha de negar, posto que pareça que tarda em conceder-t'o.

CAPITULO LV

**Como nos havemos de preparar para a sagrada Communhão,
para excitarmos em nós o amor para com Deus**

Para te excitares por este divinissimo Sacramento a amar a Deus, trarás, filha, ao pensamento quam grande é o amor que elle te tem, e para isto desde o dia antecedente meditarás o seguinte :

Como este soberano e todo-poderoso Senhor, não contente só com haver-te creado á sua imagem e semelhança, e com haver mandado á terra seu Unigenito Filho para que trinta e tres annos padecesse pelas tuas maldades, e soffresse trabalhos crudelissimos e a dura morte de Cruz pela tua redempção, te quiz além d'isso dar por alimento e remedio de tuas espirituaes enfermidades seu Santissimo Corpo no Santissimo Sacramento do Altar.

Considera, filha, com toda a attenção as excellencias incomparaveis d'este amor; porque acharás que são taes, que o fazem perfeitissimo e singular por todas as maneiras.

Em primeiro logar. Pelo tempo: porque se repararmos no tempo que ha que Deus nos ama, acharemos que não tem principio; porque da mesma maneira que a sua divindade é *ab æterno*, assim tambem igualmente é *ab æterno* o seu amor, com o qual antes de todos os seculos nos amou, decretando desde então nas suas divinas idéas dar-nos a seu Unigenito Filho n'este admiravel e Santissimo Sacramento.

N'esta consideração, se bem a ponderares, experimentarás que, não cabendo teu coração no peito, mas antes dando interiormente saltos em demonstrações de alegria, com o maior jubilo da tua alma te faz romper n'esta ou semelhante reflexão, sem que saiba passar adeante a tua capacidade natural:

E como assim? E já n'aquelle abysmo da eternidade se fazia tanto caso da minha baixexa, e já

eu era tão estimada e tão amada de Deus, que se lembrava e cuidava de mim? Com tal incendio de ineffavel amor me queria meu Deus desde então, que já desejava dar-me seu mesmo Divino Filho por doce regalo no Sacramento?

Em segundo lugar. Pela comparação: porque se repararmos na sua grandeza, acharemos que qualquer outro amor, por grande que seja, é limitado, e que nem se póde estender a mais que até o seu termo; e que este amor do Senhor é amor sem termo, sem limitação e sem medida.

Por isso querendo-nos Deus mostrar todo o seu amor e satisfazer inteiramente á ancia com que nos amava, nos deu seu proprio Filho, igual a elle no poder e ser infinito; de uma mesma substancia, natureza e magestade. D'onde se colhe que tão grande é o amor como a dadiva, e tão grande é a dadiva como o amor; e que ambos são tão infinitamente grandes e excellentes, que não póde nenhum entendimento chegar a comprehendê-los.

Em terceiro lugar. Pela sua bondade: porque nenhuma necessidade ou força podia constranger a Deus a amar-nos; e só a sua intrinseca e natural bondade unicamente o moveu a este tão grande e incomprehensivel affecto de amor para conosco.

Em quarto lugar. Pelo nosso demerito: porque nenhuma obra ou merecimento nosso podia preceder, em razão do qual este Soberano Senhor nos chegasse a mostrar tão grande excesso de amor e caridade; mas só a sua infinita liberalidade o

podia obrigar a communicar-se a tão humildes e indignas creaturas, como nós somos.

Em quinto logar. Pela sua pureza: porque se observares bem este amor, claramente conhecerás que não é como os amores do mundo, fundados sempre no interesse proprio; porque o Divino Monarcha não necessita de nossos bens, sendo elle só por si e em si, sem nós, felicissimo e gloriosissimo: e assim a sua ineffavel bondade e caridade se quiz empenhar em amar-nos, não por alguma utilidade e commodo seu, mas simplesmente por maior proveito e interesse nosso.

Meditando, filha, e ponderando bem todos estes pontos, dirás interiormente: *E como é isto? E como póde ser que um tão alto Senhor ponha os affectos de seu coração n'uma creatura tão vil? Que quereis, Rei da Gloria, e que esperaes de mim, que nenhuma outra coisa sou mais que pó e cinza? Mas ah! que bem vejo, meu Deus, illustrada com a luz de vossa abrazada caridade, que só vos leva n'isto um unicô motivo, que ainda mais claramente me descobre a pureza de vosso amor; pois por nenhuma outra razão vos daes todo em meu sustento, que para que eu me converta toda em vós: não porque vossa divina grandeza necessite de mim, mas para que, vivendo vós em mim e eu em vós, venha eu a ser uma e a mesma coisa com-vosco por união amorosa; e para que da vileza de meu terreno coração junto com o vosso se faça um só coração divino.*

Enchendo-te então de pasmo e consolação, por te veres tão altamente prezada e amada de

teu Deus, e reconhecendo no mais secreto de teu peito como este Senhor não tem outro intento, nem pretende outra coisa no grande e poderoso amor que te mostra; mais que attrahir a si todo o teu amor; apartando-te primeiro das creaturas, e ainda de ti mesma (que tambem és creatura), offerece-te toda de novo em sacrificio a este amoroso Deus, ~~em~~ fim de que d'aqui em diante só o seu divino amor e seu santissimo beneplacito te movam o entendimento, a vontade e a memoria, e te governem em todos os teus sentidos interiores e exteriores.

Depois, conhecendo que nenhuma coisa póde agradar tanto ao Senhor, nem unir-te tanto com elle como o receber dignamente este Sacramento Santissimo, procurarás franquear-lhe para este effeito, no melhor modo que te fôr possível, as portas do coração; advertindo que só então lh'as franquearás bem, quando as fechaes a todas as coisas da terra, e aos santos e puros pensamentos lhe dispozeres a entrada: antes ao mesmo Senhor (ainda mais que o antigo Josué) terás como obediente para te vir buscar, se só por agradar-lhe fervorosamente desejares e esperares a sua vinda; para o que te disporás com interior affecto, dizendo em teu coração estas ou semelhantes jaculatorias e amorosas aspirações:

Oh celeste sustento! e quando será aquella hora feliz em que me veja abraçar, sacrificada de todo a vós, não em outro fogo que o de vosso divino amor? Quando, quando me chegará tão grande dita, meu increado amor? Oh Pão vivo, quando

viverei eu sómente de vós, em vós e para vós? Ah! quando, vida formosa, vida alegre, vida eterna, chegará aquelle tempo em que só tenha deante dos olhos o cumprir vossa vontade, esquecida totalmente de fazer a minha? Quando por verdadeira caridade me unirei convosco, oh celeste e dulcissimo Manná? Quando, quando, enfastiada de qualquer outro sustento, vos appetecerei unicamente e de vós só me alimentarei? Quando será isto, meu amor? Quando, unico bem da minha alma? Ah meu amante e todo poderoso Senhor, livrae já este miseravel coração de qualquer affecto desordenado, e de todas as paixões viciosas. Ornae-o com vossas santas virtudes, e enriquecei-o d'aquelle puro fim de fazer tudo por amor de vós, e puramente por vos agradar; porque d'esta maneira virei a abrir-vos o coração, a convidar-vos e fazer-vos amorosa violencia para que entreis n'elle. E vós, Senhor, obrareis depois em mim, sem resistencia, os effeitos que sempre desejastes.

N'estes affectos amorosos te pódes exercitar no dia antecedente e na manhã do dia em que houveres de commungar, para te dispôres e preparares para a sagrada Communhão.

CAPITULO LVI

Do modo de nos prepararmos para a sagrada Communhão, quando é chegado o tempo de a irmos receber

Assim que chegar o tempo de te pôres á Mesa da Communhão, debes, filha, muito attentamente considerar que este Senhor que vaes receber é o mesmo Filho de Deus incomprehensivel em Sua Magestade, e deante de quem temem e tremem as columnas do Firmamento, e as mesmas Potestades e Dominações do Empyreo; o Santo dos Santos, o espelho sem macula e a pureza incomparavel, em cuja comparação nenhuma creatura se acha que seja pura; aquelle que creou o Universo todo e ahi te creou á sua imagem e semelhança; aquelle todo-poderoso e immenso Senhor em cuja mão esteve, está e estará sempre a vida e a morte de todo o Universo; aquelle, finalmente, que por teu amor, como opprobrio e ludibrio dos homens, se sujeitou a ser desprezado, cuspidos e pisados, escarnecido e crucificado por mãos da mesma iniquidade e ingratidão.

Pelo contrario debes tambem considerar que tu não és mais que um nada, e que por teus peccados e malicia ainda te fizeste menos que a mais vil e indigna creatura racional; e que por elles tens merecido ser a zombaria e o escarneo de todos os demonios do inferno.

E que és tão ingrata que, em lugar de corresponder com o agradecimento devido a mercês tão innumeraveis, vieste a desprezar nos desenfreados affectos de teu animo, e em teus illicitos appetites, um tão grande, tão poderoso e tão amavel Senhor; pisando o valor infinito de seu preciosissimo Sangue.

E que, sem embargo de tudo isto, este Senhor, por sua perpetua caridade e bondade infinita, te está convidando á sua Divina Mesa e obrigando-te ás vezes com ameaçar-te pena de morte, para que te chegues a ella.

E que é tal o seu amor e piedade, que ainda sendo tu uma creatura tão má e tão perversa, todavia nem por isso te fecha as portas de sua ineffavel bondade e misericordia; nem menos se retira e te vira as costas, ainda que da tua propria natureza sejas leprosa, manca, hydropica, cega, endemoninhada, e entregue a muitas e innumeraveis torpezas e miserias.

E que, posto que lhe tens sido tão ingrata, o que agora só pretende de ti como recompensa de tão incomparaveis beneficios, não é mais que estas poucas coisas:

Primeira: que te pese, e te doas de o haveres offendido.

Segunda: que aborreças sobretudo, não só a culpa grave, mas ainda a mais leve.

Terceira: que te resignes na sua divina vontade e santa obediencia, e te entregues sempre a elle; não só com affecto, mas com effeito, nas occasiões que se te offerecerem.

Quarta: que esperes e que confies firmemente que te perdoará teus peccados, que te purificará das manchas d'elles, e que te guardará de todos os teus inimigos.

Alentada assim com este ineffavel amor de teu Deus, te chegarás depois á sagrada Communhão com um santo e amoroso temor; e juntamente com o Sacerdote que diz: *Domine, non sum dignus*, etc., dirás:

Eu não sou digna, Senhor, de vos receber, pois havendo-vos offendido gravemente tantas e tantas vezes, não chorei até agora como devia minhas grandes culpas.

Eu não sou digna, Senhor, de vos receber, porque não estou totalmente purificada do affecto das culpas veniaes.

Eu não sou digna, Senhor, de vos receber, porque ainda não acabei de entregar-me sinceramente a vosso divino amor, á vossa santa união e obediencia.

Porém, ainda assim, Deus meu todo-poderoso e infinitamente bom, peço-vos por vossa summa bondade e pela virtude de vossa divina palavra, que me faças digna (meu amor) de que com esta fé vos receba.

Tanto que houveres commungado, te retirarás logo ao mais secreto de teu coração, e esquecida ahi de qualquer objecto creado, fallarás d'este ou semelhante modo com teu Deus e Senhor: *Oh soberano Rei da Gloria, e supremo Senhor do Céu e da terra, quem vos introduziu dentro do meu coração, que sou uma creatura miseravel, cega,*

pobre e despida de todo o bem? E o Senhor então te responderá que o seu divino amor é quem te faz esse beneficio.

A isto replicarás, dizendo: Oh amor increado! Oh dóce amor! E que é o que quereis de mim? — Não quero outra coisa, dira elle, mais que o teu amor; nem quero que no alto de teu coração, nos teus sacrificios e em todas as tuas obras arda outro fogo, mais que o do meu amor, que consumindo e anniquilando qualquer outro affecto, e ainda tua propria vontade, me exhale um agradavel cheiro e suavissimo perfume.

Isto busquei e busco sempre, porque nenhuma outra coisa desejo tanto, como o ser todo teu e que tu igualmente sejas toda minha. Mas não o poderás ser enquanto estiveres pegada ao amor de ti mesma, a teu proprio juizo, a teu appetite e estimação, sem te resignares toda em minha vontade, de que tanto me agrado.

Filha, peço-te muito que te aborreças a ti mesma para que possas receber o meu amor. Peço-te o teu coração, para que junto com o meu se cheguem a unir entre si: porque para este effeito é que me foi rasgado e aberto na Cruz. Desejo, torno a dizer, e te peço tudo o que é teu, para que tu sem restricção possas possuir tudo o que é meu; e quero-te toda a ti, para que eu seja todo teu; e que de modo cuides em me fazer a vontade, como que em mim achas toda a tua bemaventurança. Bem claramente vês que eu valho tanto que meu preço é incomparavel, e' comtudo, tal é a minha bondade que não quero valer mais que o que tu

vales; e assim acaba, acaba de me comprar, alma querida, entregando-te toda a minhas disposições.

Eu quero de ti, dirá finalmente o Filho de Deus, que não queiras, não cuides, não entendas, não vejas coisa alguma mais que a mim e minha santissima vontade, para que tudo o que eu quero, cuido, entendo, o veja em ti; porque d'este modo o teu nada, absorto no abysmo da minha infinidade, se converterá todo n'ella, e serás em mim superabundantemente ditosa e bemaventurada, e eu em ti inteiramente contente e satisfeito.

Finalmente offerecerás ao Padre Eterno seu Unigenito Filho, primeiramente em acção de graças, logo por tuas proprias necessidades, pelas da Santa Igreja Catholica, por teus paes, parentes, amigos e bemfeitores, e por todos aquelles a que deves alguma obrigação ou espiritual ou temporal, e pelas Almas do fogo do Purgatorio. E esta offeria a farás em memoria e união d'aquelleia que o mesmo Filho de Deus fez de si mesmo, quando todo banhado em seu Divino Sangue na Arvore da Cruz, se offereceu em sacrificio a seu Eterno Pae.

E por esta maneira lhe poderás tambem offerer todos os sacrificios que n'aquelle dia em toda a Santa Igreja Catholica Romana se offerecem a Sua Divina Magestade.

CAPITULO LVII

Da Communhão espiritual

Ainda que se não póde receber sacramentalmente o Senhor mais que uma vez cada dia, contudo espiritualmente o podemos receber a toda a hora e a cada momento. E d'esta communhão ninguém absolutamente nos póde privar, nem nol-a póde impedir, se não fôr a nossa negligencia ou alguma culpavel vontade nossa.

Esta communhão muitas vezes nos poderá ser de muito maior proveito, e poderá agradar muito mais a Sua Divina Magestade, do que muitas outras sacramentaes; o que principalmente succederá quando nos não houvermos disposto para ellas com a devida diligencia e preparação.

Todas as vezes pois que dispozeres e preparares teu interior para a communhão espiritual, acharás prompto o Filho de Deus para se te dar a si mesmo e te alimentar espiritualmente com suas proprias mãos.

Mas para te dispôres bém a receber este Senhor, levanta a elle com este mesmo fim teu pensamento, e passando brevemente pela memoria as tuas culpas, fórma interiormente um acto de contricção e dôr d'ellas; e depois com a maior humildade que te fôr possível, e com grande fé e confiança, pede ao Senhor que se digne de querer entrar dentro de tua alma enferma e misera-

vel, communicando-lhe nova graça com que fique sã, robusta e forte, e capaz de resistir á violencia de seus inimigos.

Da mesma maneira quando te vires em lance de haver de lutar com alguma de tuas paixões, de mortificar teus appetites ou de fazer qualquer acto de virtude, procura fazer tudo afim de preparar teu coração para o Senhor, que continuamente t'o pede. E voltando-te a elle, invoca-o, abrazada em ardente desejo de que venha a visitar-te com sua santa graça, dar-te espiritual saude e livrar-te de teus inimigos. para que elle só possa ser absoluto Senhor de teu coração.

Ou ao menos (se não commungares espiritualmente) lembrando-te da ultima Communhão sacramental, diz com um coração fervoroso : *Quando vos tornarei a receber, meu Senhor, n'esta minha miseravel alma? Quando, quando? Vinde, Senhor, vinde, e ajuda-me para que prosiga esta vida e caminho espiritual.*

Mas se quizeres preparar-te e commungar espiritualmente com maior devoção e por outro modo melhor, encaminharás e offerecerás desde o dia antecedente todas as mortificações e actos de virtude, e quaesquer outras boas obras que houveres feito, a este fim de receber espiritualmente a teu Senhor.

Então logo pela manhã, considerando quam grande é o bem e felicidade d'aquella alma que dignamente recebe o Santissimo Sacramento do Altar (pois n'elle se cobram as virtudes perdidas, torna a alma ao estado de sua primeira belleza, e

se lhe communicam os fructos e merecimentos da sagrada Paixão do mesmo Filho de Deus), e quanto agrada a Sua Divina Magestade que logremos por este meio tão grandes beneficios, procura, filha, inflammare teu coração n'um ardente desejo de o receber; e isto puramente só por agradar-lhe e por fazer n'isso sua santissima vontade.

E tanto que estiveres inflammada n'este desejo, volta-te para o mesmo Senhor e dize-lhe: *Já que hoje se me não permite, Senhor, que eu vos receba sacramentalmente, fazei, ó bondade e poder infinito, que eu dignamente me recreie em vós, recebendo-vos espiritualmente agora, a toda a hora e em qualquer dia, perdoando-me qualquer culpa, sarando os achaques da minha alma e dando-me novas assistencias de vossa divina graça, novas forças contra todos os meus inimigos, e mais particularmente contra este a quem agora faço guerra, por unicamente agradar a vossa Divina Magestade.*

CAPITULO LVIII

Da acção de graças

Como todo o bem que logramos e as boas obras que fazemos, sejam de Deus e procedam de Deus, segue-se que devemos dar muitas graças à Sua Divina Magestade por qualquer bom exercicio que tivermos, de qualquer victoria que alcançarmos, e de todos os beneficios que em commun

e em particular houvermos recebido de sua liberal e piedosa mão.

Para satisfazeres propriamente a esta obrigação, debes considerar o fim que move ao Senhor a te communicar suas graças e favores, porque d'esta consideração e conhecimento tirarás o modo com que debes dar a Deus devidas graças.

E porque o Senhor em qualquer beneficio que nos faz, primeiro attende á sua honra, e a mover-nos e attrahir-nos a seu santo amor e serviço, e depois a nossa utilidade; portanto tu tambem, em primeiro logar, meditando, discorre assim: *Com que poder, sabedoria e bondade me tem Deus feito este beneficio, outorgado este favor!* Depois conhecendo que não ha em ti (como de ti) coisa alguma que mereça suas divinas graças, antes que só se acham em ti defeitos e ingratidões, com profundissima humildade diz assim ao Senhor: *E como é isto, meu Deus, que vos não dedignaes, antes me fazeis a graça de pôr vossos divinos olhos n'este vil bicho da terra? Por que razão, Senhor, me fazeis tantos e tão repetidos beneficios? Ah! seja o vosso Santo Nome louvado e glorificado por todos os seculos dos seculos.*

Finalmente, conhecendo que por tantos beneficios que te faz, nenhuma outra coisa pretende senão que o ames e sirvas, accende logo e inflamma teu coração com um vivo e verdadeiro desejo de servir a um Deus tão amante, do mesmo modo que este Senhor o pretende. Para o que accrescentarás uma total offerta de ti mesma, a qual farás pelo modo seguinte.

CAPITULO LIX

Da oblação ou offerta de nós mesmos

A oblação ou offerta de ti mesma, para ser em todas as suas partes agradavel a Deus, necessita de duas coisas: a primeira é a união d'ella com as oblações que Nosso Senhor Jesus Christo fez de si ao Padre Eterno; a segunda, que tua vontade esteja livre e isenta de qualquer afeição que possa ter ás creaturas.

Quanto á primeira has-de saber que o Filho de Deus, vivendo n'este valle de lagrimas, não só offerecia ao Padre Eterno sua humanidade e suas obras; mas tambem comsigo lhe offerecia a nós mesmos, juntamente com as nossas obras e com as suas. Assim que as oblações e offertas de nós mesmos se devem fazer em união e confiança das obras e offertas do mesmo Filho de Deus.

Quanto á segunda: considera bem, antes que te offereças, se acaso tua vontade está presa do affecto de alguma creatura; porque se o estiver a has-de desatar primeiro d'elle, para o que recorrerás a Deus afim de que, apartando-te com sua poderosa mão d'esse affecto, te possas offerecer a Sua Divina Magestade, livre e desembaraçada de toda e qualquer terrena afeição.

Repara muito n'esta advertencia; porque se te offereceres a Deus, estando embaraçada com as creaturas, não offerecerás nada do teu, mas só o

que é de outrem; pois que n'aquelle caso a tua vontade não é tua, mas d'aquellas creaturas a que ella n'esse tempo se acha ligada; coisa que desagrade tanto ao Senhor como se, temerarios, o quizessemos escarnecer.

D'isto nasce que não só se tornam inuteis e infructiferas tantas offertas que fazemos de nós mesmos ao Senhor; mas tambem que depois cahimos em varias faltas, erros e peccados.

Bem é verdade que nos podemos offerecer a Deus, ainda quando nos achamos ligados ao amor das creaturas; mas isso deve ser com intenção de que sua divina bondade nos solte e nos desembarace, para que nos possamos depois entregar a seu santo serviço e obsequio. E isto o devemos praticar a miude e com grande fervor.

Seja pois a offerta de ti mesma, sem apego nem propensão a algum acto de tua vontade, ainda que este fosse bom; de tal sorte que tua vontade de nenhum modo attenda nem aos bens da terra nem aos do Céu, mas só pura e simplesmente á Vontade e Providencia Divina, á qual em todas as tuas coisas te debes submeter e sacrificar-te em perpetuo holocausto; e assim esquecida de qualquer coisa creada, lhe dirás: *Eis aqui, Senhor e Creador meu, me entrego toda, com todas as minhas coisas e com todos os meus desejos, nas mãos de vossa divina vontade e eterna providencia. Fazei, Senhor, de mim e em mim o que fôrdes servido e mais vos agradar, tanto ácerca de minha vida, como da minha morte e ainda depois da morte; tanto a respeito do tempo, como da eternidade.*

Se fizeres isto assim com toda a sinceridade (o que conhecerás quando te succederem algumas coisas adversas e contrarias), de tão terrena que és, virás a ser mercadora evangelica, e muito ditosa, porque tu serás de Deus e Deus será teu. Porque Deus sempre é d'aquelles que, apartando-se das creaturas, de si mesmos se entregam e sacrificam de todo a Sua Divina Magestade.

Bem vês logo, filha, ser este um poderosissimo modo de vencer todos os teus inimigos : porque se assim é que esta offerta e oblação de ti mesma de tal sorte te une a Deus, que chegas a ser toda sua e elle todo teu, que poder ou que inimigo te poderá jámais offender?

Mas sempre que quizeres offerecer a Deus alguma obra tua, como jejuns, orações, actos de paciencia ou outras acções meritorias, dirige primeiro o pensamento á oblação que Nosso Senhor Jesus Christo fazia ao Padre Eterno, de seus jejuns, orações e outras obras, e fiado no preço e virtude d'ellas, offerece então as tuas á Divina Magestade.

Se porém quizeres offerecer ao Padre Eterno as obras de Christo por satisfação de tuas culpas e peccados, d'este ou semelhante modo as poderás offerecer.

Passarás pela memoria em geral, e alguma vez em particular, os teus peccados, e conhecendo claramente que não é possivel que possas por ti mesma aplacar a ira de Deus nem satisfazer a sua Divina Justiça. recorrerás logo á Vida e sagrada Paixão de seu Unigenito Filho, contemplando al-

guma de suas acções, como, por exemplo, quando jejuava, orava, padecia ou derramava seu Divino Sangue; e d'ella conhecerás como para aplacar a justiça de seu Eterno Pae e reconciliar-te com elle, pagando a divida de tuas grandes culpas, lhe offerecia aquellas suas obras, juntas com seu Divino Sangue e sacratissima Paixão, quasi por estas palavras:

Supposto, Padre Eterno, que segundo vossa vontade satisfaço superabundantemente a vossa Divina Justiça pelos delictos, dividas e erros d'esta creatura N., sirva-se vossa Divina Magestade de lh'os perdoar e de recebê-la no numero de vossos escolhidos. E então offerece tu tambem por ti mesma, ao mesmo Padre Eterno, esta mesma oblação e supplicas de seu Unigenito Filho, rogando-lhe que em virtude d'ellas te perdoe todos os teus peccados, para maior gloria de seu santissimo Nome.

Este exercicio o poderás fazer passando não só de um mysterio a outro, mas de um a outro acto de cada mysterio; e não só poderás valer-te d'este modo de offerecer nas occorrencias de teus interesses espirituaes, mas tambem nas que se ordenarem a beneficio de teu proximo.



CAPITULO LX

Da devoção sensível e da seccura de espirito

De tres causas, filha, póde proceder a devoção sensível: ou da natureza, ou do demonio, ou da graça. Pelos effeitos porém que causar em ti, poderás conhecer a raiz de que procede. Porque se ella não obrar em ti a melhora e a emenda de tua vida, com razão poderás suspeitar que proceda ou do demonio ou da natureza; e tanto mais quanto mais acompanhada fôr de maior complacencia, suavidade e affecto proprio, e de alguma estimação de ti mesma.

Pelo que, quando sentires que tua alma se entenece com doçuras e deleites spirituaes, não te ponhas a disputar de que parte procedem, nem te apegues de maneira a elles que te apartes do conhecimento do teu *nada*; antes procura com maior cuidado e aborrecimento de ti mesma conservar teu coração livre de toda a inclinação e affecto, ainda que espiritual, não desejando mais que a teu Deus e seu divino beneplacito; porque d'esta maneira, ainda que o gosto proceda da natureza ou do demonio, chegará a ser effeito da graça. A seccura do espirito do mesmo modo póde tambem proceder ou do demonio, ou de nós mesmos, ou da graça.

Do demonio para esfriar o espirito no serviço de Deus, e desviando-o da empresa e exercicio

espiritual, encaminhal-o aos entretenimentos e deleites do mundo.

Da nossa natureza ou de nós mesmos : pelas nossas culpas, pela afeição ás coisas da terra, ou pelas nossas negligencias.

Da graça, finalmente : ou para nós advertir que sejamos mais diligentes em lançar de nós todas as inclinações, affectos ou occupaões que não sejam o mesmo Deus e que o não tenham a elle só por fim, ou tambem para que a experiencia nos faça conhecer que todo o nosso bem nasce d'este Senhor, ou para que no futuro tenhamos em maior estimação os seus dons e sejamos mais humildes e acautelados em os conservar ; ou para que mais estreitamente nos unamos a Sua Divina Magestade, pela total renuncia de todas as nossas coisas, ainda das mesmas delicias espirituaes, não pegando a ellas o nosso coração (porque d'este modo ficaria dividido, e Deus o deseja e quer só para si); ou, finalmente, porque ao mesmo Deus lhe agrada muito, por nosso maior bem e utilidade, vêr-nos combater com todas as nossas forças, e usarmos perfeitamente do poder da sua graça.

Se te achares pois com esta seccura (por qualquer dos motivos apontados que Deus a permitta), entra logo em ti mesma, examina qual é o defeito ou culpa pela qual se tirou a sensível devoção, e então sahe logo a campo contra ella, não para recobrades a sensibilidade da graça, mas para apartares de ti tudo o que desagrada aos olhos da Magestade Divina.

Mas se não achares em ti defeito algum, n'este

caso então a tua devoção sensível seja a prompta resignação na vontade de Deus; porque n'esta é que consiste a verdadeira devoção.

E adverte que ainda então não deixes de alguma maneira de continuar os teus exercicios espirituaes, mas com todo o esforço e diligencia vae com elles por deante; e ainda que te parecessem infructiferos è sem sabor, todavia vae bebendo de boa vontade esse calix de amarguras que a vontade amorosa de teu Senhor te offerece para teu maior bem.

E se talvez a seccura fôr acompanhada de tanta e tão cerrada escuridade d'alma que não saibas tomar resolução nem dar-te a conselho para onde te hajas de inclinar, nem por isso te falte o animo; mas solitaria e firme n'essa cruz, deixa-te estar desamparada, carecendo de todo o deleite da terra, particularmente dos que o mundo ou as creaturas te offerecerem.

Não dês a entender a ninguem a tua pena e trabalho interior, excepto a teu padre espiritual, a quem o manifestarás, não para buscar n'elle allivio, mas para que te ensine o modo de padeecer conforme o beneplacito da vontade divina.

Não frequentes as communhões, as orações e os outros exercicios espirituaes afim de te desceres da cruz e alcançar as perdidas consolações, mas só afim de tomares novo alento para caminhar com ella, por maior credito da mesma cruz e gloria maior de teu Senhor crucificado.

E se algumas vezes a distracção e turbação do espirito fôr tão grande que não possas meditar,

nem orar, como costumás, ao menos medita e ora no melhor modo que podéres. E também o que não pódes executar com o entendimento, esforça-te a executá-lo com a vontade e com as palavras, falla, ora contigo, ora com o Senhor; porque d'estes colloquios acharás nascerem em ti admiráveis effeitos, e o teu coração tomará forças e alentos.

E n'este accidente poderás dizer d'estas ou semelhantes orações:

D'onde nasce, alma minha, a tua tristeza? e d'onde vem que assim me perturbas? Põe a tua confiança em Deus, porque ainda lograrás a dita de louval-o como objecto de tua bemaventurança, e como meu Senhor e meu Deus ¹.

Porque, Senhor, vos apartastes tanto de mim, nem me olhaes na occasião de minhas afflicções e trabalhos? Ah Deus meu! ao menos não me deixeis de todo ².

Senhor, meus inimigos me fazem força e violencia para derribar-me; sede em meu favor ³.

Tornae, tornae a vir, meu Deus, e fazei-me a graça de que ouça eu a voz de vossas inspirações ⁴.

Deus meu, Deus meu, como chegaste a desam-

1 Quare tristis es, anima mea? et quare conturbas me? Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor tibi salutare vultus mei, et Deus meus.

2 Ut quid Domine recessisti longe, despicias in opportunitate, in tribulatione? Non me derelinquas usquequaque.

3 Domine, vim patior, responde pro me.

4 Revertere, revertere, fac me audire vocem tuam.

parar esta vossa creatura, que tanto necessitava de vós? ¹

E lembrando-te d'aquella celestial doutrina que Deus no tempo da tribulação inspirou a sua querida Sára, mulher de Tobias, podes valer-te d'ella, dizendo com alegre e confiada voz:

Seguro está, Senhor, quem vos adora, que se sua vida fór uma prova continuada, alcançará no fim o premio e a corôa; e que se a passar em tribulações e em trabalhos, se verá livre d'elles; e que se fór castigado, poderá chegar a conseguir a vossa Divina Misericordia. Porque vós, meu Deus, sois tão benigno, que não tendes gosto da nossa perdição; pois nos trazeis a bonança depois da tempestade, e nos communicaes os jubilos e alegrias depois dos prantos, das tristezas e das lagrimas. Oh Deus e Senhor Nosso, seja o vosso Santissimo Nome bendito por todas as eternidades! ²

Alem d'isto debes-te lembrar tambem de teu Senhor, que no Horto e na Cruz foi desamparado de seu Eterno Pae na parte inferior ou sensitiva, para que se lhe aggravassem mais os tormentos; e levando com paciencia em sua companhia a

¹ Deus, Deus meus, quare me dereliquisti?

² Hoc autem pro certo habet omnis qui te colit, quod vita ejus, si in probatione fuerit, coronabitur; si autem in tribulatione fuerit, liberabitur; si in correptione fuerit, ad misericordiam tuam venire licebit. Non enim delectaris in perditionibus nostris, quia post tempestatem tranquillum facis, et post lacrymationem, et fletum, exultationem infundis: sit nomen tuum Deus Israel benedictum in sæcula. Tob. III.

cruz de teus trabalhos, dirás: *Faça-se, Senhor, a vossa divina vontade* ¹.

Obrando d'esta sorte, a tua paciencia e oração farão subir as chammas do sacrificio de teu coração até o Throno de Deus, e ficarás verdadeiramente devota; pois é certo que a verdadeira devoção é uma viva e firme promptidão da vontade, e em seguir a Jesus Christo Senhor Nosso com a sua Cruz ás costas, por qualquer caminho que elle nos convidar e chamar para si, e em querer a Deus pelo mesmo Deus, e em deixar talvez ao mesmo Deus por elle mesmo.

Se muitas pessoas que se entregam á devoção (particularmente Religiosos e mulheres) medissem seu proveito espiritual por esta devoção verdadeira, e não pela sensivel, não seriam enganadas por si mesmas, nem pelo demonio. Nem inutilmente (e com demonstrações da maior ingratiidão) se queixariam d'um tão grande e incomparavel bem que lhes faz o Senhor; mas com maior fervor e animo se empregariam em seu santo serviço. Pois tudo Sua Divina Magestade dispõe ou permite para sua maior gloria, e para bem e utilidade nossa.

N'isto tambem se enganam muitas d'aquellas pessoas (e particularmente as mulheres) que, fugindo com temor e prudencia das occasiões dos peccados, ainda assim, quando chegam a ser molestadas de pensamentos deshonestos, horriveis e espantosos, e ainda ás vezes de visões impurissi-

¹ Fiat voluntas tua.

mas, ficam tão confusas e perdem tanto o animo, que cuidam que já Deus as desamparou e largou mão d'ellas, não se podendo persuadir que em uma alma que estiver occupada d'estes pensamentos haja de querer habitar o Espirito do Senhor. Do que se segue que, atemorizadas com estas imaginações, tanto se affligem que chegam quasi ao ultimo ponto da desesperação, e a termos de deixar os bons exercicios que praticavam, tornando-se ás cebolas do Egypto; isto é, aos gostos do mundo de que já se haviam apartado.

Não comprehendem estas almas a mercê que o Senhor lhes faz: o qual por isso deixa que estes espiritos da tentação as molestem, porque deseja reduzi-las ao conhecimento de si mesmas; e que se cheguem a elle como a fonte d'onde só lhes póde vir todo o seu bem. E assim dispõe as coisas de modo que chegam a vêr muito claramente o quanto necessitam de seu divino auxilio. Pelo que, quando estas almas se entristecem e se queixam das tentações, é sem duvida que se mostram muito ingratas ao Senhor; pois se deveram antes confessar por muito obrigadas á sua divina bondade, por tão grande e singular favor.

Assim que, filha, se te achares alguma vez em casos semelhantes, o que has de fazer é entrares em uma muito particular consideração das qualidades de tua perversa inclinação; a qual quer o Senhor que tu reconheças, para que claramente entendas o como ella de si está exposta e disposta a todo o mal, por mais feio e enorme que seja; e que é certo que, de ti como de ti, sem a sua di-

vina assistencia, te precipitarias sempre na mais profunda e ultima ruina.

D'este conhecimento has de tirar uma viva esperanza, e confiança grande de que Deus te acudirá; pois por aquelle modo te faz conhecer o perigo, e quer que te chêgues mais a elle por meio de orações, supplicas e rogativas, pelo que lhe debes dar humildemente repetidas graças.

E tem por certo que semelhantes espiritos de tentação e pensamentos torpes, se lançam mais facilmente fóra soffrendo com paciencia a molestia que causam e virando-lhes com destreza as costas, do que pelejando contra elles com porfiada resistencia.

CAPITULO LXI

Do exame da consciencia

Para o exame da consciencia considerarás, filha, tres coisas:

Primeira, as faltas d'aquelle dia.

Segunda, a causa que tiveram.

Terceira, o animo e promptidão que tens para lhes fazer guerra e para adquirir as virtudes que lhes são contrarias.

A'cerca das faltas faze o que fica apontado no cap. xxvi, que falla do que havemos de fazer quando somos feridos pelos vicios, nossos tyranos inimigos.

Quanto á causa d'ellas procurarás animar-te para a combateres e destruíres; e, para o fazeres assim, fortifica tua vontade com a desconfiança de ti mesma, com a confiança em Deus, com a oração e com muitos actos de aborrecimento das taes faltas, e muitos desejos das virtudes que lhes são oppostas.

As victorias que houveres alcançado, e as obras que houveres feito, sejam-te sempre suspeitosas; de mais não te aconselho que te lembres muito d'ellas, porque sempre se acha n'isto o perigo quasi inevitavel de poder ter ao menos algum occulto movimento de vangloria e de soberba.

Pelo que, não cuidando mais n'essas boas obras, antes deixando-as nas mãos da Misericordia Divina (quaesquer que tenham sido), levanta teu pensamento e repara em outras muitas que te ficam para fazer: então, reconhecendo que todo o bem nos vem da misericordia do Senhor como causa e auctor de todos os bens, dá-lhe muitas graças pelos dons e favores que n'aquelle dia te tem communicado e feito, e por que te tem livrado de tantos inimigos manifestos, e muito mais dos innumeraveis occultos; como tambem por que te tem inspirado tantos bons pensamentos e tantas occasiões de poderes exercitar as virtudes; e, finalmente, por qualquer outro beneficio que te tem feito, ainda que n'esse tempo o não conheças.

CAPITULO LXII

Que é necessario continuar n'esta batalha, combatendo sempre até á morte

Entre as coisas que são mais necessarias n'este nosso combate, a que tem o principal logar é a perseverança ; porque com esta nos devemos applicar á continuada mortificação de nossas paixões, que nunca acabam n'esta presente vida, antes como má herva estão sempre brotando e crescendo a cada passo.

Este combate porém é tal que, assim como não acaba senão com o termo da vida, assim também o não podemos evitar nem fugir d'elle : com tal circumstancia que quem n'elle não peleja e o recusa, de necessidade ha de ficar n'elle ou preso ou morto.

Além d'isto temos que pelejar com inimigos que nos teem um perpetuo odio, por onde não podemos jámais esperar d'elles nem paz nem trégoas ; porque áquelles mais cruelmente tyrannizam e matam que com maior ancia procuravam a sua amizade.

Não te debes porém atemorizar com o grande numero dos contrarios, nem com o seu poder e forças ; porque n'este combate não póde ser vencido senão quem o quizer ser ; pois toda a força e poder dos inimigos está sujeita áquelle Capitão por cuja honra e gloria havemos de pelejar.

E este Senhor não só não soffrerá que se te faça o aggravo de seres tentada sobre tuas forças; mas ainda elle mesmo tomará as armas em teu favor, e como mais poderoso que todos os teus contrarios, te assegurará a victoria e t'a trará ás mãos; comtanto que, pelejando tu com esforço a seu lado, não confies em ti, mas tenhas toda a confiança no seu infinito poder e divina bondade.

Mas ainda quando o Senhor não te concedesse tão depressa a victoria, nem por isso percas o animo; porque debes estar muito certa (e isto te aproveitará muito para que pelejes e continues o combate confiadamente) que se te portares como fiel e generosa guerreira, elle converterá em teu favor e em tua utilidade todas as coisas que te fôrem oppostas, e ainda aquellas que mais alheias e mais contrarias te parecerem a teu vencimento.

Assim que, filha, segue, segue a teu Divino Capitão, que por ti venceu o mundo, entregando-se a si mesmo á morte; e applica-te com generosidade de animo a este espirital combate, e á total destruição de todos os teus inimigos; porque se d'elles deixares ainda um só com vida, te acharás como com um argueiro nos olhos, ou como com uma lança no peito, que te estorvará a carreira de tão gloriosa victoria.

CAPITULO LXIII

**Do modo com que nos devemos preparar contra os inimigos
que nos assaltam na hora da morte**

Ainda que toda a nossa vida não seja outra coisa mais que uma continua guerra sobre a terra, comtudo a principal e mais importante batalha é a que se dá na ultima hora, e n'aquelle grande passo que fazemos para a outra vida : porque, n'aquelle momento, quem cahir cairá para sempre, nem se levantará por toda a eternidade.

O que deves fazer para achar-te então bem preparada, é que combatas com esforço agora que Deus te dá tempo ; porque aquelle que combate e peleja bem enquanto está são, facilmente pelo bom habito que tem adquirido alcança a victoria no ponto da morte.

E' tambem muito importante que cuides na morte frequentemente, com profunda consideração ; porque assim, quando ella chegar, temê-las menos, e teu espirito se achará mais livre e disposto para o combate.

Os homens do mundo fogem d'este pensamento, ou de cuidar n'isto, por não interromperem o gosto que teem das coisas d'elle ; porque como voluntariamente estão presos de seu amor, padeceriam gravissima pena se cuidassem que alguma hora as haviam de deixar. E assim não só se lhes não diminue o affecto desordenado que lhes teem,

mas antes se lhes vae sempre augmentando : d'onde nasce que chegam a padecer uma ancia incrível quando se vêem obrigados a largar esta vida e as coisas que n'ella tanto amaram; e ás vezes é o trabalho tanto maior, quanto mais largo foi o tempo que se gosaram d'ellas.

Poderás tambem, para melhor te prevenires em negocio de tanta importancia, imaginar algumas vezes que te achas só sem algum soccorro mettida entre as angustias da morte, e então no meio d'estas trazer ao pensamento todas aquellas coisas que te poderiam ser de grande embarço d'aquelle tempo, procurando ahi logo pôr-lhes os remedios que nos seguintes capitulos te ensinarei, para melhor te valeres d'elles n'aquelle ultimo transe: porque é muito necessario aprender primeiro com perfeição o golpe que se ha de dar uma vez só, por não chegar a errar no em que ao depois não póde ter logar a emenda.

CAPITULO LXIV

De quatro assaltos que nos dão os inimigos na hora da morte, e em primeiro logar do assalto contra a Fé e do modo de nos defendermos d'elle ,

Quatro são, filha, os assaltos principaes e mais perigosos que costumam dar-nos os inimigos na hora da morte, a saber

Primeiro: a tentação contra a Fé.

Segundo : a desesperação.

Terceiro : a vangloria.

Quarto : varias illusões e transformações dos demonios em apparencias de Anjos de luz.

Quanto ao primeiro (de que só trataremos n'este capitulo), se o inimigo começa a ~~assaltar-te~~ com seus falsos argumentos, logo, logo, a toda a ~~pressa~~ te retirarás e te passarás do entendimento á vontade, dizendo : *Vae-te, maligno espirito, pae das mentiras e enganos, que eu não te quero ouvir ; porque a mim basta-me crêr tudo o que crê e ensina a Santa Madre Egreja de Roma.*

E com isto nem dêes logar nem entrada na tua imaginação, em quanto podêres, a quaesquer pensamentos que te venham sobre as materias da Fé, por mais que te pareçam ajustados e verdadeiros ; mas sim reconhece-os por movimentos do demonio, com os quaes elle procura excitar motivos de poder dar-te algum terrivel assalto.

Se porém te faltasse o tempo necessario a apartares a imaginação de semelhantes pensamentos, procurarás estar firme e constante em não ceder nem assentir a qualquer razão ou auctoridade da Sagrada Escriptura que o inimigo te allegar : entendendo que todas essas ou serão diminutas ou mal allegadas, ou sempre peor interpretadas, ainda que te parecessem boas, claras e evidentes.

E se o astuto inimigo te perguntasse que é o que crê a Egreja Romana, de nenhuma maneira lhe respondas ; mas reconhecendo o seu engano e falsidade, e que pretende embaraçar-te e colher-te em palavras, fazes um acto interior de mais viva

Fé. Ou também, para o fazer arrebentar com raiva, responde-lhe que a Santa Igreja Romana crê a pura verdade. E se te replicar, perguntando qual é esta verdade, dize-lhe e repete-lhe uma e muitas vezes, que é aquillo mesmo que a Igreja Romana crê.

Sobretudo procura ter sempre fixo teu coração em teu Senhor posto na Cruz, e dize-lhe: *Meu Deus, meu Creador, meu Salvador, soccorrei-me depressa e não vos aparteis de mim, para que eu não me aparte da verdade de vossa Santa Fé Catholica. E pois me fizestes a graça de que eu n'ella nascesse, sêde servido que n'ella acabe esta vida mortal para vossa divina e eterna gloria.*

CAPITULO LXV

Do segundo assalto, que é a desesperação,
e de sua defesa

O outro assalto com que o perverso inimigo nos procura abater de todo, é o horror e espanto em que nos põe com a lembrança de nossas culpas, para nos fazer despenhar no abysmo da desesperação.

N'este perigo deves guardar esta regra certa que os pensamentos e lembrança de teus peccados, quando produzem em ti effeito de humildade, de arrependimento da offensa de Deus e de confiança na sua infinita bondade, veem certamente

da divina graça e para bem de tua salvação ; mas quando te inquietam, e te põem em desconfiança e pusillaniedade (ainda que te parecessem razões verdadeiras e bastantes para te persuadires que estás condemnada e que já não ha tempo nem lugar de salvação para ti), sem duvida os pódes reconhecer por effeitos do commum inimigo : pelo que te debes muito mais humilhar e muito mais confiar em Deus ; porque d'esta sorte vencerás o inimigo com suas mesmas armas, e darás muito grande gloria ao Senhor.

Por isso desejo muito que te arrependas de todo o coração da offensa de Deus todas as vezes que te lembrares d'ella ; mas tambem quizerá (e muito t'o encommendo) que outras tantas vezes lhe pedisses d'ella perdão com grande confiança na sua sagrada Paixão e Morte.

Ainda te digo mais : representando-se-te que o mesmo Deus te diz que tu não estás no numero de seus escolhidos, não debes todavia por nenhum modo deixar de confiar muito n'elle ; mas antes responder-lhe com muita humildade *Tendes muita razão, meu Deus, e assim o confesso, de me reprovares por meus grandes peccados ; porém eu a tenho ainda muito maior para confiar na vossa misericordia e piedade, e que me hajaes de perdoar. E assim, Senhor, por ella vos peço a salvação d'esta miseravel creatura, que posto que pela sua propria malicia seja condemnada, é comtudo redimida com o preço infinito de vosso Divino Sangue. Meu Deus e meu Redemptor, eu me quero salvar para augmento de vossa divina gloria ; e*

assim com grande confiança me entrego toda nos braços de vossa infinita piedade, esperando tudo do immenso da vossa misericórdia. Fazei de mim, Senhor, o que fôrdes servido; porque vós sois o meu unico bem, o meu Deus e o meu Senhor, de quem confio tanto, que ainda que me tireis a vida não hei de deixar de ter vivas em vós as minhas esperanças.

CAPITULO LXVI

Do terceiro assalto, que é o da vangloria

O terceiro assalto é o da vangloria ou presumpção. Pelo que, antes de tudo, não te deixes nunca levar de nenhum modo, nem por qualquer via que seja, da menor complacencia de ti mesma ou de tuas acções; mas toda tua complacencia e confiança esteja posta pura e simplesmente no Senhor, em sua infinita misericórdia e nas obras de sua sagrada Vida e Paixão.

Humilha-te sempre, mais e mais, até o ultimo suspiro; entendendo firmemente em teu coração que vales muito pouco ou nada. E de qualquer boa obra que te lembres haver feito, reconhece só a Deus por seu auctor. Recorre sempre a elle para teu remedio e soccorro; mas não o esperes por teus merecimentos, ainda que houvesse vencido muitas vezes o inimigo e lhe houvesse dado muitas e grandes batalhas. Firme n'este santo temor, confessa sempre ingenuamente que todo

o teu cuidado seria vão e inutil se Deus te não houvesse recolhido debaixo da sombra de sua divina protecção, em cujo unico amparo debes fundar toda a tua confiança.

Se observares, filha, estas advertencias, não poderão teus inimigos prevalecer contra ti; e d'esta sorte se te abrirá largo caminho pelo qual seguramente possas passar á celeste Jerusaleem.

CAPITULO LXVII

**Do quarto assalto, que é o das illusões e falsas apparencias
no instante da morte**

Se finalmente, filha, o inimigo contumaz (que nunca se cança de nos affligir) te assalta com falsas apparencias, transformado em Anjo de luz, perseverando todavia tu firme e constante no conhecimento do teu nada, lhe dirás com toda a ousadia e com coração magnanimo: *Torna, torna, infeliz e mal aventurado, para tuas trevas e perpetua confusão, que não mereço ter visões; nem de outra coisa necessito que da misericordia de meu Deus e da intercessão da sempre Virgem Maria, minha Senhora, e de seu Bemaventurado Esposo S. José, e de sua Santissima Mãe Santa Anna e os mais Santos da Corte Celestial.*

E posto que te parecesse por muitos e quasi evidentes signaes que as taes visões eram coisas do Céu, todavia despreza-as, lançando-as muito

longe de ti, quando te fôr possível. Nem receies que esta resistencia e repugnancia, fundada na tua miseria e indignidade, possa desagradar de algum modo ao Senhor; porque se a tal visão fôr sua ou vier d'elle, elle saberá muito bem manifestal-a, e tu não perderás por isso coisa alguma. Porque quem dá a sua santa graça aos humildes, não lh'a tira por aquelles actos de humildade que nascem do legitimo conhecimento da nossa miseria e vileza.

Estas são, filha, as armas mais communs de que costuma aproveitar-se contra nós o inimigo n'aquella ultima e mais apertada hora. Além d'esta tambem tem outros generos de tentações com que vae combatendo a cada um conforme as particulares inclinações que mais predominam n'elle. Por isso, antes que chegue a hora do grande combate, necessario é que nos armemos bem e pelemos esforçadamente contra aquelles affectos e movimentos de nossas paixões que mais nos assaltam, e que mais pretendem submetter-nos ao jugo de sua tyrannia; porque assim nos facilitaremos a victoria para aquelle tempo, que nos tira todo o tempo de o podermos fazer.

Pugnabis contra eos usque ad internectionem.
I. Reg. xv. xviii



COMBATE ESPIRITUAL

ESCRITO EM ITALIANO

PELO V. PADRE

D. LOURENÇO SCUPOLI

CLERIGO REGULAR

VERSÃO PORTUGUEZA

PELO PADRE

D THOMAZ BEQUEMAN

SEGUNDA PARTE



Livraria Catholica Portuense

DE

MANUEL MALHEIRO — EDITOR

83, Rua da Picaria, 85

PORTO



Prologo

ACHANDO eu, leitor devoto, em varios papeis meus algumas regras ou documentos com os quaes uma alma deixando os vicios se dê de todo ao exercicio da virtude, e largando o amor das creaturas se entregue de todo ao amor de Deus, os ajuntei n'estas poucas folhas não só para meu uso e aproveitamento, mas tambem para o teu, a quem nada menos sou devedor; e assim te peço que os recebas como appendice ou accrescentamento ao meu *Combate Espiritual*; exhortando-te em Jesus Christo, a quem como a nossa Cabeça e Capitão se dedicam tambem estes discursos, que te queiras exercitar no que elles conteem, não só com o entendimento, lendo-os e meditando-os attenta e frequentemente, mas muito mais com a vontade, pondo

em execução suas doutrinas nas occasiões que se te offerecerem, pois que desde pela manhã até á noite, e desde a noite até pela manhã, para nosso maior bem (ou tambem, por nossa culpa, para nosso maior mal) estas occasiões não faltam nunca. Deus seja sempre contigo, guiando todos os teus pensamentos, palavras e obras, para que faças sua santissima vontade afim só de lhe agradares. Roga por mim.

D. LOURENÇO SCUPOLI,

Clerigo Regular.





TRATADO PRIMEIRO

APPENDICE AO COMBATE ESPIRITUAL

CAPITULO I

Que coisa seja a perfeição christã

PARA que te não cances em vão, oh alma devota, nos exercicios espirituaes, como succede a muitos, e para que não caminhes n'elles sem saber aonde, debes primeiro entender que coisa seja a perfeição da vida christã.

A perfeição da vida christã não é outra coisa mais que uma exacta observancia dos preceitos divinos e da santissima Lei do Senhor, afim só de lhe agradarmos, sem declinarmos para uma ou outra parte, ou tornarmos para traz; mas seguindo sempre a estrada direita. *Et hoc est omnis homo*: N'isto consiste o ser verdadeiro homem.

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

De modo que o fim de toda a vida do homem christão, que deseja sê-lo perfeitamente, ha de ser um perpetuo estudo e cuidado, mediante o qual faça em si um tal habito, que todos os dias se esqueça mais e mais da propria vontade, e que de tal sorte a despreze, que obre tudo como movido só da vontade de Deus, e só pelo fim de lhe agradar, obedecer-lhe e honral-o.

CAPITULO II

Que é necessario combater para alcançarmos
a perfeição christã

Em poucas palavras te deixo dito o muito que pretendes. Porém o reduzi-o a pratica e pôl-o em execução, *hoc opus, hic labor est*, esta é toda a difficuldade, este o acerbo e duro do trabalho porque estando arraigada em nós pela culpa de nossos primeiros paes e pelos nossos habitos viciosos uma lei de tudo contraria á Lei de Deus, é necessario que combatamos e pelejemos contra nós mesmos, como tambem contra o mundo e contra o demonio, que são os que excitam e movem todas as nossas guerras.

CAPITULO III

De tres coisas de que necessita o novo
soldado de Christo

Publicado já o combate, tres coisas são muito necessarias ao novo soldado de Christo.

Ha mister d'um animo grande, generoso e resolutu de nunca jámais tornar atraz no começado; ha mister de armas, e ha mister de saber manejar-as e usar d'ellas.

A famosa resolução de pelejar a has de tirar da frequente consideração de que esta vida é uma continua guerra: *Militia est vita hominis super terram*, e que n'esta guerra ha uma lei muito certa e posta em pratica: *Que quem não peleja, como deve, certamente perece, e morre para sempre.*

Conseguirás a grandeza de animo e valor que se requer, com desconfiares muito de ti mesma e com confiares grandemente em Deus; tendo por coisa certa que este Senhor está dentro de ti mesma para te livrar do perigo.

Não tens pois por que imaginar-te nunca segura, porque serás assaltada e accommettida dos inimigos muitas e repetidas vezes; mas todas as que o fôres, desconfiando de tua industria e proprias forças, acolhe-te com confiança segura ao poder, sabedoria e bondade de Deus, que d'este modo, combatendo e pelejando, Sua Divina Magestade te fará conseguir a victoria.

As armas necessarias para esta guerra são a *resistencia e violencia*, das quaes e do modo de usar d'ellas trataremos no seguinte capitulo.

CAPITULO IV

Da resistencia e violencia que devemos fazer á nossa vontade, e do modo de governar estas armas nos combates que se nos offerecem

Ainda que a resistencia e violencia sejam de si mesmas armas pesadas e penosas, todavia são muito necessarias e efficazes para alcançar a victoria contra nossos inimigos, se usarmos d'ellas e as manejarmos na fórma seguinte :

Quando te achares combatida da tua corrupta e mal inclinada vontade, e de teus máos habitos que te persuadem e puxam para que não faças nem cumpras a vontade de Deus, has de resistir-lhes dizendo : *Sim, sim, eu quero fazer a vontade de Deus...*

Com a mesma resistencia te has de oppôr, quando fôres attrahida e persuadida dos estimulos d'esta tua corrupta e desordenada vontade, e de seus máos habitos, a fazer alguma coisa contra a vontade de Deus, respondendo-lhe logo a ponto *Não, não farei isso. A vontade de Deus quero eu sempre fazer, ajudando-me a sua graça. E poderás dizer a Sua Divina Magestade : Deus meu, soccorrei-me depressa, para que este desejo que agora*

por vossa graça me assiste de fazer sempre a vossa vontade, não seja depois afogado ou vencido nas occasiões que se offerecerem pela minha antiga, corrupta e mal disposta vontade.

Mas se sentires interiormente muita difficuldade e afflicção no resistir, e grande fraqueza em tua vontade, debes fazer-te toda a sorte de violencia, tendo sempre firme em teu pensamento *Que o Reino do Céu padece violencia, e que os que o alcançam e conquistam são os que esforçados a fazem a si mesmos, e a suas proprias paixões e movimentos de seu animo.*

Se porém a pena e violencia fôr tão grave e tão molesta em soffrer-se, que chegue a angustiar-te o coração, vae logo com o pensamento ao Horto de Gethsemani, e acompanhando a teu Senhor Jesus Christo nas agonias e angustias que alli tem, e juntando as suas ás tuas, pede-lhe que, em virtude das suas dôres, te conceda victoria contra ti mesma, para que de todo o coração possas dizer ao Pae celestial : *Não se faça, Senhor, o que eu quero, senão vossa santissima vontade* ¹. E depois uma e muitas vezes procurarás sujeitar e conformar tua vontade com a de Deus, para que queiras tudo do mesmo modo que este Senhor quer que tu o queiras.

Porás todo o teu estudo e cuidado em fazer sempre em qualquer acção tua, um acto de tanta fineza e pureza de vontade, rendida á do Senhor, como se n'elle só consistisse toda a perfeição, e

¹ Non sicut ego volo, sed sicut tu, fiat voluntas tua.

todo o agrado e honra sua : e d'este mesmo modo poderás fazer o segundo acto, o terceiro e o quarto, e os demais em todas as tuas acções.

Além d'isto, lembrando-te que alguma vez quebrantaste algum preceito divino, arrepende-te de todo o coração de tua culpa, e cobra maior vigor e fortaleza de animo para obedecer a Deus n'aquelle mesmo preceito, e também nos mais que em futuro te offerecerem as creaturas.

E para que não deixes passar alguma (por pequena que seja) de obedecer a Deus, adverte que se lhe fôres obediente nas coisas minimas te dará nova graça para que com facilidade lhe obedecas nas maiores. De mais d'isto, debes acostumar-te, quando te vier ao pensamento qualquer dos preceitos divinos, a adorar primeiro ao Senhor e logo rogar-lhe que te socorra nas occasiões, para que possas obedecer-lhe e pôr em pratica os seus Mandamentos.

CAPITULO V

**Que devemos velar de continuo sobre nossa vontade,
para conhecermos
a que paixão se acha ella mais inclinada**

Procura, filha, estar recolhida em ti quanto mais podêres, para que chegues a conhecer a qual de tuas paixões mais frequentemente se inclina a tua vontade ; porque d'essa, mais que das outras, costuma nossa vontade ser enganada e d'ella mais.

frequentemente se deixa captivar ; porque como de ordinario a vontade do homem não costuma achar-se sem a companhia de suas paixões, preciso é que ella ou ame ou tenha odio ; ou deseje ou fuja ; ou se alegre ou se entristeça ; ou espere ou desespere ; ou seja timida ou atrevida ; ou seja mansa ou iracunda.

Pelo que, tanto que achares tua vontade inclinada, não á vontade divina, mas a seu amor proprio, põe logo todo o cuidado e diligencia para que d'este amor passe e se incline ao amor de Deus, á observancia de seus divinos preceitos e de sua santa Lei.

E isto o debes fazer e procurar com todas as véras que te forem possiveis, não só oppondo-te contra aquellas paixões que são de grande momento, e que induzem e movem a peccado mortal ou o podem occasionar, mas tambem contra aquellas que podem fazer que caiamos nos veniaes. Porque ainda que te pareça que estes movimentos, por ligeiros e limitados, não mancham mais que levemente ; todavia, quando são voluntarios, pouco a pouco nos vão debilitando, deixando-nos fracos e sem'virtude, além de trazerem comsigo um grande e manifesto perigo, qual é o de nos fazerem cahir com muita brevidade nos peccados mortaes ; porque d'este modo é que nos vão dispondo a elles.

CAPITULO VI

Como arrancada a primeira paixão, que é o amor das creaturas e o amor proprio, e dando-o a Deus, todas as mais paixões ficam logo bem reguladas e ordenadas

Para que com maior brevidade e melhor ordem possas, filha, livrar tua vontade do captivo das paixões desordenadas, convém que de continuo te entregues toda a vencer e moderar a tua primeira e principal paixão, que é o amor de ti mesma; porque moderada esta como cabeça de todas, as mais a seguirão pelos mesmos passos, porque nascem d'ella e n'ella teem suas raizes e vida; o que claramente se conhece se bem se discorre. Porque aquillo que se deseja é o que se ama, e n'isso só é que se deleita quem ama; como tambem pelo contrario, aquillo que se aborrece é o de que se foge e evita: nem coisa alguma tanto nos entristece e afflige, como o que nos impede ou offende o que amamos; nem nada mais se espera e se deseja, do que o que com mais véras se quer e se suspira.

Por isso succede que deixamos a pretensão do que muito desejavamos, quando as difficuldades de alcançal-o nos parecem irremediaveis e invenciveis. Nem de ordinario costuma ninguem temer, atrever-se, abominar ou indignar-se, senão contra o que lhe impede ou offende, ou póde impe-

dir ou offender a coisa que quer, que ama ou que deseja.

O modo pois de vencer e moderar esta nossa primeira paixão é considerar que coisa é esta que tanto ama, ou a que tanto se inclina essa paixão. Logo que qualidades tem. E finalmente que é o que pretende esta nossa paixão com aquella sua inclinação, afeição e amor.

E achando que n'este objecto concorrem as qualidades da belleza e bondade que pretendes, torna sobre ti, e dize uma e muitas vezes : *E que maior belleza, e que maior bondade se póde achar que a de Deus, fonte unica e manancial perenne de todos os bens e de toda a perfeição?* Mas se no que amas pretendes utilidade ou deleite, dize : *E que coisa se póde imaginar que chegue nem iguale ao deleite e utilidade que consigo traz o amor de Deus, se amando-o o homem se transforma no mesmo Deus, e n'elle se deleita e o gosa todo?* Além de que o coração do homem de justiça é só de Deus ; pois para isso o mesmo Deus o creou, e por isso depois o remiu, e cada dia, fazendo-nos novos beneficios, amorosissimamente nol-o pede, dizendo : *Dá-me, filho, teu coração* ¹.

Assim que, como todo o nosso coração pertença só a Deus por tantas razões, como logo diremos, e sendo elle tão pequeno que não é sufficiente a satisfazer as obrigações que temos a este Senhor, empenhado fica cada um de nós a ser sobremaneira vigilante e diligente de que nosso coração

¹ Fili, præbe mihi cor tuum.

não ame outra coisa senão a Deus e o que agrada a Sua Divina Magestade, e isto com aquella moderação, ordem e modo que elle pretende e quer de nós.

Esta mesma diligencia se deve tambem pôr (pois n'estas duas coisas consiste todo o fundamento da fabrica da perfeição) contra a paixão do odio e aborrecimento, para que nossa alma e coração não tenham odio mais que sómente ao peccado e ao que a elle póde induzir.

CAPITULO VII

**Que convém muito soccorrer e ajudar
a vontade humana**

Mas porque nossa vontade, como sujeita a suas paixões, é mui debil e fraca para lhas resistir e vencê-las, e muito mais para sujeital-as a Deus e á sua obediencia (como bem mostra a experiencia, pois ainda que ella queira e proponha de ajustar-se e mortificar-se em tudo, em chegando a occasião de fazel-o, suffocada de suas paixões, se lhe desvanecem os bons propositos e miseravelmente se rende a ellas), portanto é necessario soccorrel-a e ajuda-l-a, não só quando se offerece a occasião, mas cada hora e cada momento, para que assim cobre força contra si mesma, e se vença e se livre da dura servidão de suas paixões; e se possa entregar toda a Deus e ao inteiro cumprimento de sua santissima vontade.

CAPITULO VIII

**Como com triumphar do mundo fica grandemente
soccorrida a vontade humana**

Excitam-se commummente e cobram maiores forças nossas paixões com o trato do mundo e com suas coisas, emquanto elle nos mostra suas falsas grandezas, riquezas, honras, deleites e entretenimentos. D'isto se segue claramente que, lançado por terra o mundo no desprezo de todas ellas, vem a vontade do homem a ficar livre para poder respirar e voltar-se a outra parte diversa; porque ella nem sabe, nem póde estar sem amar e sem ter em que deleitar-se.

O modo de vencer e desprezar o mundo é o considerar profundamente que coisa são na verdade suas coisas, e quaes suas promessas, sua certeza e duração.

Sobre o que, se não queremos errar, cegos talvez por alguma de nossas paixões, consideremos e tiremos por conclusão verdadeira o que nos diz o sapientissimo Salomão (que de tudo tinha admiravel experiencia):

*Vaidade de vaidades, e tudo vaidade e afflicção de espirito*¹.

Cada dia experimentamos esta verdade, pois

¹ Vanitas vanitatum, et omnia vanitas, et afflictio spiritus.

vemos que desejando fartar-se o coração do homem (ainda que alguma vez alcance tudo o que deseja), não só não fica farto e satisfeito, mas cada vez mais padece maior fome e é d'ella continuamente atormentado; o que lhe succede não por outra coisa, senão porque, como se apascenta das coisas do mundo, ainda que as possua todas, vem a apascentar-se de sombras, de sonhos, de vaidades e mentiras; coisas todas que não lhe dão nutrimento algum.

As promessas do mundo são thesouros de todo falsos e cheios de enganos, thesouros como encantados, que se tornam em carvão. Promette o mundo uma coisa e dá outra, promete felicidades e dá inquietações. A's vezes promete e não dá nunca; mas se, todavia, succede alguma vez que chegue a cumprir o que prometeu, logo o tira e se o não tira logo, afflige depois muito mais aos que lhe pégam, e que com desejos novos (sem que tenham um momento de socego e quietação), teem postos n'este lodo os seus desejos. A esta casta de homens justamente se pode dizer:

*Filhos de Adão, até quando vos ha de durar esse coração pesado, enlodado, e carregado de terra? Para que amaes a vaidade, e andaes em busca da mentira?*¹

Concedido porém a estes enganados amadores dos bens visiveis o impossivel (que na verdade o é) de que estes bens apparentes fossem verdadei-

¹ Filii hominum, usquequo gravi corde? ut qui diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?

ros bens, que dirão da velocidade e pressa com que para gosal-os se passa a vida do homem? Que são as grandezas, as riquezas e as felicidades, as opulencias, as soberbas, os dominios, os imperios dos reis, monarchas e imperadores? Ar, vento, ou nada. Onde estão, e que é feito d'ellas? Passaram em um ponto, e nem ainda uma apparencia nos deixaram.

O modo pois de vencermos o mundo, em fórma tal que tu o aborreças a elle e elle a ti te aborreça, ou para melhor dizer, que elle esteja crucificado para ti, e tu estejas para elle crucificada, é este: Que antes que tua vontade se lhe incline e se lhe pegue, tu primeiro te adeantes e te lhe opponhas por meio d'uma profunda consideração das suas vaidades e mentiras, e logo por meio de repetidos actos de tua mesma vontade. Porque assim, não estando nem a vontade nem o entendimento dominados das paixões e affectos do visível, com facilidade o desprezarás e todas as suas coisas, e, voltando-lhe as costas, o obrigarás a que elle tambem te volte as suas; e d'este modo a qualquer creatura que se te pozer deante, lhe poderás dizer: *E's tu acaso creatura? Tira, tira lá tua prisão, tua affeição e teu amor; que eu só vou buscando nas creaturas a meu Creador, ou o que n'ellas é espiritual: nem outra coisa procuro em ti mais que o que concilia o amor e agrado de meu Deus, que é o vêr como, sem necessitar de ti, te deu no ser que tens o obrar e virtude de poderes obrar. E por isso a elle só, e não a ti, quero e desejo amar.*

CAPITULO IX

Do segundo soccorro da vontade

O segundo soccorro da vontade humana consiste em afugentar e lançar fóra d'ella o principe das trevas, como auctor que é de todos os desordenados impulsos de nossas paixões.

Lança-se fóra e vence-se este inimigo todas as vezes que nós nas nossas concupiscencias e desejos desordenados nos vencemos, e de nós mesmos triumphamos.

Assim que, se desejas que o demonio fuja de ti, resiste a tuas paixões, que esta é a resistencia que S. Thiago ensina que façamos ao demonio, para que o afugentemos. Aqui porém debes advertir, que como este inimigo não cança, uma e outra vez, e milhares de vezes tornará a assaltar-te, accendendo e excitando a concupiscencia da carne e as demais paixões, de modo que pareça que estás obrigada e como constrangida a ceder-lhe. Mas não tens para que desmaiar e temer. Olha não lhe cedas, nem te afflijas; resiste-lhe varonilmente; e tem por certo que Deus está contigo para que se te não faça alguma injuria. Resiste-lhe, te digo, com perseverança, que na verdade, se perseveras, infallivelmente vencerás e porás por terra o inimigo.

Digo se perseveras, porque não basta resistir-lhe uma vez, segunda, terceira e quarta, se lhe

não resistires milhares de vezes, e todas as em que elle intentar render-te: porque é costume d'este astuto inimigo tentar amanhã com o que hoje não póde vencer; e na semana seguinte, com o que não tem sahido victorioso na presente; e por este modo, com grande astucia, manha e paciencia, vae continuando seus accommettimentos, variando-os de tempo em tempo, já com furia, já com destreza, até sahir com o seu intento e conseguir a victoria.

Assim pois é preciso que estejas sempre constante, sempre com as armas na mão; nem tens para que confiar e descuidar-te, por muitas que hajam sido as victorias. Mórmente que a vida do homem é uma continua guerra, cuja victoria não se alcança perfeitamente, nem hoje nem amanhã, nem n'este nem no outro dia, mas em todos successivamente até o ultimo de nossos dias.

Mas se por esta causa, filha, te affligires, sabe que, maior que a tua, é a afflicção que o demonio padece quando nós lhe resistimos bem. E assim, para tua consolação e affronta sua, lhe pódes dizer: *Vae-te, vae-te, demonio, a padecer em tuas penas. Mas porque tu padeces por tua malicia, e eu por não offender a meu Senhor e meu Deus, tuas penas serão eternas, e as minhas pela graça e misericordia de Deus se mudarão em eterna paz.*

CAPITULO X

Das tentações da soberba espiritual

No precedente capitulo tenho fallado das tentações com que o demonio nos costuma accommetter, valendo-se do mundo, de suas riquezas, honras e deleites. Agora tratarei das tentações da soberba espiritual, da nossa propria complacencia e da nossa vangloria, de que este inimigo se serve para nos fazer cahir a qual é tanto mais perigosa e mais para se temer, quanto é menos conhecida, e mais se oppõe e é contraria a Deus.

Oh quantos generosos soldados e grandes servos de Deus, depois de victorias insignes de muitos e muitos annos, hão perecido n'este baixo, e os ha derribado em terra esta soberba! Por ella, de filhos de Deus que eram por graça, se hão feito escravos de Lucifer.

O modo de te livrares d'este tremendo golpe e occulto laço de Satanaz é o temer sempre, e fazer as boas obras com temor e tremor de que não sejam ellas (por algum occulto gerado bicho do amor proprio e de soberba) perdidas e aborreciveis a Deus. E por isso, humilhando-te sempre n'ellas, debes procurar cada dia fazel-as melhores, como se nada, pelo passado, houvesse feito, nem houvesse obrado bem. E quando te parecesse (o que não debes nunca crêr nem imaginar)

que tens tudo muito bem feito, e com toda a perfeição, dize então interiormente de todo o coração: *Somos servos inuteis e sem proveito* ¹.

Mas, sobretudo, devemos recorrer frequentemente a Christo nosso Redemptor e Mestre, pedindo-lhe que, livrando-nos de toda a especie de soberba, nos ensine e ajude a sermos humildes de coração. E do mesmo modo devemos tambem recorrer muito a miude á humilissima Mãe de Deus, pedindo-lhe que nos alcance a verdadeira humildade (que é o fundamento de todas as virtudes, a que as augmenta, a que as acompanha), para que se não percam, mas para que cresçam mais, mais se segurem e se estabeleçam em nós. E havendo tratado largamente sobre esta materia da humildade na primeira parte d'este combate, não tenho mais que dizer-te aqui, senão remetter-te a elle.

CAPITULO XI

Do terceiro soccorro da vontade humana

O terceiro soccorro com que frequentemente se ha de ajudar a nossa vontade é a Oração, com a qual de tal modo te has de acostumar a rebater o inimigo, que tanto que fôres accommettida, logo

¹ Servi inutiles sumus.

por meio d'ella, sem dilação alguma recorras, a Deus. dizendo :

Deus meu, sede em meu soccorro; apressae-vos, Senhor, para ajudar-me ¹.

Será pois o teu combate acompanhado da Oração e da resistencia, de tal modo porém que te ponhas sempre na presença de Deus revestida da desconfiança de ti mesma e de confiança em Sua Divina Magestade; que se com este apparatus combateres, segura e certa te poderás prometter sempre a victoria.

Porque: que ha que não alcance e não vença a Oração? Que difficuldades e perigos não rende e avassalla a resistencia, acompanhada de desconfiança de nós mesmos e de confiança em Deus? E em que assaltos póde ficar vencido quem anda e combate sempre em presença de seu Deus, com animo de só a elle querer agradar?

CAPITULO XII

Que devemos fazer para nos acostumarmos a ter a presença de Deus todas as vezes que quizermos?

Para que alcances o habito e costume de ter a Deus presente todas as vezes que quizeres, procura ter a miude no pensamento que Deus está

¹ Deus in adjutorium meum intende, Domine ad adjuvandum me festina.

deante de ti; o qual occultamente te vê, e repara em qualquer imaginação ou obra tua: ou também, que todas as creaturas que tu vês são quasi outras tantas gelosias pelas quaes Deus, escondido, te está vendo e dizendo ás vezes:

*Pedi e recebereis: que ao que pede se lhe dá o que pede; e ao que bater a porta se lhe ha de abrir*¹.

Poderás também imaginar que tens presente a Deus, que está olhando para as suas creaturas; e n'esta consideração (deixando n'ellas o que é corporeo e visivel), passarás logo com o pensamento a Deus, considerando como Sua Divina Magestade é quem lhes dá o ser, a vida, o movimento e a vontade de obrarem.

Quando pois quizeres orar, pelejando com alguma paixão ou fazendo qualquer outra coisa, põe-te na presença de Deus por um dos sobreditos modos: e depois ora, pedindo-lhe auxilio e socorro contra essa paixão, ou a favor da acção que estás para fazer. E sabe, filha, que se te habituares a andar familiarmente na presença de Deus, alcançarás grandissimas victorias e thesouros infinitos. E, entre outros, não é de menor conta o haveres-te de guardar de movimentos, pensamentos, palavras e obras, que não condizem com a presença de Deus, nem são conformes com a vida de seu Santissimo Filho Jesus Christo.

E pódes ter por certo que esta presença de

¹ Petite, et accipietis; omnis enim qui petit accipit, et pulsanti aperietur.

Deus te infundirá e dará vontade para que possas estar sempre, como deves, em sua presença. Porque se da presença e visinhança dos agentes naturaes, que são de virtude limitada e finita, se participam suas qualidades e virtudes, que se participará da presença de Deus, que é de infinita virtude e de tal sorte communicavel, que se não póde explicar com palavras.

Além do sobredito modo de orar: *Sede, Senhor, em meu soccorro; apressae-vos, Deus meu, em ajudar-me,* ¹ (que é commum e de que podemos usar em todas as necessidades), poderás-tambem orar de outros modos mais particulares: como, se desejares conhecer e fazer a vontade de Deus, a tua Oração será uma das seguintes:

Bemdito sois, Senhor e Deus meu; ensinae-me a executar vossos preceitos: guiae-me, Senhor, pela estrada de vossos Mandamentos. Oxalá que todos os meus passos se encaminhem a guardar as vossas justas e santas leis ².

Mas para pedires a Deus tudo o que lhe agrada, e se lhe póde pedir, usarás da Oração do Padre Nosso; a qual deves dizer com toda a attenção possível, e com todo o affecto de teu coração.

¹ Deus in adjutorium meum intende, Domine ad adjuvandum me festina.

² Benedictus es, Domine : doce me facere justificationes tuas. Deduc me Domine in semitam mandatorum tuorum. Utinam dirigantur viæ meæ ad custodiendas justificationes tuas.

CAPITULO XIII

De alguns avisos ácerca da Oração

Primeiramente has de advertir que as orações (não fallo aqui das meditações, das quaes logo fallarei abaixo) devem ser não sómente breves, no modo sobredito, mas tambem frequentes e cheias de desejos e actual confiança de que Deus te ha de soccorrer e ajudar; e que posto que o Senhor o não faça a teu modo e como tu quizeras, contudo o fará com assaz melhor soccorro, e em tempo mais conveniente do que pretendias.

Em segundo logar procura que tua Oração vá sempre acompanhada actual ou virtualmente de alguma das seguintes clausulas: *Por vossa infinita bondade. Segundo vossas Santissimas promessas. Para maior honra e gloria vossa. Em Nome de vosso amantissimo Filho. Em virtude de sua santissima Paixão. Em Nome de Maria Santissima, Filha, Esposa e Mãe vossa.*

Em terceiro logar: que algumas vezes se lhe ajuntem tambem orações jaculatorias, como por exemplo: *Concedei-me, Senhor, vosso amor em nome de vosso amantissimo Filho. E quando chegará o tempo, Deus meu, de tão ineffável e suspirada graça? Quando, Senhor, gosarei de tal ventura, que venha a alcançar o vosso amor?* E isto tambem se póde fazer depois de qualquer das

clausulas ou petições do Padre Nosso, ou depois de todas. Como por exemplo:

*Padre Nosso, que estaes nos Céos, santificado seja o vosso Nome*¹.

Mas quando será o dia, Pae nosso celestial, que seja o vosso Nome por toda a redondeza do mundo conhecido, honrado e glorificado? Quando, Deus meu? Quando? E a este modo nas mais petições.

Em quarto lugar: quando na oração pedes virtudes e graças, faze muito por considerar no mesmo tempo o valor d'essas virtudes e o quanto te convém e necessitas d'ellas. Logo, a grandeza de Deus e sua infinita bondade, e finalmente os merecimentos de quem pede. Porque d'esta maneira pedirás com muito affecto e desejo, com muita reverencia e confiança, e sobretudo com muito maior humildade. Finalmente, deve-se considerar o fim da nossa petição, o qual só deve ser por agradar mais a Deus, e por maior honra e gloria sua.

CAPITULO XIV

De outro modo de orar

Tambem pódes orar perfeitissimamente, estando na presença de Deus com o pensamento, sem dizer-lhe coisa alguma; e sómente envian-

¹ Pater noster, qui es in Cælis, sanctificetur nomen tuum.

do-lhe de quando em quando suspiros amorosos, ou levantando a elle os olhos e manifestando-lhe um coração desejoso de agradar a Sua Divina Magestade, e um breve, mas ardentissimo desejo de que te soccorra, para que o ames puramente, o honres e sirvas como é justo e tens de obrigação. Ou tambem com um desejo de que te conceda a graça que lhe tens pedido na Oração precedente.

CAPITULO XV

Do quarto soccorro da vontade humana

O quarto soccorro da nossa vontade é o amor divino, o qual de tal maneira ajuda e fortifica a vontade, que não ha coisa que ella não possa com este amor; nem póde haver paixão, imaginação ou tentação que ella não vença com elle.

O modo de conseguir este amor é a oração e a meditação. A oração, pedindo n'ella a Deus muito frequentemente este amor. A meditação, meditando aquelles pontos que são mais a proposito (juntamente com a graça de Deus) para o accender nos nossos corações. Estes são:

Quem é Deus? Quanto e qual seu infinito poder? Qual sua sabedoria, bondade e formosura? Que tem Deus feito pelo homem? E que fizera mais ainda, se fosse necessario? O animo e vontade com que fez o que obrou por nós? Que coisas faz Deus cada dia por nosso amor? e que coisas

tem para dar-nos na vida eterna, se em quanto n'este mundo vivermos fômos obedientes a seus preceitos, com pureza d'alma e entendimento, por agradar-lhe e servir-o?

CAPITULO XVI

Da meditação da Essencia Divina

Que coisa seja Deus, e qual seu divino ser, não se póde declarar. Aquelle mesmo Senhor que só se conhece a si perfeitamente, o disse quando respondeu a esta pergunta: *Eu sou o que sou* ¹.

E' tal e tão grande este predicado de Deus, que não se póde dar a creatura alguma, nem a principes, nem a reis, nem a imperadores, nem ainda aos Anjos, nem a todo o mundo junto; porque todas as coisas creadas teem seu ser dependente de Deus de tal sorte que, consideradas sem Deus ou sómente como de si, ou não são ou são um méro nada.

D'aqui se colhe bem quam vão é aquelle homem que ama as creaturas, e se deixa estar preso de sua affeição, não amando n'ellas a seu Creador, ou não as amando conforme a lei e vontade de Deus.

E digo que é vão esse homem, porque ama a vaidade. Vão, porque cuida satisfazer-se d'aquellas

¹ Ego sum qui sunt.

coisas que de si não são nada. E vão, finalmente, porque se cança por alcançar o que de si é tão caduco que, com se haver, se perde e dá morte á alma.

Se pois queres amar como convém e como é preciso amar, trata de amar a Deus, que só póde faltar e encher o humano coração.

CAPITULO XVII

Da meditação do poder de Deus

Bem claro é que, ainda que se juntasse não já um ou outro poder, mas todo o poder do mundo, e que ainda que este assim unido pretendesse edificar não cidades ou reinos inteiros, mas sómente um unico palacio, lhe seriam todavia necessários varios materiaes, desenhos, mestres e instrumentos, e muito dilatado e consideravel tempo para fabrical-o; e nem ainda assim, por mais que se trabalhasse, chegaria de todo a ficar perfeito, nem inteiramente conforme a ideia, gosto e vontade d'um poder tão grande, empenhado na sua ultima perfeição.

Considerada esta pratica evidência, bem podemos d'algun modo rastejar o infinito poder de Deus: pois este Senhor com sua Omnipotencia não só creou de nada em um ponto o Universo todo, mas com a mesma facilidade póde crear outros mil mundos, tornal-os a destruir, e creando

outros de novo reduzil-os tambem a nada, se lhe parecer.

Este ponto (se bem se adverte), quanto mais profundamente se meditar, tanto mais nos excitará não só a novas admirações, mas a novos incentivos de amar a um Deus e Senhor tão infinitamente poderoso.

CAPITULO XVIII

Da meditação da Sabedoria de Deus

Quam alta e impenetravel seja a Sabedoria de Deus não ha quem inteiramente o possa comprehender. Mas porque te não falte algum, ainda que limitado, conhecimento d'ella, lança os olhos de teu entendimento, juntamente com os do corpo, ao ornato dos Céos, á belleza e formosura da terra, á harmonia de todo o Universo, e nenhuma outra coisa verás mais claramente que a incomprehensivel sabedoria de seu Divino Architecto.

Volta o pensamento sobre a vida dos homens, e sobre tantos e tão varios accidentes que n'este mundo lhes succedem, e acharás que ainda que parece que não ha coisa mais irregular e desordenada, todavia deante de Deus não são senão effeitos da sua infinita e inscrutavel sabedoria.

Medita os mysterios da redempção e, achando-os todos cheios d'essa altissima sabedoria, repara frequentemente no que dizia S. Paulo, quando

absorto n'este pélago immenso: *Oh eminencia altíssima, e ineffável grandeza de thesouros, os da sabedoria e sciencia de Deus! Quam incompreensíveis são os seus juizos, e investigaveis os caminhos de seus segredos!*¹

CAPITULO XIX

Da meditação da bondade de Deus

A bondade de Deus (como todas as outras suas infinitas perfeições) é incompreensivel em si mesma. Mas se attendemos áquellas coisas a que se communicou e em que *ab extrinseco* se dilatou e estendeu, é tambem tal e tão grande, que não ha coisa no mundo em que não resplandeça e se não encontre esta infinita bondade.

A criação de todas as coisas é effeito da bondade Divina; a conservação e governo das creaturas é tambem effeito d'essa mesma bondade. Finalmente em nossa redempção se nos mostrou tão ineffável que, por nosso resgate, nos deu Deus a seu proprio Filho. E se estende a tanto, que tambem nol-o dá em manjar e sustento quotidiano no admirável e divinissimo Sacramento do Altar.

¹ O' altitudo divitiarum sapientiæ, et scientiæ Dei, quàm incomprehensibilia sunt judicia ejus, et investigabiles viæ ejus!

CAPITULO XX

Da meditação da belleza e formosura de Deus

Basta, para satisfazer a todos, saber-se que a formosura de Deus é tal e tão grande que, contemplando-se n'ella o mesmo Deus, *ab æterno*, com sua capacidade infinita, sem que lhe seja necessario valer-se de outra coisa, fica em si mesmo incompreensivelmente satisfeito e bemaventurado.

Oh homem ! acaba, acaba já de conhecer a altissima dignidade a que te chama a infinita bondade de teu Deus, creando-te para gosares d'esta sua incompreensivel formosura. Nem sejas já d'aqui em diante de tão duro e obstinado coração que, desprezando tanta belleza, dês o teu amor á vaidade, ás sombras vãs e á mentira.

Deus te chama ao amor de seu poder, sabedoria e bondade. Chama-te aos deleites de sua belleza e formosura, e aos incomparaveis bens que te tem preparado no Céu. E tu a tudo isto te fazes surdo ? Cuida, cuida, alma christã, no que mais te importa ; pois o Senhor te dá agora tempo para isso. Olha bem que não chegues tarde, quando já te não possa aproveitar o arrependimento.

CAPITULO XXI

Do que Deus tem feito pelo homem e com que animo, e do que mais fizera por elle se fosse necessario

O que Deus tem feito ao homem e pelo homem, se póde vêr e colligir muito bem se com attenção se meditar sobre o beneficio da creação e redempção.

O animo porém de que se produziram aquelles extremos de seu amor, e com que nos sollicitou por todos os meios nossa propria salvação, excede e sobrepuja ainda o mesmo infinito; porque, posto que fosse infinito o preço da redempção, todavia o animo com que o Senhor a obrou, foi muito maior, pois chegou a tal excesso seu divino amor, que tornaria a padecer muito mais pelos homens e morreria muitas mais vezes por elles, se assim fosse necessario á sua salvação.

Se pois á redempção infinita estás, oh alma, tão obrigada, que infinitas vezes te deves toda ao Senhor que te libertou, em que gráo ficará a divida em que estás ao animo immensamente amoroso d'este mesmo Deus, se este assim transcende infinitamente o mesmo infinito excesso da tua redempção?

CAPITULO XXII

Que é o que obra Deus cada dia pelo homem

Não ha dia, hora nem momento em que o homem não esteja recebendo da mão de Deus novos beneficios: porque todos os dias, horas e momentos Deus o está creando, quando o conserva no ser que lhe deu. Cada momento Deus o está servindo com as suas creaturas, com o Céu, com o ar, com a terra e com todos os elementos e tudo aquillo que n'elles ha.

Cada dia e cada hora Deus está dando ao homem a sua graça, chamando-o do mal ao bem por internas inspirações, e guardando-o para que não peque; e em peccando, ajudando-o, para que não commetta mais peccados. Tambem o espera e o chama á penitencia, e convertendo-se a elle lhe perdoa com mais pressa que a que elle teve em resolver-se a querer e solicitar o perdão. Finalmente, cada dia lhe manda seu Filho santissimo com todas as riquezas dos mysterios da Cruz; ou (para o dizer melhor) ao mesmo Filho de Deus, por causa e amor do homem, o tem presente, preparado e prompto no Santissimo Sacramento do Altar.

CAPITULO XXIII

**Quam grande bondade mostra Deus esperando
e soffrendo ao peccador**

Para que conheças, filha, quanta bondade mostra Deus em soffrer e tolerar ao peccador, é necessario que consideres primeiro que, assim como Deus ama a virtude inexplicavelmente, assim tambem pelo contrario aborrece ao vicio e ao peccado infinitamente.

Que bondade pois não é, sendo isto assim, a que mostra o nosso Deus soffrendo ao peccador, que deante dos olhos de sua infinita pureza e de Sua Divina Magestade commette tantas e tão enormes maldades, não uma, duas ou tres vezes, senão centos e milhares de vezes, umas sobre outras desatinadamente?

E assim justamenté pôde dizer o peccador a Deus: *Ah! e que bem percebo, Senhor, que quando eu peccava vós me dizeis ao coração: Veremos, veremos qual de nós ha de vencer; se tu em offender-me, ou se eu em perdoar-te!*

Este ponto, se bem se considerar, creio que com a graça de Deus, de tal sorte inflammará o coração do peccador, que logo muito depressa se converterá a Deus. Mas se o não fizer, saiba que deve temer muito os altissimos e inscrutaveis juizos do Senhor, dos quaes costumam sahir muito depressa

e sem remedio algum tremendos golpes de justissima vingança, por castigo das culpas commettidas contra Sua Divina Magestade.

CAPITULO XXIV

Que haverá de fazer Deus na vida eterna, não só com os que sempre o serviram, mas tambem com o peccador convertido?

São tantos e taes os bens e felicidades que Deus communica aos homens na celeste Patria, que não se podem cá na terra imaginar, nem menos os sabemos ou podemos desejar, clara e perfeitamente, por mais que nossa alma os medite.

Porque, quem poderá chegar a perceber, e entender inteiramente que felicidade seja o sentar-se o homem á mesa de Deus, e que n'ella o mesmo Deus o sirva e o sustente de sua mesma eterna Bemaventurança? Quem jámais alcançará perfeitamente, que dita e fortuna seja entrarem as almas bemaventuradas a participar da gloria e goso perenne da vida de seu Senhor? E quem chegará a comprehender o amor que Deus mostra e a estimação que faz de seus cidadãos e escolhidos? dos quaes diz S. Thomaz d'Aquino no *Opusculo xxx: Nosso Omnipotente Deus em tanto gráo se sujeita aos seus Anjos e ás almas santas, como se fôra servo comprado de cada uma d'ellas, e*

como se cada uma d'ellas fosse seu proprio Deus ¹. Não achou o Santo Doutor outra menor hyperbole com que poder explicar a grandeza da eterna felicidade.

Oh Senhor! Oh Senhor! Quem considera profundamente vossas obras para com as creaturas, assim vos observa e admira como fóra de vós, por seu amor, que parece que toda a vossa Bem-aventurança consiste em amal-as, em fazer-lhes bem e em dar-vos a vós mesmo em seu sustento. Oh Deus meu! Ora dae-nos, que de tal modo se faça em nós continua esta consideração, que por ella cheguemos a amar-vos n'essa vossa Gloria e, amando-vos, nos transformemos em vós mesmo por união do vosso amor.

Eia, coração humano, aonde voas? após a sombra? após o vento? após o nada, deixando aquelle Deus que é tudo? Acaso Deus não é a Divina Omnipotencia? Deus não é a summa Sabedoria? Não é a ineffavel Bondade? Não é a Belleza increada? o summo Bem, e o pélago infinito de toda a perfeição? Deus corre atraz de ti, chamando-te a altas vozes, não só com os communs e antigos beneficios que te fez, mas com os novos e especiaes que cada dia te faz; e a este Senhor deixas, por correr após a vaidade e após o nada? Oh miseravel creatura!

Sabes d'onde ~~te nasce~~ este mal tão grave? Eu

¹ Deus omnipotens singulis Angelis, sanctisque animabus, in tantum se subicit, quasi sit servus emptitius singulorum; quilibet verò ipsorum, sit Deus suus.

t'ó direi. Porque não tens Oração, porque não meditas. E assim, estando sem luz e sem calor, não é maravilha que te não apartes d'aquellas acções e d'aquellas obras que são proprias das trevas e do peccado.

Torna, torna já em ti, oh alma! Oh religioso tibio! entra, entra na escola da meditação e oração, que exercitado n'ella acharás e reconhecerás que o verdadeiro estudo do christão e do homem religioso é o negar a sua propria vontade para pôder fazer a vontade de Deus, aborrecer-se a si mesmo para poder chegar a amar a Deus; e que todos os outros estudos sem este, ainda que sejam das maiores sciencias, não são outra coisa mais que fomento de presumpção e de soberba; porque quanto mais apuram o entendimento sem esta luz, tanto mais cegam a vontade dos que as adquirem, em ruina de suas proprias almas.

CAPITULO XXV

Do quinto soccorro da vontade

O odio de nós mesmos é um soccorro muito necessario á nossa vontade; porque sem este nunca poderemos ter o do Amor Divino, que é auctor de todo o bem.

O modo de conseguir este odio é: Primeiro, pedil-o a Deus. Depois, ir meditando os danos

que nos tem causado e continuamente nos causa o amor proprio.

Porque nunca houve damno algum, nem no Céu nem na terra, que do amor proprio lhe não viesse a origem ou o nascimento: e emfim, é de tal e tão maligna qualidade, que se lhe fosse possível entrar no Céu, o converteria logo de celestial Jerusalem em infernal Babylonia. Infirmos logo d'aqui o que fará esta mortifera e venenosa peste n'esta vida presente, apoderada e entranhada no peito humano.

Lançaes vós fóra do mundo o amor proprio, que eu vos seguro que logo, logo, vereis fechadas para sempre as portas do inferno.

Quem pois se achará tão desacordado e tão impio contra si mesmo que, meditando a essencia, as qualidades e os effeitos do amor proprio, não se indigne contra elle e o aborreça, procurando com todas as véras desarraigal-o de si?

CAPITULO XXVI

De que modo se poderá conhecer o amor proprio

Para que possas, filha, conhecer quam grande e quam dilatado é o imperio de teu amor proprio, procura de quando em quando vêr e examinar com qual das paixões de tua alma mais frequentemente se ~~acha~~ occupada tua vontade; porque nunca a ~~acharás~~ só.

E tanto que achares que ama ou deseja, que está alegre ou triste; considera e adverte logo, se porventura a coisa amada ou desejada é alguma das virtudes, ou ao menos se é conforme aos preceitos do Senhor. D'este mesmo modo te haverás na alegria e na tristeza, procurando investigar se é por alguma d'aquellas coisas em que Deus quer que nos alegremos ou entristecemos: ou se, pelo contrario, provenha isso do mundo e de embaraço, trato e affecto, em que se ache tua vontade com as creaturas por te entregar á sua comunicação, não por necessidade, nem quanto convém, nem do modo que o Senhor quer. Porque se é n'esta fórma, claramente se vê tambem, que o amor proprio reina em tua vontade, e que este é quem move e governa tudo.

Mas se os negocios e occupaões da vontade são ácerca das virtudes, e sobre as coisas que Deus quer, deves, além do sobredito, considerar se meramente para a sua execução se move tua vontade pela vontade de Deus, e afim só de agradar a Sua Divina Magestade, ou se n'ella se mistura teu proprio parecer, desejo e complacencia; porque muitas vezes succede que alguns, movidos de um certo capricho, se dão a diversas obras boas, como são: orações, jejuns, communhões e outras acções santas, sem que n'ellas attendam a maior honra e maior agrado de Deus; fins a que em semelhantes acções só se devêra attender.

Para descobrires pois o motor de todas ellas, farás a prova em duas maneiras. A primeira é: Se a tua vontade se não dá indifferentemente (em

todas as occasiões que se offerecem) a todas as obras que são boas, mas antes quer agora mais esta que aquella; e depois mais uma que a outra. A segunda: Se offerecendo-se na execução de alguma d'ellas algum justo impedimento, a tua vontade se desgosta, inquieta e perturba; ou se succedendo-lhe as coisas como ella quer, se deleita e satisfaz de si mesma.

Além d'isto, ainda quando a vontade é movida por Deus, nos fica outra coisa que devemos considerar, e é: d'onde e a que fim encaminha a vontade estas suas operações; porque se o fim (como fica dito) é puramente o divino agrado, e querer cumprir a santissima vontade do Senhor, bem vae o negocio, mas não tanto que por isso hajamos de viver seguros; porque é tão facil, tão subtil e tão astuto o amor proprio, que muito dissimuladamente se costuma ingerir, intrometter e esconder ainda nas mesmas obras boas e actos de virtude.

Quando reconheces manifestamente que se tem introduzido esta cruelissima féra do amor proprio, debes desapegal-a e desterrá-la de ti, e perseguil-a de morte com todo o odio e aborrecimento que te fôr possivel, e isto não só nas coisas grandes, mas ainda nas mais miudas e pequenas.

Do amor proprio que está occulto, e tu não sabes discernir, debes, oh alma, estar sempre suspeitosa. E assim, depois de qualquer boa obra que fizeres, recolhendo-te dentro de ti, te humilharás deante de teu Deus, e batendo nos peitos lhe

pedirás que te perdoe, e te livre e guarde do amor de ti mesma.

Será pois muito acertado que pela manhã, tanto que acordares, apresentando-te em teu coração deante do Senhor, lhe protestes que teu pensamento e intenção é não só de não offendel-o nunca, e particularmente n'aquelle dia, mas também de fazer sempre em todas as coisas sua santissima vontade, e isto afim só de lhe agradares: para o que lhe pedirás muitas vezes que te socorra sempre, e que te tenha de sua amorosissima e poderosa mão, para que conheças e faças em tudo e por tudo sua santissima vontade, e n'aquella fôrma em que houver de ser melhor servido e glorificado.

CAPITULO XXVII

Do sexto soccorro da vontade

O sexto soccorro da nossa vontade, para andar bem regulada na pratica das virtudes, é o ouvir Missa, confessar-se e commungar. E a razão é: porque como a graça de Deus seja o principal e mais efficaz soccorro de nossa vontade, para que se guarde do mal e execute o bem, necessariamente se segue que tudo aquillo em que se adquire augmento de graça, é soccorro da vontade humana.

Para que pois, quando ouves Missa, possas ad-

quirir novo augmento de graça, a debes ouvir na fôrma seguinte:

Na primeira parte (das tres em que se divide a Missa), que começa no Introito até o Offertorio, procurarás com grande cuidado accender em ti um desejo grande de que, assim como Jesus Christo veio do Céu á terra e nasceu no mundo porque desejava accender n'elle o fogo de seu divino amor, assim se digne de vir e nascer em teu coração por sua virtude e graça, para que no intimo d'elle arda este divino fogo de tal modo que em nenhuma outra coisa cuides mais que em agradar-lhe e servir-o em toda a occasião, não só emquanto viveres n'este mundo, mas tambem no outro, por toda a eternidade.

Quando depois o Sacerdote diz as Orações, com este mesmo desejo que tens procurado accender em tua alma, pede tambem a Deus te conceda aquellas mesmas graças que nas orações se lhe pedem. E em se começando a Epistola e o Evangelho, levantando o pensamento a Deus, lhe pedirás que te dê entendimento e virtude para que entendas suas doutrinas e possas observar todas as que ahi se contéem.

Na segunda parte (que começa no Offertorio até á Communhão), abstrahindo-te de todo o embaraço e cuidado das creaturas, e ainda de ti mesma, offerece-te toda a Deus e ás disposições de sua divina vontade.

Levantando o Sacerdote a Hostia e Calix consagrado, adorarás com a maior reverencia e humildade interior o verdadeiro corpo e sangue de

Christo Senhor nosso com toda sua sacratissima Divindade, e contemplando ao mesmo Deus escondido debaixo d'aquelles accidentes de pão e vinho, rende-lhe amorosas graças por dignar-se de vir cada dia a nossas almas com os preciosos fructos da Arvore da sua Cruz: e com a mesma oblação e offerta, e pelos mesmos fins, pelos quaes elle estando crucificado na Cruz se offereceu e sacrificou ao Eterno Pae, o torna tu tambem a offerecer e sacrificar ao mesmo Padre Eterno.

Depois, quando o Sacerdote communga sacramentalmente (se tu o não houveres de fazer tambem), pódes commungar espiritualmente, abrindo ao Senhor teu coração, e fechando-o a todas as creaturas (como se te ensinou no Cap. LVI da primeira parte), afim de que o mesmo Senhor accenda n'elle e nos dê a todas as almas o fogo de seu divino amor.

Na terceira e ultima parte, juntamente com o Sacerdote, pedirás a Deus (elle vocalmente, e mentalmente tu) o que nas orações depois da Communhão o mesmo Sacerdote lhe pede.

CAPITULO XXVIII

Da Communhão sacramental

Para que recebas, filha, grandes augmentos de graça por meio da sagrada Communhão, necessarias te são as maiores disposições; mas como

de nós mesmos não as podemos ter como convém, com grande affecto d'alma (para que Deus t'as conceda) dirás a oração seguinte:

Rogamos-vos, Senhor, que visitando nossas consciências, as purifiqueis, para que vindo a nossas almas Jesus Christo Vosso Filho e nosso Deus, acompanhado de todos os seus Santos, ache em nós digna morada a Sua Divina Magestade ¹.

Mas para que não deixemos nós de fazer da nossa parte o que podemos, mediante os auxilios da divina graça, te prepararás para a Communhão com as seguintes considerações:

Primeiramente, a que fim instituiu Christo o Santissimo Sacramento do Altar? E tanto que reconheceres que foi para que nos lembrássemos do amor que nos mostrou no mysterio da sua Paixão e Cruz, considerarás logo a que fim quiz este Senhor que houvesse no mundo esta memoria.

E tanto que achares que foi para que o amássemos e lhe obedecéssemos, será boa nossa preparação se despertarmos em nós um fervoroso desejo e uma inflammada vontade de o amarmos e de lhe obedecermos, com uma grande dôr de que pelo tempo passado o não hajamos amado nem obedecido, mas antes o hajamos tão ingratamente offendido.

¹ Conscienti-~~bus~~ nostras, quæsumus Domine, visitando purifica: ut veniens Jesus Christus Filius tuus Dominus noster cum omnibus Sanctis tuis paratam sibi in nobis inveniat mansionem. Qui tecum, etc.

E com este desejo e afervorada vontade de o amarmos, iremos continuando em preparar nosso coração até o tempo da Comunhão.

Chegado o tempo de commungares, avivando em ti a fé para que firmemente creias que debaixo d'aquellas especies de pão consagrado está o verdadeiro Cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo, o adorarás profunda e devotamente, pedindo-lhe que tire e aparte do teu coração todo o peccado occulto que n'elle tiveres, e que te perdoe estes e os demais que tiveres commettido. E então recebe-o com toda a reverencia e firme esperanza de que o fará assim e que te comunicará seu divino amor.

Tanto que o tiveres recebido e introduzido em teu coração, pede-lhe uma e muitas vezes que te participe as affluencias do seu amor e tudo o mais que te é necessario para lhe agradares.

Depois o offerecerás ao Padre Eterno em sacrificio de louvor, assim pela immensa caridade que nos mostrou n'este singular beneficio e em todos os mais da redempção aqui cifrados, como tambem para que por elle te dê seu divino amor e finalmente pelas maiores necessidades do mundo e pelas almas dos defuntos que padecem no fogo do Furgatorio.

CAPITULO XXIX

Da Confissão sacramental

A Confissão sacramental, para se fazer como é razão, necessita de muitas coisas.

Primeira. Necessita de um bom exame de consciencia, regulado pelos mandamentos da Lei de Deus e pelas obrigações de teu proprio estado.

E achando que tens alguns peccados e faltas, ainda que sejam muito pequenas e leves, chora-as amargamente, considerando a offensa que fizeste á Magestade Divina e a ingratidão que commetteste contra sua bondade e caridade immensa.

E assim, vituperando-te e arguindo-te, dirás contra ti mesma aquellas palavras .

Nescio e mentecapto, esta é a correspondencia que tens dado aos innumeraveis benefícios de teu Senhor? acaso não é este amorosissimo Deus teu Pae, que como a creatura sua te possuiu, te deu o ser e te creou? ¹

Então, formando e reforçando em ti repetidas vezes, com esta consideração, um ardente desejo de que nunca houvesse offendido a este Senhor, dize: *Oh se eu nunca houvera aggravado a meu Deus, a meu Creador, a meu Pae celestial e a meu amorosissimo Redemptor, ainda a troco de*

¹ Hæcine reddis Domino stulte, insipiens? nunquid non ipse est Pater tuus, qui possedit, et fecit, et creavit te?

padecer os maiores males e todos os tormentos que me são possíveis!

Depois, voltando-te a Deus com pejo e horror de tuas culpas e com grande confiança de que t'as ha de perdoar, dize-lhe de todo o coração: *Pae e Senhor, pequei contra o Céu e deante de vós; já não sou digno que me chamem e reconheçam por filho vosso; e só será para mim a maior graça admittirdes-me ao numero de vossos servos*¹.

E avivando e renovando a dôr da offensa divina, com determinação de antes querer padecer qualquer penalidade que tornar a offender voluntariamente a Deus, chega e confessa teus peccados ao Confessor, com pejo e dôr inteira, e claramente como os commettestes, não só sem desculpar-te e escusar-te, mas tambem sem accusar a outros.

Depois da confissão darás muitas graças a Deus, pois sendo assim que tantas e repetidas vezes o tens offendido, todavia não deixa de estar sempre muito mais prompto para te perdoar do que tu o estiveste nunca para pedir ou receber o perdão.

E tomando d'isto motivo de maior dôr, por haveres offendido a um tal e tão benigno Pae, ainda com mais deliberada e firme resolução proporás de nunca mais o tornar a offender, ajudada

¹ Pater, peccavi in Coelum et coram te, jam non sum dignus vocari filius tuus; fac me sicut unum de mercenariis tuis.

de sua divina graça e do patrocínio de Maria Santissima (a quem para isto invocarás advogada) e do teu Anjo Custodio, do Santo do teu nome e dos mais de que fôres devota e tiveres por Protectores.

CAPITULO XXX

Como se hajam de vencer os movimentos deshonestos

Além das regras que na primeira parte apontei para isto, no cap. xix, como materia tão importante, julguei necessario repetil-as aqui, ainda que por modo mais breve e conciso.

Todas as outras paixões e movimentos, ou sejam grandes ou pequenos, se vencem combatendo-os de cara a cara ou talvez desafiando-os. Porque ainda que na batalha recebamos algumas feridas e nos custem sangue, comtudo não são tão perigosas que enfim os não vençamos. Mas a paixão e movimentos deshonestos não só não convém excital-os para sahir com elles a batalha, mas é preciso apartar e desterrar de nós todas aquellas coisas que os podem mover e despertar em nosso ânimo.

Vencem-se pois e mortificam-se as tentações e movimentos deshonestos, e alcança-se victoria contra elles, fugindo a toda a pressa de qualquer combate e não pelejando com elles de cara a cara. Aquelle pois que mais depressa foge, e para mais

longe se retira, este mais depressa e mais seguramente consegue o triumpho.

Os bons habitos, a vontade sincera, as experiencias passadas, as victorias conseguidas, o parentesco, os objectos de pouco ou nenhum agrado que não ameaçam perigo, e qualquer outra coisa que a titulo honesto e com apparencia de virtude parece que te promette firme e segura liberdade, não são bons argumentos, filha, para que deixes de fugir. Foge, foge pois, alma querida, se não queres ser presa e despojada.

Porque ainda que se teem visto algumas pessoas que em todo o decurso de sua vida praticaram e trataram outras de muito perigo, sem que cahissem nem fossem vencidas d'esta tyranna paixão; comtudo, isto não te toca a ti o julgal-o, senão aos secretos juizos de Deus. Além de que muitas almas se teem visto que estando em grande altura e. a seu parecer, com a maior segurança, não sem grande vergonha teem dado comsigo em terra, cahindo miseravelmente. E ainda succede ás vezes que onde se não vêem nem se percebem as quedas, ahi se cahe mais facilmente em terra. Foge, foge, filha, e obedece aos avisos e exemplos que Deus te propõe na Sagrada Escriptura e na vida de muito grandes Santos, e aos que cada dia te dá em uns e outros homens. Foge, digo, e foge sem que voltes a cara para vêr o objecto de que foges; porque ainda n'esta demora, posto que pequena, ha perigo de retroceder e buscar os mesmos objectos que deixaste.

No caso porém que importe o fallar ou ouvir

a alguém, a tua conversação seja breve e de poucas palavras, e taes que mais depressa pareçam rusticas e desabridas, que urbanas e enfeitadas, e por nenhum modo carinhosas; porque ainda n'estas de ordinario costuma achar-se o visco, a chamma e o fogo.

Aqui entra muito bem aquelle discreto aviso: *Ante languorem adhibe medicinam*. Usa do remedio antes que chegue a enfermidade. *Principiis obsta, sero medicina paratur*, é commum proverbio dos medicos: conselho que tem melhor logar e se reconhece mais necessario n'esta enfermidade espiritual. Não aguardes o cahir enferma; foge a tempo, que n'esta fugida acharás o remedio e a saude.

Mas se por tua desgraça ou fragilidade chegares a cahir enferma d'este achaque, toda a tua saude consiste em que logo que te sentires ferida, *Tu teneas, et allidas parvulos tuos ad petram*, despedaces e quebrantes na pedra do arrependimento estes recém-nascidos, máos e perversos filhos. Quero dizer, que correndo logo, logo, a teu confessor, sem esconder-lhe nem o menor peccado venial d'esta paixão, te confesses e purifiques. Que se o não fazes assim, por pequena que seja a faísca que deixas de apagar, ella levantará tal fogo que venha a fazer um grandissimo incendio.

CAPITULO XXXI

De quantas e quaes coisas devemos fugir para que não caíamos no vicio deshonesto

Para que o nosso coração se não prenda do visco da paixão do amor deshonesto, devemos fugir de muitas coisas. A primeira e principal, é fugir d'aquellas pessoas que nos ameaçam evidente perigo. A segunda é fugir tambem das outras o mais que poder ser. A terceira é fugir das visitas, dos recados, dos presentes e das amizades (ainda que sejam das que chamamos de cumprimento e urbanidade), porque estas mais facilmente se podem tornar em amizades estreitas e illicitas, do que as illicitas tornarem-se honestas. A quarta é fugir de fallar e conversar n'esta paixão, das musicas, dos romances e poesias que tratam d'ella, de livros profanos e que não tratam de bons costumes. A quinta (de poucos conhecida e menos praticada) é fugir universalmente de todo o deleite e gosto que se tem e põe nas creaturas: como nos vestidos de grande preço e não necessarios; em varias e muitas coisas de galanteria e curiosidade, que nos gabinetes e salas se tem só por vangloria e inutil apparatus; das comidas e bebidas que se podem escusar e se tomam só por regalo e appetite; e finalmente de todas aquellas coisas, pequenas ou grandes, que precisamente se não necessitam; porque ainda que o deleite em todas

estas coisas de ordinario seja licito (por não se conter n'elle offensas de Deus), todavia com elle se acostuma o coração do homem a querer o seu gosto e a ter em todò o tempo desejo do que o deleita: d'onde lhe succede que, offerecendo-se-lhe depois o deleite deshonesto (que de sua natureza é efficaz e por consequencia facil a ferir e a penetrar o mais interior do coração), difficilmente acha o caminho de largal-o, e mortificação dos deleites nas demais materias. O que pelo contrario succede aos corações acostumados a fugir de todos os deleites, ainda que licitos; porque estes, quando se lhes offerecerem os illicitos e deshonestos, do nome só d'elles fogem com grande facilidade.

CAPITULO XXXII

**Que se deve fazer quando se cahir no
vicio da deshonestidade**

Se succeder que por desgraça (ou talvez por malicia) caias n'este vicio da sensualidade, não tens mais remedio, para que não ajuntes peccados a peccados, que correres com toda a pressa possivel á confissão, sem fazeres outro exame de consciencia. E ahi pondo de parte toda a prudencia e respeitos humanos, á bocca cheia e sem rodeios, manifestarás ao confessor toda a tua chaga e enfermidade, acceitando qualquer remedio e conselho que te dér, ainda que te pareça amargo,

duro e aspero ; porque elle é o unico meio de sarar e de convalescer.

Nem dilates e diffiras esta diligencia, ainda que para ella se te offerecessem mil motivos e razões. Porque se a differires para mais tarde, tornarás a cahir ; e d'esta nova recahida se seguirá outra maior dilação, na qual tem o demonio grande interesse para poder enredar-te e enlodar-te mais : porque procedendo da dilação repetidas e novas quédas, e d'estas outras novas dilações, de dias passarás a mezes e de mezes passarás a annos, antes que confesses o teu peccado e que saias d'elle. Assim que muito te encommendo que não deixes apodrecer e encancerar as chagas, porque terão depois muito difficultoso o remedio.

Sobre os pensamentos que te vierem n'esta materia te advirto que, ainda que sejam pequenos e leves, fujas d'elles nada menos que dos grandes : e que, emquanto ao perigo, os avalies o julgues como taes. E posto que claramente te constasse que por te haveres detido muito pouco n'elles e por havêl-os depois fugido, não passaram de peccado venial, todavia não faltes em confessal-os assim, manifestando a teu confessor as qualidades do teu inimigo.

Mas havendo cahido ou consentido, de modo que a tua culpa chegue a ser mortal, te recomendo muito que corras logo, logo, á confissão, não te deixando nunca vencer de vergonha ou pejo algum.

CAPITULO XXXIII

De alguns motivos por que o peccador se deve converter a Deus muito depressa

O primeiro motivo por que o peccador se deve converter a Deus muito depressa, é a consideração do mesmo Deus ; o qual sendo o Bem summo, o summo Poder, a summa Sabedoria e Bondade, não deve em nenhum caso ser offendido pelo atrevimento humano.

Não, por attenção á humana prudencia ; porque já se vê quam perversa e fatua resolução é querer o homem tomar-se com a Omnipotencia e com o supremo Juiz que o ha de julgar.

Não, se se attender á conveniencia e justiça ; porque não é coisa toleravel que o nada, o lodo e a creatura vilissima offenda a seu Creador, o servo a seu Senhor, o favorecido a seu Bemfeitor, o filho a seu Pae.

O segundo motivo é a obrigação grande que tem o peccador (qual outro prodigo arrependido) de tornar logo para casa de seu Divino Pae, sendo a conversão do filho e o regresso para casa, honra para o pae e festa e jubilo para a familia ; alegria e gosto para os visinhos ; isto é, ineffavel gloria para os Anjos e moradores do Céu.

Porque assim como d'antes o filho peccando offendeu e desgostou a seu soberano Pae, assim tambem tornando a elle (arrependido da sua culpa,

chorando amargamente a sua offensa, com plena deliberação de obedecer d'ahi em diante a todos os seus preceitos) o alegra, o honra e lhe fêre tão amorosamente o coração, movendo-o a misericórdia, que não contente de esperar que chegue, corre com desejo e ancia a encontral-o; e recebendo-o com demonstrações d'um grande jubilo, lhe lança os braços, o enche de osculos, o veste de sua graça e o orna e enriquece com o precioso anel de seus divinos dons.

O terceiro motivo é o primeiro interesse do mesmo peccador; porque deve considerar que, se se não converte a tempo, chegado o ultimo dia não se poderá converter e infallivelmente se irá ao inferno: no qual, quando não houvesse mais pena que o augmentarem-se-lhe infinitamente aquellas paixões que o detinham preso e enganado no estado da culpa, sem esperança de que ao menos haja de lograr em uma minima parte aquelles gostos em que d'antes se deleitava, e haver além d'isto de carecer para sempre da presença de Deus e haver de ser d'elle para sempre aborrecido, verdadeiramente isto bastaria para haver de se atemorizar e viver confuso.

Nem imagine o peccador que é boa e segura a esperança nem os propositos que faz de haver-se de converter no fim da sua vida, ou d'aqui a alguns annos ou mezes; porque estes propositos e prazos (além de não haver n'elles nenhuma segurança, porque o tempo não é nosso nem está na nossa mão), são propositos loucos, cheios de malicia e impiissima confiança.

São propositos loucos, digo, porque effeito de muito pouco juizo é o propôr e ter tenção de vencer uma difficuldade tão grande, no tempo em que o homem se acha mais fraco, mais debilitado e mais impedido. Além de que o peccador que perseverar no seu peccado, cada dia se impossibilita mais a converter-se a Deus, não só pelo habito e máo costume (que crescendo se vae tornando em natureza), mas pela maior indisposição que vae grangeando a poder receber a graça da conversão. Porque ainda que Deus esteja preparado e prompto para dar-lh'a, todavia vendo sua malicia e sua dilação, e que por lograr quanto mais póde das creaturas (fiando-se temerariamente da divina misericordia) dispõe'o haver de converter-se tarde, e só dar-se-lhe interessadamente na hora da morte, vem este Senhor a descobrir-se de maneira que se lhe tira a vontade de ajudal-o então effizamente: pondo-se assim o peccador em notorio perigo de perder sua alma por toda a eternidade.

Tambem por outra razão é de loucos semelhante conselho e semelhante proposito: porque ainda que só com elle fosse possivel ao peccador o converter-se e o conseguir a graça effiz, todavia a certeza de que Deus lh'a ha de dar, d'onde a tem ou de que a collige? Sabe acaso se morrerá de repente e sem fallar palavra, como a tantos. tem succedido e cada dia succede? E caso que morra em seu juizo, sabe se se lembrará então do seu proposito ou se se disporá então ao que se dispôz em toda a vida? Materia é esta de maior duvida e mais que tudo perigosissima.

Clama pois, ó peccador que isto lês, clama e dá vozes a teu Senhor, dizendo-lhe: *Convertei-me, Senhor, a vós, e converter-me-hei, porque só vós sois o meu Senhor, e só vós sois o meu Deus* ¹. Não cesses, nem descances até que de todo te convertas a teu amoroso Pae, chorando amargorosissimamente as tuas culpas e a sua offensa com uma resignação a quanto este Senhor fôr servido para satisfação d'ellas e de seu infinito amor.

CAPITULO XXXIV

**Do modo de procurar lagrimas pela offensa de Deus,
e do modo de procurar a conversão**

Não ha melhor modo para excitar lagrimas pela offensa de Deus do que a meditação da grandeza de sua infinita bondade, e da caridade e amor que este Senhor sempre mostrou aos homens.

Porque quem considera que peccando tem offendido aquelle Bem summo e infinito, e aquella ineffável Bondade, que não sabe mais que fazer bem, nem ainda outra coisa faz nem tem feito que chover continuamente aguas beneficas de infinitas graças e enriquecer de sua divina luz, tanto a seus inimigos como a seus amigos; e então o porque tem offendido a um Deus e Senhor tão

¹ Converte me et convertar, quia tu Dominus Deus meus.

hom, por um gosto leve, por uma insignificancia, por um capricho, por um pouco de deleite falso, não póde deixar de chorar amargamente.

Para te moveres pois á contricção e lagrimas, pôr-te-has deante de teu Deus crucificado, e te persuadirás que lhe ouves dizer estas palavras: *Aspice in me*. Peccador, olha para mim e considera uma por uma todas as minhas chagas. Adverte bem o estado a que me teem reduzido as tuas culpas, e o como me teem maltratado, tão ferido e tão chagado. Olha que sou teu Deus, que sou teu Creador, teu benigno Senhor e teu piedoso Pae *Revertere, revertere ad me*. Torna, torna, peccador, e converte-te a mim com lagrimas puras e com inflammada vontade: *Revertere ad me*. Torna-te a mim, desejando não me haver offendido e querendo antes padecer as maiores penas que tornar de novo a offender-me com tuas culpas *Convertere ad me, quoniam redemi te*. Converte-te a mim, que eu sou o que com tantos tormentos n'esta Cruz te redimi.

Depois figurando na tua imaginação a Jesus Christo teu Redemptor com a corôa de espinhos na cabeça e com a canna verde na mão, qual o mostrou ao povo hebreu o iniquo juiz Pilatos, todo ferido e chagado, pódes imaginar que este divino Senhor assim ultrajado te diz ao coração *Ecce homo*. Eis aqui o homem, alma querida, que amando-te com ineffavel amor te redimiui com estes escarneos, com estas chagas e com este sangue. *Ecce homo*. Eis aqui, este Homem é aquelle Deus a quem tu tens offendido, depois de te ha-

ver dado tantas demonstrações de seu amor, e depois de te haver feito taes e tão grandes benefícios, como tu sabes. *Ecce homo*. Eis aqui, este Homem é a misericórdia de Deus e a sua copiosa redempção. Este Homem, com todos os seus merecimentos, se offerece por ti ao Padre Eterno cada dia, cada hora e cada momento. Este homem, sentado á mão direita de seu soberano Pae, roga e pede por ti, e é o advogado que em teu favor arrazoa ; como pois tanto me offende a tua malicia, e como te não voltas e convertes a mim por meio d'uma resolução efficaz : *Revertere ad me, quia delevi ut nubem iniquitates tuas, et quasi nebulam peccata tua*. Torna, torna-te a mim muito déveras, que assim como o sol desfaz a nevoa e desterra a nuvem, assim eu riscarei tuas maldades e me esquecerei de todos os teus peccados !

CAPITULO XXXV

De algumas razões por que os homens vivem descuidados, sem chorar as offensas de Deus, sem aspirar á virtude nem á perfeição christã

As razões por que o homem em sua tibieza dorme a somno solto, nem (levantando-se do peccado) se dá á virtude como deve, são muitas ; mas entre as mais se contam as seguintes :

Porque o homem não habita dentro de si mesmo, nem vê o que vae na sua casa, nem quem a possui, mas alienado de si e só curioso do que nada

importa, passa seus dias em deleite e vaidades, sem olhar no intimo de seu interior para o estado infeliz em que se acha sua consciencia, e como pelo peccado tem os interesses de sua alma no maior perigo, e que seu coração o occupa um senhor tyranno, cujo fim não é outro que querer perdê-lo; e bem que ás vezes se occupe em coisas licitas e boas em si, contudo d'aquellas que pertencem á virtude e conduzem á perfeição christã, nada cuida nem se lembra, nem ainda d'ellas tem pensamento algum.

E se alguma vez succede que se lembra d'ellas e reconhece o muito que lhe convém, ou é chamado e inspirado de Deus, e estimulado a mudar de vida, responde *Cras, cras; postea, postea; amanhã, amanhã; depois, depois*; não chegando jámais o *Hodie, hodie; modo, modo; Hoje, hoje; agora, agora*. Porque como reine no peccador, n'este dia de *Hoje*, e em qualquer dia que fôr *Hoje*, o vicio do *Cras, cras, amanhã, amanhã*, e o do *Postea, postea, depois, depois*; em qualquer momento de bom proposito que lhe appareça, revestido das condições de *agora* e das condições de *Hoje*, se achará sempre o obstaculo e a opposição do *Cras, cras*, e do *Postea, postea, amanhã, amanhã, depois, depois*.

Nem faltam outros que, persuadindo-se que a verdadeira mudança da vida e que os verdadeiros exercicios da virtude consistem n'umas suas certas devoções, quasi todo o dia gastam (como por exemplo) em rezarem Padre Nossos e Ave-Marias, sem que jámais se occupem na mortificação de

suas paixões e movimentos desordenados; os quaes os obrigam a estarem presos e ligados ao amor das creaturas.

Outros se dão aos exercicios das virtudes; mas, por quererem levantar edificio sem terem primeiro fabricado o fundamento, dão com tudo facilmente em terra, como mal fundado. Tem cada virtude seu proprio fundamento, desde o qual é necessário começar, como por exemplo: a humildade tem por fundamento o desejo do desprezo, de tal modo que o que é humilde deseja ser desprezado, reputado em nada, confundido, e sempre vil e desprezível aos olhos de todos.

Quem tem aberto este alicerce para a fabrica da humildade, ou tem já lançado este fundamento, com alegria recebe logo as pedras que se lhe offerecem para a continuação da sua fabrica, as quaes são os desprezos e as affrontas que se nos fazem o pouco caso que se faz de nós; como também todas as occasiões que se encontram de poder fazer actos de humildade: e assim, augmentando-se em nós o desejo de ser desprezados, e recebendo com alegria a pouca estimação em que vivemos, vae crescendo o edificio da humildade: o qual para que cresça mais e mais, até que chegue á sua ultima perfeição, devemos procurar augmental-o, pedindo continuamente a Deus em virtude de seu santissimo humilhado Filho, nos dê muitas occasiões de poder verdadeiramente humilhar-nos.

Alguns ha que, posto que fazem tudo isto, lodavia não o fazem por amor da virtude nem por agradarem a Deus, que é só o motivo por que o

deveram fazer: do que nasce, que os actos que fazem não correspondem uns a outros, nem são iguaes em todo o lugar; porque com uns se mostram humildes e com outros se fazem soberbos. Humildes na presença d'aquelles cuja estimação apreciam e pretendem. E soberbos com os demais de que não teem necessidade, e cuja estimação não faz a proposito dos seus designios.

Ha outros que, desejando a perfeição christã, a procuram não da mão de Deus, a quem deveriam pedir-a, mas por suas proprias forças, estudos e exercicios que, por grandes que sejam, todos são fraquissimos sem os auxilios do Senhor. Querer alcançar a perfeição com industria propria e com exercicios dispostos a seu modo, sem procurarem a assistencia de Deus pela total desconfiança de si mesmos. E assim de ordinario succede a estes taes, que mais é o que retrocedem que o que se adeantam em seu caminho.

Outros ha que apenas teem entrado no caminho da virtude, quando logo se persuadem que já teem chegado ao cume da perfeição; e assim como vão e confiados em si mesmos, se desvanece e acaba n'elles a virtude.

Para que pois, filha, possas adquirir a virtude e a perfeição christã, o primeiro que has de fazer (como se te advertiu na primeira parte, cap. II e III) é desconfiar de ti mesma, e depois confiando em Deus tratar de accender em ti um desejo fervoroso de agradar a Deus quanto mais te fôr possível; que d'este modo, augmentando-o cada dia, irás chegando á perfeição. E adverte, além d'isto,

que não te fuja das mãos qualquer occasião de exercitar as virtudes, ou esta seja grande ou pequena. E se por tua culpa a perderes, castiga-te por isso e mortifica-te em alguma coisa. Nem deixes de fazer esta penitencia e mortificação para que outra vez estejas mais advertida.

E posto que cada dia aproveites muito mais no caminho da perfeição, persuade-te comtudo, e faze conta, que n'este dia começas. E portanto trabalha em fazer qualquer acto de virtude com tanta diligencia como se n'elle só consistisse toda a perfeição, e o mesmo que fizeres no primeiro acto, has de fazer no segundo, no terceiro e nos mais. E os defeitos e faltas leves guarda-te de commettê-los com aquelle mesmo cuidado com que se guardam de commetter peccados graves os que tratam de sua salvação.

Abraça, filha, e exercita a virtude por amor da virtude e por agradar a Deus; porque d'este modo com todos serás a mesma: a mesma quando só, e a mesma quando acompanhada. E por este modo também saberás com facilidade deixar ás vezes a virtude pela virtude e a Deus por Deus. Não declines a uma ou outra parte; mas segue sempre o caminho direito, sem n'elle retrocederes. Trata e trabalha muito por ser discreta, amiga da solidade, do silencio, da meditação e da oração, rogando frequentemente a Deus que te dê a virtude e a perfeição que vás buscando tão necessaria para te chegares a Sua Divina Magestade, porque este Senhor é a fonte de toda a virtude e perfeição. a qual cada dia e cada hora nos está chamando.

CAPITULO XXXVI

Do amor para com os inimigos

Ainda que a perfeição christã seja a exacta e plena obediência dos preceitos divinos, comtudo do preceito de amar os inimigos procede principalmente, por ser este preceito muito semelhante e conforme ao costume do Senhor, e ao que elle praticou na terra e pratica ainda hoje no Céu.

Pelo que, se em breve tempo desejas, filha, adquirir esta perfeição, debes tratar de observar muito exactamente tudo o que Christo manda n'este preceito de amar os inimigos: isto é, amal-os, fazer-lhes bem e orar por elles, não de qualquer sorte, frouxa e tibiamente; mas com tão interno affecto que, como esquecida de ti mesma, todo teu coração se encha de seu amor e todo o occupes em rogar por elles.

A'cerca pois do bem que lhes debes fazer, é necessario advertir em primeiro logar, que pelo que toca aos bens d'alma lh'os debes desejar, e em fôrma tal que nunca com teu máo exemplo tomem de ti occasião de aggravar suas almas; e assim sempre lhes debes mostrar nos gestos da cara, nas palavras e nas obras, que os amas e estimas, e que estás sempre prompta e preparada para os servires.

Emquanto a fazer-lhes bem temporalmente,

poderás muito bem colher aquillo a que estás obrigada, assim pela qualidade dos inimigos e de teu estado, como pelas occasiões que se te offecerem; o que se remette á tua prudencia e maduro conselho, encarregando-te muito que não percas occasião alguma de fazer-lhes o bem que podéres.

Se attenderes a isto, experimentarás certamente em teu coração, com grandissimo augmento, a virtude e verdadeira paz.

Nem este preceito tem aquella grande difficuldade que alguns se persuadem. Duro é (não ha duvida) á natureza o amor aos inimigos. Mas a quem tem vontade, e está de sobreaviso de querer logo mortificar os movimentos da natureza e a paixão do odio, lhe será isto muito facil. Porque os mesmos mortificados movimentos teem de si este grande bem: logram e trazem consigo escondida uma dulcissima e tranquillã paz, e uma grandissima facilidade para de novo se tornarem a mortificar e vencer.

Para que pois possas soccorrer a tua natural fraqueza, te servirás de quatro poderosissimos remedios n'esta materia.

O primeiro é a Oração, na qual pedirás muitas vezes a Christo Senhor nosso que te conceda este amor, em virtude d'aquelle amor com que estando na Cruz primeiro se lembrou de seus inimigos e depois de sua Santissima Mãe, e em ultimo lugar de si mesmo.

O segundo será dizeres interiormente a ti mesma: *E' preceito e lei de meu Senhor que eu*

ame a meus inimigos; razão é logo que eu não falte á sua observancia.

O terceiro: que contemplando em teus inimigos a viva imagem de Deus (a qual o mesmo Senhor lhes infundiu quando os creou), te desveles e excites por este motivo a estimal-os, amal-os e respeitá-os.

O quarto: que olhando além d'isto para a inefável e copiosa redempção com que teus inimigos foram redimidos por Christo (a qual não foi feita por prata ou ouro, mas pelo seu mesmo preciosissimo e divino Sangue), tu te violentes de modo que elle não fique baldadamente derramado, perdido e pisado: effeito sem duvida que produz a tua culpa, quando fomentas e conservas em teu coração o odio de teu proximo.

CAPITULO XXXVII

Do exame da consciencia

O exame da consciencia, nos que sollicitamente cuidam de sua salvação, se costuma fazer tres vezes no dia. A primeira antes de jantar; a segunda de tarde, e a terceira antes de se irem recolher. Se, todavia, alguém o não poder repetir tantas vezes, pelo menos cada noite sem falta deve uma alma examinar as obras e occupações de todo o dia. Porque se Deus duas vezes pôz os olhos nas obras que fez em utilidade e serviço do homem,

por que razão o homem, ao menos uma vez cada dia, não examinará as obras que faz em serviço de Deus, ou não cuidará nas faltas que contra elle commette, se no fim de todas lhe ha de tomar este Senhor estreitissima conta?

O exame pois se póde fazer n'esta fórma: Primeiramente pedirás a Deus que te dê luz para que conheças bem todo teu interior, juntamente com todas as tuas obras. Depois começarás a considerar como te has recolhido e fechado em teu coração, e como o tens guardado.

Logo examinarás como tens obedecido a Deus n'aquelle dia e em todas as occasiões que elle te tem dado para que o servisses. E esta terceira consideração inclúe em si o estado e as obrigações de cada um, conforme as quaes é que se deve fazer o exame.

Mas tanto que tiveres dado graças a Deus pela correspondencia que déste á sua graça e pelas obras boas que fizeste, procura esquecer-te totalmente de todas, ficando sómente desejosa de começar de novo o caminho de o servires como se nada até aqui houvesse feito.

Achando porém em ti faltas, defeitos e pecados, voltando-te ao Senhor e arrependendo-te das offensas que tens commettido contra elle, lhe dirás: *Senhor, eu tenho feito e obrado como quem sou: e maior mal houvera commettido se vossa soberana mão me não houvesse ajudado e soccorrido, pelo que vos dou infinitas graças. Fazei vós agora, meu Deus (e vol-o peço em nome de vosso santissimo Filho Jesus), como quem sois, per-*

doando-me e dando-me graça, para que mais vos não offenda.

Depois, por penitencia de tuas faltas e para estímulo da emenda, mortifica tua vontade, privando-te de alguma coisa das que te são lícitas, porque é certo que isto agrada muito a Deus. O mesmo digo de teu corpo, a quem não deixarás nunca de castigar com estas e semelhantes penitencias, além das que tens por costume se não é que pretendes que os exames de tua consciencia sejam mais por uso e sem fructo, que por queres d'elles o seu legitimo fructo que, deve ser a tua confusão e a tua emenda.

CAPITULO XXXVIII

De duas regras para vivermos em paz

Ainda que aquelle que viver conforme o que até aqui temos dito, sempre estará em paz, quero todavia n'este ultimo capitulo dar-te duas regras (incluidas já no que fica advertido), as quaes se observares, viverás quieta quanto possivel é n'este mundo iniquo.

A primeira é, que te disponhas e resolves, com quanto cuidado te fôr possivel, a cerrar a porta de teu coração para que não entrem n'elle alguns desejos. E assim, não desejando coisa alguma, viverás em paz.

Porque debes saber que o lenho alto da Cruz

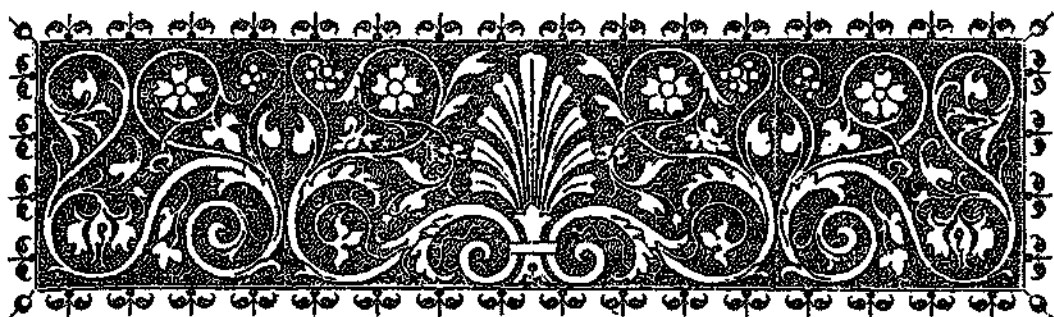
e de toda a inquietação o formam os desejos; e assim este, tanto mais comprido e pesado será, quantos maiores e mais ardentes fôrem os desejos. Pelo que, se os desejos fôrem ácerca de muitas coisas, também serão muitos em numero, maiores e mais pesados os lenhos preparados a muitas cruces. D'onde, vindo depois difficuldades e impedimentos de se conseguirem esses desejos, eis ahi que já se fórma o outro lenho que atravessa e compõe a cruz, na qual fica crucificado o pobre desejo.

Quem pois não quizer padecer cruces, não deseje. Porque se desejar alguma coisa, os desejos lhe servirão de cruz. Achando-se porém crucificado e padecendo em cruz, se não quer mais padecer, deixe os desejos; porque n'aquelle momento em que os deixar, no mesmo também descerá da cruz. Nem fóra este ha n'isto outro remedio.

A segunda regra é, que quando te sentires aggravada e offendida de teu proximo, não te entregues á consideração do agravo, ou de que se não devêra obrar isto contigo, ou quem são ou quem cuidam ser as pessoas que te offendiram, e outras semelhantes coisas; que tudo são lenha para que arda o fogo da ira, do odio e da vingança. Mas recorre logo em semelhantes casos á virtude e aos preceitos de Deus, que elles te ensinarão o que debes fazer para que não caias em peiores erros que os que contra ti se commetteram. E d'este modo acharás o caminho da virtude e da paz.

Tambem para boa pratica d'esta mesma doutrina, debes considerar que se tu não fazes o que devês para com Deus, que maravilha é que os outros não obrem contigo o que devem, os quaes se hão talvez contigo muito melhor do que tu mereces?

Se porém te agrada o vingar-te dos que te offenderam, o que te devo aconselhar é que encaminhes tua vingança contra ti mesma, pois não tens outro maior inimigo e offensor contra ti, que tu mesma se te consideras bem.



TRATADO SEGUNDO

ESTRADA DO PARAIZO OU DA PAZ INTERIOR

CAPITULO I

Quai seja a natureza de nosso coração
e como haja de ser governado

SAS-DE saber, filha, que te deu Deus um coração muito nobre, creado unicamente para com elle amares e servires como a teu Deus e Senhor. Com este amor, pois, poderás fazer de teu coração quanto quizeres; e, namorada da virtude, o difficultoso se te fará muito facil. E, pelo contrario, se fundada em tuas forças naturaes quizeres obrar alguma acção virtuosa, nunca farás coisa boa.

Assim, a primeira coisa que deves fundar e estabelecer em teu coração, é a intenção d'elle,

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

de tal maneira que do interior proceda o exterior: porque se bem as penitencias corporaes, e todos os mais exercicios com que se castiga e afflige a carne, são muito louvaveis, tanto que se fazem moderados pela discreção e segundo convém á pessoa que os faz, todavia nenhuma virtude se alcança por elles, mas antes vaidade e vento de vangloria com que se perde o trabalho, se com o interior não forem avivados e regulados.

A vida do homem sobre a terra nenhuma outra coisa é mais que uma perpetua guerra, e continua tentação. E assim, por occasião d'esta guerra, debes sempre vigiar e estar de guarda sobre teu coração, para que se conserve sempre pacifico e quieto. Tanto porém que se levantar na tua alma algum movimento de inquietação sensual (qualquer que fôr), debes com grande diligencia cuidar em socegal-a e supprimi-la logo, tornando pacifico teu coração e não permitindo de nenhum modo que se desmande nem se incline a alguma d'aquellas coisas que o inquietavam. E isto farás quantas vezes te sobrevier qualquer inquietação, ou seja na criação ou em qualquer outro tempo; e entende que então saberás bem orar quando assim souberes bem obrar. Mas adverte, filha, que isto se deve fazer com muita suavidade e sem força alguma. Em conclusão, todo o principal e continuo exercicio de tua vida deve consistir em pacificar teu coração e em agradar-lhe de tal modo, que nunca se desmande nem incline a inquietar-se.

CAPITULO II

Do cuidado que deve ter a alma em se restituir á paz

Filha, antes de tudo é necessario que ponhas logo sobre teus sentidos esta sentinella da paz. E isto te guiará a grandes coisas sem nenhuma perturbação de animo, antes com muita tranquillidade e segurança. E com esta sentinella dada por Deus, de maneira vigiarás sobre ti mesma, que te acostumarás a orar, a obedecer, a te humilhar e a tolerar as injurias, sem nenhuma ou com muito pequena perturbação.

E' bem verdade que, antes que alcances esta paz, padecerás grandes afflicções em teu animo por não estares versada n'estas materias; mas ficará depois tua alma muito consolada por qualquer contradicção que lhe succeda; além de que sempre, de dia em dia, irás aprendendo melhor este exercicio de pacificar teu espirito. E se talvez te vires tão atribulada e afflicta que totalmente te pareça que não poderás tornar a conseguir a paz interior, vae logo buscar a oração e persevera n'ella, á imitação de Christo Senhor nosso que tres vezes orou no Horto para nos deixar exemplo de que todo o nosso recurso e consolação deve ser a oração. E adverte que, por muito que te sintas afflicta e desconsolada, e com pouco coração e animo para padecer, nem por isto te apartes d'ella; mas antes persevera ahi, até que de todo reconheças que tua

vontade está conforme com a de Deus; e por consequencia, devota, socegada e pacifica, e já de todo animada a receber e abraçar o que d'antes sentia e aborrecia, sahindo-lhe ao encontro, como fez Christo Senhor nosso quando o buscavam seus inimigos, dizendo: *Surgite, eamus, ecce appropinquat qui me tradet.*

CAPITULO III

Como se ha de ir edificando, pouco a pouco,
esta morada pacifica

Procura, filha.. com grande cuidado, como te deixo dito, que nunca se perturbe teu coração ou se intrometta em coisa que o inquiete. E, portanto, trabalha sempre por conserval-o quieto; porque d'este modo o Senhor edificará em tua alma uma cidade de paz, e teu coração será uma casa de prazeres e delicias espirituaes. Não quer de ti o Senhor mais, senão que todas as vezes que a ira te alterar, ou se excitar em ti qualquer outro movimento, o abatas logo e te moderes: de tal modo que fiques quieta e pacifica em todas as tuas obras, pensamentos e movimentos. E assim como nenhuma cidade ou casa se edifica n'um dia, assim tambem não creias nem te persuadas que n'um dia pódes alcãçar esta paz interior. Porque isto tambem não é menos que edificar uma casa ao Senhor é um tabernaculo ao Altissimo, fazendo-te

templo seu. De mais que, esse mesmo Senhor é o que o ha de edificar; que de outra maneira vão seria todo o teu trabalho, como ensinou o Espírito Santo por bocca de David, quando disse: *Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalha quem a edifica* ¹. E adverte que o principal, ou para melhor dizer, todo o fundamento d'este exercício, ha de ser a humildade.

CAPITULO IV

Como a alma deve recusar todo o gosto e consolação; porque esta é a verdadeira humildade e pobreza de espirito com que se alcança a paz da alma

Filha muito amada, se desejas entrar por esta porta da humildade (que outra não a ha), debes sempre trabalhar e pôr todas as tuas forças, particularmente no principio, por abraçar as tribulações e coisas diversas como amabilissimas irmãs tuas; desejando ser desprezada de todos e que não haja ninguém que te favoreça, console, nem conforte, senão só teu Deus e Senhor. Assentando pois e estabelecendo em teu coração que só Deus é todo o teu bem e teu unico refugio, e que tudo o mais para ti são espinhos (os quaes se os apertas em teu coração te darão a sentir a maior dôr

¹ Nisi Dominus ædificaverit domum, in vanum laboraverunt, qui ædificant eam.

e te farão padecer o maior mal), resolve-te, porque se te succede levarem-te á vergonha ou se te fizessem alguma gravissima injuria, has de estar e ir muito contente, soffrendo tudo com alegria e tendo por certo que então é que está Deus contigo ; nem queiras nem busques nunca outra honra e consolação que o padecer por seu amor e receber com gosto tudo aquillo que póde resultar em maior honra e gloria sua.

Portanto trabalha, trabalha (fazendo-té a maior violencia) por estimar e alegrar-te muito quando alguém te faz alguma injuria, te diz palavras affrontosas, te reprehende ou despreza ; porque é mais que grande o thesouro que está escondido debaixo d'esta cinza ; e entende que se chegares a ser tão ditosa que tudo isto recebas de boa vontade, te acharás muito depressa rica, sem que o conheça e advirta aquelle mesmo que te faz tão grande mimo. Finalmente não busques nem queiras nunca que alguém te ame n'esta vida, ou faça caso de ti, senão que te deixem padecer com Christo crucificado, e que ninguém t'o impeça. Guarda-te de ti mesma como do maior inimigo, nem sigas tua vontade, teu juizo ou parecer, se não queres perder-te.

Assim que para isto só é que has de ter armas para te defenderes de ti mesma. E por isso todas as vezes que tua vontade se quizer inclinar a alguma coisa, ainda que seja muito santa, a debes primeiro pôr só e núa, com profunda humildade, deante do Senhor, pedindo-lhe com muitas véras que se faça n'ella, não a tua, mas sua santissima,

vontade; e isto o farás com entranhavel desejo, sem mistura alguma de teu amor proprio; conhecendo sempre, que de ti não tens nada nem pódes nada. Guarda-te em todo o modo d'aquelles teus arbitrios e pareceres que trazem comsigo especie de santidade e zelo indiscreto, dos quaes diz o Senhor: *Guardae-vos dos prophetas falsos, que em vestiduras de ovelhas e sob capa de virtude vos bñscam para vos tragarem como lobos carniceiros; pelos fructos que produzem os conhecereis muito bem*¹. Os seus fructos são deixar a alma entre desassocegos e inquietações.

Todas as coisas que te apartam da humildade e d'esta paz e socego interior, sob especie e pretexto de qualquer coisa, são os prophetas falsos e lobos carniceiros que, em figura de ovelhas, isto é, que com a capa e cõr de zelo, e de aproveitar indiscretamente a teu proximo, veem a fazer em ti presa e a privar-te da humildade, e d'esta paz e quietação tão necessaria a quem devéras deseja seu seguro aproveitamento: e succede ás vezes que o que em muitos dias e com muito trabalho se grangeou, em breve espaço se acha perdido e roubado d'estes lobos. Pelo que debes estar advertida que, quanto a materia dêr mais mostras e apparencias de santidade, tanto mais deve ser examinada; e isto com muito socego e quietação interior, como fica dito.

¹ Cavete à falsis prophetis, qui veniunt ad vos sub vestimentis ovium; intrinsecus autem sunt lupi rapaces: à fructibus eorum cognoscetis eos.

Mas se alguma vez faltares em algumas d'estas coisas, nem por isso te afflijas ou perturbes; mas humilha-te deante de teu Senhor, reconhece tua fraqueza e aprende para o futuro; porque talvez permite Deus esse teu defeito para humilhar alguma soberba que em ti certamente está escondida e que tu não conheces. Se alguma vez sentires picada tua alma de algum agudo e venenoso espinho, não te inquietes por isto, mas vigia e acautela-te com maior cuidado para que não fira mais nem penetre mais dentro; e retirando teu coração e a tua vontade ao verdadeiro logar da paz e quietação, separa-o e detem-o suavemente, para que assim se conserve tua alma pura para Deus, o qual sempre se achará no teu interior e no mais profundo de teu coração (pela rectidão de tua intenção), certificando-te que tudo te succede para tua prova e exercicio; e para que d'esta maneira te faças capaz dos maiores bens e mereças a corôa de justiça que te tem preparado por sua infinita misericordia.

CAPITULO V

**Que a alma se deve conservar em solidão mental,
para que Deus obre n'ella**

Em grande estimação debes, filha, ter tua alma, porque o Pae celestial e Senhor de todos os imperios a creou para habitação e templo seu. Faze pois tanto caso d'ella, que não permittas que se

abata ou se incline a nenhuma outra coisa. Os teus desejos e as tuas esperanças sejam sempre da vinda do Senhor, o qual, se não achar tua alma só, não a quererá visitar. Nem cuides que em presença de outros haja de dizer-lhe a minima palavra, se não fôr reprehendendo-a e fugindo-lhe. Só a quer achar este Senhor retirada e separada de pensamentos, quanto possível é; só de desejos absolutamente, e só muito mais separada da propria vontade.

E assim não deves por ti mesma, indiscretamente, arbitrar-te as penitencias, nem buscar (guiada só de teu proprio parecer) as occasiões de padecer por amor de Deus. Preceda sempre a estas acções o conselho de teu padre espiritual e de teus superiores, que te governam em lugar de Deus; para que, mediante elles, disponha Deus da tua vontade, e faça o que e o como fôr mais servido.

Nunca jámais faças aquillo que quizeras; mas faça o Senhor sempre de ti e em ti o de que mais se dignar; e tu faze que tua vontade esteja sempre por todas as partes solta e desatada de ti mesma; de tal modo que tu de ti mesma não queiras coisa alguma, e que quando alguma coisa queiras, sempre a queiras de modo que (a não fazer-se o que tu queres, mas o contrario) te não dê isso pena; antes tão quieto fique teu espirito como se não houveras desejado coisa alguma.

Esta é a verdadeira liberdade de animo e de espirito, não nos atarmos a coisa alguma. Só quer Deus a tua alma: e se assim livre, solta e só lh'a

offereceres, verás as maravilhas que este Senhor obra n'ella.

Oh amavel solidão, habitação recondita do Altissimo, onde sómente a Divina Magestade quer ouvir a alma e não em outra parte, e onde também sómente quer fallar-lhe ao coração ! Oh deserto tornado em Paraizo, pois que n'elle só permite Deus o poder ser visto e poder-se-lhe fallar : *Vadam, et videbo visionem hanc magnam*. Oh solidão, onde se edifica a alta cidade de Jerusalem ! Oh deserto, onde com tanta facilidade podemos gosar de Deus ! Mas se desejas, filha, chegar a esta felicidade tão grande, descalça-te e entra, porque terra santa é : despoja primeiro os pés, quero dizer, os affectos da tua alma, e fiquem nús e livres. Nem n'este caminho leves alguma coisa contigo ; porque não deves desejar nada d'este mundo, ainda que vejas que muitos querem e desejam muitas coisas d'elle. Nem menos te detenhas e pares n'este caminho, ainda que com o pretexto de saudar a alguém, para que mais facilmente possas empregar todo o teu pensamento e affecto em Deus, deixadas todas as creaturas. Deixa, deixa que os mortos enterrem seus mortos ; e tu caminha só á terra dos viventes ; nem tenha parte contigo a morte.

CAPITULO VI

Da prudencia que devemos ter em amar ao proximo,
para que se não perturbe a paz de nosso coração

A mesma experiencia, filha, te mostrará que este caminho da caridade, e de amor de Deus e do proximo, é um caminho muito largo e aberto, pelo qual nos podemos conduzir á vida eterna. Fogo disse o Senhor vinha trazer á terra, é que nenhuma outra coisa queria senão que se accendes-se. E posto que o amor de Deus não tenha limite ou termo algum, todavia o amor do proximo o deve ter; porque se o tiveres sem a devida moderação e temperança, poder-te-ha fazer consideravel damno e pôr-te-ha em estado que por ganhar e edificar aos outros venhas a arruinar-te e a perder-te a ti.

Deves amar a teu proximo de tal maneira, que tua alma não padeça detrimento; se bem és obrigada a dar bom exemplo aos outros, comtudo nunca faças coisa alguma sómente por esta causa; porque d'ahi não tirarás senão grande perda para ti. Faze todas as coisas com singeleza e santidade, sem outro respeito mais que sómente o puro agrado de Deus. Humilha-te em todas as tuas obras e conhecerás quam pouco, por ti só, podes aproveitar aos outros. Considera que não és obrigada a ter fervor e zelo das almas em modo tal, que

CAPITULO VII

**Quam despojada da propria vontade se ha de apresentar
a alma deante de Deus**

Deves pois, filha, começar por este modo, pouco a pouco, e com suavidade, confiando muito no Senhor que te chama, e diz: *Todos os que estaes afflictos e opprimidos, vinde a mim, que eu vos recrearei. Todos os que tendes sede, vinde á fonte das aguas e fartar-vos-heis.*

Este movimento ou vocação divina deves, filha, seguir em todo o tempo, esperando juntamente com ella os impulsos do Espirito Santo, para que resolutamente e de olhos fechados te possas lançar ao már d'esta providencia divina e eterno beneplacito, rogando-lhe que este se cumpra sempre em ti; porque d'este modo virás a ser levada pelas poderosissimas ondas da divina bondade, sem resistencia alguma, e chegarás com pacifica tranquillidade ao porto da tua particular perfeição e salvação.

Feito este acto (o qual deves repetir cento e mil vezes cada dia), cuida e trabalha com quanta segurança podéres, assim interior como exterior, por chegar-te com todas as potencias de tua alma a todas aquellas coisas que te mostram e te poem a Deus louvavel, amavel e digno de te appetecer. Estes actos porém sejam sempre sem força e violencia de teu coração. Porque succede que, me-

diante estes exercícios indiscretos e importunos, se enfraquece o coração, ou talvez se endurece de modo que se faz incapaz dos outros exercicios.

Não desprezes o conselho dos que n'estas materias t'o podem dar; mas antes faz muito por acostumar-te sempre com o desejo, e quanto mais podéres com a obra, a elevar-te á contemplação da Bondade Divina e dos seus continuos e amórosos beneficios, recebendo com humildade os chuviros que de sua inestimavel bondade descerem á tua alma.

Guarda-te de que, fazendo força a teu coração, procures lagrimas ou outra qualquer sensível devoção; mas empre com a maior tranquillidade procura socegar-te e descansar n'esta solidão interior, esperando que se cumpra em ti a vontade de Deus: porque quando Deus se dignar de conceder-te lagrimas ou outra qualquer sensível devoção, então te serão muito mais doces e sem teu trabalho, nem força; e por isso então as aceitarás com toda a suavidade e serenidade, e sobretudo com profundissima humildade.

A chave com que se abrem os thesouros espirituaes mais escolhidos, é o saber negar-te a ti mesma em todo o tempo e em todas as coisas, e com a mesma se fecha a porta aos desabrimentos e seccuras do entendimento, quando estes provéem de culpa nossa: que quando elles procedem e veem dispostos e mandados por Deus, então não ha duvida que tambem se acompanham com os mais thesouros d'alma.

Procura quanto podéres (e este seja sempre o

teu maior gosto) estar com a Magdalena aos pés de Christo, ouvindo ahi o que te disser o Senhor. Guarda-te de que teus inimigos (o maior dos quaes és tu para ti mesma) te impeçam este santo silencio. E adverte que, quando com o entendimento fôres buscar a Deus para descansar n'elle, não deves pôr-lhe termo, nem limite, nem fazer d'elle comparação com a tua fraca e limitada imaginativa; porque este Senhor, sem comparação alguma, é infinito, e está em toda a parte infinitamente; e todas as coisas estão n'elle, e elle em todas as coisas. E assim has de considerar n'elle uma immensidade incomparavel, um Senhor todo poderoso, todo immenso, todo admiravel, e estas hão de ser tuas considerações ou admirações.

Este mesmo Senhor conhecerás e acharás dentro de tua alma todas as vezes que o buscares em verdade: quero dizer, quando o buscares por achal-o a elle e não por achar-te a ti; porque as suas maiores delicias são o estar com os filhos dos homens para fazel-os dignos de si, sem ter necessidade alguma de nós; e assim buscada com o entendimento esta verdade, procura que descanse n'ella tua vontade com a paz e quietação que fica dita.

Nas orações que rezas por tua devoção não ponhas taxa nem numero, de maneira que estejas como obrigada a rezar tanto, ou tanto. O mesmo te digo das meditações, das quaes não te acostumes a estar de modo ligada a seus pontos, que não hajas de meditar em outros senão n'aquelles

que levas; mas antes onde vires que a tua vontade descança e acha repouso, ahi debes parar gosando ao Senhor n'esse passo em que se te quer communicar; e ainda que deixasses o que levavas determinado, não tenhas por isso pena nem te desconsoles, nem d'isso fórmes escrupulo; porque todo o fim d'estes exercicios é gostar do Senhor e abraçar-nos com elle, com intenção porém de não buscar por fim principal estes gostos, mas sim por mais te affeioares a suas divinas obras e perfeições, com proposito de o imitar em tudo o que podéres; achado por tanto o fim, não ha para que cançar-te em busca dos meios que se ordenam a alcançal-o.

Não ha n'õ caminho do espirito coisa mais alheia da verdadeira paz e quietação que a ancia e cuidado que tomamos em semelhantes exercicios, atando o espirito e arrastando-o por força a fazer isto ou aquillo, impedindo d'esta maneira que Deus o conduza pelo caminho que quer, e querendo obrigar-o a que o guie pelo caminho que nos parece, e que vá por onde nós temos determinado; estimando em mais o cumprimento e satisfação de nossa propria vontade (sem cahirmos na conta) que o fazermos a de nosso Deus e Senhor: o que não é menos que buscarmos a Deus fugindo de Deus, e querermos agradar a Deus sem fazermos a vontade de Deus.

Se tu, filha, verdadeiramente desejas aproveitar n'este caminho e chegar ao fim que pretendes, não seja teu intento outro se não o achar a Deus, e onde quer que elle se te manifestar, deixa

tudo; nem passes d'ahi até que te dê licença; não te lembrando que ha no mundo outra coisa em que cuidar nem em que entender, se não só repousar em teu Senhor. E quando Sua Divina Magestadê fôr servido de se ausentar, não se manifestando mais d'aquella maneira, então sim, poderás tornar a buscal-o, continuando os teus exercicios; e sempre com o mesmo intento e desejo de achar por elles a teu amado, e em o achando farás o mesmo que temos dito, deixando tudo o mais e conhecendo que então se tem cumprido a sua divina vontade.

E é necessario que se attenda muito a isto, considerando-o ponderosamente; porque muitas pessoas espirituaes perdem muitos fructos e muita quietação, sómente pelo muito que se cançam em seus exercicios; parecendo-lhes falsamente que não teem feito nada se os não acabam de todo, e pondo n'elles a perfeição da vida espirituai: sendo que n'isto não fazem outra coisa que constituirem-se proprietarios da sua vontade e viverem uma vida cansada de jornaleiros (como aquelle que trabalha para acabar a tarefa), sem que por isso cheguem nunca a lograr o verdadeiro socego, quietação e paz interior, na qual verdadeiramente é que o Senhor faz o seu assento.

CAPÍTULO VIII

Da confiança que devemos ter no Santissimo Sacramento do Altar, e como a alma se deve offerecer ao Senhor

Com todo o cuidado debes, filha, procurar que se augmente e cresça em tua alma cada dia mais e mais a fé e confiança no Santissimo Sacramento da Eucharistia; não cessando nunca de admirar tão incomprehensivel mysterio e de te alegrar, considerando como o Senhor se manifesta e declara debaixo d'aquellas simples e puras especies, por te fazer mais digna de si porque Bemaventurados os que, não vendo, crêem e teem fé do que não vêem: *Beati qui non viderunt, et crediderunt*. Nem desejes que se te mostre o Senhor n'esta vida de outra maneira, senão assim. Procura tambem inflamar tua vontade para com este Senhor, e ser cada dia mais prompta em fazer em todas as coisas a sua santissima vontade.

Quando te offereceres a Deus em sacrificio n'este Sacramento, faze por estar disposta e preparada a padecer por seu amor todos os tormentos, penas, injurias e enfermidades que te occorrerem; como tambem todas as tibiezas e seccuras que este Senhor fôr servido que padeças, assim na oração como fóra d'ella; entendendo em toda a occasião que has de padecer tudo isto muitas vezes: e assim o debes acceitar por bom e justo, trabalhando porém por não seres a causa d'isto,

sobre o que deves fazer cada dia um muito exacto exame, pondo sempre toda a tua maior consolação e gosto em padecer com teu amorosissimo Jesus por seu amor.

Não sejas inconstante n'aquillo que começas, querendo hoje uma coisa e ámanhã outra; mas persevera com resolução e firmeza; porque te seguro que, se te sérvires d'estes meios (trabalhando sempre com a sobredita suavidade), impossivel será que deixes de perseverar até o fim, porque não saberás nem poderás viver uma hora sem esta quietação: e qualquer minimo espaço de tempo sem ella te será um tormento intoléravel.

CAPITULO IX

Que não ha de buscar a alma delicias e regalos, nem qualquer outra coisa que lhe dê gosto, mas sómente a Deus

Deves sempre, filha, acolher as afflicções e trabalhos, e estimar em muito o faltar-te a consolação d'aquellas amizades e favores particulares que nenhum proveito traziam á tua alma, folgando tambem muito de estar sempre sujeita á vontade de outrem e dependente d'ella. Tudo emfim te deve dar occasião de buscares a Deus, sem que haja nada que te detenha n'este caminho. E n'isto só has de pôr a tua consolação. Que tudo seja amargura para ti e que só Deus

seja o teu descanso, e que a tua alma só descance em Deus.

Encaminha todas as tuas afflicções a teu Deus e Senhor. Ama-o e communica-lhe todo o teu coração sem temor algum, que elle achará caminho de soltar todas as tuas duvidas: e se cahires, te tomará em seus braços e te levantará. Finalmente, direi tudo em uma palavra: Se amares a Deus, terás todos os bens.

Offerece-te a Deus em sacrificio, em paz e quietação de espirito: e para que melhor prosigas esta jornada e te sustentas sem cansaço nem perturbação alguma, convém que a cada passo disponhas tua alma, alargando e dilatando tua vontade a querer o que só fôr do agrado de Deus porque quanto mais d'este modo a dilatares, tanto mais graças receberás da mão divina.

A tua vontade deve estar de tal modo disposta, e tão livre por todas as partes que só queira aquillo que Deus quer, e que de nenhuma maneira queira aquillo que não quer Deus. Renova sempre e a cada passo tua resolução e proposito de queres agradar a Deus: nem te determines nunca a coisa alguma, afóra aquillo que deves fazer no instante em que te achas, conservando-te sempre em liberdade. Não te prohibo porém que com prudente cuidado e diligencia attendas ao que te é necessario, segundo as obrigações de teu estado: porque este modo de obrar é obrar em Deus e segundo o que Deus quer: e nem impede a paz, nem o verdadeiro aproveitamento espiritual.

Em todas as coisas proporás de fazer o que

pódes, o que deves e o que estiver na tua mão ; e faz logo o que dentro de tua possibilidade por então se póde fazer, ficando depois indifferente e resignada em tudo aquillo que acontecer e não está por ti.

O que sempre e a cada instante pódes e devos fazer, é offerecer a Deus tua vontade e não desejar nem querer mais nada ; porque sempre que tiveres esta liberdade e estiveres desatada e livre de tudo (o que bem pódes conseguir em todo o tempo e logar, ou estéjas occupada ou não), gosarás verdadeiramente d'esta tranquillidade e paz interior. N'esta liberdade de espirito consiste aquelle grande bem que desejas, e n'ella está a chave de tua perfeição e perseverança. Porque esta liberdade não é outra coisa mais que perseverar o homem interior em si mesmo, sem que se deleite, queira, deseje, ou busque coisa alguma estranha e fóra de si. E todo o tempo que viveres livre d'esta maneira, gosarás d'este divino e suave captiveiro, que é aquelle grande Reino de Deus, que se acha dentro de nós.

CAPITULO X

Que não deve desmaiar o servo de Deus, ainda que sinta em si repugnancia e estorvo para esta paz interior

Sabe, filha, que muitas vezes padecerás graves perturbações, e que muitas vezes te verás privada

d'esta santa e doce solidão e amavel liberdade interior. Porque os movimentos de teu coração levantarão ás vezes em tua alma tão grande poeira, que te fará muito pesado e molesto este caminho que deves seguir. Porém has de saber que isto o permite Deus para teu maior bem ; porque depois o mesmo Senhor mandará o orvalho do Céu para que na terra secca de teu coração se produzam flôres de novo e de suave cheiro, com que te faças cada dia mais e mais agradável a Sua Divina Magestade. Lembra-te pois que este é aquelle grande combate de que os Santos teceram as corôas de seus sobre-elevados merecimentos.

Em todas as coisas que te inquietarem, dirás : *Senhor, eis aqui a vossa serva ; faça-se em mim vossa santissima vontade. Eu sei, Senhor, e confesso que a verdade de vossa divina palavra estará sempre firme por toda a eternidade : que as vossas promessas são tão infalliveis, que não podem faltar. N'ellas me confio : aqui está vossa creatura ; fazei de mim, Senhor, o que mais vos agrada, que não tenho impedimento algum, só estou, e só para vós.* Bemaventurada a alma que assim se offerece em sacrificio a Deus todas as vezes que se inquieta e se perturba.

Mas se durar algum tempo este combate, de tal sorte que não possas tão depressa como quizeras conformar tua vontade com a de Deus, nem por isso desmaies nem te acovardes ; mas torna a proseguir tua oração, com a oblação e entrega de ti mesma ; porque d'este modo conseguirás a victoria e entenderás que esta é a cruz que Christo

te manda levar, a qual elle primeiro levou para teu exemplo.

E senão, olha no Horto o combate que este Senhor teve, e o como recusava sua santissima Humanidade, dizendo: *Pae e Senhor meu, se possível é, passe de mim este calix*; ¹ mas logo tornava a pôr sua alma em solidão, e com vontade solta e livre dizia com profunda humildade *Não se faça, Senhor, a minha vontade, senão a vossa* ². Olha de vagar, filha, para teu Senhor, e obra em ti fielmente segundo o exemplar que em ti se dá ³. Nem movas passo (achando-te em qualquer dificuldade), sem que primeiro levantes os olhos a Christo na cruz; porque n'elle verás escripto e impresso com caracteres de Sangue Divino o como tu te deves haver. Nem desmaies se te vires alguma vez assaltada de teu amor proprio, desejando escusar-te e fugir aos trabalhos. Mas antes (não largando de teus hombros a cruz) torna á oração e persevera em humildade, até que de todo percas tua vontade e queiras só se faça em ti a vontade de Deus. E se te apartares da oração, havendo recolhido só este fructo, dá-te por satisfeita. Mas se não chegares até aqui, sabe que tua alma está em jejum e sem o seu mantimento.

Trabalha porque nenhuma coisa viva em tua alma, nem ainda por breve tempo, mais que Deus; nem conserves em ti fêl e amargura de

1 Pater, si possibile est, transeat à me calix iste.

2 Verumtamen non mea, sed tua voluntas fiat.

3 Inspice, et fac secundum exemplar.

nenhuma coisa; nem ponhas teus olhos nas malícias e más exemplos de outros; mas assim como um menino que não padece nenhuma d'estas paixões, passa por tudo sem offender-te de nada.

CAPITULO XI

Da diligencia de que usa o demonio para estorvar esta paz, e da que nós devemos pôr para nos guardar de seus enganos

Como o costume do nosso maior inimigo é buscar almas para as perder, procura quanto póde apartal-as da humildade e simplicidade, e que attribuem a si e á industria e diligencia o que obram, sem attenção alguma ao dom da graça, sem a qual ninguém póde proferir nem ainda esta palavra — Jesus. Porque posto que de nós mesmos possamos fazer resistencia a essa graça, por meio de nosso livre arbitrio, comtudo não a podemos jámais acceitar nem receber em nós mesmos, sem os auxilios da mesma graça. De maneira que, se alguém não recebe a graça, isso se ha de imputar a culpa sua; mas se a admitte e recebe, isso nem o faz nem o póde fazer senão pela graça, a qual se dá sufficientemente a todos e a cada um que a quer.

Procura pois o nosso inimigo que tu te julgues e te persuadas que és mais diligente que os outros, e que te dispões melhor a receber em ti

os dons de Deus. Procura tambem que não faças este acto com soberba, não considerando tua natural insufficiencia (a qual sem duvida terias, a não seres assistida da graça), para que assim te desmandes em desprezar os outros em teu pensamento, porque não fazem aquellas boas obras que tu fazes. Que como a porta por onde elle mais deseja entrar é esta da nossa propria estimação, faz toda a diligencia por abril-a em nós, segurando-se assim a entrada que procura ter em nossas almas.

Assim que, se não estiveres muito de sobre-aviso e déres logo volta com toda a brevidade, confundindo-te, desfazendo-te e anniquilando-te, como fica dito, far-te-ha este inimigo cahir em soberba, do mesmo modo que aquelle phariseu de que falla o Evangelho, que se jactava e gloriava de suas boas obras e julgava por máos os outros. E se por este meio chegasse uma vez a tomar posse de tua vontade, far-se-hia no mesmo instante senhor d'ella, introduzindo-lhe toda a sorte de vicios, e seria grande o teu damno e maior o teu perigo; e por isso o Senhor nos aconselhou e ensinou a vigiar e orar.

E' pois necessario que com todo o cuidado estejas advertida para que o inimigo te não prive de tão grande thesouro como é a paz e quietação da alma: que por isso com todas as suas forças trabalha tanto por privar-te d'ella, fazendo que tua alma viva perturbada e inquieta; porque sabe muito bem que n'isso consiste todo o seu damno e perdição; porque se a alma está quieta e obra

tudo com facilidade, faz muito e tudo bem feito; persevera no bem de boa vontade, e sem difficuldade alguma resiste a todo o estorvo que se lhe oppõe. Como pelo contrario, se está turbada e inquieta, obra muito pouco, e esse pouco imperfeitamente, logo cança e emfim vive sempre em martyrio infructuoso.

Se queres logo sahir com victoria, e desejas que o inimigo não estorve teu lucro, em nenhuma coisa deves estar tão acautelada como em não deixares entrar em tua alma turbação alguma, nem consentir que esteja um só momento inquieta. E para que melhor te saibas guardar de seus enganos n'este caso, toma como regra certa que todo o pensamento que te distrahe, e aparta de mais amar e mais confiar em Deus, é um mensageiro ou embaixador do inferno, e como tal lhe has de dar de mão, e não admittil-o nem dar-lhe ouvidos, porquanto o officio do Espirito Santo não é senão de chegar sempre as almas cada vez mais a Deus, accendendo-as e inflammando-as em seu doce amor, e pondo n'ellas novas confianças: e o do demonio sempre é pelo contrario, valendo-se e servindo-se de todos os meios possiveis para este fim, como são: pôr demasiado medo, aggravando as ordinarias fraquezas, dando a entender que a alma se não dispõe como deve, assim para a confissão como para a communhão e oração: fazendo-a andar sempre desconfiada, medrosa e perturbada, obrigando-a a que as faltas da devoção sensivel, e dos gostos na oração e mais exercicios, as tome com impa-

ciente tristeza, persuadindo-a a que d'aquella maneira tudo é vão e inutil, e que vae tudo perdido, e que mais valêra se deixasse todos aquelles exercicios; e finalmente a põe em tão grande desassocego e desconfiança, que cuida que tudo quanto fez é infructuoso e sem proveito. Por cuja razão tanto se lhe augmenta a desconsolação e o temor, que cuida que já Deus se não lembrará mais d'ella. Sendo que na verdade nada d'isto é assim, pois são innumeraveis os bens que se tirariam das seccuras e faltas da devoção sensível, todas as vezes que a alma quizesse aquillo mesmo que Deus por aquelles meios pretende, só com haver de sua parte soffrimento, e perseverança no obrar bem, quanto lhe é possível; porque, como diz S. Gregorio, gosta muito Deus da oração feita com fé e confiança, ainda que n'ella a alma esteja secca e privada de todo o gosto. E se com verdadeira fidelidade persevera, posto que esteja involuntariamente distrahida e a seu parecer não possa cuidar coisa boa, não fica comtudo perdida a oração: porque a mesma tribulação soffrida com paciencia, ora e negoceia deante de Deus, e aquella amargura da tribulação deante de Deus resplandece. E segundo o mesmo S. Gregorio, esta oração assim inclina mais a Deus e o obriga a favorecer-nos mais que outro qualquer exercicio. D'onde se segue que nenhuma obra boa se ha de deixar, por mais secca e inquieta que se ache a alma; porque quando a deixasse seria fazer o que quer o demonio, privando-se a si d'um fructo maravilhoso.

E para que entendas isto melhor e te não sirva o bem que Deus te quer communicar (por tu o não entenderes) de fazer-te damno, brevemente te porei aqui os proveitos que se seguem da humilde perseverança n'estes seccos e amargos exercíciõs; para que entendidos não percas a paz, quando te succeder encontrares semelhantes securas de entendimento e oppressão de coração, ácerca dos sentimentos e gostos da devoção, ou em qualquer outra tentação, ainda que seja a mais horrivel.

CAPITULO XII

**Que a alma se não deve inquietar pelas
tentações interiores**

Muitos são, filha, os bens que as amarguras e seccuras espirituas causam na alma, se são recebidas com humildade e paciencia. E se isto o percebesses bem, sem duvida que não sentirias tanta inquietação e afflicção, quando te sobreveem; porque as tomarias, não como signal de desagrado que o Senhor te mostre, ou de odio que te tenha; mas sim em signal de grande e particular amor: e as acceitarias como mui particular graça e favor que Deus te faz. Isto se conhece manifestamente se se adverte que semelhantes coisas não passam senão pelos que mais que os outros se desejam assignalar no serviço de Deus e se apartam de tudo aquillo que o póde offen-

der. Nem isto ordinariamente succede no principio da sua conversão, mas depois que teem servido ao Senhor por algum tempo, e quando estão deliberados a querêl-o servir com maior perfeição, tendo já mettido mão á obra. E pelo contrario, nunca jámais vêmos que os grandes peccadores e os muito dados ás coisas do mundo, se queixem de semelhantes tentações. Pelo que claramente se vê que este é o sustento precioso a que Deus convida, e com que regala os que mais ama: e ainda que ao nosso gosto pareça insipido e desabrido, grandemente cõmtudo nos aproveita, posto que por então não conheçamos este beneficio: porque achando-se a alma em tão grande seccura, e parecendo-lhe que só a imaginação de semelhantes tentações a offende e escandalisa, vem d'este modo a adquirir aquelle temor, aquelle aborrecimento de si mesma e aquella humildade que Deus pretende; posto que, como fica dito, ella (que por então não entende este segredo) abomine e fuja de andar por este caminho, como que nunca quizera carecer dos gostos e consolações interiores; pois imagina que sem estas qualquer outro exercicio é para ella tempo perdido e trabalho sem proveito.

CAPITULO XIII

**Que o Senhor nos manda estas tentações para
nosso maior bem**

Para que melhor e mais particularmente entendas, filha, que Deus nos manda tentações para nosso maior bem, debes considerar que o homem, pela má inclinação de sua corrupta natureza, é soberbo, ambicioso e amigo de seu proprio parecer, presumindo sempre mais d'aquillo que é. Esta presumpção e estimação de nós mesmos é tão perigosa para o verdadeiro aproveitamento espiritual, que só o cheiro ou resaiibo d'ella basta a nos retirar de conseguirmos a verdadeira perfeição. Por isso Deus, como benignissimo Senhor, com aquella amorosa Providencia que tem de cada um de nós, e particularmente d'aquelles que de todo o coração se teem dado ao seu serviço, toma o cuidado de conservar-nos em estado tal que possamos sahir de tanto perigo, e que quasi forçados venhamos a ter de nós verdadeiro conhecimento, como fez com o Apostolo S. Pedro, permitindo que o negasse para que assim se conhecesse e não fiasse tanto de suas proprias forças; e com o Apostolo S. Paulo, que depois de o haver arrebatado ao terceiro Céu e de lhe haver communicado os segredos divinos, lhe mandou uma molestissima tentação para que, conhecendo sua natural fraqueza e miseria, se humilhasse e só se

gloriasse nas suas enfermidades; e para que a grandeza das revelações que havia tido o não elevassem em presumpção, como elle mesmo diz.

O Senhor, pois, compadecendo-se de nossa miseria e perversa inclinação, permite que nos accommettam estas tentações, e que ás vezes sejam muito feias e horriveis, e por varios modos, para que com ellas fiquemos humilhados e nos conheçamos; ainda que a nosso parecer se nos representem como inuteis e menos necessarias.

E aqui se mostra mais a Divina Bondade e Sabedoria infinita; pois com aquillo que a nós nos parece mais nocivo, com isso mais o Senhor nos aproveita; pois por isto nos humilhamos mais, que é o de que, sobretudo, mais necessita nossa alma: porque ordinariamente succede que o servo de Deus que em si sente semelhantes pensamentos, e tanta indevoção e seccura de espirito, cuida que aquillo lhe succede por sua muita imperfeição, e que não póde haver ninguem que tenha alma tão desbaratada e que sirva a Deus com tanta frouxidão e tibieza; e lhe parece que taes pensamentos não veem senão a gente perdida e desamparada de Deus, e que por isso merece ser tambem elle desamparado. D'onde se segue que o que d'antes presumia que era alguma coisa, agora com esta medicina amarga, mandada do Céu, se imagina pelo peor do mundo e indigno ainda do nome de christão. E nunca viera a tão baixo sentimento de si e a humildade tão profunda, se o não houvessem constrangido aquellas grandes tribulações, e tentações espantosas e extraordinarias:

o que é uma das mais estranhas mercês e graças que Deus faz n'esta vida áquellas almas que se resignam n'elle e se põem em suas mãos, para que as cure como fôr servido e mediante aquellas mézinhas que elle só perfeitamente conhece serem-lhes necessarias para saude e utilidade sua.

Além d'este fructo que semelhantes tentações e faltas de devoção causam nas nossas almas, ha outras muitas; porque aquelle que anda assim atribulado, quasi é constrangido a recorrer a Deus e a buscar as virtudes como remedio d'este trabalho: e do mesmo modo, por vêr-se de todo livre de tal martyrio, vae examinando seu coração, fugindo de todo o peccado, e de tudo aquillo que lhe parecer ser imperfeito e o aparta de Deus por qualquer maneira. E assim aquella tribulação que elle julgava tão contraria e nociva, lhe serve depois como de estímulo para com mais fervor buscar a Deus e apartar-se de tudo o que julga não ser conforme com a divina vontade.

E finalmente todas estas tribulações, angustias e trabalhos que a alma padece em taes tentações e faltas de gostos espirituaes, não são outra coisa mais que um purgatorio de amor, se com humildade e paciencia se supportam, como fica dito. E, além d'isto, servem de fazer que alcancemos no Céu aquella corôa, que só por seu meio se consegue, tanto mais gloriosa quanto maiores houverem sido estes trabalhos e tribulações.

D'aqui se conhece quam pouca occasião temos de nos perturbar nem entristecer com as indevoções e tribulações espirituaes, nem perder por

ellas a paz, como o fazem algumas almas pouco experimentadas; ás quaes o que lhes vem e procede da mão de Deus, o attribuem ao demonio ou a seus peccados e imperfeições, seguindo-se-lhes d'isto que tomam por indicio de odio os signaes e demonstraões de amor; e os regalos e favores divinos os julgam por golpes nascidos d'um coração irado. E tudo quanto fazem crêem que vae perdido e sem merecimento, e que tal perda já não admite nenhum remedio. Sendo que se estas almas conhecessem o que na realidade se passa; isto é, se conhecessem que não ha até alli nenhuma perda, mas antes grandes lucros (se d'aquella occasião se valerem, como sempre podem), e que tudo aquillo são signaes e efficaz argumento da amorosissima lembrança que Deus tem de nós, não seria possivel que se inquietassem, nem perdessem a paz por se verem tentadas e atribuladas de muitas e diversas tentações e imaginações por se verem seccas e indevotas na oração e santos exercicios; antes então, com grande perseverança, humilhariam suas almas deante do Senhor, propondo de em tudo e por tudo cumprir sua divina vontade, de qualquer modo que d'ellas se quizesse servir; e trabalhariam por conservar-se em toda a paz, quietação e socego, tomando tudo quanto lhes viesse, como da mão do Pae celestial, na qual só está aquelle amargo calix que se lhes dá. E a razão é porque, ou proceda do demonio a molestia e tentação, ou a causem os homens, ou os peccados, ou outro qualquer principio, sempre Deus é aquelle que nol-a manda,

posto que a manda por varios meios, segundo melhor parece a sua Divina Providencia.

Porque posto que o mal da culpa que commette, *verbi gratia*, aquelle proximo que nos agrava e faz o damno que padecemos, seja contrario á vontade do Senhor, todavia a nós não nos chega esse mal; e só padecemos o mal da pena, o qual vem sempre do Senhor, porque elle é o que sempre o encaminha e ordena para maior bem nosso, servindo-se d'esse damno por beneficio e salvação de nossa alma. Assim, em lugar de nos entristecermos e desgostarmos, devemos dar-lhe graças com interior alegria e gosto; fazendo tudo o que podémos por soffrel-o com perseverança e resolução, sem andar perdendo o tempo, e com o tempo os muitos e grandes merecimentos que Deus deseja e quer que alcancemos, mediante aquella occasião que benignamente nos offerece.

CAPITULO XIV

Do remedio de que devemos usar para nos não inquietarmos em nossas culpas e fraquezas

Se alguma vez, filha, cahires em algum delicto ou negligencia por obras ou palavras, como seria se te enojasses por alguma coisa que te acontecesse: ou se murmurasses ou ouvisses murmurar: ou se te desmandasses em porfias, ou

movimentos de impaciencia ou curiosidade: ou suspeitasses e lançasses a má parte as acções de teu proximo, ou por qualquer outro modo, uma ou mais vezes, ainda que houvesse determinado e proposto de te guardar e não tornar a cahir, e sem embargo d'isso cahisses de novo; nem por isso te deves inquietar de nenhuma maneira, nem desconfiar ou affligir-te, cuidando no que te succedeu; ou confundindo-te com grandissimas dôres dentro de ti mesma e opprimindo a alma de mil temores, como, por exemplo, persuadindo-te que nunca has de acabar de emendar-te de semelhantes fraquezas por parecer que não fazes o que deves; porque se o fizeras, não cahiras tantas vezes no que cahes cada dia: ou tambem crendo que as tuas imperfeições ou tua fraca determinação e proposito são a causa d'aquella culpa, e que quanto mais propões, mais inconstante te achas: ou persuadindo-te e representando-se-te que não andas devéras no caminho do espirito, e na estrada e serviço do Senhor; e finalmente affligindo-te a cada passo com outros mil temores, e opprimindo tua alma com tristeza, pusillaniedade e desconsolação; de que se segue que te enches de pejo e confusão, e te envergonhas de chegar-te a Deus, e apresentar-te deante d'elle; ou ao menos, se te não envergonhas, obras tudo tão desconfiada como se lhe não houveras guardado a fé que lhe deves; e assim, na consideração de todas estas coisas, querendo tratar do remedio de tua alma, te pões a perder muito tempo em cuidar n'ellas: já esquadrinhando quanto tempo te de-

tiveste n'aquelle pensamento, e se de proposito e advertidamente: já ponderando até onde chegou a tua culpa, se te deliberaste a querel-a ou se resolutamente a não quizeste; se despediste logo o pensamento ou se voluntariamente te deleitaste n'elle. E quanto mais cuidas n'isto, não tomando pé n'esta tempestade nem achando o verdadeiro caminho de salvar-te, tanto menos a ti mesma te entendes e tanto mais cresce em ti a molestia, a turbação e a afflicção. Segue-se a isto que te vêm uma inexplicavel, e sobre todas as maneiras grande inquietação, ácerca de como te has de confessar. Logo vaes á confissão com medo e com um enfadonho e molesto temor; e depois de teres gasto muito tempo em te confessar, nem por isso chegas a descobrir teu espirito quieto, sempre por te parecer que não disseste tudo ao confessor: vivendo d'este modo uma vida infeliz, muito amarga e cheia de grandissima afflicção, muito infructuosa e com perda notavel de grande parte do merecimento.

Tudo isto, filha, nasce de não querermos entender a nossa natural fraqueza e de não sabermos de que modo se ha de haver a alma com Deus: porque com este Senhor (depois de se haver cahido em todas as fraquezas sobreditas e em quaesquer eutras) mais facilmente se negocea por meio de uma humilde e amorosa conversão, que com a tristeza e desconsolação que se toma interiormente pelas culpas, principalmente se nos detemos sómente no exame d'ellas; e em especial das veniaes e ordinarias de que aqui fal-

lamos, em que só costuma cahir aquella alma que vive na maneira que aqui se suppõe.

Nem meu intento aqui é mais que fallar d'aquellas pessoas que fazem vida espiritual, e que procuram adeantar-se n'ella e que se guardam com grande cuidado de cahir em culpas mortaes. Porque aos que vivem descuidados de sua salvação e entre as ruinas dos peccados mortaes, offendendo a cada passo a Deus, outra sorte de exhortações lhes é necessaria, e não é para elles esta medicina. Porque estes taes teem muito por que se inquietem e desassoceguem, porque teem muito de que chorar; e devem ter grande cuidado no como se examinam e no como se confessam para que por sua culpa e negligencia lhes não falte o remedio necessario para sua eterna salvação.

Tornando pois a fallar da quietação e paz em que sempre se deve conservar o verdadeiro servo de Deus, digo de mais, que esta conversão amorosa (para que tenha muito de confiança em Deus) se ha de entender não só nas culpas leves e quotidianas, senão tambem nas maiores ou mais graves do que costumam (se alguma vez o Senhor permittisse que cahisses n'ellas), ainda que fossem muitas e repetidas; e ainda que não fossem commettidas só por fraqueza, mas tambem commettidas por malicia: porque a penitencia que deixa sómente o animo perturbado e escrupuloso, nunca porá a alma em estado perfeito se se não ajuntar com ella esta amorosa confiança na bondade e misericordia do Senhor.

E isto mais particularmente é necessario nas pessoas que desejam não só sahir de suas miserias, mas tambem adquirir altos grãos de virtude, e grande amor e união com Deus: o que não querendo bem entender muitas pessoas espirituaes se deixam estar sempre com um coração e com um espirito cahido e desconfiado, que os detém para não poderem passar adeante e se fazerem capazes das maiores graças que Deus por seus grãos lhes tem preparado: passando assim de continuo uma certa vida assás miseravel e inutil, mas indigna de se ter d'elles compaixão; pois não querem seguir senão o proprio juizo e imaginação, desprezando o abraçarem a verdadeira e salutifera doutrina que nos encaminha pela estrada real ás altas e solidas virtudes da vida christã, e áquella paz que se nos deixou no mundo por nosso amorosissimo Redemptor Jesus Christo.

Devem tambem estes taes, todas as vezes que se acham em qualquer inquietação pelas duvidas de sua consciencia, tomar o parecer do proprio padre espiritual ou de outra pessoa que julgarem sufficiente e idonea a dar semelhantes conselhos; e com essas conformar-se e aquietar-se em tudo. E para acabar de dizer quanto pertence á inquietação, que nasce das faltas e erros que commette-mos, ponho ainda o seguinte capitulo.

CAPITULO XV

**Que a alma se deve socegar e aproveitar a cada passo,
sem perder tempo**

Procura, filha, ter sempre diante dos olhos esta regra: todas as vezes que te vires cahida em algum defeito, ou este seja grande ou pequeno, ainda que quatro mil vezes no dia o houvesse commettido, e ainda que não fosse por alguma subita occasião, senão porque voluntaria e advertidamente o quizesse commetter, seja esta a regra (a qual infallivelmente has de guardar), que em te vendo cahida não te pares turbada e inquieta, nem te detenhas muito n'esta consideração; mas logo, conhecendo o erro que commetteste, com toda a confiança e humildade, olhando para tua fraqueza, põe os olhos em Deus amorosamente, e com a bocca ou só com o pensamento, dize-lhe:

Senhor, eu tenho feito como quem sou, e de mim não ha que esperar outra coisa senão estas faltas e outras muito maiores. E certamente n'ellas não parára eu só, se me não soccorresse a vossa bondade, que sempre me ajuda e nunca me desampara. Dou-vos, meu Deus, infinitas graças por tudo o de que me tendes livrado, e me peza de tudo o que contra vós tenho commettido, não correspondendo a vossa divina graça. Perdoae-me, Senhor, por quem sois, e dae-me graça para que nunca mais vos offenda: e concedei-me que por

nenhuma coisa me torne a apartar de vós, a quem só d'aqui em diante quero servir e obedecer, o que firmemente proponho e quero para todo sempre.

Feito isto, não percas o tempo em inquietar-te ou em cuidar e entender o que o Senhor te não ha perdoado; mas com esta fé, confiança e quietação caminha adeante, proseguindo sempre os teus exercicios, como se não houvesse cahido em nenhum defeito. E isto, como digo, o has de fazer não só uma vez, mas cem vezes ao dia, se necessario fôr em cada momento, e com a mesma confiança e paz na ultima vez que na primeira; porque n'isto fazes á bondade de Deus mui particular serviço, do qual és obrigada a formar conceito e a crêr que é todo benigno, pio e misericordioso infinitamente, mais do que tu pódes imaginar.

D'este modo não se estorvará o teu aproveitamento, a tua perseverança e o teu progresso na vida espiritual, nem perderás o tempo em vão e sem fructo: e além d'isto, obrando d'esta maneira, poderás sahir d'aquelle peccado e d'aquella falta com grandes lucros, levantando-te com um acto intenso de conhecimento de tua miseria, abatendo-te deante de Deus: e com outro de reconhecimento de sua misericordia, amando-a e engrandecendo-a. E, d'este modo, succederá que a mesma quèda te eleva, e a mais alto estado (com o favor que Deus te dará) do que era aquelle de que cahiste, se d'elle te quizeres aproveitar em bem e melhora de tua alma.

E isto quizera eu que acabassem de crêr e en-

tender aquellas pessoas que vivem inquietas e sem socego em seus escrúpulos: porque veriam quam differente é a paz de seu espirito e quam grande é a cegueira dos que tanto em seu damno andam sempre perdendo o tempo.

Este aviso se deve notar muito, porque n'elle está uma das chaves do verdadeiro aproveitamento, com que á alma se podem abrir grandes thesouros espirituaes, e enriquecer-se em breve tempo.



TRATADO TERCEIRO

DAS DORES MENTAES DE JESUS CHRISTO NOSSO REDEMPTOR

NA SUA SACRATISSIMA PAIXÃO

SOUVE uma alma muito amante de seu Deus, que desejava muito gostar, alimentar-se e satisfazer-se dos amargosissimos manjares da Paixão do dulcissimo e amorosissimo Jesus. Esta, depois de muito tempo e de efficazes e ardentes supplicas, foi finalmente por mão do mesmo Senhor introduzida no sacratissimo thalamo de seu angustiado e divino coração; e de tal sorte alcançou diversas vezes este tão grande bem e este favor tão singular, que, pela força da dôr que em si sentia, se via obrigada a dizer: *Não mais, Senhor, não mais, porque já não posso tolerar pena tão grande.* Não parecerá isto incrível.

a quem tiver noticia de quam benigno e liberal é este Senhor para com aquelles que com fé e perseverança lhe sabem pedir o que desejam.

Disse-me esta alma ditosa que, orando, dizia a Deus com a maior ancia e angustia: *Oh Senhor meu! eu vos rogo que me submerjaes no mar amargóssimo d'aquellas dôres mentaes que lá no mais intimo do vosso coração padeceu o vosso amor, porque n'elle desejo, Deus meu e todo meu bem, acabar a vida, se assim fordes servido. Dizei-me, meu doce Jesus e toda minha esperança, quam grande foi a dôr de vosso afflicto coração na occasião em que, no Calvario, obraveis a Redempção dos homens. A quem o amorosissimo Jesus lhe respondeu: Sabes quam grande foi a dôr? Quanto o foi o amor que tive a meu Eterno Pae e ás creaturas.*

Disse-me mais esta alma que, já em outros tempos, a havia o Senhor capacitado a entender (n'aquelle grão que foi servido Sua Divina Magestade) qual era o amor com que amava as creaturas. Sobre o que me referiu varias coisas muito devotas, que o querer aqui referil-as e descrevê-las seria fazer uma larga historia.

Quando o Senhor lhe dizia que fôra tão grande a sua dôr quanto o foi o amor que tinha ás creaturas, lhe parecia a ella (segundo a grandeza do amor de que a havia o Senhor feito capaz) que lhe faltavam todos os sentidos, e que ouvidas sómente aquellas palavras se via obrigada a reclinhar a cabeça em alguma parte pela grande ancia e afflicção que em todos os seus membros padecia. Mas que uma vez (depois de estar assim por al-

gum espaço), tornando a cobrar um pouco as forças, disse ao Senhor: *Oh Deus meu e meu Jesus, unico bem de minha alma! Eu vos peço por vós mesmo que me façaes a graça de dizer-me quam grandes foram as penas que padcestes em vosso amavel e amoroso coração?* Ao que o benignissimo Senhor docemente respondeu.

A primeira dôr mental de Jesus Christo foi pelas almas, que, ainda que unidas a elle, ultimamente se haviam de condemnar

Sabe, filha, que além de outras muitas penas que por ora te não manifesto, foram infinitas as que dentro de meu coração padeci por amor de tantas almas, membros meus, que eu via que se haviam de separar de mim, que sou sua verdadeira cabeça; e que tantas vezes se havia de separar de mim cada alma, quantas se deliberasse a commetter um peccado mortal.

Esta foi uma das mais crueis afflicções que eu padeci dentro de meu coração; porque se aquelle a quem dão o tormento da corda se queixa com tanto extremo quando se lhe apartam os ossos de seus sitios naturaes, considera tu quam cruel seria o meu martyrio vendo que tantos membros se haviam de separar de mim, quantas são, foram e haverão de ser as almas que unidas a mim serão ultimamente condemnadas até que o mundo se acabe, padecendo eu tantas dôres quantos eram

esses membros que de mim se haviam de separar. Além d'isto, como seja tanto mais dolorosa a separação dos membros espirituaes que a dos corporeos, quanto é mais preciosa a alma que o corpo, e como nem tu nem pessoa alguma vivente possa saber quanta é a vantagem que lhe leva, porque eu só conheço a nobreza de uma e a vileza do outro, como Creador de ambos; assim nem tu nem creatura alguma póde comprehender a ancia cruelissima que me causou tanta separação e desconjunção de membros, tão conjunctos commigo e a que eu tanto amava.

E assim como no peccar ha um modo mais grave que outro, e este peccado é mais enorme que aquelle, assim eu em vêr os varios modos de peccar, pelos quaes as almas se haviam de apartar de mim, sentia maior ou menor pena, e d'ahi resultava a qualidade e quantidade de tantas dôres como as que me atormentavam.

E porque eu sabia que havendo de ser sua vontade eternamente perversa, havia de ser tambem eterno seu tormento; por isso era este o maior e mais agudo cutélo que me traspassava o coração, vendo que tanta infinidade de almas, como te tenho dito, membros meus, nunca jámais haviam de tornar a ajuntar-se e unir-se commigo, que sou sua cabeça.

E como este *nunca jámais* é o que atormenta e atormentará eternamente aquellas almas infelizes mais que todas as outras penas que padecem e eternamente padecerão; assim a pena d'este *nunca jámais* me affligiu tanto, que promptamente

e de boa vontade escolheria o padecer de novo todas as afflicções que senti em todas aquellas separações, nos modos e fórmãs que haviam de acontecer, não só uma, mas muitas e infinitas vezes; não sómente por todas as almas, mas por uma só, a troco d'ella se haver de tornar a unir e juntar á integridade dos outros membros vivos, que são os meus escolhidos: os quaes viverão para sempre com aquelle espirito de vida que procede de mim, que vivificô todas as coisas que vivem.

E d'aqui verás o quanto eu amo e estimo uma alma, pois chego a dizer que por uma alma só quizerá tornar a padecer infinitas vezes penas tão graves, se possível fôra o poder tornar a unir-se e juntar-se commigo.

N'esta mesma fórmula, por lei de minha Justiça, afflige e atormenta aquellas almas a pena d'este *nunca jámais*; pois é certo que de boa vontade escolheriam tambem ellas o padecer uma infinidade de penas comtanto que alguma hora podessem lograr esta impossivel união, ou tivessem d'ella a menor esperança. Que por isso dispõe minha Divina Justiça em todos os peccados que á qualidade e quantidade das penas que as almas me causaram com separar-se de mim, corresponda a qualidade e quantidade do castigo nos tormentos do inferno. E porque este *nunca* sobretudo é o que mais me affligia, por isso tambem quero que este *nunca* afflija e atormente aquellas almas mais que todas as outras penas que teem e terão eternamente de soffrer. E agora considera e nota

bem aqui que penas padeceria em meu coração por tantas almas condemnadas.

Então me dizia aquella alma que lhe nascia em seu coração um santo desejo (o qual se persuadia nascer-lhe por divina inspiração) de perguntar ao Senhor uma duvida; mas que a acovardava um temor e reverencia muito grande por não parecer que pretendia investigar a Divindade. Pelo que, com summa singeleza, pureza e confiança, dizia: *Oh meu doce e amoroso Jesus, eu muitas vezes tenho ouvido dizer que vós, meu Deus, levastes sobre vossos hombros as penas de todos os condemnados: e quizerá saber, Senhor, (se fosseis servido) se é verdade que sentistes aquella diversidade de penas que se padecem no inferno, como são padecerem frio e calor, abrazarem-se e morderem-se os proprios membros aquelles espiritos condemnados. E que então o benignissimo Jesus, respondendo-lhe graciosamente (e parecen-lhe a ella que aquella pergunta não havia desagradado ao Senhor), lhe dizia:*

Filha, eu não sinto esta diversidade de pena dos condemnados na fôrma que tu m'o perguntas; e a razão é porque todos estes haviam de ser membros mortos e separados de mim. Isto melhor o entenderás por este exemplo: Se te estivessem cortando uma mão, ou um pé, ou outro qualquer membro, até que o cortassem ou separassem de ti certo é que sentirias n'elle grave e incrível dôr; mas depois que fosse cortado, ainda que o lançassem no fogo, o moessem ou expozessem aos dentes dos cães ou lobos, não sentirias n'elle dôr alguma,

como coisa morta e já de todo separada do corpo; sómente sentirias pena de vêr lançar no fogo ou ser tragado das fêras um membro que havia sido teu.

D'esta maneira, nem mais nem menos, serviram de tormentos as almas condemnadas; que porque foram membros meus, enquanto houve esperança de vida, isto é, de se poderem reunir commigo, padeci inexplicaveis e infinitas dôres, e ainda todas as angustias e tormentos que padeceram n'esta vida; porque até á morte havia esperança de se poderem unir commigo se ellas quizessem. Não padeci porém nenhuma d'aquellas suas penas que haviam de padecer depois da morte, por serem penas como de membros já podres, mortos e separados totalmente de mim, e que eternamente já não haviam de viver mais em mim verdadeira vida. Mas com tudo isso, era-me gravemente penoso e de grandissimo tormento o vêr que tantos, que haviam sido proprios e verdadeiros membros meus, viessem a ser depois presa dos espiritos infernaes, e condemnados a infinitos e eternos tormentos. Isto é quanto ás dôres mentaes que padeci por aquelles que d'antes, pela minha graça, haviam logrado a dita de membros meus.

A segunda dôr mental de Jesus Christo foi pelos peccados de todos os escolhidos

A outra dôr que traspassou minha alma foi pelos peccados mortaes de todos os escolhidos; porque por todos os modos que te tenho dito ha-

ver sido affligido pelas almas dos condemnados, por esses mesmos o fui tambem amargamente pelas dos escolhidos que mortalmente haviam de peccar; porque em seus peccados se haviam de separar de mim. Porque quam grande era o amor que eternamente lhes havia ter; quam vil a miseria a que se abatiam peccando mortalmente, e quam excellente a vida a que se haviam de unir se obrassem bem; e graves e enormes os peccados que de mim os haviam de apartar, tanto era por elles tyranna e cruel minha Paixão.

N'isto só foi differente a dôr que senti por estes escolhidos da que padeci por aquelles condemnados: que pelos condemnados, como membros separados, não fui atormentado com as penas que depois da sua morte haviam de padecer, senão só (como te tenho dito) com a imaginação de que haviam sido membros meus. Mas pelos escolhidos soffri todas aquellas penas que não só na vida, mas depois da morte haviam de padecer. E assim senti os martyrios de todos os Martyres, as penalidades de todos os penitentes, as tentações de todos os tentados, as enfermidades de todos os enfermos, os golpes de todos os atormentados, suas infamias, suas peregrinações e toda a sorte das incommodidades que padeceram. Emfim tão intensamente senti em mim mesmo qualquer pena, grande ou pequena, que toleraram os escolhidos viadores, como tu intensamente sentirias se te ferissem gravemente em uma mão, ou pé, ou em outra qualquer parte de teu corpo. Considera agora quantos foram os Martyres: e cada um

de per si quanta diversidade de penas padeceu. Considera quam varias e rigorosas foram as penitencias e penalidades que soffreram todos os Confessores, todas as Virgens e todos os mais meus escolhidos, e d'ahi argumenta e conclue quantas e quaes seriam as penas que padeceu este meu amorosissimo coração.

Mas para que possas entender isto melhor, considera: Se tu tivesses mil olhos, mil mãos, mil pés e mil de cada uma das partes de teu corpo; e em cada uma d'ellas sentisses mil diversidades de dôres, que todas juntas te atormentassem a um tempo, não seria este o tormento mais exquisito, nunca jámais ouvido nem até alli tolerado? Pois vê, filha, quanto foi infinitamente maior a minha dôr, havendo sido os meus escolhidos (partes e membros meus) não mil ou milhões, mas innumeraveis e quasi infinitos; e havendo sido a diversidade de minhas penas não a milhares, mas sem conto; porque innumeraveis foram as penas dos Martyres, dos Confessores, das Virgens e de todos os mais que para meus escolhi. E assim como se não pôde comprehender nem entender qual e quanta seja a Bemaventurança, a gloria e os premios preparados para elles no Céu; assim não se pôde entender nem comprehender quaes e quantas foram as penas mentaes que por elles padeci e ás quaes convém que por Divina Justiça sejam correspondentes as Bemaventuranças, as glorias e premios celestiaes que lograrão.

Mas emquanto ás dôres que me affligiram pelos tormentos que haviam de padecer os escolhidos

depois de sua morte, has de saber que eu padeci toda a diversidade, qualidade e quantidade de penas que elles haviam de padecer no Purgatorio, segundo o mais ou menos que elles a houvessem merecido. E isto foi porque estes não eram membros que se houvessem de separar de mim para sempre como os condemnados; mas eram membros vitaes que haviam de viver eternamente com espirito de vida, havendo-os eu prevenido com minha benção e graça.

D'aqui entenderás a razão por que me não atormentaram as penas dos condemnados ao inferno, e só me atormentaram as dos que haviam de estar no Purgatorio. E é porque assim como tu, minha filha, padecerias grandissima dôr se te dessem um golpe ou pancada em qualquer membro desconjunctado e vivo, e que não estivesse de todo apartado do corpo, e a sentirias até que de todo restituído a seu logar ficasses perfeitamente sã; assim eu experimentei em mim mesmo todos os tormentos do Purgatorio que haviam de supportar aquelles meus vivos e escolhidos membros, os quaes (mediante esse castigo) haviam de tornar a ajuntar-se perfeitamente commigo, verdadeira cabeça sua. E debes saber que emquanto á dôr e pena do sentido, nenhuma differença ha entre as penas do Purgatorio e as do inferno, senão que as do inferno nunca jámais terão fim e as do Purgatorio algum dia o terão: causa porque as almas n'este logar, ainda que padeçam muito e com inexplicavel dôr, todavia soffrem tudo com grandissima paz; porque assim se purificam e limpam

de todas as manchas que os peccados lhes fizeram, e me dão infinitas graças, que sou a summa Justiça. Isto é quanto quiz dar-te a entender ácerca da pena mental, que padeci por meus escolhidos.

Oh ! se quizesse Deus que eu soubera agora repetir as dulcissimas palavras que n'este passo ouvi aquella alma devota quando, com lagrimas nascidas do mais intimo das entranhas, me disse haver recebido de seu Santissimo Esposo não só a graça de comprehender em certo gráo a graveza e fealdade do peccado ; mas também a qualidade do tormento e pena que sentira seu amantissimo Deus, por ella se haver apartado e desviado d'elle, que é o Summo Bem, para se unir e juntar ao maior mal, qual é a baixeza e vileza de todas aquellas coisas que n'este mundo costumam ser occasião e materia de peccar ! Lembra-me, porém, haver-me dito que assim fallara ao Senhor com muitas e amargas lagrimas :

Oh Deus meu ! E quam miseravel é esta creatura vossa que assim vos tem atormentado com tão graves e tão infinitas penas, ou já me salveis por vossa infinita misericordia, ou me condemnais por vossa infinita Justiça ! Não entendia eu, não Senhor, que tanto o peccado vos offendesse ; que a entendel-o não me posso persuadir que tanto houvesse peccado, porque nem ainda levemente vos houvera jámais offendido. Porém vós, ó Deus e Redemptor de minha alma, não olheis a isto que digo ; pois é tal minha condição ingrata, que ainda que o entendera, houvera feito peor que nunca, se vossa poderosa e piedosa mão me

não houvesse ajudado e me não houvera detido. Oh dulcissimo e benignissimo Amor meu! são tantas e tão crueis vossas penas, que já me não pareceis mais Deus; antes só me pareceis (se em dizer isto vos não offendo) um verdadeiro inferno de penas de amor. E assim lhe chamava muitas vezes com uma santa singeleza e compaixão.

A terceira dôr mental de Jesus Christo foi por causa da Virgem Santissima sua Mãe

Está attenta, filha, e ouve-me: porque ainda me ficam amargosissimas coisas para te dizer, especialmente ácerca d'aquelle agudo cutélo que traspassou minha alma; quero dizer, a acerbissima dôr de minha pura e innocentissima Mãe, a qual por minha Paixão e Morte de maneira foi afflicta e atribulada, que não tem havido nem haverá em algum tempo pessoa mais atormentada que ella. Este é o justificado motivo por que tanto a hei remontado e exaltado na Gloria sobre todas as creaturas humanas e Angelicas. E d'esta sorte tambem o farei sempre, porque quanto por meu amor fôr a creatura humilhada e affligida n'esta vida, e fôr anniquilada em si mesma, tanto depois será por minha Divina Justiça premiada e sublimada no Céu. Assim pois, como nunca houve no mundo pessoa alguma mais angustiada que minha dulcissima Mãe; assim no Céu nem ha nem haverá jámais alguma a ella semelhante:

porque já que no mundo foi a que depois de mim padeceu mais que todos, razão é que no Céu seja também depois de mim mais glorificada que todos. E portanto saberás que por todos aquelles modos, por todas aquellas coisas e respeitos, por que eu, Deus humanado, vestido de carne mortal, fui afflicto e tolerei tão graves penas; por todos esses e por cada um d'elles igualmente foi afflicta e atormentada minha Santissima e amada Mãe: nem entre as suas e as minhas dôres houve alguma outra differença mais que o padecer eu em um gráo mais alto e mais perfeito que ella. E foi tanto o que me atormentou a sua dôr, que se houvera sido vontade de meu Eterno Pae me fôra de grandissima consolação que todos os seus trabalhos houvessem cahido sobre minha alma, para que ella ficasse de todo livre d'elles, nem padecesse na menor circumstancia: porque ainda que com isto se me haviam de renovar todas as dôres que padeci na minha Paixão, reiterando-se outra vez como venenosa e aguda setta ás minhas feridas, todavia isso me haveria causado summo refrigerio, pois ficava minha dulcissima Mãe sem o trabalho de alguma dôr. Mas porque o meu incomprehensivel martyrio devia ser sem algum genero de consolação, não me foi aquella graça concedida, ainda que pelo amor filial que tinha a minha Santissima Mãe, muitas vezes com terno affecto e muitas lagrimas o pedi a meu Eterno Pae.

Dizia então esta alma devota que lhe parecia que lhe saltava e se lhe arrancava o coração pela dôr que lhe causavam as d'esta gloriosissima Vir-

gem; e que se achava posta em um tal tormento e angustia interior, que não podia proferir outra palavra mais que esta *Oh Mãe de Deus! Oh Mãe de Deus! Nunca jámais vos quero chamar Mãe de Deus, mas Mãe de dóres, Mãe de penas e Mãe de todas quantas afflicções nem dizer-se nem excogitar se podem: porque se vosso Filho é um abysmo de todas as dóres, como vos poderei eu chamar senão Mãe de dóres? Não mais, Senhor meu, não mais. Não me digaes mais das dóres de vossa bemdita Mãe, que não me acho com forças para o poder supportar. E isto me bastará para enquanto me durar a vida, ainda que esta por mil annos me durasse.*

A quarta dôr mental de Jesus Christo foi pela sua amante Discipula a Magdalena

Pondo em silencio o Senhor a materia passada, por vêr aquella alma tão afflicta, diz que lhe continuou a dizer d'esta maneira: Pois que dôr imaginas tu que foi a que eu senti pela grande pena e afflicção de minha amada e bemdita Discipula, a minha carissima filha Maria Magdalena? Foi tal que não poderá jámais entendêl-o bem, nem tu nem pessoa alguma; tanto pela minha propria perfeição, que fui seu amantissimo Mestre, quanto pelo amor e bondade de minha mesma Discipula: o que ninguem mais que eu pôde chegar a comprehender. Alguma coisa porém poderia perceber

n'esta matéria, quem tivesse alguma experiência do amor casto e espiritual emquanto ao amar e ser amado, mas não se póde achar outro semelhante a este; porque assim como se não póde achar outro Mestre tal, assim também se não póde achar outra tal Discipula: pois é certo que não houve nem haverá no mundo outra Magdalena mais que aquella só. Diga cada um o que lhe parecer: excepto minha Santissima Mãe, não houve pessoa que mais sentisse e que mais se doesse de minha Paixão e Morte, que a Magdalena. Pelo que, assim como depois de minha bendita Mãe, a Magdalena foi a que mais se affligiu pela minha morte; assim na minha Resurreição (depois de minha dulcissima Mãe), ella foi a primeira a quem appareci e dei a consolação de vêr-me resuscitado. E se outra pessoa a houvesse sentido mais que ella, sem duvida a essa tal, e não á Magdalena, houvera eu primeiro apparecido.

No repouso e doce quietação que meu querido Discipulo João teve no dia de minha ultima ceia sobre meu sacratissimo peito, o fiz capaz de profundissimos mysterios, porque alli viu claramente a minha Resurreição, e o amplissimo fructo das almas que procedia de minha amarga Paixão e Morte. E posto que este meu amado Filho e Discipulo João padecesse maior dôr pela minha Paixão que os outros meus Discipulos, comtudo não cuides que, por respeito do que elle sabia, se avantajasse na dôr á Magdalena; porque antes por isso mesmo foi maior na Magdalena a sua dôr: porque como a Magdalena não era ainda capaz de

coisas tão altas e profundas como as que a João havia communicado (e pelas quaes, ainda que ella podéra, não houvera impedido a minha morte, pelo grande bem que, como te tenho dito, sabia que havia de seguir-se d'ella), quando me viu expirar na Cruz lhe pareceu que lhe havia faltado não só a terra, mas o mesmo Céu; porque só em mim tinha cifrada toda a sua esperança, todo o seu amor, paz e consolação. E assim como ella me amava sem medida nem ordem, assim por consequencia foi também a sua dôr sem ordem e sem medida; o que eu só conheci, senti e padeci cordealmente dentro de minha alma: pelo que vim a padecer pela Magdalena todas aquellas ternuras que se podem padecer e sentir por um santo, casto e espirital amor, por ser eu d'ella amado, entranhavel, intensa e cordealissimamente.

Mas, para entender isto melhor, debes saber que meus Discipulos, depois de minha morte, por não estarem ainda de todo desapegados das coisas do mundo (como o estava esta santa peccadora), tornaram de novo ás redes que haviam deixado; mas ella não tornou outra vez á sua vida folgada e pomposa, antes toda incendiada e abrazada por santo desejo (porque não tinha a esperança de haver-me de vêr vivo) anciosamente me buscava morto, sabendo que nenhuma coisa podia causar-lhe tanto jubilo e contentamento como eu, seu amado Mestre, ou sendo morto ou estando vivo. E que isto seja assim o pódes vêr, reparando em que ella por achar-me morto deixou a companhia

dos vivos e ainda a doce presença de minha Santíssima Mãe, que é a mais digna de ser desejada, a mais amavel e agradavel que se póde achar depois de mim; e ainda a mesma vista e suaves colloquios dos Anjos lhe não pareceram mais que um puro nada, por me não haver achado no sepulchro. E isto mesmo debes entender de qualquer alma que, quando affectuosamente me ama e me deseja, em nenhuma outra vista e presença descança e socega, senão sómente na minha, que sou seu Senhor e amoroso Deus.

Não pódes, alma, imaginar quam grande e sem medida foi a pena d'esta minha querida Discipula; e como toda reverberava em meu afflicto coração, foi por ella sobre todo o encarecimento angustiado. Muitas vezes, sem duvida, haveria cahido morta a Magdalena pela grandeza de sua dôr, se eu o permittira, mas não dei a isso logar, porque quiz valer-me d'ella em coisas muito necessárias á minha gloria e serviço. E assim a fiz Apostola dos Apostolos, aos quaes annunciou e evangelizou a verdade de minha Resurreição, como elles o fizeram depois em todo o mundo. Tambem a fiz um limpo e luzido espelho, e exemplo vivo d'uma verdadeira conversão e penitencia, para que fosse regra certa e guia segura da vida contemplativa e bemaventurada, estando na soledade trinta e tres annos, desconhecida e escondida ao mundo; gostando e sentindo alli os intimos affectos e effeitos do amor divino, no grão mais heroico que n'esta vida mortal se póde gostar e sentir.

A quinta dôr mental de Jesus Christo foi pelos seus queridos e amados Discipulos e Apostolos

A outra dôr que me traspassava a alma, era a fixa memoria d'aquelle sagrado Collegio dos Apostolos, columnas do Céu, fundamento da minha Militante Egreja, rebanho sem Pastor, o qual eu via que havia de andar desgarrado, e havia de padecer por mim muitas penalidades e martyrios.

Porque nunca se tem achado, nem se achará jámais, Mestre algum que tão cordealmente amasse a seus Discipulos como eu amava a meus queridos Filhos, Irmãos, Discipulos e Apostolos. Porque posto que eu amasse sempre todas as creaturas com um amor infinito, comtudo é certo que tive um especial amor aos com quem corporalmente communiquei; e assim padeçi por elles em minha afflicta alma particular dôr; e mais por seu respeito que por mim, disse no Horto aquellas amorosissimas palavras: *Tristis est anima mea usque ad mortem*; pela grande ternura que em mim sentia por haverem de ficar sem mim, seu Pastor e Mestre fiel.

E eram estas angustias tão grandes, que me parecia outra morte este apartamento e corporal separação que d'elles havia de fazer. E assim, quem bem considerasse as palavras do ultimo Sermão que fiz, não seria de animo tão impedernido que não rompesse em copioso pranto; porque todas

ellas eram cheias d'uma amarga e penosa compaixão, que sahindo-me do mais intimo da alma, parecia rebentar-me no peito o coração por seu amor, especialmente vendo depois que por mim e pelo meu Nome havia de ser este crucificado, aquelle degolado, esfolado um, alanceado o outro; e que enfim todos haviam de perder a vida com varios tormentos por meu amor. E quam grande e grave fosse esta dôr (ainda que se lhe não pôde dar semelhança alguma), o podes tu por ti mesma de alguma maneira entender, considerando quanto te affligirias se uma pessoa a quem santamente amasses e desejasses toda a paz e consolação, a visses com palavras e obras maltratada e morta por teu respeito; pois é certo que eu fui o motivo de todos estes meus Discipulos e Apostolos padecerem tantos trabalhos, penas, afflicções e martyrios. Por isso, ainda que não posso dar-te semelhança alguma da dôr que por elles padeci, não deixo comtudo de dizer-te o que certamente basta para que possas compadecer-te de mim.

A sexta dôr mental de Jesus Christo foi pela ingratidão do seu amado Discipulo Judas traidor

Outra interna dôr me affligia e, como espada com tres agudas e venenosas pontas, me traspas-sava continuamente o coração. A primeira foi pelo sacrilegio, impiedade e ingratidão de meu amado Discipulo Judas, iniquo e pessimo traidor.

A segunda, pela dureza, perversidade e obstinação de meu escolhido e mais que todos favorecido povo judaico. E a terceira, pela maldade, cegueira e desaccordo de todas as creaturas que foram, são e serão. D'estas duas ultimas direi depois.

E agora, em primeiro lugar, considera quanto foi grande a ingratitude de Judas. Eu o acceitei e recebi no numero dos Apostolos; eu lhe perdoei todos os seus peccados; eu lhe dei poder para fazer milagres; eu o fiz dispenseiro de quanto espontaneamente se me offerecia; e eu lhe mostrei sempre singular e especial amor, afim de o apartar da sacrilega maldade a que se havia deliberado. Mas quanto eu para com elle me mostrava mais amante, tanto elle mais malignava e maquinava contra mim.

Com quanta amargura cuidarás que resolvesse eu em meu magoado coração estas e outras muitas mais coisas que agora te não declaro? Mas quando eu cheguei áquelle humilde acto, digno de toda a compaixão, afim de lavar-lhe os pés e os de todos os outros seus companheiros, então se desfazia meu coração em um amoroso e entranhavel pranto, e verdadeiramente sahiam de meus olhos rios de vivas lagrimas sobre seus immundos e abominaveis pés, porque dentro de meu mesmo coração dizia: *Oh Judas, que te tenho feito eu, que tão cruel traição me has maquinado? Oh Discipulo infeliz, não é este o ultimo e maior signal de amor que te podia mostrar? Oh filho da perdição, por que razão assim te apartas de teu Pae e de teu Mestre? Oh Discipulo ingrato, eu com*

tanto amor te beijo os pés, e tu com tão grande ódio e traição me beijarás a face! Oh que má correspondência dás ao meu amor! Não choro, não, filho amado e querido, a minha Morte e Paixão, pois a nenhuma outra coisa vim ao mundo senão a padecer e morrer pelas almas. Choro sim a tua perdição, a tua cegueira, a tua ingratidão e a tua morte eterna.

Estas e outras semelhantes palavras dizia meu coração a Judas, banhando-lhe e regando-lhe ao mesmo tempo os pés com abundantes lagrimas. Mas elle a nada d'isto attendia, nem n'isto reparava; porque, como eu estava ajoelhado deante d'elle, com a cabeça inclinada, do modo que costuma estar o que lava a outro os pés, e de mais o meu rosto lacrimoso e triste estava coberto da multidão de meus cabellos soltos e compridos, em nada do que em mim passava advertia a sua obstinação.

Este triste e amargoso pranto que procedia da grande ternura de meu amor, em tudo foi semelhante ao de um pae que tem só um unico filho a quem, estando para morrer, dá ultimas mostras do muito que lhe quer, e depois dentro de seu coração lhe diz: *Fica-te embora, meu querido filho, que já em mim não tornarás a vêr outro semelhante signal expressivo do meu amor.* Por este mesmo modo foi o que me succedeu com Judas quando lhe lavei e beijei os pés, chegando-os a mim com tão grande amor, e apertando-os com meu sacratissimo rosto. O que vendo magoados meus Discipulos, parecia dizerem: *Oh Jesus, Mes-*

tre nosso amorosissimo; um exemplo, Senhor, nos deixaes da mais profunda humildade e da caridade mais fervorosa. Porém tristes e miseraveis de nós, que faremos sem vós que sois todo o nosso bem? Que fará vossa afflicta e desconsolada Mãe, quando lhe expozermos esta tão rara humildade de que nos haveis lavado os pés immundos, cheios de pó e lodo, e que depois os haveis beijado com essa melliflua sacrosanta bocca? Oh Senhor e Deus nosso! semelhantes mostras de amor certos e indubitaveis signaes nos dão de que é infinita a dôr que chega a vos atormentar.

Tudo isto te tenho dito, filha, para dar-te alguma noticia da grande e entranhavel dôr que padecei na impiedade e sacrilega ingratição de Judas traidor; pois é certo que quanto mais o amei e que quanto maiores foram as mostras que lhe dei d'este amor, tanto mais me affligiu e me atormentou sua maligna ingratição.

A setima dôr mental de Jesus Christo foi pela ingratição do povo judaico

Quanto me traspassasse a setta da inexplicavel ingratição do perverso e obstinado povo judaico, o poderás bem entender ponderando muito de vagar os beneficios que lhe fiz. Eu o constitui e o destinei para povo meu, santo e sacerdotal. Eu o escolhi em minha parte e herança sobre todos os povos da terra. Eu o tirei da escravidão do

Egypto e das mãos de Pharaó. Eu o trouxe a pé enxuto por meio do mar vermelho. Eu lhe fui columna de dia com a sombra e de noite com a luz. Sustentei-o de celestial manná quarenta annos. Dei-lhe com minha propria bocca a lei no monte Sinai. Dei-lhe infinitas victórias contra seus inimigos. D'elle tomei carne humana, fazendo-me homem. E todo o tempo de minha vida com elle conversei. Ensinei-lhe o caminho do Céu, fiz-lhe infinitos beneficios e mercês; a seus cegos dei vista, ouvidos a seus surdos, pés a seus coxos, a seus mudos falla, a seus mortos vida, e, enfim, entre elles fiz sempre innumeraveis e estupendos milagres. E quando eu ouvi (entre tudo o mais que me fizeram padecer) que com tanto furor e raiva clamavam que fosse livre e solto Barrabás, sendo homem tão máo e sedicioso, e que eu, Rei do Céu e da terra, fosse crucificado e morto, então, então me pareceu que meu afflicto coração se desfazia de dôr. Isto, filha minha, não o entende senão quem tem experimentado quam grande pena é receber todo o genero de mal d'aquelle a quem se tem feito todo o genero de bem. E quam dura coisa é para um innocente ouvir clamar a um povo inteiro: — *Morra, morra, crucifiquem-n'o, crucifiquem-n'o*; ficando o que devera ter aquella pena (por merecer outras mil mortes como aquella) não só absoluto e livre, mas pela voz d'esse mesmo povo acclamado, que viva e viva como se fôra innocente! Estas coisas são mais para serem consideradas e ponderadas profundamente, que para se explicarem com palavras.

**A oitava dôr mental de Jesus Christo foi pela ingratidão
de todas as creaturas**

Esta mesma alma de quem vamos fallando, sendo illustrada por Christo, que é verdadeiro Sol de Justiça, me disse que, dando graças ao Senhor por si e por todas as creaturas (pelo muito que por todas ellas tinha padecido), sentira então tanta humildade em seu coração, que verdadeiramente confessaria a Deus e a toda a sua Côrte celestial, haver recebido de Sua Divina Magestade mais dons e beneficios que os que Judas recebeu; e ainda muitos mais que os que havia recebido todo aquelle amado e ingrato povo hebreu: e que, comtudo, muito peor e muito mais ingratamente se tinha ella havido com o Senhor, faltando-lhe á correspondencia do que com elle se houvera o mesmo Judas. E que mais proterva e cruelmente o havia ella crucificado e morto, do que esse mesmo povo ingrato o havia feito. E que, absorta n'esta consideração, se resolvêra a metter sua alma debaixo dos pés de todos os condemnados, e ainda debaixo dos do maldito Judas, e que desde aquelle abysmo profundissimo enviava suspiros, prantos, vozes e clamores a seu amado e injuriado Senhor, dizendo-lhe:

Benignissimo Deus meu, como posso eu dar-vos graças de que me soffraes, se o tenho feito convosco mil vezes peor que Judas? Vós o fizestes a elle Discipulo vosso, e tal tambem fizestes a

mim. Perdoastes-lhe peccados, e eu confio que por vossa misericordia e graça m'os haveis tambem perdoado. Destes-lhe a elle o distribuir e o dispensar as coisas temporaes; e a mim ingrata me tendes dado o repartir as grandezas e dons dos thesouros espirituaes. A elle destes-lhe a virtude de fazer milagres; e a mim concedestes-me o fazer outros maiores; porque milagres de maior conta são conservar-me voluntariamente no logar santo que habito, e vestir-me quando viva com a mesma mortalha que me vestirão defuncta. Oh meu doce Jesus! Eu vos hei vendido, e vos hei feito não uma traição só, senão mil e infinitas! Oh Deus meu, bem o sabeis vós, que vos tenho feito maior traição que Judas, quando ainda com o pretexto e especie de virtude vos hei deixado, chegando-me toda ás prisões da morte. E se tanto vos affligiu, Senhor, a ingratição d'aquelle rebelde povo, quanto vos terá offendido a minha, que na verdade tem sido infinitamente maior, pois tenho recebido de vós, meu verdadeiro Bem, mais que elles, beneficios sem numero, graças infinitas! Oh dulcissimo Senhor meu, eu vos louvo e dou graças de todo o meu coração por me terdes livrado da escravidão do Egypto d'este mundo, e dos peccados e mãos do cruel Pharaó (do demonio digo, que tanto senhoreava a seu gosto a minha pobre alma), levando-me, Deus meu, a pé enxuto por meio das aguas de minha mundana vaidade, e conduzindo-me por vossa graça á soledade e deserto da santa religião, onde infinitas vezes me tendes sustentado com vosso dulcissimo e sabo-

roso manná, em que sempre encontrei compendiados todos os maiores gostos; de tal sorte que todos os deleites do mundo verdadeiramente me eram fastio a respeito de qualquer minima consolação espiritual que me dava o vosso amor.

Eu vos dou infinitas graças, Senhor e Pae benignissimo, por me haverdes dado a lei por vossa dulcissima e santissima bocca, não só uma, mas muitas vezes, no monte Sinai da santa Oração, escripta com a mão da vossa piedade nas taboas de pedra de meu duro e rebelde coração. Dou-vos graças, suavissimo Senhor e Redemptor meu, por todas as victorias que me haveis feito alcançar de meus vicios, capitaes inimigos meus; porque todas as vezes que venci, vós, Senhor, tendes sido a causa de minha victoria. E as em que hei sido e sou vencida, foi sempre a causa a minha maldade e o pouco amor que a vós, meu Deus, hei tido e actualmente tenho. Vós, Senhor, haveis nascido por graça em minha alma, e me haveis mostrado o caminho e a luz da verdade, para desde as trevas e escuridades d'este mundo infelicissimo poder ir a vós, verdadeiro Paraizo e lume verdadeiro. Vós me haveis dado o vêr, o ouvir, o fallar, o caminhar; porque verdadeiramente para todas as coisas espirituaes eu estava cega, surda e muda, e me não podia bulir. Antes, além de tudo isto, estando eu morta, vós me haveis resuscitado em vós, vida verdadeira, que daes vida a todas as coisas que vivem. Mas eu, meu Deus e meu Redemptor, eu sou aquella que vos tem posto n'essa Cruz; a que assim vos atou

e flagellou á columna; a que vos coroou de espinhos e vos deu a beber fêl e vinagre. Eu, eu, Senhor, tenho sido a que tudo isso fiz.

Assim passando e assim discorrendo por estas penosas representações com muitas lagrimas e dôr intensa de seu coração (segundo a graça que o Senhor lhe communicava), concluia esta alma, e dizia: Sabeis, Senhor meu, porque digo que tenho feito isto tudo contra vós? Porque me haveis communicado luz da vossa luz, e com ella vejo e sei que muito mais vos affligiram os peccados mortaes que tenho commettido, do que vos affligiram então aquelles homens que de tantas maneiras, e com tanta ignominia e raiva, despedaçaram vosso sacratissimo corpo. Pelo que, Senhor, não é necessario que me digaes a grande dôr que vos causou a ingratição de todas as creaturas; que pois me haveis dado graça para conhecer, ao menos em parte, a minha grande ingratição, por ahi considero tambem o que contra vós maquinaram todas as mais creaturas.

Mas n'esta consideração, ó meu Jesus, me falta já o alento e me admiro de tanta caridade e paciencia como a que tendes com estas tão ingratas creaturas, sem por isso faltardes jámais em dar-nos tudo o que havemos mister em todas as nossas necessidades, ou do corpo ou do espirito. E assim como, Deus meu, não se podem saber as innumeraveis coisas que haveis creado no Céu, na terra e nos mais elementos, por nós indignissimas creaturas vossas; assim tão pouco se póde comprehender nem saber a nossa inexplicavel ingratição.

Pelo que, meu Deus e Senhor, eu confesso e creio que só vós sabeis qual e quam grande foi aquella amargosissima setta que tão penosamente vos traspassou o coração pela ingratidão de tantas creaturas, quantas houve e haverá no mundo. E esta verdade eu a conheço e confesso, não só por mim, mas também por todas as mais creaturas. Porque assim como nem passa mez, nem dia, nem hora, nem momento em que não participemos de vossos beneficios e graças, assim também nem minuto de tempo passa sem infinitas ingratidões nossas. E isto conheço, creio e confesso que foi uma das mais atrozes e crueis dôres que vossa alma santissima padeceu.



TRATADO QUARTO

Do modo de ajudar e consolar os enfermos para
que se disponham a bem morrer

Infirmus eram, et visitasti me. Matth. 25.

CAPITULO I

Quam grande e louvavel seja a obra de ajudar a
bem morrer os enfermos

C'coisa bem clara que a certa salvação do
homem não consiste na vida, mas na
boa morte; porque, como diz o Senhor,
onde cahir a arvore ali ficará para sem-
pre. D'aqui se segue que o acto de ajudar a bem
morrer os enfermos é obra de grandissima cari-
dade, e certamente muito maior do que muitos
cuidam, porque, se se considera o homem que se
deve salvar, achamos que este é uma creatura de

inestimavel valor, por haver sido creado á imagem e semelhança da Santissima Trindade. Se se volta o pensamento ás obras que o Filho de Deus fez por salvar a esse homem, quem poderá então comprehender a alta estimação e grandeza de sua salvação? Se, finalmente, se adverte o principal fim da humana salvação, ainda fica por todos os modos ineffavel na sua grandeza; pois este sómente é a maior gloria e honra de Deus.

CAPITULO II

Das considerações que devemos fazer quando somos chamados a ajudar os enfermos

Para melhor nos excitarmos á caridade quando somos chamados aos enfermos, além das sobre-ditas considerações que devemos fazer, se hão de considerar tambem as coisas seguintes. Primeira, que não somos chamados por esta ou aquella pessoa, mas pelo mesmo Deus, o qual nos dá por exemplar a seu Divino Filho, a quem mandou do Céu á terra para salvar o mundo. E aqui considerarás como este Senhor trabalhou infatigavelmente por esta causa, sem se lhe dar de frio ou calor, de fome ou sede, ou de alguma outra molestia, nem finalmente da mesma morte de Cruz: e assim, se não queres desagradar ao Senhor, procura não recusar de nenhum modo esta obra de tanta caridade, por qualquer causa que

seja, já fosse a de te achares cansado ou a de ser muito grande o trabalho, ou também por attenção á tua commodidade ou (o que muitas vezes succede) por alguma molestia que póde ser que sintas nos aposentos ou casas dos enfermos. Ultimamente considera aquellas palavras do Senhor: *Qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis.* Do mesmo modo que tratares aos vossos proximos sereis assistidos e favorecidos de Deus.

CAPITULO III

Dos principaes meios que nos fazem fortes e capazes de poder assistir e ajudar aos enfermos

Se queremos exercitar com bom successo esta santa occupação de assistir e ajudar quem está para morrer, temos necessidade de cinco coisas

Primeira, de vida virtuosa.

Segunda, de desconfiança de nós mesmos.

Terceira, de confiança em Deus.

Quarta, de Oração.

Quinta, do modo de os saber ajudar.

Das quatro primeiras não pretendo aqui discorrer, porque largamente tenho tratado essas materias no Combate Espiritual a que me remetto. Tratarei pois sómente aqui, com o favor divino, da quinta e ultima, e com a maior brevidade que me fôr possível.

CAPITULO IV

Dos estados em que se poderão achar os enfermos

Cinco me parece que são os estados em que se costumam achar os enfermos.

O primeiro é d'aquelles que por accidentes, feridas ou outros varios successos, se vêem obrigados a morrer em brevissimo tempo. O segundo é d'aquelles que, pelas circumstancias da enfermidade, mostram haverem de durar n'ella algum tempo, mas de ordinario não querem conformar-se com a vontade de Deus. O terceiro é d'aquelles que estão conformes com a divina vontade e podem exercitar suas potencias em fazer actos de virtude. O quarto é d'aquelles que, por terem muito debilitados os sentidos, pouco ou nada sentem já, ou muito difficultosamente podem fazer algum acto de virtude. O quinto estado, finalmente, é d'aquelles que, já fóra de perigo, vão cada dia melhorando mais e dispondo-se a uma perfeita saude.

CAPITULO V

Do modo com que devemos assistir aos do primeiro estado, que são os que accidentalmente enfermam e proxivamente estão para morrer

O modo de entrar a ajudar os que se acham luctando com a morte, é: que á vista da violen-

cia de tanto mal, estejamos advertidos a que se, *verbi gratia*, este nos promette e segura meia hora de vida no enfermo, a reputemos nós como se apenas fosse meio quarto de hora. Pelo que aqui a assistencia e ajuda começará pelas coisas mais principaes e necessarias á sua salvação; porque se depois se lhe prorogarem os espaços da vida, tempo fica para se poder attender ás outras necessidades. Por exemplo: achamos um que está por instantes para morrer; o modo de o ajudar será dizer-lhe:

Filho, arrependei-vos de haver quebrantado muitas vezes, e offendido por varios modos a santissima Lei d'aquelle Senhor que com tanto amor vos creou á sua imagem e semelhança. Pedi-lhe (com confiança na sua divina misericordia) perdão dos vossos peccados em nome do seu Unigenito Filho Jesus Christo, e em virtude do Sangue que este Senhor derramou por vós, quando se dignou de remir-vos na Arvore da Cruz para livrar-vos do captiveiro do peccado. E se algum vos tem offendido, perdoae-lhe de todo o coração. Dizei commigo *Jesu Salvator mundi, miserere mei. Jesu dulcissime sis mihi Jesu. Jesu Pastor bone suscipe spiritum meum. Santa Maria succurre mihi misero. Sancti Dei omnes intercedere dignemini pro mea salute.* Jesus Salvador do mundo, tende misericordia de mim. Dulcissimo Jesus e Senhor meu, sêde para mim Jesus. Jesus Bom Pastor, em vossas mãos entrego o meu espirito. Santa Maria Mãe de misericordia, soccorrei a este miseravel peccador. Santos do Se-

nhor Bemaventurados, intercedei por mim e por minha salvação.

No caso porém que ao enfermo se lhe alargue mais o espaço da vida, se lhe dirá que confesse os seus peccados d'este modo: Peza-me de haver peccado contra tal e tal Mandamento tantas vezes, pouco mais ou menos. Procurando acabar a confissão quanto mais depressa poder ser. Porque se depois o mal lhe permittir mais tempo, então se lhe poderão perguntar aquellas particularidades e circumstancias que são mais necessarias. E procedendo d'este modo e com esta prudencia, não morrerá o enfermo sem o que lhe é sufficiente a se poder salvar.

CAPITULO VI

Do modo com que devemos assistir aos enfermos no segundo estado, que é o dos que mostram haver de durar-lhes a enfermidade por algum tempo

Sendo chamados para ajudarmos os enfermos d'este segundo estado, devemos (antes que entremos na camara do enfermo) informar-nos com bom modo, pelas pessoas de sua casa, de seus costumes, qualidades (não o conhecendo nós) e de seu modo de vida, officio e occupação. Porque com este conhecimento se facilitará o caminho de ajudal-o e encaminhal-o á virtude e vida eterna. E depois, entrando na camara e dizendo:

Pax huic domui: A paz do Senhor seja n'esta casa, perguntaremos ao enfermo a qualidade da sua doença, e como passa; mostrando-lhe assim nas palavras como no gesto e benevolencia exterior, affecto de amor, e compaixão e desejo de todo o seu bem. Ficando depois por um breve espaço quasi pensativos, diremos a seguinte sentença com aquella voz e modo que fôr conveniente á mesma doença, do que só ha de ser arbitro a prudencia do confessor: *Occupatio magna creata est omnibus hominibus, et jugum grave super filios Adam, à die exitus de ventre matris eorum, usque in diem sepulture in mortem omnium*. Eccl. xl. Grande trabalho se creou para todos os homens, e a pesado jugo estão sujeitos todos os filhos de Adão, desde o dia do seu nascimento até o dia da sua morte.

Esta sentença e estas palavras, filho, são o verdadeiro e natural retrato da miseravel vida do homem, e a experiencia de todos o confirma. Mas o mais digno de reparar é que este retrato o fez o Espirito Santo, que não póde faltar nem enganar a ninguem. Vejamo-nos pois n'elle todos e tornemo-nos a vêr n'elle muito frequentemente, porque serão admiraveis os fructos d'esta repetição: colhendo d'ella o desprezo d'esta nossa vida mortal e um grandissimo desejo d'aquella celeste e immortal vida que nunca acabará, e onde se não póde padecer sombra de miseria alguma. Não lhe bastou ao Espirito Santo dizer sómente: *Occupatio, et jugum*, jugo e trabalho; mas accrescentou: *magna, et grave*, grande e pesado. Nem

se satisfizes d'aquella ultima palavra *hominibus*, para os homens; mas lhe ajuntou o *omnibus*, para todos. E, finalmente, depois de haver dito *à die exitus de ventre matris eorum*, desde o dia de seu nascimento, lhe accrescentou *usque in diem sepulturæ in mortem omnium*, até o dia de sua morte. Não vos parece, filho e senhor meu, que com justa razão devemos chamar venturosos aos que estão mais perto da morte, ou para dizel-o com mais proprias palavras, aos que mais proximos estão a ir lograr a outra vida? E pois este achaque que padeceis, tem muitos signaes de poderdes deixar muito depressa as miserias d'esta vida presente, os quaes de ordinario costumam ser as enfermidades; com razão podemos chamar muito mais felizes os mortos, como diz o Sabio Eccl. vii: *Melior est dies mortis, quam dies nativitatis, etc.*, que é melhor o dia da morte que o dia do nascimento.

CAPITULO VII

De outro retrato da miseravel vida do homem

Em outro lugar de entre muitos, nos põe á vista a Sagrada Escriptura o retrato d'esta nossa miseravel vida, dizendo: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseris*. Nasce o homem, e vivendo por espaço breve, são sem numero as miserias que o occupam todo. Oh vida do homem, uma e muitas vezes miseravel, e

miseravel além de toda a imaginação! Se de misérias és cheia, que logar te fica para qualquer breve gosto, que seja verdadeiro e não falso? Oh infelicissima vida! não só estás cheia d'uma sorte de misérias, mas de misérias muitas e repetidas, e sempre uma peor que a outra: nem talvez porque uma se acaba, deixa logo de sobrevir-te outra; mas, o que é peor, a esta unica que passou, lhe succedem muitas e muitas mais. A isto attendia aquelle grande philosopho que, todas as vezes que via um homem, costumava chorar amargamente, parecendo-lhe sempre vêr n'elle (ainda que agradavel objecto) um sujeito todavia de mil misérias e innumeraveis accidentes. A isto tambem olhava aquelle povo que costumava celebrar com lagrimas o nascimento de seus naturaes, festejando o dia de sua morte com as mais alegres demonstrações.

Amargoso bocado é o vêr estes dous retratos; mas quem tem o gosto e o entendimento são, doce lhe é o que se segue: *Brevi vivens tempore, quasi flos egreditur, et conteritur, et fugit velut umbra*. Vive o homem por espaço breve, nasce e morre como a flôr, e desaparece como a sombra. Que isto é o que tem de bem esta nossa fugitiva vida: ser breve; porque considerando o Christão que em breve ha de passar das misérias d'esta vida á Bemaventurança eterna, á gloria de seu bom Deus, não póde deixar de se alegrar, soffrendo com animo conforme qualquer molestia e penalidade como pena de seus peccados, e por fazer n'isso a vontade de Deus.

E' tão doce a consideração da brevidade de nossa vida, que não a nós os Catholicos, mas ainda aos infieis, tem sido muito amavel a memoria da morte: chegando a fazer tanta impressão em muitos d'elles o desejo de se vêr em seus braços (ignorante dos tormentos eternos que os esperavam), que com as proprias mãos se tiram a vida. De um philosopho se escreve, que tão vividamente narrava e representava as misérias d'esta vida, que a muitos lhes vinham desejos de se dar a morte. Razão por que el-rei Tolomeo discretamente prohibiu que em tal materia jámais se discorresse. Estes que queriam matar-se por se livrarem das misérias d'esta vida, eram gentios e infieis e nós que por graça de Deus somos Christãos e crêmos na outra vida, não já cheia de misérias, mas dos maiores bens e felicidades (taes que nem os olhos viram, nem os ouvidos entenderão nunca as suas grandezas), seremos tão faltos de discurso e entendimento, e estaremos tão submergidos no lodo de nossas cegas paixões e vícios, que não queiramos (querendo-o Deus) fazer esta feliz passagem das mundanas misérias a umas felicidades que não teem termo nem fim? nem queiramos, agradecidos, ouvir as vozes do nosso Divino Pastor, que para nos livrar de uma terra cheia de lobos carniceiros, nos chamá ao seu rebanho na companhia de todos os Bemaventurados? Oh enleio! Oh engano digno de eternas lagrimas!

CAPITULO VIII

Do terceiro retrato da vida humana

Havendo-vos mostrado nos precedentes dois retratos as misérias da vida humana, segue-se que considereis e ponhaes os olhos de vosso entendimento n'este terceiro retrato, de onde tiveram sua origem os outros dous. E olhae para elle quanto quizerdes, que sempre o achareis amargo: *Mulier quoque dixit: Multiplicabo cerumnas tuas, et conceptus tuos; in dolore paries filios, et sub potestate viri eris, et ipse dominabitur tui. Adæ verò dixit: Quia audisti vocem uxoris tuæ, et comedisti lignum, ex quo præceperam tibi ne comederes, maledicta terra in opere tuo, in laboribus comedes ex ea, cunctis diebus vite tuæ; spinas, et tribulos germinabit tibi, et comedes herbas terræ; in sudore vultus tui vesceris pane tuo, donec revertaris in terram, de qua sumptus es; quia pulvis es, et in pulverem reverteris.* Prohibiu Deus a nosso primeiro pae o uso da arvore da sciencia do bem e do mal; mas elle persuadido da ignorancia de Eva, sua consórtre, ingrato aos beneficios do Senhor se atreveu a quebrantar o divino preceito; e sentiu Deus tanto esta desobediencia que, fulminando inexoraveis castigos contra a rebeldia d'estas creaturas, assim ficou em toda a natureza humana castigada a culpa dos primeiros paes, que correndo todo o curso da nossa

vida entre dôres, trabalhos e afflicções, com o suor de nosso rosto comemos o proprio pão até que, tornados á terra de que nascemos, a mesma experiencia nos chega a desenganar de que somos terra e que a terra nos havemos reduzir.

Nem se persuada alguém que este retrato seja sómente da vida dos pobres, como se fossem elles sós os que experimentam aquelles castigos; porque o retrato é universal e comprehende a todos, pobres e ricos; nobres e plebeos; pequenos e grandes; principes e reis; imperadores e Papas. Antes estes suam muito mais; e muito maiores ancias e lançadas padecem que os pobres, assim no corpo como na alma, como confessa o seu desengano quando lhes é mais difficultoso o seu remedio.

E, por ultimo retrato, seja a fórma do nosso corpo, que sendo á maneira de Cruz, bem se declara que a vida humana é um continuado e successivo tormento. Quem está em Cruz necessariamente ha de padecer: logo emquanto a nossa alma está n'este corpo mortal, queira ou não queira, ha de sentir penalidades e afflicções.

De quanto até aqui se tem dito claramente se vê que a vida natural do homem é miseravel e mais que miseravel; e que não ha n'elle arte ou poder algum para fazer variar esta ordem natural. Só a morte é a que recebida voluntariamente, quando Deus a manda, nos livra e isenta de qualquer miseria; e só para os que dizem que teem achado deleitavel esta miseravel vida, é que poderá ser coisa dura o verem-se obrigados a deixal-a.

E a estes se poderá responder que lhes succede propriamente o que aos enfermos, que por terem relaxado o gosto, julgam e reputam o doce por azedo, e por azedo o doce, o mantimento bom por máo, e o máo por bom. Para fazer pois a estes capazes da verdade, se lhes poderá dizer d'esta maneira :

Primeiro, que se elles não tiveram em trevas o entendimento pela vida habituada no mal, nem o tiveram tão sujeito ás paixões de que o deixaram dominar, de outro modo discorreriam e que se tivessem o entendimento capaz de pôr em balança, de uma parte os cuidados e ancias que custaram dois instantes de falsos e momentaneos gostos, e da outra esses mesmos gostos momentaneos, não diriam assim. Que o perguntem áquellas almas illustradas por Deus, que quanto aborreciam as coisas transitorias d'esta vida, tanto suspiravam pelas eternas da outra. Porque desejava S. Paulo morrer e estar com Christo; e porque lamentava David e se offendia de se lhe prolongar este desterro da presente vida, senão porque conheciam bem o pouco ou nenhum caso que d'ella se deve fazer, antes merece ser muito desprezada e aborrecida pelas grandes miserias de que está cheia? Além de que toda a boa razão pede que se ceda e se captive o entendimento ao de tantos philosophos, e de tantos outros escriptores de alto engenho; os quaes todos sem discrepância alguma declaram, e com evidentes demonstrações asseguram, ser toda a vida humana cheia de trabalhos, miserias e tribulações.

Segundo, que se queremos crêr e dar ouvidos ao que dizem todos, assim pobres como ricos, assim grandes como pequenos, acharemos que todos dizem e chamam miseravel a esta nossa vida.

Terceiro, que se são tão cegos e soberbos que não querem dar credito ao parecer de tantos homens, ainda que não queiram, hão de sujeitar-se ao do Espirito Santo, que diz que a vida do homem é cheia de miserias. E eu não sei como seja possivel que uma coisa cheia de miserias seja delectavel.

Quarto, além d'isto quizera eu perguntar a estes que entendem que a vida do homem é sempre delectavel, se porventura na sua vida em particular, que por tão deliciosa reputam, acharam em alguma occasião alguma coisa amarga? E' certo que me dirão que muitas vezes encontraram, não uma só, mas repetidas amarguras: como podem logo chamar delectavel a sua vida, sendo propriedade do amargo, misturado no doce, fazer tudo amargo, ainda ao mesmo doce: e sendo o coração humano de tal condição que a doçura passada não só já lhe não dá gosto, mas de ordinario lhe amarga sómente com a sua memoria? Que aproveita ao convidado comer dos manjares de uma mesa esplendida, se o mesmo excesso com que come faz que as iguarias ordenadas a lisongear-lhe o gosto lhe relaxem o estomago, lh'o azedem e lh'o debitem? Que aproveita o deshonesto ter logrado as satisfações de seu appetite sensual, se depois a mesma memoria do gosto que já passou é bi-

cho que sempre fica para eternamente o roer e para sempre o atormentar?

Mas supponhamos como verdades aquellas chimeras que finge a sua imaginação: supponhamos que seja em tudo delectavel a vida humana, sem a menor mistura de amargo, sem parte alguma de azedo; não é esta vida a que tão depressa e tão brevemente acaba? Póde-se negar que este fim amargosissimo seja paga sobre-avanzada de toda a passada doçura? Mas ainda dado que esta vida fosse muito dilatada, fosse sem fim e fosse eterna, ainda assim qual será vida melhor? esta mundana ou aquella celeste? Aqui se gosa a creatura com limitação. Lá se gosa o Creador com plenissimo e interminavel gosto. Aqui se trata com homens amigos só do seu proveito, perversos, sem lealdade e sem fé. Lá se logra a companhia de tantas almas santas e Espiritos Angelicos, onde se amam uns aos outros nada menos do que a si, e onde se possui por todas as eternidades a belleza increada, e formosura do mesmo Deus do mesmo modo que em si é. De maneira que, ainda segundo o seu cego entendimento e falso juizo, e ainda com attenção só a seu interesse proprio, não póde o homem recusar e não abraçar a morte, se por ella Deus o chama ás felicidades da vida eterna, e por ella passa sem comparação a melhor e a mais feliz estado que o que deixa n'este máo mundo.

Como pois poderá chamar-se homem de juizo o que, desejando uma coisa, se queixa e não queira a melhor, podendo a menos custo havê-la muito

depressa? Que custa mais ao homem? deixar esta vida presente contra sua vontade, ou deixal-a voluntariamente? Deixal-a e ir-se subitamente a buscar uma eterna morte, ou deixal-a e ir buscar a vida verdadeira e certamente bemaventurada?

CAPITULO IX

Como se hão de ajudar aquelles moribundos que se acham tentados por se verem acabar na flôr da idade

Ha outros que se acham tentados porque, vendo-se nos mais floridos annos da sua mocidade, lhes parece que os vem buscar a morte muito depressa. A estes se lhes dirá assim:

Se vós, senhor meu, soubesseis bem considerar a brevidade d'esta nossa vida, verieis claramente que por nenhum caminho se lhe podem apropriar estes termos, *cedo ou tarde*. Que outra coisa é esta vida que uma nuvem breve, um vento que velozmente corre, uma sombra vossa, de vós mesmo em qualquer tempo fugitiva? Não tendes reparado na pressa com que já lá vae o em que mais se gosaram as delicias d'este mundo enganador? e o como é certo que, quanto mais se vive, mais se morre? *Præcisa est*, dizia o Propheta, *velut à texente vit a mea: d'un adhuc ordiner, succidit me*: cortastes-me, Senhor, o fio da vida com tanta facilidade como se corta um fio de estopa no tear do que está tecendo. Breve é esta

vida e esta brevidade é sempre incerta ; porque nenhum de nós sabe se aquelle Senhor, em cujas mãos está a vida e a morte de todos, nos ha de vir chamar, *sero, an media nocte, an galli cantu, an mane*, se de dia se de noite, se de manhã ou de tarde, se logo ou depois. Oh vida duvidosa, vida cega (ainda melhor o direi), oh viva afflicção e trabalho vivo !

Mas se quereis comprehender alguma coisa da brevidade d'esta vida, trazei á memoria alguma d'aquellas acções, que ha cinco ou seis annos haveis feito trazei outras que ha dez, que apenas entre umas e outras achareis distancia de tempo e tende por certo que se houvesseis vivido desde o tempo de Adão até agora, sempre vos pareceria que morrieis cedo. O que vos procede de terdes vossa vontade muito pegada ao amor das creaturas ; que se tivesséis vosso affecto purgado, dirieis com o Propheta : *Hei mihi, quia incolatus meus prolongatus est !* Ai de mim, que se me tem dilatado muito ó desterro da Patria Celestial ! Além de que (para concluirmos), se algum de nós quizer comparar esta vida presente com a eternidade da outra, poder-se-hia duvidar que esta presente, a seu respeito, é quasi um instante e menos que um minuto ?

Mas supponhamos que seja possivel ou que se nos conceda n'este valle de lagrimas uma larga vida correspondente á nossa vontade ; é isto coisa digna de se desejar ? Que outra coisa é uma vida larga que um viver afflicto por muito tempo ? Todos nós somos peregrinos e caminhamos por

estradas cheias de laços, de inimigos, de erros, de trabalhos, de occasiões de peccados; e vós vos sentis e vos doeis porque estaes perto do fim de tão trabalhosa e perigosa vida? Oh vida miseravel e enganosa! A quantos, na esperança de durares por dilatados annos, tens conciliado o mais profundo somno, fazendo-lhes dar á costa a não da vida carregada de virtudes, nos baixios de uma sempiterna ruina! Quem nasce, morre. Se haveis de morrer para que tendes tanto amor á dilação da morte, supportando a anciosa imaginação de que um dia haveis de morrer! Ignorante seria aquelle que, condemnado com outros ao supplicio, pedisse que fosse elle o ultimo a que se dêsse a morte. Porque dizemos cada dia: *Fiat voluntas tua*: Seja, Senhor, feita a vossa vontade, se ao depois lhe somos rebeldes? Ou porque dizemos: *Adveniat Regnum tuum*: Venha a nós o vosso Reino, se tanto nos satisfaz a escravidão cansada d'esta vida? Grande obrigação tendes, meu irmão, de dar graças a Deus, que se digna de chamar-vos d'aqui a pouco ao seu Reino e aos gostos eternos. Dae-lhe pois graças infinitas, conformando-vos com sua divina vontade: porque de outra sorte vos custará uma perpetua dôr e arrependimento, sem d'elle tirardes nunca nenhum fructo, nem poder-vos servir alguma hora de remedio.

CAPITULO X

**Do modo de ajudar os que por se acharem em dignidades
não querem morrer**

Fortemente são tentados a não quererem morrer os que teem subido a altos grãos de dignidade. A estes se póde dizer: que as dignidades d'este mundo se devem desprezar, porque são verdadeiramente indignas de estimação: quanto aquelles que se vêem elevados ás maiores honras, são como os que, subidos ás torres mais altas, não só estão expostos á violencia dos raios, mas lhes succede verem-se muitas vezes em terra precipitados. Além de que estes miseraveis (sobre estarem cheios d'aquelle ar que, desvanecendo-os, os fará sem duvida arrebentar um dia) estão mais que enregelados nas verdadeiras virtudes, e de todo ardendo nas chammas do amor do mundo, de seus vicios e de suas vaidades.

Nem tambem (d'aquelles poucos que teem fugido ás dignidades e ás honras mundanas, ou ao menos as hão possuido sem se pegarem a ellas, vivendo como se não as lograssem) ouvi jámais dizer que com ellas hajam tido quietação n'esta vida; nem com ellas hajam segurado a salvação da outra: não lhes havendo dado mais que materia de trabalhosas imaginações e occasião talvez de grandissima condemnação.

As molestias e afflicções que as dignidades

causam ao coração, e os grandes perigos a que estão sujeitas, conheceram muitos dos gentios; razão por que muitos fugiram absolutamente ás corôas, como narram as historias. Deixo de dizer de tantos e tantos reis christãos, rainhas, imperadores, filhas e filhos seus, que, desprezando todás as grandezas do mundo, fazendo-se religiosos se deram de todo a Deus.

Fazei-me favor de vos lembrardes dos gostos e das afflicções que haveis padecido n'esta vossa dignidade, por não haver conseguido n'ella todas aquellas condições e qualidades que o vosso desejo e os anciosos cuidados de subir a outras maiores pretendiam. E quantas noites tendes passado, por essa causa, sem o necessario somno; e talvez todas ellas desvelado? Oh mundo cego, quanto és vão e mentiroso! Além d'isto reparae tambem quanto já desde então vos era amarga a memoria da morte, entendendo que, ou quizesseis ou não quizesseis, vos havia ella privar da dignidade e juntamente da vida.

Mas se tanto vos agradam as dignidades, desprezae de todo o coração estas terrenas por agradecer a Deus, que elle sem duvida no Céu vos dará uma tal dignidade que infinitamente excederá qualquer terrena. Nem sejaes tão imprudente que queiraes perder esta e aquella, e a alma e o corpo, o que succederia quando morresseis (por não querer desapegar-vos d'ellas, o que Deus não permitta) contra vossa vontade e sem querer conformar-vos com a vontade de Deus.

CAPITULO XI

Do modo de ajudar os que por occasião dos filhos
que teem, não quizeram morrer

Ha alguns que dizem que morreriam muito
cônfórmes com a vontade de Deus, mas que por
causa dos filhos, que d'elles necessitam para seu
governo e boa creação, quasi não podem confor-
mar-se com o divino beneplacito. Primeiramente
perguntaremos a estes: Que é o que lhes importa
mais? morrerem em graça de Deus, ou lograrem
seus filhos n'este mundo os maiores bens? E
se a elles lhes importa mais, sem comparação, a
propria salvação que os bens temporaes dos filhos,
devem despir-se n'esta parte de todos aquelles
affectos que lhes impedem a salvação de sua alma.
*Si autem manus tua, vel pes tuus scandalizat te,
abscinde eum, et projice abs te: bonum tibi est ad
vitam ingredi debilem, vel claudum quàm duas
manus, vel duos pedes habentem mitti in ignem
æternum: et si oculus tuus scandalizat te, erue
eum, et projice abs te: bonum est tibi cum uno
oculo in vitam intrare, quàm duos oculos haben-
tem mitti in gehennam ignis.*

Em segundo logar se lhes perguntará: Quem
é mais pae d'estes filhos, vós ou Deus? Quem os
ama mais, vós ou Deus? Quem póde e sabe mais
ajudal-os, vós ou Deus? Vós sómente sois seu pae

na sua carne e sangue; e de vós é que participaram a natureza pervertida: e Deus é aquelle seu Pae bonissimo e santissimo, que sem dependencia ou necessidade d'elles, e só por gloria e ostentação de sua immensa bondade e ineffavel amor, lhes formou o corpo e creou a alma. E se este mesmo Senhor por aquella nimia e infinita caridade com que amou ao mundo, mandou a elle seu Santissimo Filho por salvá-lo, e particularmente por salvar aos vossos filhos; como poderá privá-los, ou deixar de os soccorrer e encher de todos os bens que lhes forem necessarios para a sua salvação?

Dos outros bens da fortuna e grandezas mundanas e caducas não deve o christão fazer aquelle caso que pretende uma natureza tão mal affecta, e tão amante de si mesma como esta nossa: sómente d'esses bens e fortunas deve querer os que Deus lhe quizer dar, e para dirigil-os só áquelle fim que mais pôde agradar a Sua Divina Magestade: porque não da industria nem da vida dos paes procede o bem dos filhos, mas só da bondade e providencia de Deus: *Bona, et mala; vita, et mors; paupertas, et honestas, à Deo sunt.*

E se bem com estas doutrinas não se prohibe ao homem a sua industria e o trabalho por ganhar de comer para si e sua familia, antes isso a propria obrigação e lei da justiça efficaçmente o recommenda; todavia com ellas se lhe dá a entender que toda a sua confiança a deve pôr sómente em Deus e não no seu trabalho, cuidado e industria; e que de sua santissima mão deve depois

receber como coisa santa, optima e justificada, tudo quanto lhe vier e lhe succeder.

Assim que, meu irmão, se é vontade de Deus que vós pereçais d'esta enfermidade e que, mediante a vossa morte, vossos filhos venham a ficar mais pobres do que agora o são, optima e justificada providência é que sejam pobres pelos santissimos fins que este Senhor só penetra, para maior bem seu. O ponto todo está que da nossa parte se tome tudo voluntariamente e com grande conformidade no divino beneplacito, dando-lhe graças por tudo o que de sua mão nos vem.

Ora pois, sendo tudo isto assim, como na verdade não podeis deixar de o entender; entregae, entregae vossos filhos nas mãos do Pae celestial, com grande confiança que este Senhor lhes dará tudo aquillo que lhes é mais conveniente; e tratae sómente de attender ao que pertence ao maior bem de vossa alma.

CAPITULO XII

D'aquelles que não morrem voluntariamente por occasião do temor que teem dos peccados commettidos e dos justos juizos de Deus

Uma grande parte dos enfermos se perturba e inquieta pelo grande temor que concebem dos peccados commettidos e do juizo de Deus, que os guarda para pedir-lhes a ultima conta de suas obras: pelo que não se resolvem a morrer volun-

tarios e confórmes com a disposição do Céu. A estes diremos:

Muito bom é, meu irmão, temer a Justiça Divina e os occultos e altos juizos de Deus; porém não se deve passar tanto adiante n'este temor, que se ponha por terra a esperança da Divina Bondade. Pelo que deveis saber que o nosso amosíssimo Deus não pretende do peccador, senão que se lembre de que tem offendido a Sua Divina Magestade: que se doa e arrependa (quanto mais lhe fôr possível, puramente por agradar-lhe) de o haver offendido: que deseje esta dôr e que a peça a Sua Divina Clemencia: que se confesse inteiramente com animo resolutio de perder mais depressa a fazenda, a vida e a honra, que offendel-o de novo: que se entregue todo nas suas mãos e ás disposições de sua santíssima vontade, assim n'esta como na outra vida; e que confie muito na sua infinita Misericordia, ainda que lhe pareça experimentar n'ella effeitos contrarios a esta confiança.

Quem o sobredito faz não tem que duvidar que *vita vivet, et non morietur*; vivirá eternamente na gloria e não experimentará os rigores da morte eterna: antes os seus peccados *si fuerint ut coctinum, quasi nix dealbabuntur; et si fuerint rubra sicut vermiculus, velut lana alba erunt*; ainda que clamem justiça e vingança, o Senhor lh'os perdoará; ainda que lhe hajam maculado a alma, o Senhor lh'a purificará. Para aqui é que deve voltar o peccador todos seus pensamentos e toda sua vontade, e conformar-se, como digo, com a von-

tade de Deus: o qual só quer que o peccador se dêa de havel-o offendido, e que o não queira mais offender, mas obedecer-lhe em tudo e por tudo, conforme a regra de seus Divinos Mandamentos e dos de sua amada Esposa a Santa Igreja Romana.

Todo outro qualquer cuidado, ou pensamento a respeito de vossa salvação, ou condemnação (como o que muitos formam dizendo: *Quem sabe se me salvarei? póde ser que eu não seja d'aquelles peccadores a quem Deus perdoa*), e outras semelhantes considerações e palavras, são pensamentos e discursos da nossa soberba e sugestões do demonio. E' tão infinita a misericordia de Deus e tão ineffavel a satisfação que Christo crucificado tem dado por todo o mundo, e tão inexplicavel o amor e a pressa com que Deus perdoa, quando de coração se doe a alma de o haver offendido, que maior contentamento e espirital jubilo causará no peccador o conhecimento d'estas misericordias, quando o Senhor lh'as der a entender, que ainda o mesmo perdão e remissão de seus peccados.

CAPITULO XIII

Como se ha de tratar com os que ainda não quizeram morrer por quererem fazer primeiro penitencia de seus peccados

Não faltam tambem alguns que repugnam a entregar-se á morte por não haverem ainda cho-

rado os seus peccados. A estes se póde dizer: Deveis saber, senhor, que só aquellas lagrimas e aquella penitencia são de maior valor que mais agradam a Deus: e que só aquellas precisamente mais lhe agradam que elle mais estreitamente pretende de nós. Se Deus quizesse de vós, para satisfação dos vossos peccados, muitas e repetidas lagrimas, é certo que vos daria para isso larga vida, mas como vêdes agora que este Senhor vos quer privar d'ella, signal é que a maior penitencia que de vós quer, é a vossa resignação na sua santissima vontade, comtanto que vos arrependaes de que pelo passado não hajaes chorado amargamente o haverdes tão gravemente offendido a Sua Divina Magestade. E estae certo que se vos não agrada nem satisfaz esta fórma de arrependimento e resignação, este vosso desejo de mais larga vida não é para chorar vossos peccados (ainda que isso vos pareça), mas para continuardes nos erros da vida passada; como succede a muitos peccadores que, depois de recobram a saude perdida, se hão desenfreado muito mais em suas viciosas paixões.

Ainda assim, se quereis fazer penitencia e estaes firme n'este santo desejo, sabeí que ainda em poucas horas que tenhaes de vida, tendes muito facil o modo de poder fazel-a e de chorar largamente as vossas culpas. Choraes-as mais intensamente, mais dolorosamente e mais puramente por amor de Deus, que por temor das penas que por ellas mereceis. Choraes-as com maior odio de vós mesmo, com maior amor de vosso Deus

e com maior resignação em qualquer pena que a vontade d'este Senhor se dignar de dar-vos; e se esta resignação não está na vossa mão, peze-vos muito de a não ter: desejae-a e pedi-a a Deus, e afervorae-vos muito em offerecer-lhe as lagrimas que por nós derramou seu Unigenito Filho Jesus Christo para gloria de Sua Divina Magestade; porque assim supprindo o intenso d'estes actos o que vos falta de tempo para o rigor das penitencias, conseguireis mais puramente o fim para que desejaveis mais larga vida, e vos fareis mais capaz das misericordias do Senhor na conformidade com sua vontade santissima.

CAPITULO XIV

Da tentação de differir a confissão

Não deixará o demonio de tentar o enfermo d'este segundo estado (quando o vê quasi confôrme com a divina vontade), com persuadir-lhe a que diffira a confissão, porque neccessita primeiro de cuidar muito bem nas coisas de sua consciencia, e com causar-lhe então grandissimas ancias e cuidados, na suggestão de que, tanto que se confessar, não lhe fica já esperança alguma de vida. A esta tentação responde Santo Agostinho, dizendo: *Remedia conversionis ad Deum nullis sunt cunctationibus differenda, ne tempus correctionis pereat tarditate; qui enim pœnitenti indulgentiam*

promisit, diem crastinum non sponndit; ipsa enim est res, quæ multos occidit, cum dicunt: Cras, cras, et subito ostium clauditur: remansit foris cum voce corvina, qui non habuit genitum columbinum. Os remedios da conversão a Deus, diz o Santo, não se hão de differir com nenhuma dilacões, para que por ellas se não venha a perder o tempo da emenda; porque o Senhor que prometteu o perdão ao penitente, não lhe prometteu nem lhe seguiu havel-o de esperar para o dia de amanhã. Esta vã esperança tem dado a muitos a morte eterna, quando dizem: A'manhã, amanhã. e entretanto a porta se fecha e o peccador fica de fóra com a sua voz de corvo, *cras, cras*; porque não quiz formar a tempo os ternos gemidos d'um coração de pomba.

Portanto, irmão meu, tratae, tratae de arrependervos e de gemer agora *Geme tu columba, tunde pectus.* Se se vos offercesse agora a saude corporal, estou certo que não dirieis: Quero differir o recuperál-a para amanhã. Agora se vos offerce a saude da alma, e dizeis amanhã? Não conheceis o vosso grande erro? ah irmão! ah irmão! até o mesmo poeta gentio vos reprehende e condemna:

*Nam cur quæ lædunt oculos festinas demere?
Si quid est animum differs curandi tempus in annum,
Sed propera, nec te venturas differ in horas,
Qui non est hodie: cras minus aptus erit.*

Como se dissera: Vem cá homem é possível que ponhas tanto cuidado em alliviar-te d'um

pequeno argueiro que te molesta os olhos, e no que toca ao bem da tua alma differes de anno a anno o tratares de seu remedio? Ah! apressa-te, apressa-te, nem diffiras para o tempo futuro o tratares do maior negocio; pois é certo que quem hoje se não acha capaz de tratar d'elle, com muito menos capacidade se ha de achar ámanhã. Isto disse para nossa confusão um gentio, nem sei que mais podéra dizer o catholico mais reformado.

Non tardes, diz Deus, converti ad Dominum, et ne differas de die in diem; subito enim veniet ira illius, et in tempore vindictæ disperdet te. Eccl. v. Não dilates, peccador, o converter-te a Deus, e não diffiras de dia em dia o remedio de tua salvação: porque de repente virá a ira do Senhor, e se te não achar preparado sem duvida te condemnará. Eia pois, irmão meu, em Nome do Senhor começae a confessar-vos, porque ámanhã, além dos outros perigos, nos ameaça a doença maior trabalho do que agora vos parece que sentis. E talvez (assim o creio) esta ancia em que agora vos achaes, é mais arte do demonio para impedir-vos a confissão. Mas andar: comecemos, que pelo que toca ao não terdes bom cuidado nos vossos peccados, descançae em mim, que eu vos prometto que com facilidade vos disporei a vos lembrardes de tudo. Eu vos irei perguntando, vós me ireis respondendo; e tende muita confiança no Senhor que elle nos ajudará. O cuidar que a confissão tira ao enfermo a esperança da saude corporal, é pensamento nescio e falso, antes tudo

é muito pelo contrario. Pelo peccado as mais das vezes dá Deus as enfermidades, e assim tirando-se por meio da confissão o peccado, que é a causa da enfermidade, vem tambem a tirar-se o effeito, que é a enfermidade. Isto mostra claramente o Senhor no seu Evangelho; porque quando queria sarar os enfermos, primeiro lhes perdoava os peccados. E tanto que lhes dava saude logo lhes recommendava que não tornassem outra vez a pecar; porque lhes não succedesse com maior damno o sobrevir-lhes outra maior enfermidade: *Ecce sanus factus est, noli amplius peccaro, ne deterius tibi aliquid contingat.*

CAPITULO XV

Dos principaes motivos por que o peccador enfermo vae differindo a penitencia e a confissão; e do primeiro motivo que é a amizade deshonesta

Quatro são os motivos principaes por que o peccador differe a penitencia. A amizade deshonesta a que está preso: o odio que tem a algum proximo: a fazenda que tem mal adquirida: e o pejo e vergonha de se confessar.

Pelo que toca ao primeiro motivo, se adverte a quem assiste ao enfermo: que se o objecto de seu amor e correspondencia não está ausente, é necessario tirar-lh'o logo deante dos olhos, de modo que mais o não veja nem d'elle tenha mais

a menor noticia. Feito isto se fallará ao enfermo n'esta fórma: Eu bem reconheço que a causa por que differis a confissão, é porque vos parece coisa dura deixar a quem tanto amaes. Mas, senhor, se amaes muito este sujeito, e elle tambem a vós vos ama muito, como podeis dizer com verdade que reciprocamente vos amaes se um a outro vos perseguis de morte? Amar quer dizer querer bem á pessoa amada e procurar-lhe todo o bem, quanto é possível. Isto não faz, nem póde fazer este nosso amor, o qual traz sempre comsigo tal veneno, que no mesmo tempo e instante que ama, dá necessariamente ao objecto amado apressadamente a morte. O mesmo é, Senhor, amardes vós a este sujeito, que tirar-lhe a ella a vida e a vós tambem. E ella com amar-vos igualmente se dá a si mesma a morte eterna e tambem a vós. Eu não vos digo que já que tanto a amaes, a não ameis. Amae-a sim, mas sem o veneno da culpa e só com aquelle amor que a vós e a ella vos póde agenciar e segurar o maior bem, que é a salvação de vossas almas. Eis aqui o maior bem seu e o maior vosso bem: deixal-a para que se converta ao amor de quem a creou e redimiui; para que se entregue de todo a chorar o haver offendido tão gravemente a Divina Magestade. E entendei (e crêde-me, que não fallo sem grande fundamento e que me não engano) que ella a esta hora já está resoluta a não querer mais a vossa conversação, não só pela sua salvação propria, a que já deliberadamente aspira, mas tambem pela vossa, a qual muito efficaçmente deseja. E assim obrigado estaes tambem a deixal-a

por estes mesmos motivos da vossa e sua salvação, e muito mais principalmente porque n'isso agradaes a Deus. Deixae-a pois, Senhor, e escusaes aqui de vos embaraçardes com contrarios pensamentos, pois sabeis de certo que ou queiraes ou não queiraes, o tempo se vae chegando de a haver de deixar. E, n'esta supposição, sereis vós tão louco e obstinado que antes queiraes deixal-a, condemnando-vos eternamente, que deixal-a conseguindo por isso a amizade d'um Deus que tanto vos ama, e a posse d'um Reino perduravel na eterna gloria?

CAPITULO XVI

Do segundo motivo por que os peccadores differem a confissão, que é o odio contra o proximo

Para que se tire esta segunda occasião e motivo com que a penitencia se differe, que é o odio que se tem a algum proximo, se dirá ao enfermo: Parece-me a mim, que vós n'esta doença desejando haver-vos como na guerra costumam haver-se os soldados honrados, vencendo varonil e gloriosamente os vossos inimigos, de nada menos aqui entendeis que da arte e das leis da guerra. Quem vistes vós jámais que, querendo triumphar do inimigo, tomasse por meio de suas glorias e de seus triumphos o matar-se primeiro a si proprio? E de que soldado honrado ouvistes jámais dizer que, estando alistado debaixo da bandeira

d'um capitão, lhe seja honroso o ir militar debaixo da bandeira do inimigo? Vós por graça de Christo nosso Capitão sois christão, e no santo Baptismo vos alistastes debaixo de sua bandeira; pelo que, sem duvida, obrigado estaes a militar segundo as leis da milicia christã. N'esta milicia só se combate contra o peccado e contra as paixões que induzem ao peccado. Quem de outro modo obra e peleja contra seu irmão, não é soldado de Christo, nem soldado honrado; mas rebelde, e por isso merecedor do inferno.

Mas já que tanto vos agrada a vossa colera e a vossa vingança: eia, vingae-vos de vós mesmo, que tão impiamente e tantas vezes tendes offendido a Deus, e a vossa alma e a do proximo. Irae-vos, digo, contra vossas paixões desordenadas, e combatei contra o peccado; e se quereis pelejar com quem vos tem offendido, e vencel-o com grandissima honra vossa, pelejae com aquellas armas e d'aquelle modo que ensina nosso Capitão Jesus Christo. Eis aqui as armas com que Christo quer que se combata com os inimigos, e eis aqui o modo de vencel-os gloriosamente: *Ego autem dico vobis, diligite inimicos vestros*. Julga por deshonra o mundo cego o não vingar-se dos inimigos, e covardia o perdoar-lhes e dar-lhes gosto. Oh Senhor, oh Senhor e Deus meu Omnipotente! Logo, quando vós, Senhor, perdoaes a vossos inimigos, que continuamente vos estão offendendo, e além d'isto lhes daes e communicaes os maiores bens, sois, Deus meu, covarde e não tendes honra! E sendo propriedade e natureza vossa

perdoar a quem vos offende, é em vós também natureza (segundo este cego e impio parecer do mundo) este grande desar da covardia. E vosso Filho Santissimo também, quando pendente da Cruz dizia: *Pater dimitte illis, nom enim sciunt quid faciunt*, se mostrava n'aquelle acto ser covarde e não ter honra, porque rogava pelos inimigos que o crucificavam. E por boa consequencia (segundo este pessimo juizo do mundo) todos os vossos heroicos e invenciveis servos, todos os vossos Discipulos, todos os vossos Apostolos, todos os Martyres, todos os reis e imperadores christãos, Santos e todos os Soldados da vossa milicia, são covardes e sem honra; porque todos hão perdoado aos inimigos e procurado o fazer-lhes bem. Oh cego mundo, e sobre todas as maneiras impio! Tu mesmo nas tuas historias celebras e honras os cesares, porque entre as outras suas acções se conta que perdoavam aos inimigos, e eram faceis em fazer-lhes bem. Não és tu aquelle que julgavas não por covarde, mas por magnanimo aquelle Octaviano Augusto que, perdoando a Cinna, seu inimigo, a traição que lhe maquinava, quiz n'isto contender se era mais não dar ao inimigo a morte ou fazer amizade com o inimigo: *Olim tibi hostis, ò Cinna, nunc insidiatore, et purricidæ do veniam: jam hinc inter nos inchoetur amicitia, contendamus que, utrum meliori fide ego tibi vis vitam condemnaverim, an tu acceperis?* Pois como hoje ao perdão dos inimigos chamas covardia?

Mas deixando ao mundo na sua cegueira, si-

gamos ao nosso Capitão Jesus Christo; porque em segui-o é grande a honra e inestimavel o premio: e a quem não quer ficar para sempre morto e eternamente condemnado ao inferno, é inevitavel a necessidade. A honra e o premio de quem perdoa e faz bem aos inimigos, é o haverem de ser filhos do Eterno Pae, que está no Céu: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in Caelis est*, diz Christo. E que honra e que premio seja este de fazer-se um Christão filho de Deus, não ha entendimento que o possa comprehender, nem lingua que o possa declarar. E da necessidade que temos de perdoar aos inimigos, que diremos? Nós todos somos devedores a Deus, porque todos o temos offendido, quem mais e quem menos. Se nós não perdoarmos, diz o Espirito Santo, não seremos perdoados: *Qui vindicari vult, à Domino inveniet vindictam, et peccata illius servans servabit*. Eccl. xxviii. E em outro lugar: *Si enim dimiseritis hominibus peccata eorum, dimittet et vobis Pater Cœlestis delicta vestra*, Matth. vi. Perdoae, pois, meu irmão, ao vosso inimigo: porque se lançaes o pensamento á honra, não tendes que dizer para não haverdes de perdoar; se ao que vós deveis a vós mesmo, não ha coisa que faça em vosso favor; se pelos gentios e infieis, já estaes convencido de que sois obrigado. E se convencido não perdoaes, muito cedo vos achareis condemnado ao inferno e despedaçado em suas eternas chammas, emquanto Deus fôr servido.

Attentamente reparaes que nas vidas dos Santos, entre outros exemplos, se lê a este intento

de um homem que, estando para morrer, não foi possível acabar-se com elle que perdoasse a seu inimigo, não obstante que com as maiores véras se lhe pediu. Depois de morto o levaram á egreja, e estando-se-lhe cantando o Officio dos Defunctos, quando se chegou áquella lição: *Parce mihi, Domine*, se observou que o Crucifixo despregando as mãos da Cruz, as levou aos ouvidos, como que os tapava, dizendo: *Non pepercit, nec ego parcam*. Este não quiz perdoar ao inimigo, pois também eu lhe não quero perdoar.

Se quereis, meu irmão, que Deus vos perdôe sem vós quereis perdoar a vossos inimigos, adverti que não podieis entrar em mais diabolica soberba. E é tão grande que eu verdadeiramente não sei como vol-a haja de escrever. Emfim, vós quereis que Deus vos obedeça e vós não quereis obedecer a Deus.

CAPITULO XVII

Do terceiro modo por que os peccadores differem a confissão, que é o não querer restituir a fazenda alheia

A terceira occasião de differir a confissão, temos dito que é por não querer o enfermo restituir a fazenda alheia. A este se perguntará: Qual é o fim, senhor meu, por que não quereis restituir a fazenda alheia? Eu não posso imaginar que seja porque intenteis leval-a comvosco porque

nú tendes entrado n'este mundo e nú muito depressa haveis de sahir d'elle. Mas se o fazeis porque os vossos filhos fiquem ricos, andaes errado, porque d'este modo escolheis a eterna condemnação da vossa alma por deixar accommodados os vossos filhos. A vós o inferno, as riquezas aos filhos? Mas que digo, riquezas? Occasião lhes deixaes mais depressa de sua eterna e temporal ruína. E na verdade é assim; porque, com estes bens mal adquiridos, os pondeis a elles na estrada do inferno para haverem de amaldiçoar vossa alma eternamente, e por justo juizo de Deus padecerão ainda cá n'este mundo mil misérias; como com muitas experiencias se tem visto, que os herdeiros de fazenda mal adquirida a chegaram a desbaratar e dissipar em breve tempo, vindo depois a cahir em extrema pobreza.

Mas quando ainda semelhantes riquezas ficassem permanentes e perpetuas na vossa família, fazei por um pouco reflexão nas palavras de Christo, que diz: Que aproveita ao homem, se chegar a possuir o mundo inteiro, havendo sua alma de padecer um detrimento eterno: *Quid prodest homini si universum mundum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur?* Que proveito tirareis de tantas riquezas, se por ellas ficar condemnada para sempre esta vossa alma? Além d'isto, que gosto ou que satisfação tiraes de não restituir n'estes poucos dias de vida, ou poucas horas que vos faltam, se aqui mesmo vos está já atormentando o remorso da consciencia, que é já principio do inferno que vos espera, e no qual

depois vos affligirá, sobre toda a imaginação, a memoria de haver deixado ricos a vossos filhos, conhecendo quam impiamente tendes obrado contra a vossa alma, havendo-a condemnado a penas eternas por deixar os vossos filhos em delicias momentaneas?

CAPITULO XVIII

Do quarto motivo por que os enfermos differem a confissão, que é o pejo de se confessarem

O pejo e vergonha é o quarto motivo por que os peccadores vão differindo a confissão. A estes se dirá: Tenho entendido, meu irmão, que vós fugis de confessar-vos, pelo pejo que tendes de algum peccado grave. Muito honrado seria e digno de grande estimação o pejo que de vós mesmo tivésseis, quando os vossos pensamentos procuravam induzir-vos ao peccado, considerando que, peccando, de homem vos transformaveis em bruto e ainda peor que bruto; e de filho de Deus em escravo do demonio. Oh que vergonha digna de inestimaveis bens e de vida eterna houvereis tido, se além da sobredita consideração, considerasseis tambem que quem pecca commette o seu peccado deante dos purissimos e tremendos olhos de Deus, que tudo vê; deante do Eterno Pae, que pelo ineffavel amor que nos tem mandou seu Unigenito Filho ao mundo a morrer, para destruir

o peccado e para nos salvar! Esta é a confusão e vergonha que sempre todos deveram ter quando são tentados e persuadidos do peccado, mas por nenhum modo e por nenhuma causa esta de se confessarem e dizerem suas culpas depois de cahirem n'ellas. Não tenhas pejo e vergonha, diz Deus, de confessar a verdade, por bem e remedio de tua alma, porque esse pejo e confusão é quem te põe em graça e te capacita aos logros da gloria eterna: *Pro anima tua ne confundaris dicere verum, est enim confusio adducens gratiam, et gloriam.* Eccl. iv. E deixando de fallar-vos sobre a honra inestimavel que traz consigo a confissão ao penitente, livrando-o da servidão do peccado e do demonio, e fazendo-o amigo e filho de Deus, respondendo particularmente á vossa tentação.

Vós fugis da confissão por ponto de honra, de pejo e de vergonha; e n'isto fazeis um dos maiores erros que se podem fazer. Primeiramente, quando um está sem honra para com Deus e para com a sua Côrte celestial (o que nunca já-mais succede senão pelo peccado), está incapaz de outra qualquer honra. Honrê-o embora o mundo cego quanto quizer; que ainda d'este fará Deus que seja muito depressa conhecido e que perpetuamente fique para com elle deshonorado: *Ostendam gentibus nuditatem tuam, et regnis ignominiam tuam.* Nahum iii. Sobre o que santamente advertido Santo Agostinho, dizia assim a Deus: Não occultei, Senhor, os meus peccados, mas declarei-os para que vós os escondesseis. Não os encobri, mas manifestei-os para que vós

os cobrisseis; porque quando o homem os descobre, Deus os cobre; quando o homem os occulta, Deus os manifesta; quando o homem os conhece, Deus os perdoa: *Non operuit, diz o Santo Doutor, sed aperui, ut operires. Non celavi, ut tegeres, nam quando homo detegit, Deus tegit, cum homo celat, Deus nudat, cum homo agnoscit, Deus ignoscit.* Assim que, desenganae-vos, meu irmão, que não tem o peccador modo mais efficaz para recuperar a honra, senão a Confissão Sacramental, e entre as outras razões tendes esta da palavra de Christo, que não póde mentir, que diz: *Qui se humiliat, exaltabitur.* Quem se humilhar será exaltado; o que principalmente se entende na Confissão Sacramental. De modo que quanto mais o que se confessa vence o pejo que o acompanha, dizendo as ignominias da sua culpa por honra de Deus que assim o quer, tanto mais vem a ficar, não só honrado do mesmo Senhor e de toda sua celeste Côrte, mas ainda do mesmo confessor: dispondo-o assim este Senhor, que tudo póde, no mesmo coração do confessor. E d'isto vos poderá eu apontar muitos exemplos nas Vidas dos Santos, e na mesma pratica dos confessores doutos e discretos, que assim o observam. Assim que, como vos tenho dito, não ha melhor meio de conseguir a verdadeira e perpetua honra, que o fazer por alcançar a amizade de Deus; nem melhor meio de havel-a (ou de recuperal-a quando se tem perdido), que a Confissão Sacramental, o mais depressa que se poder fazer.

CAPITULO XIX

**De dois meios universaes para induzir o enfermo
a que voluntariamente se entregue á morte**

Dois meios me parece serem os mais poderosos para inclinar a vontade de qualquer enfermo a acceitar a morte com toda a resignação na vontade de Deus. O primeiro é dizer-lhe: Meu irmão, o morrer e o não morrer do homem, não depende da nossa, mas da divina vontade; de maneira que se Deus quer que morraes d'esta enfermidade, todos os medicos e remedios do mundo, e todos os poderes e vontades creadas, não bastarão a fazer que não morraes: *Non est consilium, non est sapientia, non est prudentia contra Deum, ego occidam, et ego vivere faciam, percutiam, et ego sanabo, et non est qui de manu mea possit eruere.* De modo que o exhortar-vos eu a que vos resolveaes a querer morrer, não é senão exhortar-vos a que morraes bem e em graça de Deus; o qual, segundo mostra a vossa enfermidade, quer que morraes d'esta doença. Pelo que, meu irmão, humilhae-vos deante do Senhor, pondo-vos nas suas poderosas mãos. E aos desejos que vos vem de não querer morrer, opponde-vos, dizendo: Para que são estes desejos, se o morrer eu ou o deixar de morrer não está nas minhas mãos, mas nas mãos de Deus? E para fazerdes ainda muito mais illustre a vossa victoria, accres-

centae: E ainda quando na minha mão estivesse, vendo eu que meu Senhor o quer assim e que quer que eu queira morrer, morrer quero por fazer sua santissima vontade.

O outro meio é o imaginardes muitas vezes que Deus vos diz: *Dispone domui tuæ, quia morieris tu, et non vives*. Trata, homem, de dispôr das coisas de tua alma, porque certamente não viverás, pois estás já proximo a morrer. E esta sentença tende-a sempre preparada: porque com ella vencereis todos os desejos de viver, dizendo: A que fim me perseguem estes desejos, se já se tem chegado o ultimo prazo da minha vida? Quero pois obedecer a meu Creador e tratar de dispôr de minhas coisas, ordenar todos os meus affectos, todas as minhas obras á outra vida, á Patria Celestial.

CAPITULO XX

Do terceiro estado dos enfermos, que são os que estão conformes com a divina vontade. E em que consista o modo de ajudal-os.

O modo de ajudar os enfermos d'este terceiro estado que, como fica dito, é d'aquelles que estão confôrmes com a vontade de Deus e que podem exercitar-se em actos das virtudes, consiste em ensinar-lhes o modo com que (para agradarem a Deus na sua afflicção) se hão de haver com o medico; com quem os governa e serve:

com a enfermidade; com o mesmo Deus; e como hão de combater só por só com o demonio, quando se acharem no quarto estado da doença.

CAPITULO XXI

De como se deve haver o enfermo com o medico

O modo que deve ter o enfermo com o medico, é que considere ao medico e as medicinas como obras da Bondade e Providencia de Deus, que foi servido de provêr ao homem nas suas enfermidades de medicos e remedios, dando a estes virtude natural de sararem, e áquelles o conhecimento das enfermidades para sua opportuna e tempestiva applicação. Em segundo logar, deve saber que se Deus não der actual luz ao medico e actual concurso á virtude da medicina, nem esta produzirá o seu effeito, nem o medico conhecerá o mal e a sua causa. Do que se devem colher tres coisas. A primeira é, que a prompta Confissão Sacramental tambem serve muito para a saude do corpo; porque attendendo Deus á pureza da consciencia, ouvirá os clamores e orações do enfermo. e assim (se fôr conveniente) dará ao medico o verdadeiro conhecimento do mal, e á medicina a actual virtude e effeito de saude. A segunda é, que os ricos e poderosos não confiem na multidão dos medicos, nem nas suas juntas e muitas experiencias; e igualmente os pobres não se entristeçam, nem

descónfiem, vendo-se desamparados dos soccorros das creaturas, mas uns e outros igualmente confiem em Deus e se entreguem de todo a Deus, o qual dá saude com medicos e sem medicos, segundo é servida sua divina vontade. A terceira é, que posto que toda a nossa dependencia e confiança deva ser de Deus e em Deus, todavia somos obrigados, podendo, a procurar ser assistidos de bons medicos e obedecer-lhes em tudo quanto nos ordenam.

CAPITULO XXII

**Como se devem haver os doentes com os seus
enfermeiros**

E porque os enfermos ordinariamente, pelo muito que padecem, se tornam melancolicos, e pezados na assistencia e cura que se lhes faz; tambem se deve isto antevêr, avisando-os com tempo e exhortando-os á paciencia, recebendo qualquer cura e serviço que se lhes fizer com animo quieto, ainda que não sejam assistidos como convinha, ou assim lhes pareça por estarem aborridos.

Para que pois não caiam nos vicios da impaciencia e ingratitude, se lhes dirá tambem que, quando lhes não pareça bem feito aquillo que se lhes faz por servir-os, a si mesmos secretamente, e em seu coração se digam : Callá, calla, ingrato e impertinente, que n'este tempo o teu parecer não

é bom, nem sabes julgar do que á tua saude te convém. Quando porém verdadeiramente se lhes falte em alguma coisa, devem ser aconselhados que obrem como prudentes e como bons christãos, escusando ou dissimulando o seu desgosto e recebendo tudo agradecidos com alegre semblante. E faltando-se-lhes ainda a muitas coisas precisas, diga-se-lhes que nem por isso devem perder a paciencia; mas que lembrando-se de seus peccados e do muito que devem á Divina Justiça, com rendimento de graças recebam aquellas faltas por pena e satisfação de seus peccados; considerando que é muito melhor para elles purgal-os aqui com pouco merecimento, que com muito no Purgatorio, e sem merecer coisa alguma. E que se lembrem que o Cordeiro Divino entre tantas suas crudelissimas penas não pôde, estando na Cruz, haver ao menos um pucaro de agua. Oh meu irmão, se seubesseis quantos enfermos ha por esse mundo de tal modo desamparados do soccorro humano, que as mesmas pedras (não digo já os homens) se moveriam á piedade se os vissem, e comtudo com soffrido e socegado animo louvam a Deus. E farieis vós, porventura, muito se os imitasseis, tendo por outra via tanta assistencia, tanto soccorro e tantas commodidades?

CAPÍTULO XXIII

**De que modo se deve haver o enfermo
com sua enfermidade**

Porque a enfermidade afflige e causa dôres ao enfermo; portanto o unico e melhor modo para se haver bem com ella, é o soffrel-a e o ter paciencia. Para a levar pois n'esta fórma, trataremos de o animar com as seguintes considerações:

Sem duvida não ha maior indiscrição nos homens, que o não querem tolerar as coisas adversas, e as dôres que consigo traz a vida humana, visto que não as podem escusar. Nem é tambem pequeno motivo a nos envergonharmos, vêrmos que não nos acostumamos a soffrel-as com animo tranquillo. Porque se reputamos por coisa injuriosa e digna de maior confusão, que saia máo estudante quem por muito tempo frequentou as escólas; que se ha de dizer de quem apenas nascido entrou logo no theatro das afflicções e dôres d'esta nossa miseravel vida, e nem ainda depois de muitos annos passados sabe dar na paciencia a menor lição? Quem tem passado já-mais a sua vida sem dôres? Os nossos primeiros paes quam depressa cahiram desde as delicias do Paraizo terrestre no abysmo das dôres d'esta infeliz vida? Que agudas dôres sentiram em seus peitos quando com tantas maldições foram lan-

çados do Paraizo, quando com o suor de seus rostos grangeavam o mesmo pão que comiam, quando viram a espantosa morte de seu filho Abel, coisa nunca até alli vista nem succedida no mundo? E ainda assim tudo soffreram com animo tranquillo. Quem dos Prophetas, quem dos Patriarchas e reis tem passado sem padecer algumas dôres? Qual de nós chegará jámais ao agudo das dôres de Abrahão quando comsigo conferia a morte que era preciso dar com suas proprias mãos a seu unico e tão desejado filho, o innocente Isaac, por obedecer a Deus? Quem ao amargo pranto de Jacob, quando viu tinta em sangue a tunica do seu amorosissimo José? Quem penetrará nunca as dôres de David, fugindo do seu Real Palacio perseguido d'um ingrato filho a quem elle tanto amava? E por deixar á parte outros muitos, que diremos das amargas e penetrantes dôres d'el-rei Sedecias, quando privado do reino lhe mataram na sua presença os proprios filhos, e depois tirando-lhe os olhos foi levado (ligados os pés com duros e asperos grilhões) aos carceres de Babylonia? E com tudo isto, ainda assim, louvou e deu graças ao Senhor. Se depois voltarmos os olhos ao Testamento novo, quem não vê deante de todos o nosso Capitão Jesus Christo, que com toda a verdade foi chamado *Vir dolorum*, Varão de dôres? Logo sua Santissima Mãe Maria e Senhora Nossa, mar grandissimo de dôres e amarguras. Depois todos os outros membros d'este mystico corpo da Igreja, os Apostolos, os Martyres, os Pontifices, os Con-

fessores, as Virgens e todos os mais Santos, cheios de inexplicaveis dôres e atrocissimos tormentos.

Se pois, irmão, não ha quem viva e quem passe sem padecer dôres, unico é o remedio: padecer-as com paciencia e com louvar a Deus; porque d'este modo tantas serão as dôres, quantas serão as preciosas pedras da corôa com que no Céu seremos premiados por nosso amorosissimo Redemptor.

CAPITULO XXIV

Do modo de exercitar o enfermo á paciencia, e da arte de tolerar as afflicções

Para além do sobredito darmos ao enfermo o modo e a arte de tolerar com paciencia as dôres e afflicções da enfermidade, se lhe persuadirá que lance repetidas vezes todo o seu pensamento a um dos pontos que se seguem, fallando sempre comsigo, d'este ou semelhante modo:

Dize-me, corpo miseravel: e por que razão não queres tu comer dos fructos amargos de que sempre, em umas ou em outras occasiões, a natureza humana se sustentou? Para que me serve a mim a impaciencia, se ella me não livra das dôres, mas as augmenta com maior rigor? Não será grande loucura se, tendo eu o corpo enfermo, permittir que se me enferme tambem o entendimento, quando se o conservar constante e são toda outra qualquer molestia me será menor? Este meu

corpo, esta minha carne, acaso não é um dos principaes inimigos meus? Porque pois me afflijo e me atormento tanto com o seu trabalho? Não tenho eu offendido tão gravemente a Deus, por dar gosto e deleite a este corpo e a esta carne? Porque logo agora me não alegro muito de que com estas suas dôres se satisfaça a offensa de meu Senhor? Se não ha mercador que não compre, podendo-o fazer, a pouco custo as mercancias de melhor lote e de melhor sahida, como deixarei eu de comprar-me o Céu com estas breves e tão ligeiras dôres, esperando-me o possuir n'elle uma rica corôa de gloria eterna? *Id enim, quod in præsenti est momentaneum, et leve tribulationis nostræ, supra modum in sublimitate, æternum gloriæ pondus operatur in nobis, non contemplantibus nobis quæ videntur, sed quæ non videntur; quæ enim videntur temporalia sunt, quæ autem non videntur, æterna sunt,* diz S. Paulo. II. ad Corinth. IV. Que mercancia póde haver como esta tão rica, se se comppra com o pouco o muito, com o temporal o eterno? Ditoso sou, e sobre todo o encarecimento feliz, pois me acho na occasião de tão seguro emprego. E assim, affligindo-me eu e doendo-me contra toda a razão, devo considerar que, se quero ser membro de Christo, nenhuma razão ha para que debaixo da bandeira d'um Capitão coroadado de espinhos haja de militar um soldado delicado, sem armas semelhantes ás do seu Capitão. Eu quero entrar no Reino dos Céos? Logo por muitas tribulações me é preciso passar *Per multas tribulationes oportet nos introire in Re-*

gnum Dei. Nem isto me deve parecer estranho, quando o nosso Capitão Jesus Christo, Deus e Senhor Nosso, fallando de si mesmo disse: *Nonne hæc oportuit pati Christum, et ita intrare in gloriam suam?*

Além d'isto se dirá ao enfermo, que de mais das sobreditas considerações, quando se sentir agravado das dôres, suba logo com o pensamento às dôres que o Redemptor Jesus Christo sentiu no decurso de sua Paixão (detendo-se já em um passo, já em outro), porque entregando-se profundamente a estas considerações, sem duvida as suas dôres se adoçarão de modo que, ou quasi não as sentirá, ou as sentirá muito menores. Servir-se-ha tambem das orações jaculatorias por este modo:

Depois que tiver considerado ao nosso Redemptor agonisando no Horto e suando rios de sangue, dirá: Ah Senhor e Deus meu, sêde servido por memoria, e em virtude das afflicções e angustias que tolerastes no Horto, de dardes forças á minha fraqueza, para que possa tolerar estas dôres e quaesquer outras por vosso amor. Outras vezes, depois de haver ponderado por algum espaço n'um dos mysterios da Paixão, fará muito por imaginar com a mais profunda e possivel reflexão, que o Senhor crucificado lhe põe os olhos, e lhe diz: Eis aqui, filho meu, quanto por ti padeço. Agora quero vêr como tu supportas estas tuas poucas dôres por amor de mim; e se te parece coisa dura o tolerar estas dôres, faze-te violencia em tua mesma fraca condição, porque só

esta é a que arrebatava o Reino do Céu, e a vista intuitiva de mim mesmo e de meu Eterno Pae, em que se funda e estabelece toda a eterna Bem-aventurança.

Tambem com os actos repetidos de darmos graças a Deus por nos fazer dignos de padecer por seu amor alguma leve tribulação, se vem a alargar o coração, dispondo-se de todo á paciência e alegrando-se de que haja alguma coisa que possamos offerecer a Deus, junto com as dôres de seu Unigenito Filho, e com as de Maria Santissima, e de todos os Martyres e de mais Santos, por todos os nossos apertos e mais graves necessidades.

CAPITULO XXV

Do que deve fazer o enfermo com Deus

O que o enfermo deve fazer com Deus, é unir-se muito e muito com este Senhor, mediante a Fé, a Esperança e a Caridade, juntas com a mais intima dôr das suas offensas, o que se faz na fórma seguinte, ou em outra semelhante:

Não ha meio mais poderoso para induzir o enfermo ás sobreditas virtudes, que a consideração da bondade de Deus, a qual se irá descobrindo ao enfermo de tempo em tempo, com a declaração d'estes pontos: que Deus é nosso Creador, Redemptor, Rei, Sacerdote, Sacrificio, Advogado, Intercessor, Pastor, Mantimento, Pae, Ca-

pitão, Medico, Mestre, Exemplo, Caminho, Gosò, Vida, Honra, Gloria e todo o Bem; accrescendo depois da declaração de cada um d'estes pontos, este ou semelhante modo de dizer:

A este pois tão benigno Senhor haveis vós tanto offendido, e ainda assim não vos lançou subitamente no inferno como merecieis; mas tem-vos tolerado, soffrido e sempre por varios modos vos tem chamado a si. Não vos parece que o deveis amar com todo o coração, com todo o entendimento, com todas as forças? que deveis doer-vos de havel-o offendido, e esperar na sua bondade não só o perdão de vossos peccados, mas ainda qualquer bem de que necessitaeis? Ora pois, fazei actos d'estas virtudes, excitando-vos ao seu amor, á dôr da sua offensa e á esperança na sua infinita Bondade.

Entre a declaração de qualquer dos sobreditos pontos (o que tambem cede em gosto e grande utilidade dos circumstantes) se poderá tambem metter algum passo da Escriptura ou da vida de algum Santo que declare a Bondade de Deus, ajuntando-lhe algum pensamento dos bens celestiaes, para que o coração do enfermo se accenda, se allivie e se console; o que se faz, dizendo por exemplo: *Cum invocarem, exaudivit me Deus.* Assim está Deus preparado a ajudar-nos em nossas necessidades, que parece d'um certo modo, que todo o seu gosto consiste em fazer-nos bem. Lançae o pensamento a qualquer parte que quizerdes, que sempre ali achareis prompto ao Senhor. Se olhaes para o Céu, para a terra, para as plan-

tas, para o mar, para todos os animaes, ahi e em qualquer outra coisa achareis sempre a Deus, dando a tudo (por amor de vós) continuamente o sêr, a virtude e as operações. Ainda se olhardes para os demonios, nossos inimigos, ahi achareis a Deus, restringindo-lhes e limitando-lhes o poder, para que tanto, e até alli, e não mais, vos possam tentar, para exercicio das virtudes e prova de vossa fidelidade. Se entramos no nosso coração, eis ahi que n'elle achamos a Deus, que nos reprehende do mal, nos exhorta ao bem e nos promette o Céu, e assim mesmo se lhe obedecemos.

A declaração da parábola do filho prodigo é muito a proposito para os enfermos temerosos da Justiça de Deus, ponderando-se bem as clausulas d'ella: *Cum adhuc longe esset, vidit illum Pater ipsius, et misericordia motus est; et occurrens cecidit super collum ejus. Et osculatus est eum. Cito proferte stolam primam, et induite illum. Et date annulum in manum ejus, et calceamenta in pedes ejus. Et adducite vitulum saginatum, et occidite, ut manducemos, et epulemur. Quia hic filius meus mortuus erat, et revixit; perierat, et inventus est.*

Que ingratidão, dissei-me vós, é a nossa, quando assim offendemos a tão benigno Pae? Quem não esperará perdão de qualquer grave peccado seu? Oh que felicidade de quem depressa morre, porque depressa vae vêr aquelle Creador que lhe formou os olhos, a lingua, a face e todo o corpo, e lhe creou a alma á sua imagem e semelhança! aquelle Redemptor que com o proprio sangue e

dolorosissima morte lhe seguiu a salvação! Eia, vamos pois a vêr a belleza e formosura do nosso Deus; a qual é tal e tanta, que não só enche e farta os sentidos humanos e angelicos, mas ainda a capacidade infinita do mesmo Deus, que é a mais inteira e completa felicidade, porque é sua fórma de belleza tão unica, que, sendo sempre continuamente vista e desde *ab æterno* attendida pelos mesmos olhos de Deus, todavia tem fixa em si aquella mente divina e bemaventurada, sem que se divirta nunca nem se possa divertir jámais por qualquer estranho objecto; e não só nunca o enfastia, mas lhe occasiona sempre incomprehen-siveis e ineffaveis glorias. Oh graça ineffavel, concedida ao homem, que n'aquella mesma belleza seja bemaventurado, em que é bemaventu-rado o mesmo Deus! Preciosa logo chamarei a esta vossa enfermidade, pois que livrando-vos do desterro vos manda para a Pátria; livrando-vos do mundo vos manda o Céu; de tantos perigos para o porto seguro; de tantas misérias para a Bemaventurança de Deus.

CAPITULO XXVI

Do modo de nos aproveitarmos das occasiões que occorrem para fazermos que o enfermo esteja sempre unido a Deus

Não faltam occasiões para que se fomente o affecto do enfermo em actos de virtude e celes-

tiaes pensamentos. Do mesmo medico tomaremos occasião, tanto que elle se despedir, de fallarmos ao enfermo por este modo: Já estaes, meu irmão, visitado do medico; ouvistes o que mandou fazer em ordem á vossa enfermidade: elle trata sómente da saude de vosso corpo, que é de terra e que, ou assim ou assim, para a terra enfim ha de tornar; e visita-vos duas vezes cada dia, e porque vos visita lhes pagaes. Ora voltae agora o pensamento a outro melhor Medico, ao Medico celeste, o qual cura e dá saude não só á alma, que é immortal; mas tambem ao corpo, quando mais convém e é expediente. Este é o nosso Deus, Creador e Redemptor. Este só é o em que achaes benignidade para perdoar-vos todos os vossos erros, quem sara todas as vossas enfermidades, quem redime vossa vida immortal do poder da morte eterna, e quem finalmente vos corôa com a sua infinita misericordia. *Qui propitiatur omnibus iniquitatibus tuis, qui sanat omnes infirmitates tuas, qui redimit de interitu vitam tuam, qui coronat te in misericordia, et miserationibus.* Nem este Senhor visita só duas vezes o enfermo, mas com elle está de continuo, livrando-o dos males e procurando-lhe todos os bens: *Cum ipso sum in tribulatione*; nem outra paga quer que o nosso amor: aquelle amor digo, que nos faz obedecer aos seus Mandamentos, que nos faz arrepender quando o offendemos, que com humildade e fé nos faz correr depressa a sua infinita piedade. Quantas d'estas e semelhantes graças tendes recebido d'este Divino Medico? Fazei pois já assento

no seu amor, e dissei com todo o affecto: Louva, alma minha, ao Senhor; e todas as minhas potencias louvem seu Santo Nome. Louva, louva, alma minha, ao Senhor, nem de tantos beneficios te chegues alguma hora a esquecer: *Benedic anima mea Domino, et omnia quæ intra me sunt nomini sancto ejus. Benedic anima mea Domino, et noli oblivisci omnes retributiones ejus.* E porque não commettaes um gravissimo erro, deveis advertir que já que vós, obedecendo ao medico, tendes tomado voluntariamente tantas medicinas amargas ao gosto, só por conseguir a saude (ainda que incerta) de um corpo corruptivel, com muito maior razão e com maior affecto, rendendo a Deus as devidas graças, deveis receber qualquer amargura em vossos sentidos e potencias, por obedecer-lhe em tudo e fazer sua santissima vontade. E ficae n'isto mui advertido, porque n'isto não vae menos que a honra de Deus e a salvação da vossa alma.

Além d'isto, se poderá dizer tambem ao enfermo: Não se ha visto jámais, nem se ouviu de medico algum terreno, que por sarar a doença do seu enfermo tomasse sobre si a doença, nem a quizesse tomar e adoecer; nem ainda que tomasse os remedios, e as medicinas amargas e desabridas. Sómente sabemos que com muito gosto recebem a paga, os mimos e os regalos que lhes fazem os enfermos. Não assim o nosso Medico Divino, que tudo aquillo fez pela nossa saude: *Verè languores nostròs ipse tulit, et dolores nostros ipse portavit;* elle bebeu o amargo calix da

nossa medicina: *Calicem quem dedit mihi Pater non vis, ut bibam illum?* e elle da mesma sorte tomou sobre seu delicadissimo corpo os remedios de infinitas dôres, só afim de nos dar saude: *Ipse autem vulneratus est propter scelera nostra, et livore ejus sanati sumus*; motivo que o fez romper n'aquelles amargosissimos suspiros: *Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Oh impia ingratidão a d'aquelle que não ama a este Medico, que não obedece a este Senhor, nem quer padecer por seu amor qualquer pequena molestia!

Succedendo que sangrem ao enfermo, se lhe poderá dizer: Vós, irmão, vos tendes sangrado, porém em uma só veia, e em muito pouca quantidade, e pelo amor que tendes a esse vosso corpo corruptivel; e com uma muito bem apon-tada lanceta vos sangraram, para que vos não fizessem mal, nem sentissemos dôr, mas nosso crucificado Medico quiz por vosso amor que o sangrassem em todas as partes de seu sacratis-simo corpo, á força de crudelissimos açoites, de agudos espinhos e de duros cravos. Oh ineffavel e doce amor! *Oh bone Jesu, sis mihi quæ os Jesu.* Oh bom Jesus, sêde para mim Jesus. Saibaes o que nos succede quando fallamos do amor que Deus tem ao homem? Justamente o que succede ao que vae encher ao mar uma bilha de agua; que por mais vezes que vá e a leve cheia para sua casa, sempre o mar fica conservando a sua immensidade, como se nada lhe houvessem tirado. Assim digo nos succede a nós, emquanto

discorremos do amor divino; que por muito que se encham nossos entendimentos do conhecimento d'este Senhor, o que fica por conhecer-se é sempre infinito e immenso, sem termo e sem limite.

Tomando motivo das respeitadas visitas que se fizerem ao enfermo, se lhe dirá: Eis aqui quantos vêem a visitar-vos e confortar-vos por diverso modo: mas nosso Redemptor, estando na Cruz, quiz que as visitas que se lhe fizessem fossem tormentos e opprobrios: *Prætereuntes autem blasphemabant, moventes capita sua, et dicentes: Vah qui destruis Templum Dei, et in triduo reedificas illud, salva te metipsum, si Filius Dei es, descende de Cruce.*

Quando houver tomado alguma purga, ou houver lavado a bocca, lhe diremos: Vós por graça do Senhor tendes purgado o peito, e tendes também lavado a bocca; mas nosso Salvador, para que purgassemos nosso coração de culpas e peccados, soffreu que lhe affeiassem com salivas aquella sacratissima face em que não ousam os Espiritos Angelicos pôr seus olhos: *Tunc expuerunt in faciem ejus.*

E vendo que o enfermo se volta de um lado para o outro lado, lhe diremos: Vós, irmão, vos viraes de uma parte para a outra, e nem assim achaes descanso. E a razão d'isso é a enfermidade. Isto mesmo é o que succedeu á vossa alma quando, deixando a Deus, adoeceu, atando-se e prendendo-se ás creaturas: volte-se ella para onde melhor lhe parecer, que em nenhuma coisa

achará jámais descanso : *Verso*, disse Santo Agostinho, *et reversa in tegrum, et in latera, et in ventrem, dura sunt omnia*. Porque só Deus é a paz e descanso de nossa alma. Em Deus pois, se quereis descanso, deveis pôr o vosso coração; passae de um a outro acto de amor seu, e só ahi achará descanso o vosso pensamento. Com as dôres de vosso corpo, e na esperança da sua bondade encontrareis o maior allivio.

Vendo sobre o bufete varios pucaros, vasos e outras miudezas necessarias á cura do enfermo, se lhe dirá: Que de aguas, licores e outras muitas coisas estão aqui para vosso recreio e para vosso remedio? Mas ao Filho de Deus, o vaso que se lhe preparou estava cheio de fêl e vinagre para seu tormento: *Vas autem erat positum aceto plenum*. Considerae um pouco a nossa ingratição; que vendo que nosso Redemptor tolerou tanta amargura por nossa salvação e por purgar-nos de nossos peccados, em recompensa de acções de amor tão infinito procuramos dar-lhe n'elles cada vez mais novos e maiores tormentos, e maiores e novas amarguras.

As flôres também que costumam vêr-se nas camaras dos enfermos, podem ser occasião de elevar o enfermo seu pensamento a Deus, com dizer-lhe: Lançae um pouco os olhos de vossa alma desde estas flôres terrenas áquella Flôr Divina, o Filho de Deus, porque não vos faltarão ahi suavidades de amor e consolação. *Ego*, diz elle, *flos campi*. Eu sou a flôr do campo. A flôr do campo deve a graça e o sêr que logra, não á industria

dos homens, mas ao cuidado do Céu; não tem dono certo, mas é de quem a quer e de quem primeiro a colhe. Está sujeita não só aos pés dos homens, mas lambem aos dos animaes que a pisam. Da mesma sorte, digo, o Filho de Deus, no purissimo ventre de Maria Santissima, não encarnou por obra de varão, mas do Espirito Santo: *Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi*. Não é esta Flôr santissima d'este ou d'aquelle sómente, mas de quem a quer gosar, no amor e obediencia de seus divinos preceitos *Si quis vult venire post me, tollat crucem suam, etc.* Não esteve sujeita esta Divina Flôr sómente a S. José e sua Santissima Mãe: *Et erat subditus illis*, mas á irracional vontade dos phariseos e judaica plebe: *Ego sum vermis, et non homo, opprobrium hominum, et abjectio plebis*. E somos nós taes e tão soberbos (o que é digno da maior admiração e de que se chore com eternas lagrimas), que as resoluções de nossa vontade nem ao menos as queremos sujeitar á vontade de Deus!

A cabeceira da cama e as almofadas nos dão ainda materia de fallar ao enfermo, dizendo-lhe: Vós, irmão, tendes onde descansar a cabeça; mas o Filho de Deus não têm onde possa reclinar a sua; do que muito se queixa, quando diz: Teem covas os animaes, ninhos as aves do Céu; mas ao Filho de Deus, Creador de tudo, até lhe falta em que reclinar a cabeça: *Vulpes foveas habent, et volucres Caeli nidos, Filius autem hominis non habet ubi caput reclinet*. Ou como se dissera: Assim sou eu despresado do homem creado á minha

imagem e semelhança, e redimido com o meu sangue e com a minha morte, que mais depressa dá lugar no seu coração á vaidade e enganos que lh'o atormentam e lhe dão a morte, que a mim que lhe communico a paz e que lhe dou a vida ! Por este modo, pois, poderemos de qualquer coisa tomar occasião de fallarmos ao enfermo e aos circumstantes, afim de o accendermos com actos novos ao amor de Deus, á dôr de suas offensas e á esperança de eterna gloria.

CAPITULO XXVII

Que coisa se ha ãe dizer, tomando o Crucifixo nas mãos

A's vezes se tomará o Crucifixo nas mãos, e como se este Senhor fallasse, diremos assim ao enfermo: Para que vejas bem quanto te quero, creatura minha muito amada, me pponho deante de teus olhos pendente d'esta Cruz, com esta cabeça traspassada de espinhos, com estas mãos e pés rasgados com cravos, com este lado aberto, solto o Espirito e entregue nas mãos do Eterno Padre, para que applacado se digne de fazer pazes contigo e de te receber á sua amizade.

O que considerado, adorará o enfermo o Santo Crucifixo, dizendo assim : *Ave rex noster, tu solus nostros es miseratus errores. Patri obediens, ductus es ad crucifigendum, ut agnus mansuetus ad occisionem.* Sejaes bemdito, Deus e Senhor Nosso,

de cuja misericórdia só nos podia vir o perdão das nossas culpas. Sacrificado por obediência de vosso Eterno Pae, fostes levado a crucificar, e ahi, como innocente cordeiro, por meu remedio vos dignastes de entregar a vida. Depois, em particular, adorará aquella Santissima Cabeça, submergindo n'aquellas Chagas todos os pensamentos soberbos e vãos, com os quaes nunca houvera offendido a Sua Divina Magestade, dizendo: Sede servido, Redemptor meu, em virtude d'estas sacratissimas Chagas, de me perdoar qualquer peccado que por pensamento haja commettido. E adorando as Chagas das mãos, pedirá perdão de todas as suas más obras. E na adoração dos pés o perdão de todos os affectos terrenos. Ultimamente, adorando o sacratissimo lado, se submergirá todo com todos os pensamentos, palavras e obras com que tiver offendido a Deus, para que ahi se limpe e purgue das manchas do peccado, e fique seguro de todo o assalto e livre de todo o mal, dizendo do mais intimo do coração e com a mais intensa dôr de suas culpas: *Dominus fortitudo mea, Dominus firmitamentum meum, et refugium meum, et liberator meus*. Meu Senhor é a minha fortaleza, meu Senhor é o meu amparo, meu Senhor é o meu refugio e quem me livra de meus inimigos.

Poder-se-ha tambem, tendo ainda o Crucifixo nas mãos, dizer ao enfermo: Pela virtude d'estas Chagas, d'este corpo sacratissimo crucificado, vos coroará o Padre Eterno no Céu com a corôa da Bemaventurança. E por estas costas tão rotas e tão chagadas, vos dará a estóla das eternas felici-

dades. Estas mãos rasgadas vos teem fabricado no Céu uma cadeira de gloria. As chagas d'estes pés vos teem franqueado o caminho do Paraizo e segurado a entrada aos gostos sempiternos. Offerecei pois ao Eterno Padre, rendendo-lhe infinitas graças, este seu Santissimo Filho crucificado, pedindo-lhe que por elle vos conceda todos estes bens sobreditos, dizendo-lhe: Deus meu e Pae de nosso Senhor Jesus Christo, ponde os olhos em vosso Filho Unigenito, e em virtude de suas santissimas obras me perdoae meus peccados e me fazei digno de que vos veja no vosso Reino, para que ahi vos louve e vos adore sem fim. E ás vezes se procurará que o enfermo beije as chagas do Santo Crucifixo com todo o affecto e com a mais viva fé que lhe fôr possível excitar em seu coração.

CAPITULO XXVIII

Do modo de armar o enfermo para a batalha que ha de ter de só a só com o commum inimigo

Poderá ser (dir-se-ha ao enfermo) que n'esta enfermidade, lá pelo fim d'ella, se vos impeçam as faculdades da lingua e ouvidos, de sorte que não possaes fallar nem ouvir: e n'este tempo, é certo que se não descuidam os nossos inimigos de combater, para que se lhes ceda e fiquemos vencidos. Mas não vos assusteis por isso: *Plures enim nobiscum sunt, quam cum illis*. Porque muito mais

poderoso é o esquadrão que nos defende que o que contra nós combate. Persuadir-vos-heis acaso que Deus durma? que Christo crucificado esteja já cansado de obrar na vossa salvação? que Maria Santissima e o exercito d'esses Espiritos Bemaventurados não estejam preparados em vossa defesa? Se o demonio tem ancia raivosa e proterva vontade da vossa perdição, infinitamente maior é a amorosissima vontade que Deus tem da vossa salvação. E se o demonio sabe enganar e tem para isso alguma força e grande ardil, infinitamente é n'essa parte vencido pela Sabedoria e Poder de Deus. E por dizermos tudo n'uma palavra: tanto poderá o demonio, tanto saberá, e tanto tentará, quanto lhe permittir aquelle mesmo Senhor que vos quer salvar. De maneira que tudo está na mão de um Deus que ineffavelmente vos ama e vos quer bem. Quereis mais boa nova que esta? Com tudo isto, Deus quer que nós da nossa parte estejamos advertidos e armados contra os assaltos dos inimigos, os quaes n'estes trances ultimos costumam ordinariamente tentar com suggestões contra a Fé e contra a Esperança, e com tentações de presumpção e illusões.

CAPITULO XXIX

Do modo de se armar o enfermo contra
as tentações da Fé

No fim da primeira parte do Combate Espiritual, tratamos d'estas tentações no tempo da morte,

mas muito brevemente ; e assim aqui trataremos d'ellas mais diffusamente, como em proprio lugar. E para que possaes combater com pouca molestia e com victoria na batalha contra a Fé, deveis fugir de todo o discurso sobre ella, deixando-vos estar retirado n'esta fortaleza: Eu creio tudo quanto crê, tem e ensina a Santa Madre Egreja de Roma. E se comtudo vierem os assaltos fortificados com auctoridade da sagrada Escriptura (que todos serão certamente muito mal allegados e truncados no sentido), não façaes d'elles caso nem os considereis, que d'este modo tudo se desvanecerá a modo de cêra ao fogo, e de fumo ao ar. Estareis tambem advertido que ás vezes vos virão alguns pensamentos que parecem em favor da Fé ; vós porém não lhes dareis ouvidos de nenhum modo ; porque tudo isto é arte do demonio para se abrir a porta e enredar-vos depois o entendimento com disputas e questões. E para vol-o dizer n'uma palavra, e n'ella vol-o recommendar infinitas vezes, vos protesto e torno a advertir que n'este passo vos contenteis e socegueis absolutamente com a sobredita segura defensa, dizendo sómente *Eu creio tudo quanto crê, tem e ensina a Santa Madre Egreja de Roma*. Porque querer saber curiosamente o enfermo, n'estes ultimos combates, o que crê, como crê, quanto crê e porque crê, é de muito grande perigo. Por isso a toda a pergunta ácerca da Fé, e a qualquer pensamento sobre ella, vos fazei surdo, ainda que se vos representasse que os Anjos do Céu ou o mesmo Crucifixo vol-o pediam, por dar-vos materia de

merecimento, dizendo ainda então: Eu creio tudo quanto crê, tem e ensina a Santa Madre Igreja de Roma; nem além d'isto por ora quero saber outra coisa.

Adverti, porém, que ainda que tudo isto que vos tenho dito seja um poderosissimo remedio, todavia todo o vosso asylo deve ser a Omnipotencia, Bondade e Misericordia de Deus, porque não é o arco ou a espada do homem quem salva ou dá a victoria ao homem, mas só a mão direita da virtude divina. Recorrei pois a Deus muitas vezes com o pensamento, pedindo-lhe por sua infinita Bondade vos livre e faça sahir a salvamento de tantos perigos.

CAPITULO XXX

Da protestaão da Fé

Dir-se-ha ao enfermo que diga o Credo; e depois se lhe perguntará: Não crêdes vós, meu irmão, tudo isto e quanto crê a Santa Igreja Romana? Não quereis vós viver e morrer n'esta santa, certa e segura Fé? Levantae pois o pensamento a nosso Creador, dizendo-lhe: Senhor e Creador meu, não só fostes servido por vossa infinita Bondade de me crear á vossa imagem e semelhança; mas de mais a mais vos dignastes de que eu nascesse de paes catholicos, e que tambem vivesse n'esta Fé Catholica Romana, do

que vos dou infinitas graças. E porque todas as vossas obras são perfeitas, e infinita a vossa Bondade e Misericórdia, vos peço sejaes servido de que se aperfeiçoe em mim esta vossa graça, fazendo-me também morrer n'esta mesma Fé Catholica; porque esta é a minha ultima e resoluta vontade, e assim o declaro deante de vós, Creador e Redemptor meu, deante de vossa Santissima Mãe a Immaculada sempre Virgem Maria, na presença do meu Anjo da Guarda, de S. Miguel Archanjo, dos Anjos e Santos do Céu e de todos estes circumstantes: e vós peço, Senhor meu, pelas entranhas d'aquelle ineffavel amor, que vos fez descer do Céu á terra, sejaes servido de me guardar para que não caia. E quando por minha grande desgraça de algum modo cahir, fazei que me levante depressa; porque desde agora para então, detesto e abomino qualquer quéda, duvida ou acio de desagrado vosso, pedindo-vos d'elle perdão.

Implorará também o enfermo o patrocínio de Maria Santissima, do seu Anjo Custodio, de S. Miguel Archanjo e dos Santos de sua devoção. E tudo isto o fará muitas vezes no dia.

CAPITULO XXXI

Do combate contra a esperança, e de sua defesa

Tres são os principaes argumentos com que o demonio procura prostrar por terra a esperança.

O primeiro é dando a entender que as confissões passadas não foram bem feitas. O segundo, que a graveza e multidão de nossos peccados não é capaz de perdão. O terceiro, que a nossa conversão é tarde e muito vagarosa. O modo de nos defendermos da primeira bateria, é facil a quem tambem se acha prompto e apto a tratar com o seu Confessor, dizendo-lhe: Padre meu, isto e isto me afflige e me molesta; que vos parece, Padre, que deva eu fazer? Depois de haver feito o que o Confessor lhe houver aconselhado e ordenado, livre-se muito de mais cuidar n'aquillo, nem de dar ouvidos aos argumentos com que o demonio o inquietar. Tambem para aquelles que (por proximos á morte) não podem andar discorrendo sobre as acções da vida passada, é o remedio muito facil. Devem-se estes dizer a si mesmos: Eu tenho para mim que as confissões passadas, pela misericordia de Deus, foram boas: mas em caso que por alguma minha falta o não fossem, a mim me peza, Senhor meu, pedindo-vos d'isso perdão, confiado no Sangue e Morte de vosso Santissimo Filho, meu Redemptor; e estou prompto a fazer quanto devo, se me concederdes forças e tempo para isso. E isto bastará: depondo n'esta parte todo o desmaio e covardia.

Para resposta do segundo argumento, nós sabemos muito bem que o mesmo Salvador do mundo tem dito que veio ao mundo para salvar os peccadores: que encarnou e nasceu pelos peccadores: que pelos peccadores se deteve no mundo trinta e tres annos: que pela salvação dos pec-

cadores prégou e ensinou sua divina doutrina; e que pelos peccadores padeceu tantas penas e tormentos na Cruz, morrendo n'ella por elles. Porventura não disse Deus por bocca do seu Propheta no antigo Testamento: *Quiescite agere per, verse, discite bene facere, venite, et arguite me, dicit Dominus: si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur; et si fuerint rubra sicut vermiculus, velut lana alba erunt?* Quasi dizendo: *Parae em obrar temerariamente contra minha Lei, tratae de fazer obras dignas de Christãos, e então vinde, e argui-me, se vos faltar com a minha graça. Peccadores, se vos arrependerdes de vossos peccados, eu vos digo que não olhará mais para elles a minha justiça; e que os passará de trevas á luz a minha misericordia.* E no Testamento novo em sarar Christo a sogra de S. Pedro, em resuscitar o unico filho da viuva de Naim e a Lazaro de quatro dias morto, não se declara manifestamente que não ha peccado que não perdoe o misericordioso Deus a quem com humildade e fé recorre a seus divinos braços?

O terceiro argumento só com uma proposição da Escriptura se desfaz e acaba de todo, e é esta: *Impietas impii non nocebit ei, in quacumque die conversus fuerit ab iniquitate sua.* A maior maldade do peccador mais impio lhe não prejudicará nada deante de Deus, tanto que devéras e de todo o coração se converter a este Senhor, pedindo-lhe perdão de seus peccados.

CAPITULO XXXII

Do terceiro assalto, que é a presumpção, e do modo
de rebater os inimigos

Vencidos os inimigos nos dois sobreditos assaltos, costumam accommetter com o terceiro assalto da presumpção; o que succede por dois principaes modos. O primeiro é, presumindo nós das nossas obras e segurando n'ellas a nossa salvação. O segundo é, dar-mo-nos a entender que somos de Deus particularmente amados, e mais que os outros favorecidos. Emquanto ás obras, por duas razões, entre outras, se engana uma alma em segurar-se n'ellas. A primeira é porque nós não sabemos se são acceitas a Deus; e a outra porque depois de algumas boas obras se póde cahir em algum peccado que nos agenceie para sempre a morte eterna. Sobre o presumir pois de que Deus se tem havido comnosco com mais singular misericordia que com outros, não se offerece dizer outra coisa senão que esta presumpção é uma grandissima soberba, a qual se deve fugir e aborrecer de morte; e assim dirá frequentemente o enfermo: *Nescit homo, utrum odio, an amore dignus sit. Non intres in judicium cum servo tuo, Domine; quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.* Não sabe ninguem se é digno do amor ou do odio de Deus. Não entreis, Senhor,

em juízo com vosso servo; porque não póde haver deante da vossa face quem comvosco se justifique.

CAPITULO XXXIII

De algumas advertencias para o ultimo passo da morte

Se por desgrça (assim dirá ao enfermo quem lhe assiste), se por desgrça, ou pouca advertencia vossa cahirdes em alguma duvida da Fé, ou em pensamentos de desesperação, presumpção, infidelidade ou coisa semelhante, não vos perturbéis nem percaes o animo, ainda que os inimigos vos dissessem que já não ha ahí mais que fazer, que já estaes condemnado. Mas se podérdes, confessae-vos logo, e não podendo confessar-vos dizei (se o não podérdes com a bocca, com o coração): *Deus, propitius esto mihi peccatori*. Meu Deus, lembrae-vos d'este peccador. E se podérdes fazei algum signal de arrependimento, de dôr e de contricção; por quelogo quem vos assiste vos ajudará. Levantae repetidas vezes o pensamento ao patrocínio de Maria Santissima, do vosso Anjo da Guarda e dos outros Santos da vossa devoção, começando a acostumar-vos desde agora.

Fazei tambem desde agora (para que vos lembreis) memoria de que quando eu vos mostrar as chagas dos pés d'este Crucifixo, vos exhorto á humildade e temor santo de Deus, dizendo em

vosso nome: *Non intres in iudicio cum servo tuo, Domine*. E quando vos mostrar as chagas das mãos, vos chamo á esperança dos merecimentos de Christo, dizendo por vós: *In te Domine speravi, non confundar in æternum*. E que quando vos mostrar o Lado aberto, vos convido ao seu amor, dizendo em pessoa vossa: *Diligam te, Domine, fortitudo mea*. E que com mostrar-vos todo o Crucifixo, de novo vos convido ao amor e á esperança, dizendo por vós: *Jesus sis mihi Jesus*. E que levantando eu as mãos ao Céu, digo em vosso nome: *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus*. E que pondo-vos deante a Imagem da Beattissima Virgem, em pessoa vossa digo: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ; Tu nos ab hoste proteges, et in hac hora mortis suscipe*. Não desejaes vós, meu irmão, que eu em vosso nome diga e forme as sobreditas orações e affectos, e tudo o mais que Deus me inspirar? Entendo que me respondeis que sim. Estae pois muito conforme, e confiae muito em quem vos tem creado e redimido. Guardae-vos muito de nunca jámais desejar visões; e vendo-as, não façaes d'ellas caso, nem as adoreis por muito que a isso vos persuadam. Mas voltando-vos com o entendimento e com a vontade para o Santo que essas visões representam, adoraes-o no Céu; e se representarem a Maria Santissima, adoraes-a ao lado de seu bemdito Filho; e representando ao Filho de Deus, adoraes-o á mão direita de seu Eterno Pae ou no Santissimo Sacramento do Altar.

CAPITULO XXXIV

Do que se deve dizer quando o enfermo communga
por Viatico

Chegado o Santissimo Sacramento á casa do enfermo, antes que este commungue se lhe dirá: Eis aqui o unico Salvador do mundo, escondido debaixo dos accidentes d'esta Particula consagrada. Eis aqui está aquelle bemdito Filho que o Eterno Pae, pela infinita e ineffavel caridade com que nos amou, se dignou mandar ao mundo: *Propter nimiam charitatem suam, qua dilexit nos Deus, misit Filium suum in mundum*. Aqui, digo, está escondido o Cordeiro immaculado, que morreu na Cruz por tirar os peccados do mundo: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi*. Não crêdes firmemente que, comendo d'este Divino Pão, quando estamos legitimamente dispostos e preparados, recebemos muitos favores e graças do Céu? e que, entre as mais, n'este ultimo tempo vos dará esforço e será guia para a vida eterna? Não tendes desejo de recebê-lo pelos sobreditos effeitos, e por fazer-lhe n'isso sua santissima vontade? Não vos reconheceis indigno de um tão grande bem? e de receber dentro de vosso peito a esse immenso Senhor? Dizei pois: *Domine non sum dignus, etc.*

CAPITULO XXXV

Do quarto estado dos enfermos, que são os que não sentem muito ou os que com difficuldade podem fazer algum acto de virtude

Pozémos no quarto estado os enfermos que já pouco ou nada sentem. O modo de ajudar a estes será levantar repetidas vezes a consideração a Deus, pedindo e rogando por elles, pelo seguinte ou semelhante modo :

Eis aqui, Creador do Céu e da terra, esta vossa creatura que com tão alto conselho e amor creastes á vossa imagem e semelhança. Não a desprezeis, Senhor, ainda que encontreis pelos seus peccados defeituosa a obra de vossas mãos. Eis aqui, Verbo encarnado, aquella creatura já carne vossa; não vos retireis d'ella, Senhor, porque, ainda que despida de boas obras, a podeis vestir de vossos bens e merecimentos, assim como nos mandaes a nós que o façamos com os outros. Eis aqui, Legislador Divino, esta vossa creatura, em seus peccados inimiga vossa; perdoae-lhe, Senhor, e fazei-lhe bem, ainda que vossa inimiga; porque assim mandaes que o façamos nós a nossos inimigos. Eis aqui, bom Pastor, a ovelha perdida, em busca da qual haveis corrido n'este valle de lagrimas trinta e tres annos. Não permittaes, Senhor, que de vossos divinos hombros caia nas mãos dos lobos infernaes; mas reduzi-a ao vosso

rebanho. Eis aqui, Redemptor do mundo, a creatura pela qual haveis tolerado os inexplicaveis tormentos da Cruz; não a desampareis, meu Deus, agora, ainda que vos tem sido ingrata. Salvae-a, Senhor, em memoria d'aquellas angustias que fostes servido padecer no Horto; em virtude das vossas sacratissimas Chagas, do vosso Sangue e da vossa Morte.

Com alguns versos dos Psalmos se irá também ajudando ao enfermo, apropriados, segundo a sua necessidade. Se o enfermo é tímido, se dirá: *Adjutor meus, et liberator meus es tu, Domine, ne moreris. In te Domine speravi, non confundar in æternum. In te speraverunt Patres nostri, speraverunt, et liberasti eos. Ad te clamaverunt, et salvi facti sunt: in te speraverunt, et non sunt confusi. Deus ne elongeris à me. Deus meus in auxilium meum aspice. Deus in adjutorium meum intende, Domine, ad adjuvandum me festina. Deus noster refugium, et virtus, adjutor in tribulationibus, quæ invenerunt nos nimis. Miserere mei Deus, miserere mei, quoniam in te confidit anima mea, et in umbra alarum tuarum sperabo, donec transeat iniquitas. Domine, vim patior, responde pro me; quare tristis es anima mea, et quare conturbas me? Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi salutare vultus mei, et Deus meus. Quam dilecta tabernacula tua Domine virtutum, concupiscit, et deficit anima mea in atria Domini. Beati qui habitant in domo tua Domine, in sæcula sæculorum laudabunt te. Convertere Domine, et eripe animam meam, saluum me fac propter no-*

men tuum, et misericordiam tuam. Eripe me de inimicis meis Domine. Clamavi ad te, dixi. Tu es spes mea, portio mea in terra viventium.

Se se teme que o enfermo presuma de si mesmo e das suas obras, os versos que se rezaram serão estes: *Non intres in iudicium cum servo tuo, Domine, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens. Si iniquitates observaveris Domine, Domine quis sustinebit? Non enim in arcu meo sperabo, et gladius meus non salvabit me. Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam. Deus propitius esto mihi peccatori.* E se dirá também muitas vezes: *Jesus sis mihi Jesus, Jesus, Maria, Jesu adjuva me propter temetipsum, et Matrem tuam. Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, Tu me ab hoste protege, et in hac hora mortis suscipe.* Faça-se-lhe muitas vezes o signal da Cruz na fronte, nos olhos, na bocca e no peito, dizendo em cada signal: *Jesus, Maria, Jesus, Nazarenus Rex Judæorum salvum me fac in nomine tuo.* E repetidas vezes também se lhe lançará agua benta. Lêr-se-lhe-ha também a Paixão de Christo. Rezar-se-lhe-hão as Ladainhas e outras orações que ensina o Ritual a este fim. Advertir-se-ha aos circumstantes que roguem por elle; e por varios modos cada um attenderá a ajudal-o, lembrando-se que disse o Senhor: *Pela regra que medirdes aos outros, por essa mesma sereis medidos: Qua enim mensura mensis fueritis, remittietur vobis.*

CAPITULO XXXVI

Que se ha de fazer, tanto que morrer o enfermo

Morto que fôr o enfermo, é bem que os que lhe assistimos nos retiremos á parte para que a sua familia attenda (sem lhe darmos incommodo) a compôl-o e amortalhal-o, e entretanto lhe rezaremos o Officio dos Defunctos. Depois, tornando aos enojados, lhes poderemos fallar assim :

Louvo-vos muito, senhores, que choreis, porque agradável é a Deus o chorar pelos mortos, e é signal de coração humano. E' bem verdade que as lagrimas necessitam de modo e de medida, para que uma acção tão louvavel não se torne em viciosa. E para começardes a moderar o pranto, ouçamos o que a cada um de nós nos diz este defuncto, ainda que lhe não ouvimos a voz : *Memor esto* (diz elle) *judicii mei, sic enim erit et tuum. Mihi hodie, et tibi cras*. Já eu estou morto, nem se ha mister muito para que vós morraes tambem ; e assim vos rogo que vos lembreis que assim como me chegou a hora de apparecer no juizo de Deus, assim tambem a vós vos chegará esta hora quando menos o imaginardes. Toda a differença que ha entre mim e vós, consiste só entre hoje e ámanhã ; hoje se dobra por mim e ámanhã se dobrará por vós. Só de hontem para hoje se póde dizer que o homem vive, tão velozmente se passa esta sombra de vida ; porque vida

verdadeira só o é aquella do Céu. Para que fim pois tão amargas lagrimas por mim? Se se deve chorar, choraes por vós tambem, que todavia caminhaes ao termo da morte. E para dizel-o melhor: se quereis bem a mim e a vós, deixae o pranto, porque este a mim não me aproveita, e a vós, sendo demasiado, vos prejudica ao corpo e á alma. Gastae pois o tempo das lagrimas em rogar a Deus por mim, considerando que os juizos de Deus acham nas almas dos mortos mais que purificar do que vulgarmente se crê; e eu, como quem tanto vos quer, vos exhorto ás virtudes, ao amor de Deus e do proximo, e ao desprezo do mundo. Que me teem a mim aproveitado os deleites da carne, os caprichos, a soberba e a vaidade do mundo? Eis aqui que tudo, á maneira de vento rapido, tem passado. E só o que d'isto me ficou são as acerbas penas que por graça de Deus (como deveis esperar), não no inferno mas no Purgatorio, vou a experimentar; onde vos peço que me ajudeis com todos aquelles meios que ensina a Santa Egreja Romana. E por acabar o meu discurso, de novo vos peço que trateis de fazer na vida aquillo que quereis ter³ feito no ponto da morte. Oh que dôr, oh que dôr, é cuidar então no bem que se podia ter feito e nas occasiões que se teem perdido de o fazer, não o havendo feito! Oh quantos bens eternos se perdem! Oh quantos se perdem, miseravel e cego mundo! Sêde, pois, irmãos meus, sabios, entendidos e prudentes, encaminhando toda a vossa vida ás ultimas necessidades e á morte; porque

n'isto está e vos vae tudo; e tudo o mais é coisa perdida, nada mais que a vaidade e sempre vaidade.

CAPITULO XXXVII

**Do quinto e ultimo estado dos enfermos
que é o dos convalescentes**

No quinto estado temos posto os convalescentes. A estes fallaremos assim: Eu creio que n'esta enfermidade tendes, senhor, entendido muitas coisas; porque com maior conhecimento haveis advertido que sois mortal, e que as coisas do mundo velozmente passam: que o vosso apego ás creaturas é mais tenaz que imaginaveis, pois não tão facilmente e sem dôr vos dispunheis a desatar-vos; e que o haver de dar s'cripta conta a Deus de toda a vida, é materia que tremendamente atemoriza e faz terror. Mas que doce e suave é a memoria d'aquellas boas obras que se fizeram! O que deveis colher de tudo isto, é que á maneira de um prudente capitão, reconhecendo as vossas faltas e fraqueza do vosso coração, attendaes a fortificar-vos com toda a diligencia n'este resto da vida que vos fica: porque assim, vindo a morte, vos achará tão disposto e preparado, que em lugar de morrerdes, fareis passagem a uma vida eterna. E isto faz-se d'este modo:

Todas as manhãs, tanto que acordardes, imaginareis que se vos dizem aquellas palavras: *Dis-*

pone domui tuæ, quia morieris: Trata, homem, de dispôr das coisas de tua alma, porque hoje morrerás. E como se só tivésseis de vosso este dia presente, tratae de em todas as vossas acções trazer limpa a vossa consciencia, de mortificar as vossas paixões, desprezando o mundo e adorando com actos de virtude a vossa alma, por agradar a vosso Deus e Senhor. Para fazerdes tudo isto, necessitae de muita vigilancia, violencia, oração, meditação e da frequencia dos Santos Sacramentos. Deveis pois acostumar-vos a vigiar sobre o vosso coração, para que se desate ou se não deixe prender jámais das creaturas, e sentindo n'isto trabalho, fazei-vos violencia e recorrei logo á oração, dizendo d'este ou sémelhante modo: *Ah Senhor, livrae-me de meus inimigos, e de toda a prisão e apego ás creaturas; ajuda-me, Deus meu, para que não ceda áquelles movimentos, que forem contrarios á vossa divina vontade*. A meditação depois será andar cuidando em alguma das acções da vida do Filho de Deus e nos mysterios da sua Cruz; reconhecendo que este Senhor todo se deu a si mesmo e dispendeu tudo por vós, não repugneis nem duvideis de sujeitar-vos todo ás disposições da sua santissima vontade, a qual não quer outra coisa que o vosso maior bem; e tal bem que não se pôde comprehender, pois vos quer consigo na Gloria para que vos sustenteis com o mesmo manjar de alegria, perfeição e benção de que elle proprio eternamente se sustenta. E se mais largamente quereis a legitima fórma de viver e regular vossas

acções e vossas paixões desordenadas, e ornar-vos de virtudes com o mais de que necessitaeis, podereis servir-vos da primeira parte do Combate Espiritual, e do primeiro e segundo tratado d'esta segunda parte; porque n'elles se vos ensina tudo.

CONCLUSÃO DO TRADUCTOR

Mas porque poderá succeder que, ou pelo continuo das vossas occupações ou por vos não ficar na memoria o diffuso de tantas doutrinas, vos escuseis da resolução de pratical-as, ou (o que muitas vezes succede) por parecer-vos aspero o caminho da Cruz, da Virtude e da mortificação. não acabeis de dar-vos de todo aos exercicios santos, tão necessarios á reforma da vossa vida e ao maior bem da vossa alma: no seguinte capitulo vos offereço um como extracto ou quinta essencia de todas as doutrinas até aqui expostas n'estes tratados, tão prática e tão facil que por ella entenderéis ser muito suave o caminho da Cruz, da mortificação e do amor de Deus: e que não póde haver desculpa para deixar de nos darmos aos exercicios da virtude e devoção.

CAPITULO UNICO

Doutrina breve, utilissima e facil na pratica (digna de os Padres Confessores a persuadirem a todos os que confessam, de qualquer estado que sejam), em cujo exercicio, mediante a graça de Deus, uma alma pôde em breve tempo não só emendar todos os descuidos e erros de sua vida passada, mas tambem adquirir altissimos grãos de perfeição

Diz o Senhor: Se alguém quizer ser meu Discipulo, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, cada dia e siga-me com ella: *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam quotidie, et sequatur me.* Luc. ix. xxiii.

Negarmo-nos a nós mesmos e tomarmos a nossa cruz, é mortificar-nos segundo as leis da recta razão, e do amor e temor de Deus; quebrantando em tudo nossas más inclinações e appetites, ou estes sejam interiores ou exteriores.

Os exteriores são todas aquellas paixões e habitos que procedem dos nossos cinco sentidos, irregulados e pervertidos; ou já de todos juntos ou de qualquer d'elles em particular.

Os interiores são os que, tendo por principio e raiz o amor proprio vicioso, rompem nas paixões da preguiça, do odio, da vangloria, da presumpção, do esquecimento de Deus, do desprezo de sua santissima Lei, da ingratição á sua infinita Bondade, e de tudo o mais que nos aparta da propria salvação.

Mas porque estes appetites e inclinações, ou interiores ou exteriores, são os nossos mais poderosos inimigos, por serem os mais intimos e confôrmes com a nossa depravada natureza: e esta, como fraca e amante de si, não se resolve a oppôr-se-lhes e combatêl-os com as armas da própria abnegação, por estimar como aspero, duro e trabalhoso o haver de continuar uma peleja que deve certamente durar por toda a vida portanto, o nosso amorosissimo Capitão e Redemptor Jesus Christo (que é aquelle Deus que, feito homem, disse de si que viera ao mundo para fazer a vontade de seu Eterno Pae, negando-se á sua propria, bem que era justa, santa e divina: *Non veni in mundum ut faciam voluntatem meam, sed voluntatem ejus, qui misit me Patris*), vendo na nossa fraqueza o grande horror que nos occupava, por havermos de andar sempre e sempre por toda a nossa vida armados contra nossas más inclinações: e reconhecendo tambem a necessidade que havia de combatermos e vencermos estes mais que tyrannos inimigos, nós inculca um modo suavissimo de o podermos fazer, muito diverso d'aquelle que nós apprehendemos, e que se nos representa na difficuldade que temos a entrar n'esta batalha.

Este é o proposto n'aquella clausula do Evangelho em que o Senhor nos diz que tomemos cada dia esta nossa cruz, que com ella o sigamos: *Tollat Crucem suam quotidie, et sequatur me*: como se dissera: Para seguides, como meus Discipulos e como meus Soldados, na abnegação

da vossa vontade, a estrada que eu, vosso Mestre e Capitão, segui na abnegação da minha, deveis tomar cada dia a vossa cruz, independente um dia de outro dia. Não diz o Senhor: *Tollat Crucem suam semper*, Andae sempre com a vossa cruz, mas: *Tollat Crucem suam quotidie*, Andae cada dia com a vossa cruz: querendo que a repetição de tomal-a fosse em cada dia como acto novo, sem depender o dia de hontem d'este novo e presente dia.

Que se bem na realidade e na substancia o mesmo é tomarmos cada dia esta nossa cruz, que trazermol-a continuamente aos hombros (pois não é digno de lograr eternamente a vista de Deus quem pelos movimentos ingratos de sua perversa natureza, ou pelos de sua tibieza e frouxidão, toma e larga repetidas vezes a sua cruz, como disse o mesmo Senhor: *Qui non bajulat crucem suam, et sequitur me, non est me dignus Qui mittit manum suam ad aratrum, et respicit retro, etc.*); comtudo no modo suave com que o Senhor pretende persuadir-nos o peso ligeiro, leve e momentaneo d'esta cruz, para que com ella o sigamos, não é assim.

Porque se sériamente e com ponderação attendemos á natureza de tudo o creado, e ainda á do mesmo tempo successivo, no qual nenhuma coisa ha nem póde haver que não tenha tambem successiva a sua duração, independente o primeiro instante d'ella do outro instante que se lhe segue, claramente veremos que todo o combate, mortificação, abnegação da vontade e mais

exercícios de virtude necessários á nossa salvação, e expressados metaphoricamente n'esta cruz, que o Senhor nos inculca e nos aconselha, ou não dura mais que um instante ou, quando muito, dura o breve espaço de poucas horas: isto é, aquelle limitado tempo em que nos achamos acordados, desde que pela manhã despertamos até que á noite de novo adormecemos, ou (alarguemos mais este espaço) não dura mais que um dia.

Que isto seja assim, evidentemente consta e se comprova com a mesma successiva ordem das coisas, e o podeis vêr e tocar nas vossas mesmas mortificações.

Porque a cruz, dôr e trabalho que vós hontem padecesteis em refrear vossos appetites e vossas más inclinações, é certo que (emquanto á dôr real, pela violencia do combate) já hoje o não sentis nem vos atormenta: nem ainda a abstinencia, cilicio, disciplina e mais mortificações de hontem vos doem, affligem ou molestam hoje.

O trabalho tambem que padecereis ámanhã em semelhantes assaltos e mortificações, como coisa incerta o havel-o de passar e soffrer, é tão contingente como o são todos os futuros; porque vós ámanhã ou podereis adoecer ou podereis morrer, ou talvez pôr-se-hão de modo as coisas da vossa vida que nem padeçaes nem vos mortifiqueis em coisa alguma. E isso só Deus o sabe. E ao menos é sem duvida, que na realidade ainda hoje vos não molestam nenhuma das penas que ámanhã vos haverão, ou vos não haverão de molestar. Para que logo hoje vos dei-

xeis atormentar por força de vossa activa imaginação, em uma coisa que ou será ou não será, e que é certo que ainda está por vir, e da qual não podeis com realidade dizer que infallivelmente succederá?

Se pois manifestamente se colhe que é vão, inutil e ocioso o deixar-vos preoccupar d'este cuidado e afflicção nas contingencias e successos futuros do dia de amanhã, pois não tendes verdade certa e infallivel do que amanhã vos hade acontecer: mui claramente vêdes que todo esse grande horror que vos faz o caminho da virtude (que reputaes por tão aspero, duro e rigoroso) se vem toda a reduzir, se o considerarmos bem, a um pequeno e limitado trabalho, facililissimo de levar, qual será o que hoje padecereis no combate de alguma ou algumas de vossas paixões interiores ou exteriores, ou no exercicio de qualquer virtude, penitencia e mortificação; o qual trabalho e exercicio, tanto por cada vez será menor na sua força e no seu rigor, quantos houverem sido os actos que fizerdes para os continuar, ou para contra elles combater.

Para alcançardes pois facil e brevemente aquella felicidade a que tanto aspiram por meio de muitos trabalhos e continuos exercicios de mortificação aquellas Almas bemaventuradas que hoje logram na vista de Deus o premio d'elles, e isto com infallivel assistencia da graça do Senhor, que é o principio e causa de todas as virtudes, vos exercitareis cada dia na seguinte pratica:

Formareis logo pela manhã, em acordando, a idéa de que este grande conflicto e combate entre vosso espirito e vossa natureza repugnante não durará mais que n'este dia presente; não pondo vosso cuidado, nem ainda vossa lembrança, no dia de amanhã, mas fixando só vossa intenção em haverdes de gastar bem (ainda que combatido de qualquer obstaculo, ou de algumas de vossas paixões) este presente dia em maior proveito da vossa alma e serviço de Deus, reservando absolutamente no vosso coração o cuidado do dia de amanhã sómente para esse dia de amanhã.

Que se bem esse dia de amanhã vos poderá ser trabalhoso com a occasião de varias tentações e muito pesado e afflictivo pelos perigos em que talvez vos vereis; tambem poderá ser que vos seja dia de muito gosto e de grande jubilo espiritual, e que n'elle vos não aconteça nenhuma d'essas ruinas, perigos e tentações (natureza propria dos futuros, que não teem determinada verdade e falsidade); nem isso vós o sabeis, nem com certeza o podeis saber.

E então quando esse dia de amanhã chegar (revestido já com as qualidades de novo dia e de dia presente), então sim, que deveis procurar ratificar logo, e reforçar de novo as mesmas primeiras tenções e exercicios do dia antecedente, como se n'elle nada houvesseis obrado. E n'este dia, então, obraceis e poreis em execução aquillo que Deus vos inspirar (segundo a pureza de intenção com que vos achardes), ou tambem (e isso

será o melhor) o que o vosso Confessor ou Padre espiritual vos mandar que façaes.

E sendo (ainda no reputado rigor e aspereza da vida espiritual) tão facil de observar-se esta praxe em que toda esta vida se funda: *Si quis vult venire post me, abneget semetipsum et tollat crucem suam quotidie et sequatur me*: quem, querendo conquistar o Céu e lograr eternamente a vida de Deus, dirá que é aspero, duro e rigoroso o caminho da cruz, da mortificação e da santissima Lei do Senhor, havendo de ser levada e tolerada essa cruz, mortificadas estas paixões, negada essa propria vontade, sómente pelo breve espaço do dia de hoje? o qual pela misericordia de Deus contém ainda mais espaço de tempo para merecimentos, que o que de nós temos; pois de nós não temos mais que este unico instante indivisivel em que nos achamos.

O exercicio é o seguinte, ou em parte ou em todo, segundo o pedirem as regras da discrição e necessidade precisa, conforme as occasiões:

Negae-vos hoje totalmente a vós mesmo.

Negae-vos hoje a vosso proprio juizo.

Negae-vos hoje a vossas más inclinações.

Não façaes hoje vossa propria vontade, no que

reconhecerdes que repugna á bondade de Deus e á sua santissima Lei.

Sêde hoje em tudo fiel ás divinas inspirações, obrando tudo o que se vos representar melhor, conferindo-o primeiro com os dictames da prudencia e boa razão; se poderdes, conferi-o primeiro com o vosso Padre espiritual, por evitar-des alguma illusão do demonio, revestido em anjo de luz.

Tende hoje em vossas acções muita modestia.

Fallae hoje só o preciso.

Não cuideis nem falleis hoje nas acções e vidas alheias.

Sustentae-vos hoje com o que basta para viverdes, comendo menos do que vos pedir o appetite; e se tendes saude comei do mais grosseiro que se vos pozer na meza; porque é regra geral, que quem se não mortifica no licito e innocente, pouco ou nada se mortificará no que fôr illicito e peccaminoso.

Fugi hoje no exterior de todas as singularidades, salvo as que não podeis evitar sem offensa de Deus, ou mortal ou venial.

Mortificalae hoje no interior as paixões predominantes, como se disseramos as da ira, da preguiça, do odio, do amor das creaturas desordenado, ou outras quaesquer.

Mortificalae hoje no exterior vossos cinco sentidos, particularmente aquelle que conhecerdes que mais pretende hoje sua propria satisfação.

Se alguém hoje vos desgostar e vos der que sentir, soffrei-o hoje por amor de Deus, não vos

defendendo mais que o que pedir o obsequio da verdade, e não procurando desaggravar-vos.

Andae hoje armado de algum cilicio, particularmente se sairdes fóra de casa; ou se, logrando saude esperaes na vossa algumas visitas que não possaes impedir e que vos possam ser ruina em qualquer materia.

Se hoje vos achardes apertado pela vehemencia de alguma forte tentação, dissimulae-a suavemente e sem afflicção, com um santo engano, dizendo no vosso interior e ainda na bocca, á vozes: *Hoje não é dia de cuidar n'estas coisas; hoje é o dia em que devo mortificar-me; ámanhã*, (eis aqui a dissimulação e o engano suave), *ámanhã* *discorreremos sobre isto devagar, ámanhã tomaremos a resolução que nos parecer.*

Finalmente, fazei muito hoje por não desagradar voluntariamente a Deus na minima acção vossa, e procuraes andar hoje quanto mais podêrdes na divina presença por meio da oração ou lição espiritual, ou ao menos occupado em exercicios innocentes e honestos, e conforme ao vosso estado e profissão.

Em conclusão: não vos embaraçando, nem vos affligindo hoje sobre qual haverá de ser ámanhã o progresso ou regresso na vida espiritual; desejando só que n'este dia de ámanhã se faça em tudo a vontade de Deus, e lançando n'este Senhor todo o vosso cuidado, e desconfiando muito de vós mesmo com verdadeira humil- dade e conhecimento de vossa propria miseria: se este Senhor vos chegar com vida a esse

dia de amanhã, começado que fôr, já como novo dia e como dia presente o saudareis; e deixando já o cuidado do dia de hontem que passou, com todos aquelles enganos com que dissimuladamente differistes as resoluções, repetireis (como que de novo começas n'este novo dia) os mesmos bons propositos e resoluções passadas; e tomando de novo a vossa cruz, começareis a seguir na abnegação de vós mesmo, e em todas as mais mortificações, aquelle Senhor que tambem com a sua Cruz ás costas e com todos os tormentos que padeceu, a si mesmo se abnegou *Non mea, sed tua voluntas fiat*. E, finalmente, procurando viver n'esse dia ainda muito mais exacta e devotamente do que vivestes no dia de hontem, emendareis n'elle as faltas que hontem commettestes, independentemente tambem do dia que a este ha de seguir-se; no qual, e nos mais em quanto viverdes, vos hãvereis na mesma fôrma como se em cada dia começasseis n'este dia.

Não falta Deus com a sua graça a quem, fazendo da sua parte quanto póde, procura ser fiel a suas divinas inspirações.

Animae-vos pois e resolvei-vos a praticar esta doutrina tão facil, tão util e tão suave. E comece já desde hoje a pratical-a (particularmente n'aquellas clausulas em que hoje reconhecerdes mais necessitado vosso espirito), que eu vos asseguro em Nome d'aquelle Deus, que ha uma eternidade que ama vossa alma para o Céu, e que para abrir-vos suas portas derramou todo o seu divino e precioso Sangue na Arvore da Cruz,

que por instantes ireis experimentando em vosso espirito cada vez mais maior fortaleza, maior rigor e maior facilidade, para de novo tomardes ámanhã na vossa cruz a mesma tomada resolução, com a qual conseguireis sem duvida aquelle bemaventurado fim para que o mesmo Senhor vos creou.

FIM.



INDICE

PRIMEIRA PARTE

Elogios	v
Breve noticia da vida do Veneravel Padre D. Lourenço Scupoli	xvii
Ao Soberano Capitão e Gloriosissimo Triumphador Jesus Christo Filho da Virgem Maria	xxi
Introducção	1
Capitulo I. Em que consiste a perfeição christã	31
Cap. II. Da desconfiança de nós mesmos	38
Cap. III. Da confiança em Deus	41
Cap. IV. Como se pôde conhecer se o homem obra com desconfiança de si e com confiança em Deus	44
Cap. V. De um erro de muitos que teem a pusillanidade por virtude	45
Cap. VI. D'outros avisos para adquirirmos a desconfiança de nós mesmos e a confiança em Deus	46
Cap. VII. Do exercicio. Em primeiro logar do exercicio do entendimento, o qual devemos muito bem guardar da ignorancia e curiosidade	48
Cap. VIII. Das causas por que não vemos claramente as coisas e do modo que devemos ter para conhecêl-as bem	50
Cap. IX. De outra coisa de que deve fugir o entendimento para poder bem conhecer	52
Cap. X. Do exercicio da vontade e do fim a que se hão de dirigir todas as acções interiores e exteriores	55
Cap. XI. De algumas considerações que induzem nossa vontade a querer tudo só pelo fim de agradar a Deus	61

Cap. XII. De muitas vontades que ha no homem, e da guerra que fazem entre si umas contra outras	62
Cap. XIII. Do modo com que se deve pelejar contra os movimentos da vontade inferior ou sensual, e dos actos que deve fazer a nossa vontade superior ou racional para adquirir os habitos das virtudes	66
Cap. XIV. Que se deve fazer quando a vontade superior parece vencida e totalmente subjugada pela inferior, e por seus inimigos	72
Cap. XV. De algumas advertencias sobre o modo de pelejar, e especialmente contra quem, e com qual virtude se ha de combater	76
Cap. XVI. De que maneira o soldado de Christo se ha de armar ao combate pela manhã	78
Cap. XVII. Da ordem que se ha de guardar em combater as paixões viciosas	81
Cap. XVIII. Do modo de resistir aos movimentos repentinos das paixões	82
Cap. XIX. Do modo de combater contra o vicio da sensualidade	84
Cap. XX. Do modo de combater contra a negligencia	91
Cap. XXI. Como se devem governar os sentidos exteriores, e como d'elles podemos passar á contemplação da Divindade	96
Cap. XXII. Como as mesmas coisas nos servem de meio para regularmos nossos sentidos, passando d'ellas á meditação do Verbo Encarnado e aos mysterios de sua Vida e Paixão	100
Cap. XXIII. De outros modos com que devemos regular e governar nossos sentidos, conforme as varias occasiões que se offerecerem	102
Cap. XXIV. Do modo de governar a lingua	109
Cap. XXV. Que para pelejar bem contra os inimigos, deve o soldado de Christo fugir com todo o esforço ás perturbações e inquietações do coração	112
Cap. XXVI. Do que havemos de fazer quando somos feridos pelo inimigo	116

Cap. XXVII. Da ordem que guarda o demonio em combater e enganar, assim aos que desejam seguir a virtude, como aos que já são escravos da culpa	119
Cap. XXVIII. Dos combates e enganões de que usa o demonio com aquelle que já tem no captiveiro do peccado	120
Cap. XXIX. Da arte e dos enganões com que o demonio tem enleado aquelles que conhecendo seu mal quereriam livrar-se d'elle, e da causa por que os nossos bons propositos sahem muitas vezes sem effeito	122
Cap. XXX. Do engano d'aquelles que cuidam que estão no caminho da virtude	125
Cap. XXXI. Do engano e guerra que nos faz o demonio para que deixemos o caminho que nos guia á virtude	127
Cap. XXXII. Do ultimo assalto e engano acima proposto, com que o demonio procura que as virtudes já adquiridas nos sejam occasião de ruina	132
Cap. XXXIII. De alguns avisos para vencer as paixões viciosas e adquirir novas virtudes	141
Cap. XXXIV. Que as virtudes se hão de adquirir pouco a pouco, exercitando-nos n'ellas pelos seus grãos, e applicando-nos a uma primeiro e depois ás outras	145
Cap. XXXV. Dos meios para adquirir as virtudes, e como devemos usar d'elles para applicar-nos a uma só por algum tempo	147
Cap. XXXVI. Que no exercicio da virtude se ha de sempre caminhar com cuidado e diligencia continuada	150
Cap. XXXVII. Que devendo-se continuar sempre no exercicio das virtudes, não se deve fugir ás occasiões que se offerecerem para conseguil-as	152
Cap. XXXVIII. Que se devem amar muito todas as occasiões de combater por alcançar as virtudes, principalmente aquellas que trazem consigo maior difficuldade	155

Cap. XXXIX. Como nos podemos valer de diversas ocasiões para o exercicio d'uma mesma virtude	158
Cap. XL. Do tempo que se ha de gastar no exercicio de cada virtude, e dos signaes por que podemos conhecer o nosso aproveitamento	160
Cap. XLI. Que não devemos deixar vencer-nos do desejo de livrar-nos d'aquelles trabalhos que soffremos com paciencia, e do modo de guardar nossas paixões para que nos possam aproveitar	163
Cap. XLII. Do modo com que nos devemos oppôr ao demonio quando procura enganar-nos com a indiscrição	165
Cap. XLIII. Quam poderosa seja em nós a nossa má inclinação e a instigação do demonio para induzir-nos a julgar temerariamente do nosso proximo, e do modo com que lhes devemos resistir	168
Cap. XLIV. Da oração	172
Cap. XLV. Que coisa seja Oração mental	178
Cap. XLVI. Da Oração por via da meditação	180
Cap. XLVII. Do outro modo de orar por via da meditação	182
Cap. XLVIII. Do modo de orar por meio da intercessão da Sacratissima Virgem Maria Senhora Nossa	183
Cap. XLIX. De algumas considerações para que recorramos com fé e confiança á Sacratissima Virgem Maria	186
Cap. L. Do modo de meditar e orar, mediante a intercessão dos Anjos e Santos do Céu	188
Cap. LI. Da meditação da sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, e como se podem tirar d'ella varios affectos	191
Cap. LII. Do proveito que podemos colher da meditação do Senhor crucificado, e da imitação de suas virtudes	198
Cap. LIII. Do Santissimo Sacramento da Eucharistia	204
Cap. LIV. Do modo de receber o Santissimo Sacramento da Eucharistia	206
Cap. LV. Como nos havemos de preparar para a sa-	

grada Communhão, para excitarmos em nós o amor para com Deus	210
Cap. LVI. Do modo de nos prepararmos para a sagrada Communhão, quando é chegado o tempo de a irmos receber	216
Cap. LVII. Da Communhão espiritual	221
Cap. LVIII. Da acção de graças	223
Cap. LIX. Da oblação ou offerta de nós mesmos	225
Cap. LX. Da devoção sensível e da secura de espirito	229
Cap. LXI. Do exame da consciencia	236
Cap. LXII. Que é necessario continuar n'esta batalha, combatendo sempre até á morte	238
Cap. LXIII. Do modo com que nos devemos preparar contra os inimigos que nos assaltam na hora da morte	240
Cap. LXIV. De quatro assaltos que nos dão os inimigos na hora da morte, e em primeiro lugar do assalto contra a Fé e do modo de nos defendermos d'elle	241
Cap. LXV. Do segundo assalto, que é a desesperação, e de sua defesa	243
Cap. LXVI. Do terceiro assalto, que é o da vanglória	245
Cap. LXVII. Do quarto assalto, que é o das illusões e falsas apparencias no instante da morte	246

SEGUNDA PARTE

Prologo	251
-------------------	-----

TRATADO PRIMEIRO

APPENDICE AO COMBATE ESPIRITUAL

Cap. I. Que coisa seja a perfeição christã	253
Cap. II. Que é necessario combater para alcançarmos a perfeição christã	254
Cap. III. De tres coisas de que necessita o novo soldado de Christo	255

Cap. IV. Da resistencia e violencia que devemos fazer á nossa vontade, e do modo de governar estas armas nos combates que se nos offerecem	256
Cap. V. Que devemos velar de continuo sobre nossa vontade, para conhecermos a que paixão se acha ella mais inclinada	258
Cap. VI. Como arrancada a primeira paixão, que é o amor das creaturas e o amor proprio, e dando-o a Deus, todas as mais paixões ficam logo bem reguladas e ordenadas	260
Cap. VII. Que convém muito soccorrer e ajudar a vontade humana	262
Cap. VIII. Como com triumphar do mundo fica grandemente soccorrida a vontade humana	263
Cap. IX. Do segundo soccorro da vontade	266
Cap. X. Das tentações da soberba espiritual	268
Cap. XI. Do terceiro soccorro da vontade humana	269
Cap. XII. Que devemos fazer para nos acostumarmos a ter a presença de Deus todas as vezes que quizermos?	270
Cap. XIII. De alguns avisos ácerca da Oração	273
Cap. XIV. De outro modo de orar	274
Cap. XV. Do quarto soccorro da vontade humana	275
Cap. XVI. Da meditação da Essencia Divina	276
Cap. XVII. Da meditação do poder de Deus	277
Cap. XVIII. Da meditação da Sabedoria de Deus	278
Cap. XIX. Da meditação da bondade de Deus	279
Cap. XX. Da meditação da belleza e formosura de Deus	280
Cap. XXI. De que Deus tem feito pelo homem e com que animo, e do que mais fizera por elle se fosse necessario	281
Cap. XXII. Que é o que obra Deus cada dia pelo homem	282
Cap. XXIII. Quam grande bondade mostra Deus esperando e soffrendo ao peccador	283
Cap. XXIV. Que haverá de fazer Deus na vida eterna, não só com os que sempre o serviram, mas tambem com o peccador convertido?	284
Cap. XXV. Do quinto soccorro da vontade	286

Cap. XXVI. De que modo se poderá conhecer o amor proprio	287
Cap. XXVII. Do sexto soccorro da vontade	290
Cap. XXVIII. Da Communhão sacramental	292
Cap. XXIX. Da Confissão sacramental	295
Cap. XXX. Como se hajam de vencer os movimentos deshonestos	297
Cap. XXXI. De quantas e quaes coisas devemos fugir para que não caíamos no vicio deshonesto	300
Cap. XXXII. Que se deve fazer quando se cahir no vicio da deshonestidade	301
Cap. XXXIII. De alguns motivos por que o peccador se deve converter a Deus muito depressa	303
Cap. XXXIV. Do modo de procurar lagrimas pela offensa de Deus, e do modo de procurar a conversão	306
Cap. XXXV. De algumas razões por que os homens vivem descuidados, sem chorar as offensas de Deus, sem aspirar á virtude nem á perfeição christã	308
Cap. XXXVI. Do amor para com os inimigos	313
Cap. XXXVII. Do exame da consciencia	315
Cap. XXXVIII. De duas regras para vivermos em paz	317

TRATADO SEGUNDO

ESTRADA DO PARAIZO OU DA PAZ INTERIOR.

Cap. I. Qual seja a natureza de nosso coração e como haja de ser governado	321
Cap. II. Do cuidado que deve ter a alma em se restituir á paz	323
Cap. III. Como se ha de ir edificando, pouco a pouco, esta morada pacifica	324
Cap. IV. Como a alma deve recusar todo o gosto e consolação; porque esta é a verdadeira humildade e pobreza de espirito com que se alcança a paz da alma	325

Cap. V. Que a alma se deve conservar em solidão mental, para que Deus obre n'ella	328
Cap. VI. Da prudencia que devemos ter em amar ao proximo, para que se não perturbe a paz de nosso coração	331
Cap. VII. Quam despojada da propria vontade se ha de apresentar a alma diante de Deus	334
Cap. VIII. Da confiança que devemos ter no Santissimo Sacramento do Altar, e como a alma se deve offerecer ao Senhor	339
Cap. XI. Que não ha de buscar a alma delicias e regalos, nem qualquer outra coisa que lhe dê gosto, mas sómente a Deus	340
Cap. X. Que não deve desmaiar o servo de Deus, ainda que sinta em si repugnancia e estorvo para esta paz interior	342
Cap. XI. Da diligencia de que usa o demonio para estorvar esta paz, e da que nós devemos pôr para nos guardar de seus enganos	345
Cap. XII. Que a alma se não deve inquietar pelas tentações interiores	349
Cap. XIII. Que o Senhor nos manda estas tentações para nosso maior bem	351
Cap. XIV. Do remedio de que devemos usar para nos não inquietarmos em nossas culpas e fraquezas	355
Cap. XV. Que a alma se deve socegar e aproveitar a cada passo, sem perder tempo	360

TRATADO TERCEIRO

DAS DORES MENTAES DE JESUS CHRISTO NOSSO REDEMPTOR

Na sua Sacratissima Paixão	363
A primeira dôr	365
A segunda dôr	369
A terceira dôr	374
A quarta dôr	376
A quinta dôr	380

A sexta dôr	381
A setima dôr.	384
A oitava dôr.	386

TRATADO QUARTO

DO MODO DE AJUDAR E CONSOLAR OS ENFERMOS PARA QUE SE DISPONHAM A BEM MORRER

Cap. I. Quam grande e louvavel seja a obra de ajudar a bem morrer os enfermos	391
Cap. II. Das considerações que devemos fazer quando somos chamados a ajudar os enfermos	392
Cap. III. Dos principaes meios que nos fazem fortes e capazes de poder assistir e ajudar aos enfermos	393
Cap. IV. Dos estados em que se poderão achar os enfermos	394
Cap. V. Do modo com que devemos assistir aos do primeiro estado, que são os que accidentalmente enfermam e proximamente estão para morrer	394
Cap. VI. Do modo com que devemos assistir aos enfermos no segundo estado, que é o dos que mostram haver de durar-lhes a enfermidade por algum tempo	396
Cap. VII. De outro retrato da miseravel vida do homem	398
Cap. VIII. Do terceiro retrato da vida humana	401
Cap. IX. Como se hão de ajudar aquelles moribundos que se acham tentados por se verem acabar na flôr da idade	406
Cap. X. Do modo de ajudar os que por se acharem em dignidades não querem morrer	409
Cap. XI. Do modo de ajudar os que por occasião dos filhos que teem, não quizeram morrer	411
Cap. XII. D'aquelles que não morrem voluntariamente por occasião do temor que teem dos peccados commettidos e dos justos juizos de Deus	413

Cap. XIII. Como se ha de tratar com os que ainda não quizeram morrer por quererem fazer primeiro penitencia de seus peccados	415
Cap. XIV. Da tentação de differir a confissão	417
Cap. XV. Dos principaes motivos por que o peccador enfermo vae differindo a penitencia e a confissão ; e do primeiro motivo que é a amizade des-honesta	420
Cap. XVI. Do segundo motivo por que os peccadores differem a confissão, que é o odio contra o proximo	422
Cap. XVII. Do terceiro modo por que os peccadores differem a confissão, que é o não querer restituir a fazenda alheia	426
Cap. XVIII. Do quarto motivo por que os enfermos differem a confissão, que é o pejo de se confessarem	428
Cap. XIX. De dois meios universaes para induzir o enfermo a que voluntariamente se entregue á morte	431
Cap. XX. Do terceiro estado dos enfermos, que são os que estão conformes com a divina vontade. E em que consista o modo de ajudal-os	432
Cap. XXI. De como se deve haver o enfermo com o medico	433
Cap. XXII. Como se devem haver os doentes com os seus enfermeiros	434
Cap. XXIII. De que modo se deve haver o enfermo com sua enfermidade	436
Cap. XXIV. Do modo de exercitar o enfermo á paciencia, e da arte de tolerar as afflicções	438
Cap. XXV. Do que deve fazer o enfermo com Deus	441
Cap. XXVI. Do modo de nos aproveitarmos das occasiões que occorrem para fazermos que o enfermo esteja sempre unido a Deus	444
Cap. XXVII. Que coisa se ha de dizer, tomando o Crucifixo nas mãos	451
Cap. XXVIII. Do modo de armar o enfermo para a batalha que ha de ter de só a só com o commum inimigo	453

Cap. XXIX. Do modo de se armar o enfermo contra as tentações da Fé	454
Cap. XXX. Da protestaão da Fé	456
Cap. XXXI. Do combate contra a esperanza, e de sua defesa	457
Cap. XXXII. Do terceiro assalto, que é a presumpção, e do modo de rebater os inimigos	460
Cap. XXXIII. De algumas advertencias para o ultimo passo da morte	461
Cap. XXXIV. Do que se deve dizer quando o enfermo communga por Viatico	463
Cap. XXXV. Do quarto estado dos enfermos, que são os que não sentem muito ou os que com difficuldade podem fazer algum acto de virtude	464
Cap. XXXVI. Que se ha de fazer, tanto que morrer o enfermo	467
Cap. XXXVII. Do quinto e ultimo estado dos enfermos que é o dos convalescentes	469
Conclusão do traductor	471
Cap. unico. Doutrina breve, utilissima e facil na practica, em cujo exercicio, mediante a graça de Deus, uma alma pôde em breve tempo não só emendar todos os descuidos e erros de sua vida passada, mas tambem adquirir altissimos grãos de perfeição	472
Exercicio	478

